



**BAD  
APPLE**  
SELENA

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

A dramatic, high-contrast portrait of Selena Gomez. She is positioned in the center, slightly to the right, with her body angled towards the viewer. Her long, dark, wavy hair is blowing in the wind, partially obscuring her face. She has a serious, intense expression. Her left shoulder and upper arm are visible, showing intricate black tattoos. She is wearing a dark, possibly black, top. The background is a textured, mottled blue and grey, resembling a painted wall or a studio backdrop. The lighting is moody, with strong highlights on her face, hair, and shoulder, and deep shadows elsewhere.

**BAD  
APPLE**  
SELENA

ENCHANTED

# Pages



1 ano

↪ Tradução: Livia

↪ Revisão: Camila

↪ Conferência: Ali B

↪ Formatação: Thame

# AVISO

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- ↻ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
- ↻ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- ↻ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- ↻ Não faça montagens do livro com trechos em português;
- ↻ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.



***Meu nome é Harper Apple, e as pessoas dizem que sou  
podre até a medula.***

“Garotas como você só têm uma chance.”

*Quando minha chance vier na forma de uma bolsa de estudos para a Willow Heights Prep, pode apostar que eu aceito. Se sair desta cidade infernal significa passar meus últimos dois anos de ensino médio em uma academia de elite cheia de ricos e idiotas, então vamos lá.*

“Garotas como você não pertencem.”

*Os arrogantes e irritantemente lindos irmãos Dolce reinam supremos nos salões sagrados de Willow Heights, e eles não recebem bem a minha espécie. Especialmente quando eu fico no caminho deles, não sigo as regras de seus jogos distorcidos e me recuso a me curvar aos tiranos cruéis que comandam o lugar.*

“Garotas como você são más notícias.”

*Royal, Baron e Duke Dolce estão de olho em mim. Eles acham que uma pobre garota será um alvo fácil, que podem me quebrar e me deixar de joelhos como as garotas que vieram antes de mim. Mas os meninos Dolce me subestimam. Nesta cidade, até as garotas do estacionamento de trailers escondem segredos mortais. Segredos que podem destruí-los.*

*Afinal, são aqueles do mundo perverso da riqueza e do privilégio que mais têm a perder.*

Este livro não é HR - o personagem principal acaba com UM interesse amoroso.

Este é o começo de uma história de romance/inimigos para amantes novíssimos e sombrios do ensino médio, apresentando um anti-herói danificado e uma heroína que luta suas próprias batalhas. Não é para os fracos do coração. Não é de forma alguma, seguro.

Aviso de gatilho: O mundo de Faulkner é sombrio, pedregoso e às vezes fodido. Os livros definidos aqui podem conter qualquer um dos seguintes: estupro, abuso, agressão, coerção, compartilhamento, suicídio, feminismo sem remorso, negligência, adultos usando crianças para seus próprios ganhos, crianças ricas sem consequências, crianças pobres sem nada a perder e pessoas vivendo em extrema pobreza, fazendo coisas para sobreviver e escapar que podem deixar os leitores sensíveis desconfortáveis.

Se você não gosta da ideia de adolescentes participando de atos questionáveis, como sexo desprotegido, violência, violência sexual, drogas, pornografia, jogos de azar, bullying e outros atos de devassidão e desespero, esta série não é para você. Além disso, se você se sentir ofendido por pessoas usando o nome do Senhor em vão ou a palavra *boceta*, por favor, devolva este livro para um reembolso. Este autor provavelmente não é para você.

*O homem não foi feito para a derrota. Um homem pode ser destruído, mas não derrotado.*

— *Ernest Hemingway*



# Prólogo

## Royal Dolce

— Você está pronto, filho? — Papai pergunta, me dando um tapinha no ombro como se estivesse tão orgulhoso de mim, do jeito que ele faz sempre que eu me mostro capaz de fazer o seu lance fodido. Ele pode não dar a mínima para mim na maioria das vezes, mas quando ele precisa fazer alguma coisa, é tudo orgulho e bajulação.

Eu não preciso de sua bajulação, não quero isso.

Eu seguro a faca, olhando para a desculpa patética de um ser humano que uma vez me torturou. — Eu nasci pronto, — eu digo, dando um passo à frente.

Isso é uma mentira. Eu não nasci para isso. Eu *renasci* para isso. Eu vivi dezesseis anos como uma pessoa, e então esse idiota e sua família me sequestraram. Entrei naquele porão pensando que era um figurão, que ninguém poderia me tocar. Eu saí um homem diferente.

O Sr. Darling soluça um som agudo, seus olhos cheios de terror injetado de sangue. Eu olho para eles, frustração me agarrando em seus dentes como um vício inescapável. Cada vez, cada vingança, deveria me fazer sentir melhor, mas não faz. Eu quero que ele sofra como ele me machucou, para fazê-lo ver o que isso fez comigo. Mas ele não pode. Nenhum deles podem. Ninguém neste mundo de merda vai entender.

— Tenho esposa e filhos, — balbucia o Sr. Darling. — Por favor, não me mate.

— Oh, eu não vou te matar, — eu digo. — A morte seria muito gentil para um monstro como você.

Como todos os melhores monstros, este não pode ser morto. Mesmo depois que ele der seu último suspiro, ele viveria para sempre dentro de mim, me destruindo todos os dias da minha vida.

— O que você vai fazer? — ele pergunta, sua voz alta e trêmula de medo.

Ele está amarrado há apenas vinte e quatro horas e já está implorando como uma putinha. Fiquei sete dias à sua mercê.

Sete. Porra. Dias.

Vou mostrar-lhe tanta misericórdia quanto ele me mostrou.

— Vá em frente, filho, — papai diz.

Eu me curvo e deslizo minha faca pelo tecido manchado de mijo de suas calças. Ele se debate e grita, mas as cordas o seguram. Somos só eu e papai hoje. Ele teria trazido os gêmeos, mas eu não queria que meus irmãozinhos vissem isso. Meu irmão mais velho costumava nos proteger, mas ele se foi, seguiu em frente com sua vida. Suas palavras de despedida quando ele deixou esta cidade de merda ainda me assombram.

— *Cuide dos nossos irmãos.*

É um fardo pesado. Eu não sabia quanto custaria, o que King suportou por nós todos esses anos como o mais velho, nos protegendo de males que eu não conhecia. Mas ele está trabalhando para a máfia agora, e eu estou aqui no Arkansas.

Deveria ser o contrário. Mesmo antes da semana que me mudou, eu era o lutador. King é o protetor.

— Por favor, — soluça o Sr. Darling, rolando de costas. — Não faça isso. Você não precisa fazer isso.

— E você não tinha que fazer o que você fez, — eu digo. — Mas aqui estamos. Monstros criam monstros que criam monstros. E aqui estou eu. Seu demônio, para coletar seu quilo de carne.

— Não se preocupe, — papai diz com um sorriso sádico. — Vai ser menos de um quilo.

O Sr. Darling hiperventila através de um soluço, rolando de bruços.

— Ao contrário de você, quando você torturou um garotinho de dezesseis anos que nunca fez nada com você, eu tenho consciência, — eu digo. — Então eu estou te dando uma escolha. Você pode se deitar de bruços e enfiar a faca na sua bunda, ou virar, e eu vou tirar seu pau.

— Não, — o Sr. Darling sufoca, se contorcendo o melhor que pode contra as cordas. — Por favor não.

— De um jeito você vive, de um jeito você morre, — eu digo. — Sua escolha.

Ele respira estremecendo, um grito estrangulado escapa quando ele rola de costas.

— Vá em frente, — papai diz, me empurrando para frente.

Eu me agacho e pego o pau velho e enrugado do Sr. Darling em uma mão e a faca na outra. Ele grita tão alto que meus ouvidos roncam, mas eu não o ouço. Mesmo através das luvas, a sensação contorcida de seu pau na minha mão me faz querer vomitar. É tão mole e impotente. Um corte e a coisa sai na minha mão. Eu me levanto e empurro para papai.

— Aí está a porra da sua lembrança, — eu digo.

Se eu pudesse colocá-lo no chão ao lado do cu que cortei, eu faria isso. Não faz diferença para mim. Ele é tão responsável quanto.

— Você fez bem, filho, — papai diz.

Mesmo sabendo que a vingança não fará com que os pesadelos desapareçam, pelo menos sei que a justiça foi feita. Pelo menos para uma geração de Darlings.

O Sr. Darling ainda está gritando, e o sangue está se acumulando ao redor dele. Eu me agacho e corto as cordas. Ele vai ter que dirigir até o hospital. Ele não vai morrer. Eu nem mesmo o fiz sofrer. Eu fiz isso rápido, com um corte.

Como eu disse, eu tenho uma consciência.

Papai me dá um tapinha nas costas novamente. — Ele é o último. Acabou.

Não acabou.

Mas para ele é, e isso é tudo em que ele pensa. Nós nos vingamos de seus inimigos, os pais Darling que o evitaram vinte anos atrás. Mas eu sei a verdade. Há mais Darlings nesta cidade, escondidos como baratas, sem o nome.

Sua guerra acabou. O minha está apenas começando.

Eu tenho que encontrar uma maneira de sair desta porra de cidade. Está lentamente desgastando minha alma, transformando-a em pó que ficará no ar como o fedor da fábrica de papel em uma tarde sufocante de verão. Enquanto o Sr. Behr fala, eu me afundo no meu assento, descansando meus pés no rack sob a mesa na minha frente. Se eu tivesse um professor interessante o suficiente para me fazer aprender alguma coisa, eu poderia ter uma chance. Mas os professores da Faulkner High estão tão presos e sem esperança quanto os alunos. Talvez até mais. Eles tiveram mais tempo para perceber que nunca vão sair, que suas vidas inteiras serão passadas nesta cidade suada.

Suspiro e deixo minha mente vagar enquanto olho pela janela estreita para o gramado cortado, manchas de poeira aparecendo através dos pontos mortos. Os bons professores atravessam a cidade até a escola particular onde o ar-condicionado sempre funciona, o prédio não é confundido com uma prisão quando os de fora da cidade passam, e os filhos dos poderosos supostamente têm tanta paixão quanto dinheiro.

Eu me pergunto como é isso. Poder. Paixão. Dinheiro.

— Harper, você se importaria de responder a esta?

Mesmo entregue no tom monótono do Sr. Behr, meu próprio nome atravessa minha névoa de zoneamento.

— Você pode repetir a pergunta? — Eu pergunto enquanto um casal de adolescentes ri. Há apenas um lugar em que sou especial, e com certeza não nos corredores da Faulkner High. Aqui, eu sou a última do grupo todo o caminho. Por mim tudo bem. É fácil evitar a atenção em uma escola grande com muitas rainhas do drama.

— Porque não deixamos Chase responder esta, — diz o Sr. Behr, virando-se.

Eu dou de ombros e me afundo no meu lugar novamente.

— Ah, e por favor me veja depois da aula, senhorita Apple.

*Caramba. Relaxamento prematuro.*

— Tanto faz, — murmuro, virando-me para olhar pela janela novamente.

Faltam dois anos. Eu sinto que já fiz meu tempo, no entanto, incluindo a escola de verão depois que mamãe não se incomodou em me fazer ir para a escola na maior parte do primeiro ano. Na época, eu pensei que tinha feito isso. Quero dizer, quem diabos quer ir para a escola? E não é como se alguém esperasse que eu pensasse no futuro, considerasse as consequências.

Agora eu sei que idiota eu fui pular basicamente um ano inteiro. Estou em um monte de aulas com alunos do segundo ano, e eu briguei com os amigos que eu tinha antes disso. Não que fossem amigos de verdade. Apenas mais pessoas com os mesmos hobbies que qualquer um em uma cidade pequena e sem sentido. Fodendo, lutando e indo rápido em seus carros de merda.

Pelo menos ter uma mãe caloteira e nenhum pai não me torna especial na Faulkner. Muitos adolescentes têm vidas mais fodidas do que eu. Há garotas que recebem convites para o Clube das Vadias em suas mesas e percebem que suas reputações estão estragadas, e garotos que são pegos no campo de futebol e cujos dias de glória sempre serão o ensino médio, mesmo quando são alcoólatras amargos de meia-idade. Filhos adotivos e aqueles que moram com vários tios e avós porque seus pais estão presos. Adolescentes que cheiram a mijo de gato e produtos químicos porque vivem em laboratórios de metanfetamina. Adolescentes que levam um tiro ou têm que atirar em outras pessoas para suas gangues.

Foda-se tudo isso. Eu preciso de um bilhete para cair fora.

Só não descobri como conseguir um.

A palestra termina e olho para a tela do laptop para a tarefa do dia. A maioria das pessoas nas minhas aulas de laçao não está aqui para aprender, e eles começam a brincar, jogando bolas de cuspe e lápis no teto, ouvindo música ou pegando seus telefones. Alguns de nós sabemos que essa não é a saída, e abrimos a lição de casa, prontos para dar um salto nas coisas.

Uma mensagem aparece na minha tela, algum tipo de aplicativo de mensagens que eu nem sabia que estava nos computadores da escola. É uma velha escola chamada *OnlyWords* que deveria parecer retrô, uma caixinha com letras verdes quadradas piscando para mim com uma mensagem.

*MrD: Olá querida.*

A escola realmente deveria investir em um firewall melhor para manter os creepers<sup>1</sup> fora. Estou prestes a sair da caixinha quando uma segunda mensagem aparece depois da primeira.

*MrD: Eu tenho uma proposta para você.*

Reviro os olhos para mim mesma e decido me envolver. Há apenas 5 minutos restantes na aula, de qualquer maneira. Eu não serei capaz de terminar um único problema do dever de casa. Eu não me incomodo em procurar uma identidade do mensageiro, apenas digito na caixa para responder. Posso não conseguir uma bolsa de estudos para Yale tão cedo, mas sou inteligente o suficiente para saber que não devo confiar em homens na internet. Não significa que não seja divertido foder com eles.

*Faulkner189: Sr. D? Sério? Isso é original.*

*MrD: Você pode me chamar de Big D se preferir.*

Barf. Exatamente como eu pensei, algum racker invadindo os computadores da escola para assediar as meninas. Quase resume a experiência de Faulkner High.

*Faulkner189: Você não vai perguntar se eu gosto de homens mais velhos?*

*MrD: Gosta?*

*Faulkner189: Ou se sou virgem?*

*Sr. D: Você é?*

*Faulkner189: Caso você não saiba, estou no computador da escola. UR provavelmente vai ser preso.*

*MrD: Acho que não.*

*Faulkner189: Eu duvido seriamente que você seja tão inteligente quanto você pensa que é.*

*MrD: É aí que você está errada.*

*Faulkner189: Bem, não estamos cheios de nós mesmos.*

*MrD: Apenas sendo honesto.*

*Faulkner189: Você perdeu a chance de dizer que eu poderia estar cheia de você.*

*MrD: Acho que é você que está flertando.*

*Faulkner189: já estive lá, fiz isso, posso prever as linhas*

*MrD: Você flertou com homens mais velhos online?*

*Faulkner189: vocês são todos iguais*

*MrD: Você não respondeu às perguntas.*

*Faulkner189: U 1º*

*MrD: Não gosto de homens mais velhos, não sou virgem.*

*Faulkner189: Idem. A verdadeira questão é, YRU2 propondo casamento a garotas menores de idade?*

*MrD: Eu não sabia que estava.*

*Faulkner189: Por acaso você invadiu uma conta de computador da escola para me enviar uma mensagem e você não sabia que eu estaria na escola???*

Eu gostaria que este aplicativo tivesse emojis para que eu pudesse adicionar um revirar de olhos, mas só posso fazer rostos com símbolos no teclado, então deixo de lado.

*MrD: Quem disse que eu estava propondo você em casamento?*

*Faulkner189: Você começou com 'eu tenho uma proposta'*

*MrD: Eu disse "proposta".*

*Faulkner189: Claro com certeza*

*MrD: Seria mais fácil falar pessoalmente. As coisas se misturam online assim.*

*Faulkner189: Hahahaha!!!*

*Faulkner189: Boa tentativa.*

*Faulkner189: Tente não assediar mais meninas.*

*MrD: Muito engraçado. Fale logo.*

*Faulkner189: acho que não*

*MrD: Ah, nós vamos.*

A campanha toca, e eu me esforço para sair e devolver o laptop, olhando ao redor como se eu estivesse fazendo algo errado. Acho que eu estou.

Ninguém percebe, no entanto. Os outros adolescentes se levantam de seus



cochilos, pegam seus livros e saem da sala. O Sr. Behr tem uma hora de planejamento a seguir, então ele não precisa se preocupar em me manter em sua próxima aula. Ele apaga o quadro enquanto os adolescentes saem. Devolvo o laptop ao carrinho e me sento na mesa para esperar que o Sr. Behr faça sua parte.

Talvez mamãe esteja certa. Eu penso em todas as vezes que ela disse coisas para mim, me avisou sobre creepers online e em outros lugares.

*Todos os homens gostam de mulheres mais jovens. Está na biologia deles. Então fique no seu quarto esta noite, Harper. Vou convidar Jerry.*

Ou foi Jim, ou Gordon, ou D'Aron? Perdi o rastro deles ao longo dos anos.

Quando os últimos alunos saem, o Sr. Behr dá a volta em sua mesa e se senta na frente dela. — Tudo bem, Harper?

— Sim.

— Como estão as coisas em casa?

— A Imagem da perfeição. — Eu dou a ele meu sorriso mais falso.

O Sr. Behr alisa a camisa de manga curta e abotoada sobre a barriga. Ele lambe os lábios e olha para a porta, então se afasta da mesa e se arrasta em minha direção. — Faz tempo que não nos vemos.

— Você me vê todos os dias na aula.

Ele se mexe, mas eu o encaro com um olhar. A emoção de ter poder sobre ele passou há muito tempo. Agora ele me enoja.

*Se não tivéssemos leis, todos eles pegariam garotas tão jovens que não poderiam engravidá-las, então não precisariam se preocupar com controle de natalidade. Não que eles se importem quando o fazem. Basta olhar para o seu pai...*

Não que eu tenha essa opção. Eu nunca conheci o cara. Mamãe tem muito a dizer sobre como ele era um perdedor inútil, mas duvido que ela saiba quem a engravidou.

— Vamos nos encontrar hoje depois da escola, — diz o Sr. Behr, sua voz um sussurro urgente. — Nosso local habitual. Eu te levo para casa depois.

— Eu não sabia que tínhamos um lugar habitual.

— Você está se sentindo negligenciada? — Acho que ele está tentando provocar, mas ele soa lamuriento.

— E se eu tiver planos?

— Oh, Harper, — diz ele, endireitando-se. — Você não tem planos. Os planos exigem amigos.

— Talvez eu tenha planos familiares.

— Sabe, Harper, você é uma jovem tão inteligente, — diz Behr. — Um dia, tenho certeza de que você entrará em uma ótima faculdade se estudar muito e mantiver suas notas altas.

— Eu tirei A na sua classe no ano passado, — eu indico. Eu nunca pensei nele como uma ameaça, mas ele provavelmente me fez sentir como se eu tivesse o controle de propósito. Que poder uma jovem de dezesseis anos tem sobre um homem adulto?

Eu sei o que mamãe diria. Ela diria bastante. Ela estalaria a língua de desgosto e diria: *Garotas da sua idade, Harper. Andando por aí parecendo pertencer a uma esquina. E então eles fingem ser a vítima quando conseguem o que estavam pedindo o tempo todo.*

— Sim, você tirou um A, — pondera Behr. — Você também foi uma boa aluna. Tão disposta a aprender e seguir as instruções. Eu odiaria ver você ter que repetir geometria ano que vem. Mas então, eu poderia pedir para tê-la na minha classe novamente...

Eu me levanto para fora da minha mesa, pego meus livros e vou para a porta, parando apenas o tempo suficiente para chamar de volta por cima do ombro: — Eu estarei lá.

\*\*\*

## Um amor de pai

*Se ele soubesse*

*eu escrevi essa merda*

*Ele diria*

*Eu era menos homem.*

*Se ele soubesse*

*O que aconteceu nos dias perdidos*

*Ele diria*

*Eu não era um homem.*

*Se ele soubesse*

*Não havia ódio dentro de mim*

*Ele diria*

*Eu cresci.*

*Se ele soubesse*

*A fria sede de vingança onde um coração deve bater*

*Ele diria*

*Eu estava justificado.*

*Se ele soubesse*

*Nunca poderia ser saciado*

*Ele diria*

*— Agora há um homem de verdade.*

*Então eu não digo nada de forma alguma.*

Em casa, tiro minha camiseta úmida e coloco uma regata, arrastando meu cabelo escuro para trás e torcendo-o para cima. Então eu coloco minhas luvas e vou para o porão para dar uns socos no saco que está pendurado no teto no canto. Um dos namorados da mamãe conseguiu para si mesmo a uns anos atrás, prometendo ficar em forma, mas ele se foi há muito tempo como o resto deles. Eu não os culpo. Nada de bom dura por aqui.

Tenho sorte de mamãe manter um emprego e trazer para casa dinheiro suficiente para nos manter nessa armadilha infestada de baratas. O salário dura apenas o suficiente para cobrir as contas e a necessidade crescente de mamãe de comprar merda para impressionar seus homens que me faz pensar se um dia ela vai desaparecer com um deles e parar de voltar para casa. Pelo menos ela está presa até agora, eu tenho que dar isso a ela. Poderia ser pior. Eu poderia ser enviada para um orfanato, e quem vai aceitar uma adolescente mal-humorada com um problema de atitude?

Inferno, mesmo voltar para o estacionamento de trailers onde eu cresci seria pior do que uma casa. Isso não é tão ruim. Mamãe paga o aluguel bem a tempo de evitar que sejamos despejadas todo mês, e mesmo que nossa casa seja um buraco de merda na versão de Faulkner de gangland<sup>3</sup>, não é um trailer.

Eu bato meu punho na bolsa, dançando de volta quando ela balança em minha direção. Então eu dou uma enxurrada de socos.

Essa é para mamãe e sua preferência por homens e suas drogas em vez de mantimentos e água corrente.

A próxima é para o meu pai, seja ele quem for.

Há uma combinação de dois socos para Colin, cuja jaqueta de couro e sotaque estrangeiro me seduziram para dar minha virgindade debaixo de uma ponte quando eu tinha treze anos.

Há um gancho de direita para o policial que me perseguiu quando tentei fazer uma bela arte na parede sob a ponte. Eu só queria dar a outras garotas algo mais bonito do que uma parede de cimento desolada para testemunhar sua vergonha quando um cara saiu, jogou a camisinha ensanguentada no chão e jogou um cigarro para elas antes de sair.

Eu guardo meus golpes mais cruéis para o Sr. Behr, no entanto. Eu amaldiçoo o administrador que me colocou de volta em sua classe este ano. Já se

passaram duas semanas desde que as aulas começaram, e eu realmente me permiti esperar que ele não falasse comigo novamente. Que ele seguiu em frente e encontrou alguma outra idiota triste sem esperança, para que pudesse fingir ser solidário enquanto a atraía para o banco de trás de seu carro.

Depois de uma hora, estou exausta, para não mencionar encharcada de suor. Corro escada acima, bebo um pouco de água da torneira e vou para o chuveiro. Quando eu chego lá, eu vacilo. Por que estou me limpando para o velho e desagradável Behr? Eu tiro minha camiseta, visto uma camiseta limpa, e porque eu não abandonei completamente toda a decência humana, eu coloco outra camada de desodorante. Um par de jeans e um cinto evitam que as mãos vagueiem, e os tênis vão salvar meus pés na caminhada de 1,5 km até o lugar que eu nem quero ir.

Mas que escolha eu tenho?

Olho para os meus livros. Eu tiro boas notas sem ter que chupar nenhum dos outros professores. Desde o infame ano de folga do calouro, quebrei minha bunda para que isso acontecesse. Decidi naquele ano de escola de verão que não importa o que aconteça, eu sairia deste lugar antes que ele me chupasse como arcaia movediça, do jeito que tem feito tantos outros.

Em vez de sair correndo para encontrar Behr, ligo o velho computador da mesa que ainda temos — principalmente porque é tão lento que nem uma loja de penhores o compraria — e abro o dever de casa. Talvez se eu mantiver registros de tudo, provar que entreguei, ele não possa me repetir.

Estou na metade quando a caixa de mensagem OnlyWords aparece.

*MrD: Nos encontramos novamente.*

Eu tiro minhas mãos do teclado como se ele tivesse se transformado em lava e olho ao redor nervosamente.

Eu não sei merda nenhuma sobre tecnologia, mas que porra é essa? Quem é esse cara e como ele sabe quem sou eu? Como ele passou de um laptop escolar para meu desktop antigo em casa?

Respiro fundo e limpo as palmas das mãos no jeans antes de recolocá-las cuidadosamente no teclado.

O aplicativo solicita que eu crie um nome de usuário, então digito um e fico sentada, tentando pensar no que dizer. Parte de mim quer fechar a caixa de mensagens e bloquear o aplicativo, mas algo me impede. Minha pele se arrepia, o cabelo da minha nuca se levanta como se estivesse sendo observada. Como ele

me encontrou? Eu tenho que saber.

*BadApple: Já nos conhecemos?*

*MrD: Ah, estamos jogando esse jogo?*

*BadApple: Sem jogos.*

*MrD.: Concorde.*

*BadApple: Então, como você me encontrou?*

*MrD: Eu tenho meus caminhos.*

*BadApple: Thot u4 disse que não há jogos*

*MrD: Isso não é um jogo, é um segredo. Que o Mágico nunca revela e tudo mais.*

*BadApple: Agora você é um mágico? Explica a estranheza.*

*MrD: Você não pensaria que eu era assustador se você me conhecesse.*

*BadApple: Aposto \$ que você está errado*

*MrD.: Ok. Vamos nos encontrar.*

*Bad Apple: lol*

*MrD: Quanto estamos apostando?*

*BadApple: não está acontecendo*

*MrD: 10€*

Olho para a tela do computador, minha mente incapaz de compreender o número que ele colocou. Quero dizer, mesmo que o cara seja um pervertido total... Dez mil dólares é muito dinheiro para entrar nas minhas calças. Se eu achasse que ele realmente pagaria isso, eu estaria a caminho em um segundo.

Isso faz de mim uma puta? Claro, talvez. Mas eu realmente não me importo com o que as pessoas pensam. É meu corpo. Por que eu não deveria definir o preço? Eu sou um lixo de trailer sem nada para ela, como minha mãe gosta de me lembrar. Já fiz pior do que me vender por sexo.

Inferno, se estamos falando de preços, tudo o que consegui pela minha virgindade foi um cigarro e uma calcinha ensanguentada.

O máximo que eu já tirei do sexo são algumas tatuagens legais. Mav era um amigo, ele precisava de uma pele para praticar e eu estava entediada. Entre nós dois, aparentemente não conseguimos resistir à pele e à dor, e quando eu percebi, estávamos na cama juntos. Esse arranjo durou o tempo que ele levou para terminar de pintar minha coxa e quadril. Nós realmente não tínhamos interesse um no outro depois disso, mas pelo menos eu tinha algo para mostrar. Onde mais uma garota como eu conseguiria dinheiro para tatuagens?

*MrD: Não está interessada?*

Eu balanço minha cabeça, voltando ao presente. Esse cara obviamente quer mais do que transar. Mesmo um nojento como o Sr. Behr pode encontrar alguém para foder se ele se esforçar o suficiente. O que significa que esse cara está atrás de outra coisa. Se eu o encontrar, ele vai me vender para ter seu dinheiro de volta ou tirar meus órgãos. E isso se ele realmente tiver o dinheiro, o que eu garanto cem por cento que ele não tem.

*Bad Apple: não*

*MrD: Eu sei que uma garota como você poderia usá-lo.*

Eu tremo de novo, mas não vou deixá-lo chegar até mim. Claro que eu poderia usar o dinheiro. Não sou a única pobre da cidade. Praticamente todo mundo na FHS que tem tatuagens as pagou a Maverick.

*BadApple: Para que uma garota como eu precisa de \$? Eu tenho tudo*

*MrD: Faculdade. Viagem. Um carro. Uma escola melhor. Uma casa melhor.*

Meus dedos ainda no teclado, aquela sensação desconfortável subindo pelas minhas costas novamente.

*BadApple: IDT5 10k não cobre uma casa, nem mesmo esta.*

*MrD: Cobre o aluguel de uma.*

Meu coração está batendo agora. Eu tenho que me lembrar que ele não sabe onde eu moro, que nós alugamos. Ele supõe que eu moro em uma casa de merda porque eu estudo na Faulkner High. É isso.

*BadApple: Como você sabe que eu preciso disso?*

*MrD: Eu tenho observado você, Harper.*

Meu corpo inteiro congela.

*Harper.*

Ele sabe meu nome. Ele sabe quem eu sou. E se ele sabe disso, provavelmente sabe onde eu moro. Eu me forço a não olhar ao redor, não espiar através das frestas das venezianas empoeiradas das persianas.

Não, digo a mim mesma. Ele não sabe quem eu sou. Ele pegou no computador da escola que eu tinha conectado. Ele não sabe onde moro, não tem dez mil dólares e não está me observando. E se ele tentar me tirar da rua... Bem, ele pode tentar. Ele vai ver o quão bem isso vai. Posso ter zero perspectivas na vida, nada na vida para chamar de meu, a não ser o corpo com o qual nasci, mas isso me ensinou uma coisa ou duas. Eu sei como usar meu corpo para mais do que sexo.

*BadApple: Você gosta de assistir?*

*MrD: Eu adoro isso.*

*BadApple: então assista isso*

Eu puxo o cabo do computador da parede sem esperar para sair. Então eu me levanto, verifico a hora no meu telefone de terceira mão e saio, feliz por deixar a sensação estranha para trás. Eu não posso acreditar que deixei aquela trepadeira chegar até mim. Mas por mais perturbador que isso tenha sido, e por mais atraente que seja o sonho acordado de mais dinheiro do que já tivemos em toda a minha vida, isso não é real.

O Sr. Behr é real.

Para uma garota como eu, esta é a única saída. O preço que você paga por um sonho. Você chupa seus professores para tirar boas notas, e talvez consiga uma bolsa de estudos para uma faculdade estadual, onde você provavelmente tem que chupar seus professores. Eventualmente, você sai do sofá de elenco e anda com seus próprios pés.

No começo, deixei bilhetes para mamãe quando fui encontrar o Sr. Behr, sempre meio apavorada e meio esperando que ela me perguntasse aonde eu fui. Mas mamãe parou de me ver como filha dela e começou a me ver como competidora por volta do meu décimo segundo ano, quando o namorado número noventa acabou sendo um idiota como os primeiros oitenta e nove que ela arrastou pela casa na minha vida. Exceto que este provou ser um idiota do tipo que queria estar nas calças de sua filha em vez das dela. A partir de então, ela ficou feliz por me ter fora de casa. Depois de alguns meses chupando o Sr. Behr, eu saí enquanto ela estava bem ali na frente da TV. Ela nem sequer olhou na minha direção.



*Quanto mais nova melhor, se depender deles. É por isso que é melhor você se cobrir quando este estiver chegando, Harper. Não estou prestes a perder um homem para uma garota que não conhece sua bunda pelo cotovelo.*

Quando saio do interior escuro para o sol ofuscante do fim da tarde, tenho que parar e deixar meus olhos se ajustarem. Entre nossa decrépita casa de tijolos e a próxima, Blue se agacha sobre uma piscina infantil meio cheia de areia, mexendo nela com uma velha concha de plástico. Ao lado dela, Olive está sentada em uma cadeira de praia dobrável feita de plástico rachado com pernas de alumínio que provavelmente existe desde que sua mãe era adolescente. Ela dirige um carrinho de brinquedo para cima e para baixo nas barras de metal da cadeira, esperando que sua irmã mais velha limpe sua caixa de areia.

Normalmente, eu diria oi. Não somos exatamente amigas, mas a proximidade e a idade fazem com que Blue seja o mais próximo que eu chego de amigos. Entre nós duas, temos muitas paredes. Uma de nós teria que querer quebrá-las para nos tornarmos amigas, e nós duas somos muito cautelosas. Ela tem sua irmã, e eu tenho meus punhos, e nós duas respeitamos o fato de que essas coisas são mais importantes para a outra.

— Gatos do caralho, — Blue fala, atirando uma bola de merda para fora de seu quintal e na estrada. — Isso parece uma caixa de areia?

— Provavelmente para eles, — diz Olive. — Não é culpa deles. Todo mundo caga em algum lugar.

Blue suspira e joga uma ponta de cigarro na areia antes de se levantar.

— Ok, você pode jogar, — diz ela, e as irmãs trocam de lugar. Ela acena quando me vê, tirando o cabelo azul escorrido dos olhos e puxando um maço de cigarros. Ela o estende para mim enquanto eu passo por cima do ponto afundado em nossa passarela quebrada, esfregando meus braços para me livrar do calafrio que senti com a conversa com o Sr. D.

— Obrigada, — eu digo, atravessando o caminho de terra entre nossas passarelas para pegar um cigarro. — Eu vou te trazer de volta.

— Legal, — diz Blue, acendendo e me entregando o isqueiro. Estou apenas protelando, adiando o inevitável, mas isso não me impede. O Sr. Behr pode esperar — e ele o fará. Na verdade, ele não é o único que ganha algo com isso, no entanto. Gosto de observar as pessoas, estudá-las, ver o que as motiva e o que elas farão. Eu sei que a atração da minha carne adolescente é forte demais para o fraco Sr. Behr resistir. Ele nem se atreverá a me repreender por estar atrasada. Estou com pena de um velho gordo solitário que não consegue se entreter de outra maneira, e nós dois sabemos disso, assim como sabemos que

ele vai me reprovar em matemática se eu não aparecer.

— Você está saindo? — Blue pergunta, observando Olive dirigir seu pequeno carro pela areia e pular sobre uma ponta de cigarro que ela desenterrou.

— Sim.

Não estamos perto o suficiente para ela perguntar para onde estou indo, ou para eu dizer a ela. Olive, como a maioria das crianças de seis anos, não tem essas reservas.

— Você vai trabalhar? — ela pergunta, apertando os olhos para mim da areia.

— Apenas levando um recado, — eu digo, me agachando para que ela não tenha que olhar para o sol brutal.

— O que é um recado?

— Um recado é como uma tarefa, — explico.

— Oh, — ela diz, enfiando um dedo na areia e puxando outro carrinho de brinquedo. Ela o estende para mim. — Quer brincar?

— Ela não quer brincar com você, Olive, — diz Blue, dando uma tragada no cigarro.

— Eu faria, mas é melhor eu ir, — eu digo.

— Ok, — diz Olive, parecendo totalmente despreocupada enquanto volta a fazer uma estrada na areia.

Eu me levanto e aceno um adeus, entrando na estrada cheia de buracos.

— Eu vou brincar, — ouço Blue dizer enquanto me afasto. Olho por cima do ombro para vê-la empoleirada na borda da banheira de plástico, com o carrinho de brinquedo na mão. Eu me viro e olho para frente, tentando entrar no espaço certo para fazer o que a próxima hora exige.

Hoje é a primeira vez que encontro o Sr. Behr desde o final do ano letivo passado, mas meus pés seguem o caminho familiar. A princípio, foi eletrizante, embora um pouco aterrorizante. Mamãe sempre fala sobre esse tipo de coisa como se fosse inevitável, e talvez seja. Pelo menos isso foi para mim. Talvez eu estivesse sempre esperando por isso. Saber que eu poderia intoxicar um homem adulto me fez sentir poderosa.

Mas não demorei muito para descobrir que eu só tinha poder porque o Sr. Behr me deixou. Era tudo uma encenação — como ele não conseguia viver sem mim, não conseguia pensar, não conseguia ensinar. Isso é o quão ruim ele precisava ter seu pau na minha boca.

Pulo uma vala cheia de lama seca e garrafas de cerveja sujas para caminhar pelos trilhos da ferrovia por alguns minutos até chegar a um grande estacionamento ao lado dos trilhos. O carro do Sr. Behr está estacionado lá, quase escondido atrás de alguns vagões cobertos de grafite no pátio ferroviário. Meu desgosto sobe, como se eu já pudesse sentir seu pequeno pau suado e mole na minha boca.

Penso em dar meia-volta, voltar para a casa vazia, esperar que mamãe chegue do trabalho e grite comigo por arruinar a vida dela por ter nascido menina. Penso em subir em um dos trens do jeito que fiz com Blue quando saímos do estacionamento de trailers no verão depois da oitava série, e descobri que tinha uma vizinha da minha idade. Achei que poderíamos ser amigas, então me juntei a ela quando ela desceu aqui para fumar um cigarro que ela roubou de sua mãe. E então vimos o trem saindo.

Caí da lateral do trem no cascalho e me cortei tanto que ainda tenho cicatrizes. Blue fez todo o caminho até Ridgedale.

Atravesso o estacionamento em direção ao carro de Behr.

Penso em uma mala cheia de dinheiro, pilhas e pilhas de cédulas como você vê nos filmes. Então eu afasto os pensamentos. Estou saindo desta cidade de uma forma ou de outra, e se chupar o Sr. Behr me der a nota que preciso para o fazer, é um pequeno preço a pagar. Eu engulo a bile na minha garganta enquanto caminho em direção ao seu carro.

Dez mil dólares. O que eu faria com isso?

Eu me imagino deitada em uma cama fazendo anjos de neve em dinheiro.

Ser resgatada por um cara rico é uma fantasia tão distante da realidade que eu nunca entrei nela. Não há atalhos na vida, como mamãe gosta de me lembrar. Quando você vem de um estacionamento de trailers, você não sai assim. Você sai se agachando na parte de trás do Corolla de um professor, seus pés ficando dormentes, seus olhos bem fechados, desejando poder fechar as narinas para afastar o cheiro pútrido de seus púbis suados.

Quinze minutos depois, a mão pegajosa do Sr. Behr me agarra impotente enquanto ele resmunga e se curva, tentando mantê-la por tempo suficiente para sair. Eu gostaria que ele fosse mais rápido. Posso senti-lo agarrando o encosto de

cabeça, avançando com vigor renovado. Quando chegar em casa, definitivamente preciso de um longo banho, enxaguante bucal e provavelmente vomitar.

Depois vou procurar o jantar, embora não saiba o que temos nos armários. Mamãe nunca faz as compras, a menos que ela tenha um homem vindo. Então ela pode pegar algumas coisas. Estou encarregada de fazer compras e cozinhar, mas ultimamente, não sobra nenhum dinheiro quando mamãe termina de festejar com qualquer que seja o nome dele. Tenho certeza de que eles estão cheirando cocaína a julgar pelo pouco dinheiro que resta. O que significa que tenho usado as escassas economias que guardei debaixo do tapete no fundo do meu armário só para comer. Cada vez que tenho que sacar dinheiro, vejo o horizonte retrocedendo, o sonho de deixar Faulkner cada vez mais distante.

Mamãe nunca pergunta de onde vem a comida. Talvez eu devesse parar, para que ela não pense que está me dando dinheiro quando estiver desmaiada. Conhecendo-a, porém, ela nem percebe, e ela com certeza não se importa se eu estou alimentada. Se ela soubesse que eu tenho dinheiro, ela rastejaria de volta no meu armário e pegaria cada centavo dele, usaria para uma farra de fim de semana com seu homem. Inferno, ela ficaria puta pra caralho se ela soubesse que está lá. Segundo ela, devo tudo a ela na vida porque ela me deu essa vida.

Meu estômago ronca, e eu pressiono meu punho nele, amaldiçoando a lentidão do Sr. Behr. Talvez ele me leve a um drive-thru do Mickey D para um hambúrguer.

Uma Chance de merda. Claro que ele não vai fazer isso. Não podemos ser vistos. Esta é uma cidade pequena, e as pessoas falam.

Talvez haja uma caixa vencida de macarrão com queijo na parte de trás de um armário.

Mais provavelmente, terei que tirar mais vinte do meu rolo.

Um barulho me tira dos meus pensamentos, algo tão estranho a esses encontros que, por um segundo, não consigo identificar. Não é o grunhido, ofegante e desesperado murmúrio de um homem de meia-idade tentando manter sua juventude chantageando sua aluna para deixá-lo violar sua boca a cada poucas semanas. É uma espécie de profunda e sufocante... Risada.

Eu levanto minha cabeça do pau do Sr. Behr e me vejo olhando direto para a parte de trás de um celular.

*Porra!*

O Sr. Behr está obstinadamente curvado, tentando empurrar minha cabeça de volta para baixo, mas estou congelada em choque. Minha testa colide com seu pau, e os três caras do lado de fora buzina de tanto rir.

Por fim, consigo me soltar das garras do Sr. Behr. Ele vê os caras do lado de fora do carro, e seu rosto fica branco. Parece que vai ter um derrame.

— Vamos sair daqui, — eu digo com os dentes cerrados. Graças a todos os demônios do inferno, estou totalmente vestida. Quando começamos, Behr me trazia vinho barato e tentava me despir, embora dissesse que não queria mais, que o que fazíamos não era errado porque não era sexo. Eu sempre soube no fundo da minha mente que ele estava cheio de merda, mesmo quando eu o deixei me convencer o quanto ele precisava de mim.

Agora, ele nem finge, e eu só quero acabar com isso o mais rápido possível. Sem conversas e bebidas, sem toques ou beijos, sem necessidade de remoção de roupas. Nós dois sabemos o que estamos ganhando com isso, e não fingimos o contrário.

Em vez de fugir, os caras ficam do lado de fora do carro, rindo como idiotas. Graças ao diabo no inferno eu não os reconheço. Eles devem ser a versão de delinquentes de Willow Heights, se divertindo ao provocar o tipo de problema dos quais seus pais ricos podem salvá-los.

Deslizo para o assento, virando as costas para eles, minha mente correndo. Talvez eles não tenham uma visão clara do meu rosto. Pelo menos eles não vão me ver na escola e fazer da minha vida um inferno. Ainda assim, há muitos garotos de Faulkner que poderiam colocar as mãos nessa foto se ela vazar. Jovens que têm primos em Willow Heights, festejam com os ricos ou vão à igreja. É do outro lado da cidade de Faulkner High.

Se o Sr. Behr fosse do meu tamanho, ele passaria pelos bancos da frente e partiria. Mas ele não é, e ele não pode entrar no banco do motorista sem sair do carro. Eu me sento lá com minha cabeça baixa, meu cabelo escondendo meu rosto, silenciosamente amaldiçoando os idiotas que testemunharam meu ato humilhante e vergonhoso — e capturaram evidências.

— Você precisam sair daqui, — diz Behr, adotando sua voz de professor enquanto se dirige aos meninos por cima do teto do carro. Ele pega a maçaneta da porta, pelo menos, pronto para entrar no banco do motorista.

*Apenas vá! Eu grito silenciosamente com ele. Não torne isso pior.*

— Ou o que? — um dos meninos diz, sua voz tingida de riso e um sotaque que não pertence ao Arkansas.

*Basta entrar no carro, é só entrar no carro...*

— Isso é totalmente inapropriado, — diz Behr. — Você pode ser preso se mostrar isso para alguém.

— Você pode ser preso por estuprar sua namorada menor de idade no estacionamento, — o cara atira de volta. — Somos nós que temos o material de chantagem aqui. Você não tem merda nenhuma.

— Ela não é menor de idade, — o Sr. Behr protesta, abrindo a porta. — Dezesete é legal!

Um dos caras finge uma investida para a frente, aquela coisa que os valentões fazem para fazer suas vítimas se encolherem enquanto riem, e o Sr. Behr mergulha no banco da frente enquanto os caras caem na gargalhada do lado de fora.

— É? — Eu pergunto em descrença. Esse cara é uma desculpa tão patética para um humano que eu não posso acreditar que ele me forçou a entrar em um carro com ele.

Ele desaba no banco da frente e deixa cair a cabeça entre as mãos. — Minha carreira, — diz ele, soando chocado e vazio. — O meu casamento. Minha família.

— Você é casado, porra? — Eu pergunto. — Você disse que estava tão sozinho desde que sua esposa *morreu*, que só eu poderia fazer você se sentir vivo novamente. Você é a porra da pior escória do mundo. Não, você é a coisa marrom viscosa em que o alface se transforma enquanto fica na gaveta de baixo da geladeira, porque mesmo as pessoas famintas não vão comer.

— Harper...

— Não me chame assim, — eu estalo. — Você não merece usar meu nome. Na verdade, nunca mais fale comigo. A única coisa que você tem a me dizer é o grande e gordo A-plus no topo da minha final. Agora arraste seu pau

mole para casa para sua esposa e espere por Deus que mesmo esses idiotas como este sejam seres humanos melhores do que você.

Com isso, eu saio do carro e bato a porta. Eu não saio do outro lado como ele fez. Eu também não falo merda. Eu nem olho para o garoto de boca esperta. Eu me aproximo do cara no meio, aquele que segura a evidência. — Me dê o telefone.

Mesmo se eu fosse alta, minha cabeça só chegaria ao ombro dele. Do jeito que está, meus olhos estão quase no mesmo nível de seus peitorais. Ele se eleva sobre mim, um sorriso malicioso nos lábios, seus olhos escuros ilegíveis na tarde prolongada. Luzes de segurança laranja banham o estacionamento, lançando os meninos em sombras duras, quase silhuetas contra o brilho pálido.

O cara alto procura meu rosto por um longo minuto, como se estivesse procurando por algo. O ronco do trem ao longe chama sua atenção antes que ele o encontre, e ele aponta o queixo para o Range Rover estacionado a quinze metros de distância, um gesto destinado a seus dois amigos. — Vamos lá.

Sem pensar, eu agarro seu braço. — Porra, não, — eu digo. — Você não vai embora até apagar essa foto.

Ele dá um pequeno bufo de descrença e puxa seu braço facilmente do meu aperto, então se vira e vai embora.

De jeito nenhum eu vou deixar um bando de punks mimados e ricos ir embora com uma foto minha com um pau na boca. Eu pulo na frente do cara, meus punhos levantados por hábito.

Ele faz uma pausa, arqueando uma sobrancelha. — O que, você acha que vai me bater?

O trem apita ao se aproximar, o som interrompendo nosso confronto.

— Você não pode realmente estar interessado nessa foto, — eu digo quando o som se acalma. — Provavelmente nem é um tiro certo.

— Claro, — diz ele, seu sorriso idiota me fazendo querer socá-lo apenas por diversão.

— Para que você precisa disto? — Eu desafio. — Se você quer se masturbar, veja pornografia em seu telefone como todo mundo.

Seus olhos escuros deslizam sobre meu corpo, e ele zomba um pouco. — Não se iluda.

— Tudo bem, então para que você precisa? — Eu desafio.

Um de seus amigos aparece, outro cara com o mesmo cabelo escuro, embora o dele seja mais curto no topo e raspado nas laterais. Um pirulito está pendurado no canto de sua boca enquanto ele sorri para mim, mas não consigo ver seus olhos além do reflexo das luzes em seus óculos. — Se você não quer que as pessoas tirem fotos suas em posições comprometedoras, não fique com elas em um lugar público, — diz ele, passando um braço em volta do cara mais alto, o cinegrafista. Seu sotaque me diz que eles são mais do que amigos, eles são irmãos.

Eu nunca tive um irmão ou qualquer outra pessoa para me apoiar. Mas está tudo bem. Aprendi a não precisar de ninguém. Eu cuido de mim. É assim que funciona no meu lado dos trilhos. Você fica esperto ou morre. Eu cheguei até aqui sozinha, e com certeza não preciso de alguém me dizendo o que fazer, me incomodando para não dormir com os professores ou brincar de galinha com os trens. Olho para os trilhos a apenas quinze metros de distância, tão perto que posso sentir o chão tremer sob meus pés enquanto o trem ruge em nossa direção.

— Olha, você só pode querer essa foto por duas razões, — eu digo. — Ou para arruinar vidas, o que você provavelmente faz por diversão, ou como chantagem, como você disse. Se você quer dinheiro, precisará escolher alguém mais próximo do seu tamanho no departamento de carteira, porque acredite em mim, não tenho nada que você queira.

Se alguém vai ganhar dinheiro com meu corpo, seja uma foto dele ou a coisa real, serei eu, não esses idiotas. E eu me afastei dessa oferta hoje mais cedo. Até o lixo do trailer tem padrões.

— Não sei se diria que você não tem *nada* que queremos, — diz o terceiro cara, o falastrão que conversou com Behr. Um olhar para ele, e é fácil ver esses idiotas todos descendentes dos mesmos genes. Eles têm a coisa toda alta, morena e bonita marcada.

Loudmouth6 me olha com mais interesse do que seus irmãos, seus olhos demorando em meus seios como se fossem muito mais impressionantes do que são. Eu não fui abençoada - ou amaldiçoada, dependendo da sua perspectiva - no departamento de peito, e eu não poderia me importar menos. Os peitos têm um propósito, que é atrair a atenção masculina, para o qual não tenho utilidade.

— Você acha que eu vou te foder para ter a foto de volta? — Eu pergunto.

Todos os caras da minha escola são igualmente previsíveis quando a buceta é introduzido na equação. Aparentemente, os caras ricos não são diferentes.



— Você vai? — pergunta o de óculos, inclinando a cabeça.

— Não, — eu digo. — Então, apenas apague, e nós o deixaremos em paz, e você poderá rir disso para todos os outros idiotas da sua escola.

— Você disse que havia outra razão para querermos isso, — diz o grandalhão no meio, seu telefone seguro casualmente em sua mão, como se ele estivesse apenas balançando lá para me tentar.

Eu bufo para isso. — Se você quer arruinar vidas, você vai ter uma séria decepção comigo. Minha vida já está arruinada. Inferno, eu nasci arruinada. Seu pior dia seria um maldito passeio no parque para mim.

Cameraman apenas sorri para mim, aquele olhar enfurecedor que faz meus dedos se fecharem em um punho. — Você acha que não podemos arruinar você. Que bonitinho.

— Você sabe quem somos? — o outro irmão pergunta.

— Alguns bastardos doentes do lado direito dos trilhos que veem boquiabertos para o resto de nós como se fôssemos exposições de zoológico antes de você ir para casa dormir em seus travesseiros feitos de dinheiro, — eu digo, levantando minha voz para falar mais alto que o barulho nos trilhos. — Eu deveria saber seus nomes? Vocês todos parecem iguais para mim.

— Ah, ela acha que o dinheiro resolve todos os problemas, — diz o cara de óculos. — É tão pitoresco. Eu não sabia que pessoas tão ingênuas ainda existiam, mesmo no Arkansas.

— Acho que não há nada que você possa sonhar em sua mansão chique com uma piscina que seria pior do que a merda que um garoto de Faulkner High sobrevive diariamente.

Os olhos do cinegrafista brilham com intenção maliciosa. — Eu não teria tanta certeza.

Passei a vida tentando sair do lixo de uma existência em que nasci, e tenho certeza de que não vou deixar essa foto acabar na internet e matar qualquer chance que eu tenha de conseguir uma bolsa de estudos fora deste lugar. Eu tenho um estalo. Eu preciso pegar aquele telefone, e o raciocínio obviamente não vai funcionar com esse idiota. Então, eu uso uma linguagem que seu cérebro primitivo pode entender. Eu o chuto nas bolas.

Ele solta uma exclamação áspera, dobrando-se de dor.

Pego o telefone, arrancando-o de sua mão antes de me virar e correr pelo estacionamento.

O carro do Sr. Behr sumiu. Ele deve ter escapado enquanto eu estava ocupada salvando nossas bundas. Estou exatamente zero por cento surpresa, mas ainda me irrita que ele me abandonou para lidar com três homens enormes enquanto se esgueirava para a segurança, usando o barulho do trem para cobrir sua retirada. Qualquer que seja. É cada um por si neste mundo.

Um dos caras grita atrás de mim, mas eu não me viro. Corro direto para o trem enquanto ele desce pelos trilhos, o facho de sua luz transformando os trilhos à frente em brilhantes raios prateados. O brilho mal ilumina o lote, mas eu sei o meu caminho. Corro para as linhas paralelas brilhantes, olhando para a forma escura que se aproxima atrás da luz, sabendo que o tempo é literalmente tudo neste jogo de vida e morte. Um segundo separa um do outro. Um segundo.

Acho que tenho. Eu nunca tenho certeza – essa é a emoção de brincar de galinha. Meus pés batem no pavimento com mais força a cada passo enquanto eu me enrolo, meus músculos tensos para saltar. A buzina grita acima de mim, o cheiro de creosoto quente e escapamento enchendo meu nariz, meus pulmões. Eu pulo. A luz me cega.

Ouço um grito de advertência. Alarme. Pânico.

Mas é muito tarde. Estou suspensa na luz como as partículas de poeira presas no feixe.

Por um segundo, estou sem peso. Eu estou livre. A vida e a morte são a mesma coisa. Não há nada além de existência pura e crua. Eu sou infinita e totalmente insignificante ao mesmo tempo; o infinito entre as estrelas e a pausa entre as batidas do coração.

Eu sou...

Eu sou...

*Eu sou.*

Eu bati no chão com força, meus sentidos voltando para mim depois do momento mágico, aquele em que eu deixo meu corpo por um segundo, onde eu não sou Harper Apple, a garota do trailer que arruinou a vida de sua mãe por ter nascido, a garota que faltou o primeiro ano, a garota que está chupando seu professor de matemática. O retorno é duro. Minha respiração é arrancada de meus pulmões, o asfalto queimando em meu rosto. Meu corpo está tão pesado que não percebo que não é apenas meu peso por um segundo. O fedor do trem,

os trilhos, o chão, e tudo me invade enquanto sinto o esmagamento de seu corpo em cima do meu.

Ele me vira, esmagando seu antebraço na minha garganta, me impedindo de puxar o ar que ele tirou de mim. O trem é tão barulhento, o barulho dele correndo pelos trilhos tão perto que eu posso sentir o calor explodindo dele, o ar uma corrida quente sobre minha pele queimada. Ele pulsa mais alto e mais silencioso enquanto ele me segura presa, manchas vermelhas latejando em minha visão.

Abro a boca, querendo gritar com esse psicopata, exijo saber se ele é louco ou apenas deseja a morte, mas tento não fazer perguntas óbvias, mesmo quando tenho todo o ar do mundo. E no momento não tenho nenhum. Eu empurro meus quadris, tentando tirar seu peso, mas ele está deitado em mim, entre minhas coxas, seu corpo muito apertado ao meu para jogar fora nosso centro de gravidade.

Seu rosto paira sobre o meu, seus olhos são poços gêmeos cheios de escuridão que ameaça me engolir inteira.

— Eu poderia te matar agora. — Seus olhos seguram os meus, e eu me sinto afundando naquela escuridão, sinto isso chamando os meus, me sugando como um buraco negro. — Ninguém se importaria.

Eu sei que ele está certo, que mal seria notícia, um pequeno parágrafo no jornal, — Corpo encontrado perto dos trilhos —. Eu não sou nada, apenas mais uma vítima da pobreza, atribua isso à violência de gangues como qualquer outra morte que é mencionada no *Local News com Jackie* antes que ela volte para o âncora.

Eu luto, mas a falta de oxigênio faz meus músculos queimarem, já enfraquecendo. Eu tento acertar um gancho de direita, mas ele agarra meu pulso e o prende no chão. Eu uso minha mão esquerda, mas ele mal vacila quando se conecta com sua bochecha. Ele me observa por um segundo, seus olhos escuros e vazios. Eles não são os olhos de alguém chateado que eu o chutei nas bolas e roubei seu telefone ou dei um soco na cara dele. Nenhuma raiva queima em seu olhar enquanto ele pesa se quer ver minha vida piscar em suas mãos. Seus olhos estão vazios.

Posso ver o que é agora, como ele poderia arriscar o trem no segundo depois de mim, no segundo em que deveria ter morrido.

Ele não tem um desejo de morte. Ele já está morto.

Minha visão pisca, e então a pressão desaparece do meu pescoço. Eu chupo

uma respiração alta e horrível, rolando para o meu lado, engasgando-me com o ar. Ele já está de pé, mas se abaixa para pegar o telefone do chão onde caiu. O final do trem passa, as luzes do estacionamento de repente o projetando em sua silhueta.

Os outros dois caras estão lá em segundos, agarrando-o, gritando com ele.

— Que porra é essa? — o alto grita, socando-o e abraçando-o ao mesmo tempo.

— Saia de cima de mim, — diz ele, encolhendo os ombros e olhando para ele.

— O que vamos fazer com ela? — pergunta o de óculos, curvando-se para me inspecionar como se eu fosse uma formiga que ele poderia queimar sob um microscópio como uma diversão em uma tarde de verão. Ele rola o pirulito de um lado para o outro da boca com a língua enquanto me observa.

— Deixe-a, — diz o cara com os olhos mortos. Então ele se vira e vai embora, seus irmãos o seguem pelos trilhos. Um minuto depois, ouço o Range Rover rugir para a vida, e eu raspo minha bunda do chão para que eles não tenham nenhuma ideia sobre pular os trilhos em seu SUV chique e me atropelar. Eu corro por um trecho de calçada e pulo a vala que está crescendo com mais sacos vazios de salgadinhos e camisinhas usadas do que grama. Dando uma olhada por cima do ombro, vejo o carro acelerando quando chego à vitrine fechada com tábuas de uma velha loja do Fred.

Dou a volta na lateral do prédio e me agacho entre uma velha lixeira e uma parede com o estilo de assinatura de Zeph. Minha cabeça parece estar sendo espremida em um torno depois de bater no asfalto com tanta força, e meu rosto está queimando com o encontro com o asfalto. Cautelosamente, estendo a mão para tocar minha bochecha. Meus dedos saem ensanguentados nos piores lugares, mas na maioria das vezes estão apenas raspados. Eu pego alguns pedaços de cascalho das minhas palmas e flexiono minhas mãos para ter certeza de que estão bem. Meu jeans está rasgado em ambos os joelhos de onde o idiota me jogou no chão, mas nada está quebrado.

Eu sei que poderia ter sido pior. Eu tremo quando me lembro do corpo daquele cara enorme entre minhas coxas, me esmagando no chão. Lembro-me de seu irmão me checando antes disso. Não seria a primeira vez que uma garota seria estuprada e deixada para morrer neste lado da cidade. Deste lado da cidade, se você pode fugir de uma briga com nada além de alguns hematomas e um ego ferido, você se considera sortudo.

# Cidade pequena

*Sangue Jovem*

*Jovens bandidos*

*Tenha algum respeito*

*Diz o velho*

*Com seu pau em uma boca jovem.*

*Sangue novo*

*Jovens punks*

*O que aconteceu com esta cidade?*

*Diga os velhos*

*Com o nosso dinheiro em punhos.*

*Dinheiro novo*

*Carne fresca*

*Até nada bom de novo, eu vejo*

*Dizem as donas de casa que nos despem*

*Com seus olhos solitários e famintos.*

*Perspectiva fresca*

*Amada:*

*Talvez o mal seja melhor do que o bem*

*(Basta perguntar ao seu marido*

*Quando ele chega em casa dos trilhos).*

*Dinheiro sujo*

*Novo reinado*

O que *aconteceu* a esta cidade

Então tenha algum respeito,

Diga os meninos

Com as coroas em suas cabeças.

Quase uma semana se passa, mas não consigo relaxar. Eu sei que não acabou. Haverá mais antes que acabe. Haverá sangue. Sempre há.

O bom de não deixar ninguém se aproximar é que ninguém mexe, não importa em que estado eu volte. Claro, eu recebo alguns olhares. Quando me sento ao lado de Blue no almoço, ela levanta uma sobrancelha, mas não pergunta. Mav pergunta se estou bem quando passo pela mesa dele no refeitório. Mas não é a primeira vez que apareço com hematomas, embora os arranhões sejam novos. Ninguém se importa muito com o que aconteceu. Eles continuam com suas vidas, seus almoços.

Eu continuo com o meu, mas estou esperando.

O Sr. Behr nem olha para mim na aula. Ele provavelmente está esperando o outro sapato cair também, muito assustado por ser exposto para se preocupar com meu rosto machucado. Enquanto eu me sento na aula na sexta-feira, eu começo a ficar chateada com isso. Quem decidiu que ele vale mais do que eu? Só porque ele tem um trabalho respeitável não significa que ele é respeitável. Eu? Eu não tenho muito para cair. Eu mal consegui sair do estacionamento de trailers, então você pode apostar sua bunda quando todos descobrirem, eles vão me chamar de destruidora de lares, mesmo que eu não soubesse que ele tinha uma família.

Por que a reputação de um adulto é mais importante que a de uma jovem? Sim, ele arriscou muito, mas eu com certeza não pedi para ele fazer isso. E fui all-in<sup>7</sup>, igual a ele. Aposto tudo em uma chance de sair de Faulkner.

Estou na minha última aula quando a pequena caixa preta familiar com letras verdes aparece no canto da tela do meu laptop.

*MrD: Olá, querida*

*Faulkner440: Como TF<sup>8</sup> você continua me encontrando?*

*MrD: O mágico nunca revela seu segredo, lembra? :)*

*Faulkner440: O que você quer?*

*MrD: A verdadeira questão é, o que você quer?*

*Faulkner440: Que vcs dois me deixem TF em paz*

MrD: *O que mais você quer? Se eu realmente fosse um mágico e pudesse fazer isso acontecer, o que você pediria?*

Faulkner440: *Acho que os gênios são os únicos que concedem desejos*

MrD: *Eu poderia ser seu gênio.*

Faulkner440: *Bruto*

MrD: *3 desejos, Harper. Quais seriam eles? Um carro? Uma casa do outro lado da cidade? Nova escola? O que você quer?*

Eu penso em mandá-lo se foder de novo, mas qual é o ponto? Ele continua me encontrando. Ele deve querer alguma coisa. Prefiro saber o que é e acabar logo com isso. Não é como se eu estivesse dando a ele meu endereço residencial. E quem estou enganando? O cara já sabe meu nome e invadiu os computadores da escola. Se ele quer meu endereço, ele já tem.

Faulkner440: *um milhão de dólares, uma saída daqui, não importa*

MrD: *Você não acha que importa?*

Eu estremeço, já me arrependi de ter dito algo tão pessoal.

Faulkner440: *Importa para mim.*

MrD: *Quem você quer que se importe?*

Faulkner440: *Talvez eu queira fazer algo que importe no grande esquema.*

MrD: *E se eu pudesse te dar todas essas coisas?*

Faulkner440: *Você realmente pensa muito de si mesmo*

Faulkner440: RU9 Deus?

MrD: *Às vezes*

Faulkner440: *\*rolando os olhos\**

MrD: *Vamos começar com o mais fácil.*

Faulkner440: *Um milhão de dólares? Você precisa que eu encaminhe este e-mail para 10 pessoas nos próximos 10 minutos e todos eles me enviarão de volta \$? Lol*

MrD: *Uma saída daqui. O que isso significa? Fora de sua classe? Sua escola? Desta*



*cidade?*

*Faulkner440: sim*

*MrD: E se eu dissesse que posso fazer isso.*

*Faulkner440: Eu diria que você é um cara engraçado*

*MrD: Você tem que fazer a sua parte também.*

*Faulkner440: Ai vem. Deixe-me adivinhar. Tenho que encontrá-lo em algum lugar sombrio, sozinho, sem contar a ninguém. Então você vai me dizer que você tem algum emprego em outro estado, e a próxima coisa que eu sei, que eu sou uma viciada vivendo em um trailer atendendo caminhoneiros enquanto você embolsa os \$. Não obrigada x.*

*MrD: Você tem bastante imaginação, Harper.*

*Faulkner440: Não é imaginação. Eu assisto as notícias.*

*MrD: Você viu isso no noticiário?*

*Faulkner440: Eu vejo a verdade. Quando as pessoas olham para o corpo de uma mulher, elas veem oportunidade.*

*MrD: Não é isso que vejo quando olho para o seu corpo.*

Um calafrio gruda na minha espinha, e eu quero me virar, olhar para os outros alunos, ver quem está absorto demais em seu laptop. Eu me forço a não me mover. Talvez ele esteja fodendo comigo, ou talvez ele tenha me visto, mas isso não significa que ele esteja aqui agora. Se ele tem dez mil, ele não está sentado em uma aula de laçao na FHS.

*Faulkner440: Não vou perguntar.*

*MrD: Eu gosto do seu tipo de corpo. É do tipo que parece todo delicado quando estou em cima de você, como se você fosse quebrar com uma boa surra. Mas vire você e acerte-o pelas costas, e essa bunda parece que pode levar o gangbang10 mais brutal que se possa imaginar. E acredite em mim, garotinha, isso é muito brutal.*

O cabelo da minha nuca se arrepia, e eu engulo em seco, feliz por ele não estar aqui para ver meu rosto. Não sou inocente, mas também não estou acostumada com homens falando comigo de forma tão grosseira. Ou candidamente. Eu não tenho certeza qual é. Talvez ambos.

*Faulkner440: Eu vejo um velho assustador se masturbando em seu trailer enquanto persegue adolescentes online*

*MrD: É assim que você se vê? Fale sobre autoimagem distorcida...*

*Faulkner440: cara engraçado*

*MrD: Eu tenho meus momentos.*

*Faulkner440: Por mais esclarecedor que tenha sido, a aula acabou. GG11.*

*MrD: Você não viu o que posso fazer.*

*Faulkner440: Sim, este aplicativo não acomoda fotos e como não tenho interesse em conhecê-lo...*

*MrD: Você verá em breve. Mas como eu disse, você tem que fazer a sua parte. Aproveite a oportunidade que estou lhe dando. Não jogue isso fora, H. Você vai se arrepender se fizer isso.*

Eu fecho o navegador e saio antes de empurrar o laptop emprestado de volta para o carrinho. Minha pele está toda arrepiada e errada, e eu corro para a porta quando a campainha toca. Enfio meus livros no armário sem me preocupar em checar se tenho dever de casa e saio. Quase atropelo Blue quando saímos em direção aos ônibus antigos e descoloridos que nos levam para casa. O sol da tarde está queimando sobre nós, o calor ondulando na calçada e subindo com o escapamento sufocante, tornando o ar tão espesso que você poderia mastigar.

— Você está bem? — Blue pergunta, olhando para mim com o canto do olho.

Se fôssemos o tipo de amigas que dizem merda uma a outra, talvez eu pedisse conselhos sobre esse perseguidor online que ganhei. Mas não somos, e não há nada que ela possa fazer sobre isso, então eu apenas dou de ombros. — Apenas pronta para sair daqui.

— Fazendo alguma coisa neste fim de semana? — ela pergunta, arrastando os pés até a beira da multidão ao redor dos ônibus. Todo mundo está praticamente sem fôlego no calor sufocante. O escapamento do diesel é tão forte que não é de se admirar que a população estudantil da Faulkner High esteja com poucas células cerebrais. Um cara passa pulando, seu ombro batendo em Blue e fazendo-a cambalear para manter o equilíbrio.

— Que porra é essa, — eu digo, empurrando-o pelas costas. — Cuidado para onde você está indo, idiota.

Ele se vira, já fechando o punho antes de ver que sou eu. Seus olhos se arregalam, e ele me xinga, então salta para o ônibus como se fosse um lugar que

ele realmente quer estar.

Blue tira o cabelo dos olhos, murmurando uma maldição baixinho. — Obrigada, — diz ela. — Vamos juntas?

— Acho que vou ir andando, — digo, dando um passo para trás. Eu não trouxe meus livros para casa no fim de semana, então eu não tenho muito para carregar, e mesmo que a temperatura esteja em torno de cem graus, eu simplesmente não posso aguentar a multidão no ônibus agora. Blue não pressiona por uma explicação, o que eu aprecio. Nós duas somos órfãs, e tenho a sensação de que a mãe dela não é muito melhor que a minha, mas temos respeito mútuo suficiente para deixar a outra manter sua dignidade por não se meter em sua merda.

Vou para casa para me preparar para a parte divertida da minha semana - a luta de sexta à noite no Slaughter Pen. É uma boa maneira de desabafar, para não mencionar ganhar alguns dólares e ficar fora do caminho na noite de encontro da mamãe. Eu gostaria de dizer que isso é tudo para mim, que eu não preciso disso como outras pessoas precisam de uma bebida nos fins de semana, mas eu sei melhor. O dinheiro é bom, mas também não é sobre o dinheiro. Eu faria de graça.

Lutar me lembra que estou viva quando tudo mais nesta cidade parece determinado a me arrastar para baixo, a me segurar contra a pedra de amolar até que não reste nada de mim além do meu nome ruim. Nas noites de sexta-feira, eu sou alguém. Bem ali naquele momento, estou mais viva do que no resto da semana. Ninguém se importa se eu tenho um futuro ou onde moro ou qual é meu nome verdadeiro. Lá, eu sou meu apelido, aquele que me foi dado pelo homem que chamamos de Dynamo, que dá um nome a todos. E mesmo que todos nós tenhamos nomes estúpidos, eu gosto de ser essa garota.

Uma garota que fala a língua dos nós dos dedos, do momento atual em que nada mais existe além da sujeira, suor e sangue, os gritos frenéticos de algumas dezenas de espectadores febris e a dor satisfatória que sobe pelo meu braço quando dou um golpe.

Quando acabar, posso pensar no dinheiro. Posso comprar uma Coca-Cola e um saco de batatas fritas da loja de conveniência no caminho para casa para um deleite, algo completamente frívolo que eu nunca pensaria em gastar dinheiro normalmente. Eu posso me perguntar se mamãe acabou de foder seu sabor da semana para que eu possa ir para casa, porque mesmo que eu seja muito velha para ela me trancar no armário quando seus encontros chegarem, isso não significa que eu quero conhecer eles.

*Os homens querem uma garota que ainda seja apertada, então faça um favor à sua mãe e*

*fique fora de vista. Se virem que tenho uma filha, vão começar a imaginar que estou solta, e de quem é a culpa? É sua, Harper. Então nem pense em sair até que eu vá te buscar.*

Eu não quero acordar para encontrar uma de suas trepadas no meu quarto, ou apertar suas mãos e fingir que não vejo o jeito que eles estão olhando para meus peitos como se quisessem colocar um pau lá, ou me virar de costas, ir fazer café pela manhã e encontra um deles com a mão na calça enquanto me observa. Eu não quero que minha mãe perca o controle e me persiga me batendo com uma espátula e gritando comigo que é minha culpa que meu pai a deixou, que é minha culpa que os namorados dela são pedófilos, que é minha culpa que a vida dela é uma merda.

*O sentimento é mútuo, mãe.*

O final de semana passa muito rápido, e segunda de manhã, estou de volta na ESF, ainda esperando. Quase posso sentir a carga no ar. Alguma coisa vai acontecer. Estou um mês no segundo ano agora. Quase começo a ter esperança. Talvez aqueles garotos me deixem em paz, não espalhem a foto por aí. Tudo é possível.

No final da semana, a espera estava me matando, então decido procurar um pouco. No almoço, eu me viro para a garota mais louca por garotos na minha mesa, uma garota que poderia ter sido minha melhor amiga se eu tivesse ficado no estacionamento de trailers. Eu me inclino para que ela possa me ouvir sobre o rugido de vozes na enorme sala industrial. Jolene está sempre procurando fofocas, embora ela nunca faça parte disso — talvez *porque* ela nunca faça parte disso. Ela está namorando o mesmo cara desde o ensino médio, e ela ainda não engravidou. Não muito mais vai colocar uma garota em nosso círculo no radar social.

— Então, eu vi uns caras nos trilhos outro dia, — eu digo. — Eles não frequentam esta escola, mas estão definitivamente na categoria de delinquentes juvenil. Alguma ideia?

— Já se formou? — Jolene pergunta.

— Harper está procurando uma favela com alguns desistentes do ensino médio, — diz Earnhart, seu namorado, rindo. — Muito bem, garota. Consiga algumas DSTs.

— Willow Heights tem caras assim? Eu pergunto, lembrando de seu carro rico. — Ah, também ouvi eles falando, e eles tinham algum tipo de sotaque.

— Esse seria Colin, — diz Skeeter Bite, virando seu chapéu camuflado para trás e apoiando os cotovelos na mesa.

— Não Colin, — eu asseguro a eles. Por um lado, ele vai para esta escola. Para dois, meu — número — é muito baixo para ter esquecido um cara na minha lista. Não que eles precisem saber sobre esse desastre. — Seus sotaques eram mais como os Sopranos. E havia três deles.

— Ohhh, — Jolene diz lentamente. — Você está falando sobre os Dolces?

Eu dou de ombros, fingindo que não importa, mas guardo o nome em minha mente para procurar mais tarde. — Pode ser.

— Oh, não, você não vai se safar disso, — Jolene diz, olhando para mim com os olhos arregalados. — Espere. Você realmente *falou* com os Dolces? Oh meu Deus, você conhece os meninos Dolce?

Jolene deveria saber que não. Eu a conheci e todo o seu grupo de garotos morando no estacionamento de trailers, mas desde que me mudei, não sou realmente um deles. Ainda assim, nós nos conhecemos desde que éramos crianças, e ela sabe que eu sou apenas uma conta não paga de estar lá atrás com eles. Eu considero foder com Jolene e dizer a ela que eu conheço os Dolces apenas por diversão, mas isso pode dar a ela um derrame, então eu resisto ao desejo.

— Por que eu iria falar com eles? — Eu pergunto. — Eu nem sei quem eles são.

— Eles moram na mesma cidade que nós, — diz ela, fazendo beicinho. — Não é impossível.

A mesma cidade, com certeza. O mesmo universo? Nem mesmo perto.

— Sim, — eu digo com um bufo. — Isso é.

— Então por que você perguntou sobre eles? Normalmente, apenas as garotas populares aqui se preocupam com os Dolces.

— Por que elas se preocupariam com os meninos ricos de Willow Heights? Elas não têm caras suficientes aqui para engravidá-las?

— Sim, mas eles são caras de Willow Heights, — ela diz. — E eles são os Dolces. Vamos, Harper. Até você já ouviu falar deles.

— Não realmente, — eu digo, deixando cair meu hambúrguer sem sabor no meu prato.

— Sim, você conhece, — diz ela. — É por isso que você perguntou. É por

isso que todas as garotas populares querem ficar com eles. Quem namorar um deles seria a abelha rainha desta escola por padrão. Eles são *donos* desta cidade. Você pode imaginar o que isso poderia fazer pela sua reputação?

Posso imaginar exatamente o que eles poderiam fazer pela minha reputação. Uma foto vazada, e eu serei muito pior do que um pobre ninguém. Serei um pária social.

— Todo mundo sabe que eles são problemas, — diz Shiner. — Ouvi dizer que eles foram presos umas dez vezes, mas o pai deles pagou os policiais.

— Ouvi dizer que eles não apenas pagaram os policiais, mas o juiz, — diz Earnhart. — Eles fizeram um acordo para que nada do que fizessem ficasse em seu registro permanente, não importa o quão ruim seja. Você pode imaginar no que poderíamos entrar com esse tipo de imunidade?

— Viu? — Jolene arregala os olhos para mim, como se eu devesse ficar impressionada com esse comportamento nojento, enquanto os caras continuam falando sobre o que fariam se não houvesse consequências.

— Se eles foram presos, tenho certeza de que mereceram, — digo, pensando no meu histórico, que não é exatamente limpinho. Eu evitei ir ao reformatório, mas eu mesma já fui pega pela polícia mais de uma vez.

— Eles estão tão bem, no entanto, — Jolene diz, recostando-se em seu assento com um suspiro.

— Cara, estou bem aqui, — diz Earnhart.

— Ah, que seja, — diz ela, golpeando sua coxa. — Nem mesmo finja que você não vira tão rápido como uma chicotada toda vez que uma garota de Willow Heights passa com sua pequena saia xadrez.

— Continue, — diz Earnhart, voltando para suas batatas fritas.

— Alguém vai ao jogo hoje à noite? — Jolene pergunta.

Todos nós olhamos para ela.

— Que jogo? — Eu pergunto. — E desde quando você se importa com o esporte?

— O jogo hoje à noite, — diz ela. — O jogo de *futebol*. Olá, é o primeiro jogo da temporada, entre nós e Willow Heights. É meio que um grande negócio.

— Para quem?

— Para todos, — diz ela, gesticulando ao redor do refeitório. — O primeiro jogo da temporada dará o tom da rivalidade durante toda a temporada. Nós os tocamos novamente no Homecoming<sup>12</sup> todos os anos — sejam deles ou nossos.

— Como você sabe tudo isso? — Dodge pergunta.

— Todo mundo sabe, — Jolene diz.

— Por que iríamos a essa coisa de novo? — Eu pergunto.

— Você simplesmente não entende, — diz ela, revirando os olhos.

— Você já foi a um jogo? — Eu pergunto.

— Não, — ela admite. — Mas isso é porque não tenho com quem ir e não quero ir sozinha como uma perdedora. Se você for...

— Então vocês podem ser perdedoras juntas, — diz Earnhart. Eles estão namorando há tanto tempo que ela sabe que não pode convencê-lo a ir.

— Cala a boca, — Jolene diz, jogando uma batata frita para ele.

Sento-me em linha reta, derrubando um pacote de ketchup no ar enquanto Earnhart atira de volta. — Os Dolces jogam no Willow Heights?

— Sim, — Jolene diz lentamente. — Dá.

— OK, vamos lá.

— Sério? — Jolene grita alto o suficiente para as pessoas em várias mesas virarem em nossa direção.

Eu dou de ombros. — Claro, por que não?

— Oh meu Deus. Isso vai ser épico.

— Se você diz. — Eu não posso deixar de sorrir. Jolene quer ser popular, mas ela recebeu uma mão ruim quando se trata dessas coisas. Ela mora no estacionamento de trailers na periferia da cidade, por exemplo. Pelo menos eu não me importo que eu não seja popular. Honestamente, parece um grande esforço. Mas eu me preocupo em acabar na internet, e se eu conseguir que esses caras apaguem essa foto...

## Telefonemas para Nova York

*Eu vou ter que te ligar de volta*

*Eston entrevistando o novo cozinheiro*

*Eu tive que deixar a Marta ir*

*Ela cozinhou a mesma coisa duas vezes*

*Você acredita?*

*Ela não deve ter muito em seu arsenal, afinal*

*Provavelmente pensou que eu não iria notar.*

*É tão difícil encontrar uma boa ajuda nos dias de hoje.*

*Eu vou ter que te ligar de volta*

*Quando você não está sendo tão insolente*

*Eu te disse que não quero falar sobre sua irmã*

*Você sabe que eu não posso lidar com isso*

*Há uma razão pela qual eu não fui ao funeral*

*Eu não sei por que você insiste em trazer isso à tona*

*É como se você estivesse esfregando na minha cara.*

*Eu vou ter que te ligar de volta*

*Quando você terminar de inventar esses contos ultrajantes*

*Você sabe o quão chateado seu pai ficaria*

*se ele soubesse que você estava dizendo essas coisas sobre ele?*

*tenho certeza de que não é tão ruim assim*

*Pelo menos ele está lá com você*



*Eu sou aquela que ele abandonou*

*Me deixou aqui sozinha*

*Quase nem liga para ver como estou*

*E olhe para você*

*Assim como ele*

*Você ao menos me perguntou sobre a nova aula de arte em que me inscrevi?*

*vou ter que...*

*Você sabe o que, mãe*

*Deixa para lá*

*Nem se incomode.*

Nenhum de nós tem carro, então naquela noite encontramos um cara chamado Tater Bug deixando eu e Jolene no campo Faulkner High. Jolene pode não ser popular, mas ela parece ter um pequeno exército de caras em volta de seu dedo e dispostos a fazer seus favores quando ela precisar deles. Pode ter algo a ver com o tamanho dos seus peitos. Eu só tenho um respeito louco por ela. Uma garota tem que trabalhar com o que ela tem.

— Me mande uma mensagem quando o jogo acabar, — Tater Bug diz, inclinando-se para chamar a atenção dela da janela do lado do passageiro, que está cercada com fita adesiva onde ele tinha um saco de lixo até que Jolene insistiu que ele o tirasse.

— Eu vou, — diz ela, soprando-lhe um beijo como se ela tivesse esquecido que ela não queria que ninguém popular a visse saindo de seu velho hooptie<sup>13</sup>. Ela se inclina na janela e sorri com adoração para o cara desajeitado. — A menos que você queira ir com a gente? Você pode nos comprar pipoca.

— Eu não tenho permissão para entrar por causa de um certo incidente que ocorreu no ano passado, — ele diz, sorrindo de volta para ela e tirando seu moicano de seus olhos. — Mas eu comprei uma Coca para minha garota favorita. — Ele lhe entrega uma lata de Dr. Pepper, e ela grita de felicidade. Depois de mais alguns minutos de flerte, Jolene se retira de sua janela e nós entramos no jogo, o refrigerante escondido na camisa de Jolene.

— Oh meu Deus, são eles, — Jolene diz enquanto nos sentamos. — Esses são os Dolces. — Suas unhas cravam no meu braço enquanto ela aponta para um monte de caras em almofadas. Todos parecem iguais para mim. — Este é Royal, ele é uma estrela. Tipo, pode ir para a NFL um dia, definitivamente vai jogar futebol universitário. E esse é o Duke, oh, e o Baron...

Eu bufo. — Essa família certamente pensa muito em seus filhos.

— Com razão. Oh meu Deus, juntos eles são imparáveis. Não temos chance. Quero dizer, eles nos derrotaram no ano passado, e Royal era apenas um calouro. — No momento em que ela termina seu discurso, sua voz é um guincho de excitação e ela está pulando em seu assento.

— Você sabe que esse não é o time pelo qual devemos torcer, certo?

— Eu realmente preciso de uma bebida, — diz ela. — Meus nervos já estão fritos e o jogo ainda nem começou.

Estou familiarizada com a luxúria do futebol que toma conta da nossa cidade durante metade de cada ano, mas não esperava que Jolene gostasse tanto. No intervalo, ainda não entendi o motivo de tanta confusão. Quero dizer, claro, os caras ficam bem em suas calças apertadas, mesmo com as almofadas. Royal Dolce pode dar um passe, eu vou dar isso a ele, mas nosso QB<sup>14</sup> também pode. Com os capacetes, porém, ainda não posso dizer se foram os caras que tiraram minha foto, e essa é a única razão pela qual estou aqui.

No intervalo, nós dividimos o quente Dr. Pepper e assistimos as líderes de torcida, Lindsey e Elaine e todas as outras, balançando seus pompons e sorrindo seus sorrisos permanentes. Tento imaginar como seria minha vida se o futebol — ou qualquer coisa — significasse tanto para mim. Lembro-me de Jolene tentando me convencer a entrar para o Pep Squad no colegial, mas eu sabia que não tínhamos dinheiro, então disse não. Acontece que eles tinham uniformes emprestados para crianças pobres, e ela estava no time o ano todo. Ela estava no céu, embora nunca tenha sido uma líder de torcida como essas garotas.

Eu olho para ela, tentando ver se ela se incomoda em observá-los, já que ela não entrou no time quando fomos para o ensino médio. Ou suponho que foi isso que aconteceu. Eu não estava muito na escola naquele ano, e nos afastamos. Passei a maior parte das minhas noites lutando e apostando para ganhar dinheiro para pinchar ou rondando Faulkner, caçando Zephyr Hertz como uma perseguidora, para poder vê-lo trabalhar e aprender com ele quando o encontrasse. E então eu dormia enquanto todo mundo ia para a escola. Levou quase um ano para trás para colocar algum sentido em mim, para eu perceber que o grafite não iria me levar a nada além de ser presa. Então, há um ano parei de pintar e comecei a economizar.

— Eu não aguento isso, — Jolene diz. — Vamos fumar debaixo das arquibancadas.

Descemos. Não peço um cigarro porque não gasto dinheiro com eles. Economizo cada centavo para uma passagem só de ida. Mas eu aceito quando Jolene se oferece para compartilhar um. Eu inalo a fumaça amarga e deixo minha cabeça cair para trás, exalando em direção às arquibancadas acima, onde todas as famílias em Faulkner circulam. Em nenhum outro momento você poderia ver toda a cidade reunida dessa maneira, mas ainda está dividida. O lado da arquibancada de Willow Heights está cheio de pessoas ricas, famílias com dinheiro, pessoas importantes.

Acima de nós, é um mar de rostos pretos, marrons e brancos, metade deles bi-raciais ou tri-raciais ou algum caleidoscópio como eu; muitos pobres e de classe média com algumas famílias ricas misturadas. Nosso lado é Faulkner. O lado de Willow Heights é outra dimensão, outra realidade, outro mundo. E estou prestes a cruzar a linha invisível e não dita, aquela que separa nossas escolas.

Estou prestes a quebrar a barreira, ousar falar com eles como se fôssemos iguais. Mas eu não me importo com essa merda agora. Preocupo-me em salvar o meu futuro.

Quando o jogo finalmente termina, vou direto para o estacionamento. Fã de ambas as equipes saem para a luz brilhante do estacionamento. As pessoas estão gritando sobre uma festa em algum lugar, uma fogueira e nadando. Eu não sei se está tudo em um só lugar, e eu realmente não me importo. Não estou aqui para a festa.

Encontro o SUV que estou procurando, o Range Rover, e me encosto na grade.

— O que você está fazendo? — Jolene sussurra-grita. — De quem é esse carro?

— Espero que seja do Royal Dolce's, — eu digo. — Você não precisa esperar se Tater Bug estiver aqui para buscá-la.

— Royal Dolce? — ela chia. — Por que você está tocando no carro dele?

— Eu preciso falar com ele.

Ela me agarra pelo braço e me arrasta alguns metros para longe. — Você não vai até o Royal Dolce e fala com ele, — ela sibila.

As pessoas estão olhando para nós com curiosidade, demorando para ver o que acontece. Aparentemente, eu não sou a única que sabe que carro os meninos Dolce dirigem.

— Não é como se eles fossem o presidente, — eu digo. — Eles têm a nossa idade.

— O pai deles é basicamente o presidente da Faulkner.

Eu dou de ombros e retomo meu lugar no para-choque do SUV.

Jolene morde o lábio por um minuto, depois assente. — Se você realmente quer a atenção deles, você deveria estar deitada nua no capô quando eles subirem. Caso contrário, o que diferencia você de todas as outras garotas que os perseguem?

— Não é uma má ideia, — eu digo, estalando meus dedos. — Vou guardar para mais tarde.

Vejo dois garotos andando em nossa direção e, pela reação, tenho a sensação de que as coisas estão prestes a ficar interessantes. As pessoas recuam, parecendo inseguras e quase com medo. As garotas obviamente estão checando, mas noto que nenhuma delas se joga nos garotos. Então, eles não são estrelas do rock em Willow Heights – não exatamente.

Tenho tempo para ver os três e reconhecê-los como os caras das pistas. Aquele que quase me matou é mais alto que os outros dois e, pela diferença de altura em campo, sei que um deve ser Royal. Meu coração pula uma batida e então corre para alcançá-lo quando nossos olhos se encontram.

Enquanto os caras caminham em minha direção com o tipo de arrogância natural que deve vir com milhões de dólares e o corpo de um deus, tenho alguns segundos para considerar se estou fazendo algo suicida. Eu me forço a não me mover. Esta é uma situação diferente. Nas pistas, eles estavam causando estragos. Não havia ninguém por perto para detê-los. Agora, eles vão querer parecer legais na frente de todos os seus amigos e colegas. Eles não vão enlouquecer no estacionamento do estádio com uma centena de famílias ao redor.

— Ou vão?

Eles devem estar cientes de que todos os olhos estão sobre eles, mas eles nem sequer olham ao redor. Eles também não diminuem a velocidade quando nos veem apoiadas em seu carro.

Na verdade, sou só eu. Jolene desapareceu. Mas de qualquer forma. Esta não é a luta dela.

— Saia do meu carro.

Sua voz é mais fria do que eu esperava. Não há risos ou provocações nisso, nenhuma das brincadeiras que eu espero de caras que são tudo isso e sabem disso. Sua voz não tem nada da provocação que Duke fez quando zombou da autoridade do Sr. Behr, e nada da arrogância que eu espero que ele mostre na frente de uma multidão.

Royal para bem na minha frente, a poucos centímetros de distância. Seu rosto está vazio e duro como pedra. Lembro-me daquela escuridão de olhos mortos em seu olhar dos trilhos, e um arrepio percorre minha pele.

Minha língua está de repente amarrada no céu da minha boca, e nenhuma palavra sai. Normalmente não me intimido com idiotas, mas nunca estive perto de idiotas ricos. Juro que o cara cheira a dinheiro. Seu cabelo escuro ainda está molhado do banho pós-jogo, e ele tem uma bolsa de futebol pendurada em um

ombro musculoso. Os outros dois se afastam dele, observando. Duke, o running back<sup>15</sup>, tem um sorriso arrogante no rosto, e o cara de óculos – Baron Dolce, segundo Jolene – fica com a cabeça inclinada, como se estivesse curioso para ver onde tudo isso está indo. Como da última vez que o vi, ele tem um pirulito enfiado na bochecha, a haste saindo entre os lábios.

— Eu disse, saia do meu carro.

Eu engulo, forçando meus olhos para o Royal novamente. As pessoas estão começando a se reunir nas proximidades, esperando por um show.

— Eu quero que a imagem seja apagada, — eu digo, minha voz baixa, mas firme.

Ele recua apenas uma fração de polegada, mas é o suficiente para eu saber. Provavelmente ninguém mais percebe. Provavelmente ninguém mais vê o leve lampejo de algo – não sei o que – cruzar seu rosto antes que fique em branco novamente.

— Eu não sei do que você está falando.

Eu pressiono minhas palmas contra seu para-choque, me firmando. — Eu acho que você sabe.

— Se você sabe o que é bom para você, você vai embora agora, — diz ele, sua voz tão baixa quanto a minha, mas afiada com aviso.

— Você está me ameaçando?

— Eu não tenho sua foto, — diz ele. — Agora vá.

— Não até que você apague.

Ele se aproxima, tão perto que posso sentir o cheiro de que ele escovou os dentes depois do jogo. Seus olhos se fixam nos meus, duros e mesquinhos. Eu me inclino para trás instintivamente, tentando manter meu espaço. Ele continua se inclinando. Quando estou encostada no capô de seu Range Rover, ele exala um pequeno suspiro e se afasta.

— Faça como quiser, — diz ele com um encolher de ombros, se dirigindo ao redor do carro. Ele pula e os outros o seguem. Um segundo depois, as luzes varrem o estacionamento e o motor ruge para a vida. Eu salto para longe do carro ao som de suas risadas lá dentro. As janelas deslizam para baixo, como para ter certeza de que eu ouço como eles acham tudo isso muito engraçado.

O som de sua celebração parece descongelar a multidão, e todos começam a correr para seus próprios carros, sussurrando sobre a pequena cena. Baron fica para fora da janela quando um grupo de garotas de saias curtas passa, balançando seus longos cabelos.

— Aqui, gatinha, gatinha, — ele chama.

O mascote da Faulkner High é o Wampus Cat, e irritantemente, as equipes femininas são Wampus Kittens. Mas tenho a sensação de que ele está procurando um tipo diferente de boceta.

As garotas riem e batem umas nas outras, lançando olhares excitados por cima dos ombros, quase desmaiando porque os caras mais ricos da cidade só prestaram atenção nelas.

— Vamos par-tay, — Duke Dolce grita do banco do passageiro, bombeando o punho. — Estou fazendo anal esta noite!

Royal acelera o motor, e o Range Rover ruge, deixando-me no estacionamento com muitas pessoas olhando e sem carona para casa. Eu me apresso, meu coração batendo forte. Não tenho medo do lado feio de Faulkner, de correr pelas ruas à noite quando as gangues saem. Mas me coloque no local, com todo mundo olhando, e minhas palmas começam a suar e meu batimento cardíaco fica errático.

Durante todo o caminho para casa, me amaldiçoo por esse plano estúpido. Eu perdi o Femme Fight Friday, que é minha grande noite de dinheiro. Posso tentar compensar amanhã nas cartas, mas vou ter que sacar do meu estoque para comprar. Normalmente, uso o dinheiro de sexta-feira como meu buy-in<sup>16</sup> no sábado, depois adiciono tudo ao estoque. De alguma forma, parece menos uma perda se ainda não foi colocado no meu piso. E eu vou ter que ganhar muito mais amanhã para compensar a perda de uma luta de sexta à noite.

Eu não olho por cima do ombro para gangues ou hooligans no meu caminho para casa. Só olho por cima do ombro quando ouço o rugido de um motor que poderia ser o Range Rover preto. Claro que não é. É apenas um caminhão cheio de garotos da Faulkner High gritando sobre sua vitória enquanto passam rugindo, jogando vasilhames e derrubando caixas de correio em comemoração. Uma garrafa de cerveja se quebra aos meus pés, e eles se afastam, rindo histericamente de sua esperteza. Mas eles sabem quem eu sou, e eles não vão foder comigo.

Segunda-feira de manhã, estou de volta ao rebolo. Estou no meio do primeiro período quando o interfone estala para a vida. — Harper Apple para o escritório, — a secretária ronrona. — Faça com que ela traga suas coisas.

Blue me lança um olhar questionador, mas eu apenas dou de ombros e pego meus livros antes de sair. Ninguém me dá atenção. Em uma escola como a Faulkner, se você não é o tipo de garota das classes avançadas, você é o tipo que já teve sua cota de idas ao escritório.

— Você vai ser a jovem mais feliz do mundo esta manhã, — diz a orientadora, Sra. Peterson, quando chego ao escritório. Ela gesticula para que eu a siga até seu escritório. Ela é uma daquelas senhoras que fala como se estivesse em uma competição para ser a America's Most Smiley em vez de um trabalho sem saída tentando convencer um bando de abandonados a ir para a faculdade. E mesmo que ela seja falsa pra caralho — não há como alguém genuinamente ser tão feliz lidando com os punks que ela faz — eu gosto da Sra. Peterson. Ela não riu de mim quando eu disse que queria fazer faculdade fora da cidade, talvez até fora do estado. Ela me trouxe folhetos.

— E aí? — Eu pergunto. — Você me conseguiu admissão antecipada em Yale?

— Ainda não, — diz ela, levantando um dedo enquanto circula sua mesa para se sentar. — Você terá que fazer essa parte por conta própria. Mas eu acabei de te deixar muito mais perto.

— Sério? — Eu pergunto, sentando em frente a ela e aceitando os papéis que ela desliza para mim, uma pilha gorda com uma carta de apresentação com um selo dourado no topo. As letras WHPA no topo de uma crista estampada nele, com algumas palavras latinas circulando.

— Bem, agora, para ser honesta, não posso levar um pinga de crédito por isso, — diz a Sra. Peterson com uma risadinha. — Acabou de aparecer na minha caixa de entrada esta manhã.

Eu olho para ela por um minuto antes de levantar meus olhos para ela, meu coração batendo loucamente no meu peito. — Willow Heights? Isso é uma escola secundária.

— Uma que envia um monte de crianças para as universidades, — diz ela. — Até mesmo as escolas da Ivy League. — Ela mexe as sobrancelhas como se estivéssemos juntas em alguma grande travessura.

— Eu não entendo, — eu digo, virando para a próxima página do pacote.

— O Senhor trabalha de maneiras misteriosas, — diz ela. — Lembre-se de agradecer-lo em suas orações esta noite.

Eu me sento lá por um segundo, tentando entender o que está



acontecendo. Porque ela está me dizendo para ir para a escola de crianças ricas, aquela do outro lado da cidade onde as pessoas dirigem Bentleys e Porsches, e não hoopties enferrujados com sacos de lixo colados nas janelas. Essas pessoas vivem no tipo de casa que minha mãe limpa, não possui. Por que eu iria querer ir para lá?

Eu empurro o pacote de volta sobre a mesa. — Eu não posso pagar por Willow Heights.

— Você não precisa, — diz a conselheira. — É uma bolsa de estudos. Uma bolsa de estudos *integral*, senhorita Apple. Eles distribuem apenas um punhado delas todos os anos, geralmente para calouros que estarão com eles durante todo o ensino médio. Eu não sei como eles ficaram sabendo de você, mas eu vou te dizer uma coisa. Se eu fosse você, assinaria tão rápido que a tinta nem esteja seca antes de voltar para eles. Uma garota como você não tem uma chance assim com muita frequência.

Eu me irrita mesmo que ela esteja certa. Ainda é uma merda quando até mesmo os bons professores que querem te ajudar pensam que você é um lixo. *Uma garota como eu*. Se eu ganhasse um centavo por cada vez que alguém usasse essa frase.

Eu penso nas palavras do Sr. D, e um arrepio passa por mim. Ele disse que eu veria como ele poderia colocar seu dinheiro onde sua boca estava, como ele poderia conceder meus desejos e mostrar o quão poderoso ele é. É isso que está acontecendo? Isso tudo é financiado por algum creeper<sup>17</sup> com complexo de salvador... Ou alguém que quer que eu fique devendo a ele?

Então, sim, há essa parte de mim que quer jogar o pacote no lixo e se jogar como uma pirralha. Mas eu não sou uma pirralha. Uma cadela, claro, mas não sou mimada o suficiente para ser uma pirralha. E tenho certeza de que não sou burra o suficiente para recusar essa bolsa, por mais que seja financiada. Inferno, eu chupei o pau do professor para sair desta cidade antes. Assinando meu nome em uma bolsa de estudos? Um Pedaco de maldito bolo. Não há realmente nenhuma decisão a ser tomada. Eu queria uma saída, e agora eu tenho uma... Pelo menos uma chance muito melhor de uma.

Se isso é coisa do Sr. D, que seja. Eu não sou burra o suficiente para pensar que ele não vai querer algo em troca disso. Afinal, nada na vida é de graça. Mas pagarei esse preço quando o fiscal vier. Só porque sei que estou endividada não significa que não vou arriscar quando cair no meu colo. Não tenho nada que valha mais do que este papel aqui. Eu já estou recebendo o melhor final do negócio.

Além disso, eu não prometi nada a ele.

Inferno, pelo que eu sei, não tem nada a ver com o Sr. D. Pode ser apenas uma coincidência. Pode ser um milhão de coisas. Tudo o que sei é que passei toda a minha vida me sentindo impotente e sem esperança enquanto lutava para sair do lago de merda e entrar em um barco que me leva a algo melhor e, de repente, alguém me jogou uma tábua de salvação. Não importa qual seja o custo. Estou agarrando e segurando com tudo que tenho.

— Sra. Peterson? — Eu pergunto, deslizando o formulário de volta para ela com minha assinatura aceitando a oferta. — Existe alguma maneira de saber quem pagou por esta bolsa? Gostaria de enviar-lhes um cartão de agradecimento.

Acrescento essa última parte apenas para aumentar a probabilidade de ela me dizer, já que não tenho absolutamente nenhuma intenção de escrever um cartão se for o Sr. D. Tenho a sensação de que os agradecimentos que ele vai querer não podem ser escritos no papel.

Ela franze a testa enquanto folheia o pacote. — Bem, há um lugar para o nome de um doador, mas este aqui diz apenas 'O resto é com você'. Acho que você teve sorte, não foi?

Eu não tenho certeza se sorte é a palavra para o que eu tenho, mas eu sei que é melhor não me afastar do dinheiro quando ele é entregue a mim. Então, saio com as palavras da Sra. Peterson passando pela minha cabeça, me perguntando exatamente qual o preço que vou acabar pagando pelo meu golpe de sorte, mas também sabendo que mesmo se me dissessem o preço, eu ainda faria a mesma escolha. Quando você não tem outras opções, você pega a que está disponível, não importa o custo.

Quero sair de Faulkner. Se este é um caminho para fora, eu vou tomá-lo. Se não for um caminho para fora, então eu vou torná-lo um. Minha bolsa de estudos pode ser obscura pra caralho, comprada e paga por algum rico pervertido, mas uma vez que eu estiver dentro, vou torná-la legítima. Provarei que sou digna de colocar seu estimado logotipo no meu currículo trabalhando tão duro que as faculdades estarão recrutando minha bunda do gueto junto com todas as garotas ricas que vão para lá.

Não sou ingênua o suficiente para pensar que será fácil. Uma escola assim é competitiva. Sem mencionar o fato de que as pessoas lá provavelmente não querem lixo de trailer como eu andando pelos corredores sagrados de seu palácio de esnobismo. Mas não estou preocupada com eles. Deixe essas belas do sul tentarem me impedir. Não há nada que elas possam fazer que dezessete anos no lado errado dos trilhos não tenham me preparado.

# **Quem nós somos**

*Forasteiros*

*Quem forçou nosso caminho para dentro*

*Vimos, vimos, conquistamos*

*Entrou balançando*

*saiu sorrindo*

*É assim que levamos...*

*Os meninos Dolce.*

*Esta cidade é nossa*

*Isso é nosso*

*Mas não nos possui*

*Eles não nos reverenciam*

*Eles nos temem*

*É assim que governamos...*

*Os Dolce Boys.*

*Nós não pertencemos aqui*

*Eles não nos querem*

*Mas eles nos obedecem*

*Os três reis*

*Juntos sozinhos*

*Uma irmandade de sangue...*

*Os meninos Dolce.*

Acontece tão rápido. Eu não tento retardá-lo, no entanto. Estou meio com medo de que alguém esteja fodendo comigo, que eu chegue a Willow Heights e eles não tenham registro da minha matrícula. Na segunda-feira seguinte, estou andando até a porta da frente da escola particular mais exclusiva do estado, pensando que certamente estou sonhando. O lema da escola se estende acima das portas, alguma merda latina que eu nem consigo ler.

*O que estou fazendo aqui?*

Eu nunca pus os pés nesta escola ou mesmo passei de carro, mas ouvi histórias sobre as pessoas que frequentam aqui, criminosos de um calibre diferente dos da Faulkner High. Eu ouvi sobre as festas lendárias onde cocaína pura é a droga de escolha em vez de sacos de dez centavos de schwag<sup>18</sup>. Já vi o tipo de delinquente que tira fotos de garotas desesperadas fazendo atos desesperados no banco de trás dos carros dos professores.

*O que um lugar como esse quer com uma garota como você?* Mamãe perguntou, um cigarro pendurado no canto da boca enquanto assinava os papéis de transferência. *Não é uma boa escola?*

Este não é o tipo de lugar que você quer parecer fraco.

Eu entro como se estivesse desafiando alguém a foder comigo, não fazendo uma cena ou tentando chamar a atenção, mas também não escondendo quem eu sou. Entro no escritório, uma recepção silenciosa e acarpetada que não se parece em nada com o escritório movimentado da FHS, sempre cheio de babacas discutindo em voz alta sobre seus atrasos, detenções e suspensões. Em vez de cadeiras de plástico azul escuro com bordas marcadas ao longo da parede, este escritório tem cadeiras com estofamento e braços de madeira.

Tudo nesta escola inteira, desde o saguão com piso de mármore até os caras desfilando em calças cáqui e camisas abotoadas, diz que eu não pertencço aqui. Eu tento não me importar, deixar isso rolar por mim. Mas não posso evitar a ansiedade mordiscando meus nervos. Estou fora do meu elemento, e odeio esse sentimento.

A recepcionista aperta um botão e então me diz que um membro do conselho estudantil vai me encontrar para me mostrar o lugar. Digo a ela que posso descobrir, mas ela insiste. Alguns minutos depois, uma garota crescida entra usando um par de botas de combate com uma saia xadrez de colegial, seu cabelo ruivo encaracolado preso em um coque, mas já perdendo algumas

mechas, como se ela não conseguisse se conter no estilo.

Ela é tudo que eu não espero de uma garota de Willow Heights e, para ser honesta, isso me deixa um pouco à vontade. Achei que esta era uma daquelas escolas esnobes onde todas as garotas eram uma perfeita prima-donna, mas talvez seja mais moderna, uma das escolas particulares que escondem o esnobismo atrás de uma fachada inclusiva.

— Preparada? — minha guia pergunta, segurando a porta do escritório aberta para mim.

— Você me mostrará o lugar?

— Sim, — diz ela, piscando-me um sorriso. Ela acena para a recepcionista antes de deixar a porta se fechar atrás de nós. — O que, você não esperava que uma garota gorda fosse o primeiro rosto que você visse em Willow Heights?

Eu dou de ombros. — Crianças ricas também devem vir de todos os tamanhos. Foram suas roupas mais do que seu tamanho que chamaram minha atenção.

— Desde que siga o código de vestimenta – camisas de colarinho e calças para meninos, saias cinco centímetros acima do joelho ou calças para meninas – você pode usar o que quiser. Ah, e jeans às sextas-feiras, mas sem rasgos.

Há muito mais no código de vestimenta do que isso, incluindo nenhum logotipo e até uma lista de padrões aceitáveis, mas posso ler isso no manual.

— Como você ficou presa com este trabalho? — Eu pergunto. — Detenção?

A garota reprime uma risadinha. — Estou no conselho estudantil e somos responsáveis por mostrar aos novatos, — ela explica enquanto nos dirigimos pelo corredor. — Você tem sorte, realmente. Você poderia fazer muito pior do que eu. Eu sou Dixie, a propósito. Eu sou uma júnior. Em que série você está?

— O mesmo, — eu digo. — E eu realmente não preciso de uma guia. Tenho certeza de que você tem algo melhor para fazer, e esta escola é um décimo do tamanho de Faulkner.

— Você é da FHS? — ela pergunta, apontando minha primeira aula. — Eu era de lá – bem, na verdade, eu saí depois de meio semestre, mas eu teria ido para lá. Essa escola é muito grande! Você provavelmente tem um milhão de amigos. Você conhece o Chase London?

Eu reviro os olhos. Claro que ela quer saber disso. — Eu sei *quem ele é*, — eu digo. — Mas não, eu não o conheço. Nós... não andamos nos mesmos círculos.

Chase é um deus do futebol em Faulkner, enquanto eu sou mais do tipo que fica embaixo das arquibancadas e fuma um baseado do que torce pelo time.

— Ah, certo, — diz Dixie. — Aposto que você só conhece, tipo, uma pequena fração do corpo docente. Conheço todos aqui. Eu sou uma riqueza de informações. Se você precisar de alguma coisa, certifique-se de vir me encontrar, ok?

— Claro, — eu digo, já sabendo que não vou. Não estou aqui para fazer amigos. Eu só quero pegar um boletim, enviar meu currículo e sair desta cidade. E inferno, meu primeiro dia está começando um milhão de vezes mais fácil do que eu esperava. Essa garota não é esnobe ou puta. Se todos na WHPA se sentirem desse jeito, será tranquilo o caminho todo. Se não... Finja até conseguir.

Dixie aponta minha última aula e abre um sorriso. — Agora deixe-me mostrar-lhe o refeitório, e vamos terminar. Acha que vai se lembrar de onde está tudo?

— Não é um problema, — eu asseguro a ela.

— Ok, bom, — diz ela. — Agora, eles reformaram o café, e a comida é muito boa e saudável também. Mas ainda é um refeitório do ensino médio, se você entende o que quero dizer.

— Certo, — eu murmuro. — Até as pessoas ricas têm uma hierarquia. Qual é a classificação, quanto custa o seu carro?

Dixie ri. — Você pode sentar comigo e meus amigos. Minha prima Quinn é nova este ano também. Sentamos ali —. Ela aponta para uma das mesas redondas de madeira na sala grande. Parece tão distante do linóleo branco e do jantar estilo prisão da Faulkner High quanto o escritório parecia diferente. Em vez de tetos rebaixados com longas luzes fluorescentes, ventiladores gigantes e luzes modernas se estendem do teto abobadado até aqui. As cadeiras são quase cadeiras de escola padrão, mas mesmo essas são um modelo mais elegante, como se a escola tivesse que flexionar um pouco e ostentar até mesmo as cadeiras do refeitório.

— Tenho certeza que vou ficar bem, — eu digo. Percebo que estou sendo meio vadia sem motivo. Essa garota parece genuinamente interessada em me ajudar — ou em ajudar a escola ou ela mesma a conseguir uma estrela de ouro no conselho estudantil. Não que importe porque ela está sendo legal. A questão é

que ela poderia ter sido uma vadia total com uma garota bolsista, mas não foi.

— Eu sei, — diz Dixie. — Só não se sente sozinha, ok? Sempre podemos abrir espaço em nossa mesa

— Obrigada, — eu digo, forçando um sorriso. Não estou acostumada com pessoas sendo gentis comigo sem motivo. — Eu não gosto muito de toda essa cena social. Provavelmente vou encontrar os outros bolsistas e ficar com a minha espécie. Não se preocupe, não vou ficar sentada sozinha como um caso de caridade. Eu irei encontrá-la se tiver alguma dúvida.

— Só mais uma coisa, — diz Dixie, seus olhos sérios quando saímos do refeitório e voltamos para minha primeira aula. — Você é nova e bonita, e com certeza vai chamar a atenção.

Seus olhos voam para minhas roupas, e eu me encolho por dentro enquanto levanto meu queixo e dou a ela um olhar nivelado, me sentindo instantaneamente defensiva. — O que há de errado com a minha aparência?

Na verdade, eu não sabia o que vestir para uma escola como esta. Apesar do que ouvi, não há nem uniforme oficial aqui. Eu já vi algumas garotas usando saias xadrez, então deve ser a tendência, mas não é obrigatório, e obrigada por isso. Minha mãe teria jogado os papéis de volta na minha cara se eu pedisse para ela pagar por um uniforme. Como eu suspeitava, ela definitivamente está no ônibus da festa com esse cara novo. Suas mãos tremiam tanto que ela mal conseguia segurar a caneta quando assinou meus papéis de transferência.

Mas eu não tenho uma saia xadrez de colegial no meu nome, o que me deixou para remendar algo do meu guarda-roupa muito limitado. Eu temia me vestir esta manhã. Na Faulkner, nunca pensei muito no que vestir. Eu apenas joguei o que estava limpo. Mas mesmo uma cadela como eu pode sentir o ardor de vergonha em minhas bochechas quando penso em todas aquelas crianças olhando para mim, sabendo que sou um pobre caso de caridade, me julgando pela maneira como me visto.

— Não há nada de errado com suas roupas, — Dixie diz rapidamente. — Só estou tentando avisá-la. Algumas pessoas aqui podem ser bem desagradáveis com pessoas novas. Garotas e rapazes. É melhor se você ficar fora do caminho deles, mas será difícil nos primeiros dias. Esta escola é pequena. Qualquer pessoa nova é notada. Apenas passe por isso e você ficará bem.

— Como uma iniciação? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Nada tão formal como tudo isso, — diz Dixie, acenando com a mão. — Mas os garotos Dolce gostam que todos saibam desde o momento em que pisam

aqui que eles administram este lugar. Aposto que você tem caras assim na Faulkner High. Como Chase London. Bem, os Dolces são os reis de Willow Heights. Apenas se curve aos pés deles e beije seus sapatos e tudo mais, mostre a eles que você não está aqui para causar nenhum problema, e eles esquecerão tudo sobre você em alguns dias.

Eu olho para ela incrédula. É verdade, não estou aqui para causar problemas. Mas beijar os sapatos de alguém? Não se for a última coisa que eu faço. E foda-se se estarei me curvando aos pés de alguém. Não me curvo a ninguém.

— Apenas me diga o que procurar, — eu digo. — E eu vou andar para o outro lado quando os vir chegando.

Seus olhos se arregalam um pouco. — Você não sabe quem são os Dolces?

— Eu os conheço, — eu admito, uma agitação de nervos começando dentro de mim. — Quero dizer, eu ouvi o nome na cidade. Eu não os *conheço*. Quem mais eu preciso cuidar?

Eu não sabia que deveria estudar as pessoas importantes desta cidade antes do meu primeiro dia, mas obviamente estou despreparada de várias maneiras.

— Eu ia dizer, — diz ela com uma pequena risada. — Você tem que conhecer os Dolces. Eles são a família que derrubou os Darlings. — Ela arregala os olhos para mim, sua expressão expectante, como se tudo se encaixasse para mim.

Eu dou de ombros.

— Você não sabe quem são os *Darlings*? — ela pergunta, sua voz esganiçando um pouco com o choque.

— Claro que eu sei. — É uma cidade pequena, e os Darlings basicamente a fundaram. Mas como eu disse sobre o Chase, eu não ando nos mesmos círculos de pessoas poderosas como eles. Eles parecem distantes, um nome jogado por aí como o prefeito ou o governador. Uma das filhas Darling é da FHS, mas ela é uma líder de torcida que namora Chase e tem aulas de AP19. Ela nunca disse uma palavra para mim. Eu sei o nome deles, a importância deles, mas além dela, eu provavelmente não conseguiria escolher um único de uma lista.

— Ok, bem, os Dolces são... Nova Realeza nesta cidade. E eles não ficaram assim sendo adorados pelos habitantes da cidade por sua benevolência. — Um carrilhão suave soa no alto, em vez do toque estridente de um sino. Dixie olha para a entrada da frente e de volta para mim. — Eles não são pessoas legais,



Harper. Eles têm suas razões para serem do jeito que são, mas isso não é realmente importante. Apenas se afaste se você os vir ou seu pequeno harém de garotas Dolce chegando, e você ficará bem.

— E como eu sei quais são eles? — Eu pressiono.

— Procure os caras mais gostosos que você já viu, — ela diz. — Você não pode perdê-los. Alto, escuro, cheio de músculos. Meio bandido, de uma maneira quente. Mas tente admirar de longe. Você realmente não quer se misturar com eles. Confie em mim. Eles são brutais.

Eu quis dizer as garotas, mas meu coração pula quando suas palavras trazem uma imagem à mente... Uma foto dos três caras nos trilhos do trem, todos eles compartilhando um sotaque e um nome que não pertence a essas partes. Os alunos estão entrando agora, porém, e é tarde demais para perguntar mais, então agradeço a Dixie e volto para o armário que ela apontou para mim.

As rodas do meu cérebro já estão girando. Vou para a aula, mas não consigo me concentrar. Fico pensando no aviso de Dixie, como ele pinta uma imagem diferente dos Dolces do que a imagem que Jolene tinha em sua mente. Eles são mais do que os caras gostosos que toda garota quer em seu braço para aumentar seu status. Eles são idiotas. Eu poderia ter dito isso a ela, mas é diferente para eles serem babacas comigo na cidade pobre do que serem conhecidos por isso nos corredores de sua própria escola.

Como vou convencê-los a deletar essa foto? Eles não compartilharam com o mundo até onde eu sei, embora isso não signifique muito. Eu não frequento exatamente a internet procurando por pornografia caseira filmada pelas janelas de carros estacionados. Ainda assim, não está circulando na ESF, o que significa que não foi muito longe de seu círculo de privilégios. Posso não ter amizades fortes, mas isso não significa que alguém não me diga.

Inferno, toda a população de Faulkner provavelmente me assediaria sobre isso. Eu tinha o temido convite do Slut Club na minha mesa, e ninguém nunca mais falaria comigo, exceto as outras — vadias — no clube e os caras desleixados que cheiram ao redor deles esperando conseguir algum enquanto fingem que estão jogando as meninas um osso. Se a foto mostra o Sr. Behr, seria um escândalo grande o suficiente para abalar toda essa cidadezinha de merda. Provavelmente grande o suficiente para fazer Willow Heights retirar minha bolsa de estudos. Este é o tipo de escola que espera que seus alunos se comportem mesmo quando não estamos na escola, que sejam exemplos para a comunidade, não estrelas pornôs.

Ainda tenho tempo para fazer algum controle de danos antes que isso aconteça. Se ao menos eu tivesse alguém para pedir ajuda. Talvez eu devesse ter

me juntado a uma das gangues de Faulkner, afinal. Eu nunca senti a necessidade de ter alguém cuidando de mim. Eu cuido de mim mesma, e sempre gostei disso. Além disso, não quero dever nada a ninguém, e uma vez que você está em uma gangue, é uma sentença de prisão perpétua. A única pessoa por quem vou cavalgar ou morrer sou eu mesma. É mais fácil assim. Eu não tenho que me perguntar sobre segundas intenções, ser enganada ou ser deixada. Confio na única pessoa na vida em que sei que posso confiar — em mim mesma.

Mas vir aqui é como entrar em um mundo alienígena, onde não conheço as regras, quem é o inimigo ou o que se espera de mim. Na hora do almoço, já estou me arrependendo de ter recusado a oferta de Dixie. Ainda assim, nunca me esquivei de nada que possa me tornar mais forte, então digo a mim mesma que aguentar sozinha só vai colocar outra camada de armadura em mim. Eu coloco meus livros e vou para o café sozinha, apesar do aviso de Dixie.

Eu não estou a três passos do meu armário quando a voz maliciosa de uma garota corta minha determinação.

— Oh meu Deus, quem é essa vadia?

— Por que eles ainda deixam pessoas bolsistas entrar aqui? — outra voz igualmente maliciosa diz. — Eles fazem toda a escola parecer barata.

Eu me viro para ver um trio de garotas com cabelos loiros lisos, maquiagem perfeita, saltos altos, saias de colegial combinando e camisas brancas desabotoadas apenas o suficiente para mostrar uma pitada de decote. Todas elas usam colares de monograma combinando.

D.

Minha mente imediatamente cai no cara que acho que é responsável pela minha bolsa de estudos, e me pergunto se vou ter que me juntar ao esquadrão de clones e usar seu colar como uma marca, porque agora sou uma de suas garotas mantidas.

Mas tão rápido quanto vem, eu descarto o pensamento ridículo. Estas devem ser as beldades do sul que eu antecipei, cadelas ricas que não precisam de uma bolsa de estudos. Os colares podiam ser qualquer coisa — uma irmandade ou organização secreta ou o — harém — das garotas Dolce que Dixie mencionou. Se sim, esses meninos têm um tipo muito específico.

Eu as ignoro e saio pelo corredor porque elas não valem a pena. Não tenho nada contra elas, e se forem espertas, não vão começar a mexer com alguém que não conhecem. Elas não têm ideia do que eu sou capaz. Eu não estou com pressa para mostrar a elas, mas se foderem comigo, eu não vou deitar e levar isso

como uma buceta.

— Ei, — uma das garotas late para mim, mas eu continuo andando. — Não se afaste de mim. Estou falando com você!

Percebo alguns outros olhando em nossa direção, sedentos de drama. Um grupo de garotas nervosas se amontoam contra seus armários, seus olhos correndo de mim para o corredor atrás de mim. Faço-lhes um sinal de paz e continuo.

Quando chego às portas do café, uma mão agarra meu braço, unhas afiadas cravando-se. Eu me viro para ver as garotas D, todas elas parecendo um pouco nervosas e indignadas, como se não acreditassem na minha audácia só porque eu queria chegar ao almoço. Não vou perder uma refeição para essas vadias. Não quando não sei se terei uma em casa esta noite.

— Você vai querer tirar suas mãos de mim, — eu aviso a garota que me agarrou.

Ela puxa a mão para trás e alisa o cabelo, que está um pouco fora do lugar de correr pelo corredor atrás de mim.

Seu lábio se curva em um sorriso de escárnio, e ela me olha de cima a baixo. — Onde você conseguiu essa roupa? — ela pergunta com desdém em sua voz.

Eu não posso deixar de bufar em sua mesquinhez. — Você me perseguiu por todo o corredor para perguntar isso?

Ela bufa e olha para suas amigas em busca de apoio. — Você não pode simplesmente vir aqui vestindo isso, — diz ela. — É contra o código de vestimenta.

— Oh não, — eu digo, cobrindo minha boca com horror simulado. — Chame a segurança. Essa pologada extra de coxa pode causar um tumulto.

Sua boca se abre de uma forma muito cômica. Eu deixo cair minha mão da minha boca e abro um sorriso para ela.

Ela não sorri de volta.

— Sério, — uma das outras pergunta, me dando um olhar sério quando ela joga o cabelo para trás sobre o ombro. — O que você está vestindo?

— A colônia do seu namorado, — eu digo. Eu imito o cabelo dela, embora minha bagunça de cabelo nunca tenha visto uma chapinha em sua vida. Dando

meia-volta, eu me afasto novamente.

\*\*\*

## Nova garota

*Dizem que o nome dela é Apple*

*Mas ela não parece uma maçã:*

*Cabelo loiro até os ombros*

*preso com uma faixa pastel,*

*Uma saia até os joelhos,*

*um cardigã combinando.*

*Doce e sem graça.*

*Ela parece cereja preta:*

*Cabelo escuro emaranhado de um rolo nos lençóis,*

*Saia tão curta que mostra um vislumbre de tatuagens em suas coxas grossas e succulentas,*

*Peitinhos redondos,*

*uma cintura para encaixar minhas mãos ao redor,*

*uma bela bunda grande para enterrar um pau.*

*Cereja preta*

*Quando você morde o suco corre*

*como sangue no seu queixo,*

*Escuro e amargo,*

*Com apenas um toque de doce*

*quando você toma o tempo para saboreá-lo bem e profundo*

*Onde dói.*

Desta vez, as garotas vadias não me seguem. Eu me dirijo para a comida na frente, uma configuração de estilo buffet onde as pessoas circulam em vez de ficar em uma fila agonizantemente longa como a da minha antiga escola. Lá, os garotos populares cortavam na frente até que os perdedores acabassem no final da fila todos os dias, um lugar que lhes dava cerca de cinco minutos para engolir quaisquer restos mornos que sobrassem quando terminassem.

Aqui, não há perdedores.

Eu observo o ambiente enquanto faço o meu caminho. Estou acostumada com o sistema de panelinhas das escolas públicas, embora sempre o tenha odiado. Agora, posso ver as vantagens. Eu não sei quem pertence à onde neste lugar, o que significa que eu não sei onde eu pertencço. Não é como se houvesse uma mesa no canto com uma placa proclamando a mesa da bolsa de estudos. A escola não tem uniforme, por si só, mas seu código de vestimenta é quase o mesmo, o que torna ainda mais difícil destacar alguém. Um mar de garotos brancos e ricos se aglomera em torno da comida, com um ocasional pardo ou negro, como se estivessem tentando esconder a verdade dolorosamente óbvia de que de forma alguma refletem a composição de Faulkner, onde cerca de um terço da população não é branco.

*Graças a Deus você não é tão escura quanto seu pai. Gary tem certas opiniões sobre isso, e ele está me ajudando a sair deste lugar e me mudar para uma casa, uma casa muito legal, porque ele é um cara legal, e ele conhece um cara que a aluga. Você entende? É melhor ser grata e não criar problemas.*

*Sim, mãe, esse cara que chama as pessoas como meu pai de 'vira-latas' é um cara muito legal. Mas não se preocupe, eu nunca conheci nenhum outro lado de mim mesma, então vou fingir que não existe.*

O cheiro de dinheiro praticamente me deixa tonta enquanto entro na multidão do almoço.

Eu mordo meus nervos, uma sensação sinistra se instalando na base do meu crânio. Eu não gosto de não saber como as coisas se encaixam, e isso me deixa no limite. Em vez de um rugido que você mal consegue ouvir, a sala está em silêncio. Sinto como se todos estivessem esperando por... Alguma coisa.

Eu uso as pinças de aço inoxidável para pegar um pouco de frango frito e coloco um rolo no meu prato com ele. Um segundo depois, uma mão o arranca do meu prato.

Eu olho para cima para encontrar um dos irmãos dos trilhos parado lá segurando meu pão, um sorriso presunçoso no rosto enquanto ele morde um pedaço e mastiga, me observando. É o de óculos, Baron Dolce. Embora eu estivesse tão cheia de adrenalina nas duas vezes que o vi que não prestei atenção à sua atratividade, Dixie está certa. O cara é lindo, sem dúvida. Cabelos escuros com apenas uma pitada de cachos, olhos escuros nos quais você poderia se perder, estrutura óssea de um modelo de colônia, corpo de um modelo de cueca.

Eu suspiro e pego outro rolo, mas com a mesma rapidez, ele pega aquele também.

— Sério? — Eu pergunto, pegando outro.

— Vou pegar esse também, — diz ele, arrancando o terceiro. — Os calouros não ganham pãezinhos.

— Ainda bem que não sou caloura, — digo, estendendo a mão novamente. Eu considero apenas parar, já que eu honestamente não dou a mínima para o que eu como. Meu estômago está apertando dolorosamente com o cheiro de toda essa comida boa. Eu não podia comer nada além de pãezinhos, ou podia deixar todos os pãezinhos, e não faria a menor diferença para mim. Não tenho interesse em lutar com esse cara por algo tão ridículo quanto o controle das jogadas.

Mas noto que todos já estão assistindo. É tarde demais para passar despercebida. Como Dixie disse, eles vão mexer comigo por alguns dias porque eu sou nova, e então eles vão embora. Em uma escola tão pequena, acho que todas as pessoas novas são notadas. Mesmo que eu não possa vencer contra os Dolces, posso mostrar a todos na escola que não deve mexer comigo. E eu poderia muito bem me divertir com isso se eles vão foder comigo. Pego outro rolo, e outro, e outro. O cara pega todos eles, e logo suas mãos estão tão cheias que ele tem que segurá-las no peito com o antebraço para que não caiam.

Por fim, alcanço o único rolo restante. Em vez de colocá-lo no meu prato, coloco-o cuidadosamente em cima da pilha precariamente equilibrada em seus braços.

— Os camponeses não podem comprar pão, de qualquer maneira, majestade, — eu digo com uma piscadela. — Mas vamos comer bolo. — Deslizo pela fila, jogo uma colher de batatas assadas no meu prato, pego um quadrado de bolo de compota de maçã e vou até a mesa onde vi Dixie sentada ao lado de uma linda ruiva. Meu coração está martelando e meus joelhos estão trêmulos, mas eu mantenho minha cabeça erguida e encontro os olhos de todos como um desafio.

Quando estou quase lá, vejo que não há cadeiras vazias. Mas Dixie acena freneticamente e se afasta para pegar uma cadeira da mesa ao lado. Deus

Abençoe a porra do coração dela. Eu poderia abraçar a garota, se eu fosse o tipo de pessoa que faz esse tipo de coisa.

— Venha sentar-se com a gente, — ela chama.

Eu me sento na cadeira e dou um sorriso para ela. — Obrigada.

— Pessoal, esta é Harper, — diz Dixie. — A nova garota. Harper, todo mundo. Ela gesticula em torno de sua mesa lotada. Todos sentados aqui são do sexo feminino, mas nenhuma delas se encaixa no estereótipo de 'vadia rica' que eu tinha na minha cabeça, ao contrário das garotas que me abordaram no corredor. Uma garota até tem cabelo azul, embora seja um azul profundo e rico que parece que ela provavelmente fez em um salão profissional e não na pia do banheiro. Ainda assim, isso me dá uma pontada, e me pergunto o que Blue está fazendo agora. Provavelmente engolindo a comida da prisão servida naquele refeitório. Sinto-me quase culpada quando mordo o frango frito e quente.

— O que o Baron disse para você? — Dixie pergunta, seus olhos brilhando com curiosidade. Todo mundo fica quieto, como se isso fosse algo que valesse a pena focar.

— Nada, — eu digo com um encolher de ombros. — Apenas coisas de garoto estúpido.

— Baron não é estúpido, — diz Dixie. — Ele age como um bandido como o resto deles, mas é muito inteligente. Tipo, nível de gênio.

— Ouvi dizer que ele conseguiu uma pontuação perfeita no SAT<sup>20</sup> e no ACT<sup>21</sup> no ano passado, — diz outra ruiva.

— Oh, este é minha prima, Quinn, — diz Dixie. — Aquela de quem eu estava falando.

Além do cabelo e da cor dos olhos semelhantes, as meninas não se parecem em nada. O cabelo de Dixie é encaracolado e rebelde, a maior parte pendurada em seus ombros enquanto o resto ainda está puxado para cima. O de Quinn é liso e brilhante, dando um bronzeado que provavelmente é o resultado de alguma herança de pele mais escura do que o rosto pálido e sardento de Dixie. Enquanto Dixie é grande, Quinn é pequena e cheia de curvas.

— Huh, — eu digo. — Nunca teria adivinhado.

— Eu sei, eu sou a gordinha da família, — Dixie diz alegremente. Ela morde seu pãozinho, e eu fico salivando só de olhar. Maldito garoto estúpido e seu acúmulo de pão.

— Você não é tão grande, — Quinn murmura.

Dixie acena com seu comentário e coloca uma couve de Bruxelas em sua boca.

— Nós não nos importamos com o seu tamanho, — diz a garota de cabelo azul, jogando um braço em volta dos ombros de Dixie e beijando sua bochecha com um tapa alto. — Nós amamos cada centímetro. Eu sou Susanna, a propósito. Ela me dá um sorriso. — Nós gostamos de misturar as coisas por aqui, manter a escola na ponta dos pés, se você sabe o que quero dizer.

Eu arqueio uma sobrancelha, pensando que deve estar bem quieto por aqui se pintar seu cabelo mantém a escola em alerta. Mas não comento. Se essa garota quer pensar que ela é foda, quem sou eu para impedi-la?

— Susie era nova no ano passado. Nós nos conhecemos no primeiro dia de aula e foi uma amizade instantânea, — diz Dixie. — Quinn começou em agosto deste ano. Como é que você começou um mês depois?

— Foi quando eles me ofereceram uma bolsa de estudos, — eu digo, polindo meu frango. Um silêncio desconfortável cai sobre a mesa, todos concentrados em sua comida.

— Nós realmente não falamos sobre isso aqui, — Dixie sussurra no palco.

— Foi mal, — eu digo com um encolher de ombros. Eu sou pobre e todo mundo sabe disso. Não adianta esconder. Não é algo que me envergonhe. — Achei óbvio. Aquelas vadias no corredor deram uma olhada em mim e souberam. Então, onde as pessoas bolsistas se sentam? Vou sentar lá amanhã.

— Elas realmente não têm seu próprio lugar, — diz Quinn, suas bochechas corando através de sua pele dourada. — Elas preferem não anunciar.

— Entendo, — eu digo. As pessoas ricas são tão estranhas. Eles não querem falar sobre dinheiro, mas vão usar um par de óculos de mil dólares com o nome de uma marca para todo o mundo ver. Talvez eles tenham tanto que se sintam culpados por admitir isso em voz alta, então eles deixam suas roupas e carros falarem.

No meu lado da cidade, é o oposto. Minha mãe e suas amigas não *param* de falar sobre como estão falidas.

Outro silêncio desconfortável cai, e já que eu sou a causa, acho que devo a elas mudar de assunto e deixar todos à vontade novamente. — Então, o que há com as belas do sul do inferno lá? — Eu pergunto.



Dixie e algumas outras garotas riem.

— Essas são as populares, — diz Susanna.

— Também conhecida como a porta giratória pela qual os Dolces passam toda semana, — diz Dixie. — Essas são as meninas deles. Elas são quase tão más quanto os caras.

— Pior, — diz Quinn. — Não entre no radar delas também. Especialmente as garotas Walton.

— Quais são essas? — Eu pergunto, embora sabendo da minha sorte, já tenho uma ideia.

— As três que parecem Barbies, — diz Dixie, apontando para as meninas do corredor. — Gloria, Eleanor e Everleigh. Há também um irmão, Dawson. Eu pessoalmente gosto de todos eles, mas também gosto de todos.

— Ela realmente gosta, — diz Susanna. — É um pouco lamentável.

— Ei, — diz Dixie. — Não é como se eu impedisse você de fofocar sobre eles.

— Porque então você não teria plataforma, — Quinn diz.

— De qualquer forma, sobre as Waltons, — Susanna diz, sorrindo enquanto ela volta para a fofoca que, aparentemente, Dixie aprova apesar de gostar deles. — Ouvi dizer que elas são, na verdade, parte da *família* Walton.

— Ouvi dizer que eles são super ricos e não corrigem as pessoas que pensam isso, — diz Quinn. — Eles *querem* que as pessoas pensem que são a Realeza do Arkansas.

Dixie se inclina, sua voz baixa enquanto ela conta a fofoca. — A questão é que elas pensam que porque são três delas, e três Dolces, que eles estão destinados por Deus a terminarem juntos ou algo assim. Elas são... Territoriais.

— Não me deixe ficar no caminho delas, — eu digo.

— Não tente, — Quinn diz, lançando um olhar sombrio para as Waltons. Imagino que ela tenha sido um alvo do vitríolo delas, e não estou ansiosa para conseguir mais disso. Eu tenho zero tempo na minha vida para esse tipo de drama.

— Eu sei que elas são más, mas eu meio que me sinto mal por elas, —

Dixie diz. — Quero dizer, elas são obcecadas por aqueles garotos, e o sentimento definitivamente não é mútuo. Eu acho que os Dolces apenas agradam para que eles possam continuar recebendo o leite de graça, se você entende o que quero dizer.

— Elas não são as namoradas dos Dolces? — Eu pergunto.

Susanna bufa. — Definitivamente não. Ouvi dizer que Royal tem uma namorada na faculdade, e os outros dois passam por uma garota diferente todo fim de semana. Às vezes são as Waltons, às vezes não.

— Eles não têm namorada desde Mabel Darling, e não tenho certeza se a chamaria de namorada, já que eles estavam apenas armando para ela cair.

— O ano passado foi louco, — canta Susanna. — Espero que haja tanto drama este ano. Eu amo essa merda, desde que eu não faça parte disso.

— Você realmente não quer fazer parte disso quando os Dolces estão envolvidos, — diz Dixie. — Não consigo decidir qual é o mais assustador.

— Não é óbvio? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha. Mas estou me lembrando daqueles olhos misteriosos e vazios dele, e não sou tão arrogante.

— Você pensaria, — diz Quinn. — Mas eu ouvi que o Baron, é tipo, o cérebro por trás de tudo o que eles fazem.

— Sim, e Duke é o tipo de cara que colocaria fogo em você e dançaria enquanto você queima, — diz Susanna. — Meu voto é nele.

Eles obviamente nunca passaram algum tempo olhando para o abismo dos olhos de Royal, ou elas saberiam que ele é o assustador. Ele nem dançaria por aí enquanto você queimava. Ele só ficaria sentado assistindo sem emoção.

— Ouvi dizer que eles têm um pequeno livro preto, — diz Quinn. — Se eles ligarem, você não pode dizer não. Você tem que ir e deixá-los fazer o que quiserem com você. E pode ser super distorcido.

— Por que alguém concordaria com isso? — Eu pergunto.

— Porque eles querem, — diz Dixie, arregalando os olhos como se eu estivesse perdendo algo óbvio. — Você não pode dizer não aos Dolces. Eles pegam o que querem e ninguém os impede. Você não conseguiria se tentasse. Eles administram esta cidade, Harper. Acho que você não percebe a influência que eles têm.

Nesse momento, as garotas Walton passam, cada uma delas seguida por uma garota de aparência nervosa carregando um prato.

— Bom dia, Gossip Girls, — diz a que Dixie apontou como Gloria, embora seja difícil distingui-las com toda aquela maquiagem impecável e roupas combinando. Olhar para tanta perfeição é um pouco ofuscante.

— Ei, Lo..., — diz Dixie.

— Alguma novidade no blog? — Sua voz é alegre e docemente acentuada com charme sulista, mas não posso dizer se ela está fingindo o sorriso benevolente.

— Ainda não, — diz Dixie. — Vou fazer isso hoje à noite.

— Parece que vocês esqueceram de tirar o lixo, — diz Everleigh, franzindo o nariz para mim.

— Você está tão certa, — eu digo, imitando seu tom doce como doce. — Deixe-me levá-la para fora agora.

Eleanor bufa de indignação. A garota atrás dela se encolhe visivelmente. Todas as três estão lá esperando, e eu percebo que elas estão segurando os pratos das Waltons como garotinhas.

— Eu tenho um conselho para você, — Gloria sussurra para mim, seus olhos se estreitando em fendas feias. Ela se inclina, me envolvendo em uma nuvem de perfume doce e florido que contradiz o olhar selvagem em seus olhos. Ela range três palavras, cada uma vindo lenta e feroz. — Saiba seu lugar.

Com isso, ela se endireita e se afasta, estalando os dedos para que suas laiaias a sigam. As outras irmãs e seus servos vêm atrás dela, as seis se arrastando até as mesas onde os irmãos Dolce se sentam com outros três rapazes e três garotas. As Waltons se sentam, e as três garotas nervosas colocam seus pratos na frente delas e saem correndo.

— O que diabos foi tudo isso? — Eu pergunto.

— Você realmente não quer ficar do lado ruim delas, — diz Quinn, enxugando as palmas das mãos nas coxas.

— Você é amiga delas? — Eu pergunto a Dixie.

Ela se mexe, parecendo desconfortável. — Não amigas, exatamente. Temos uma relação simbiótica.

Eu estreito meus olhos para ela.

— O que? — ela pergunta. — O que posso dizer, sou uma vadia intrometida e gosto de fofoca.

Susanna assume, sorrindo enquanto conta a história. — Um dia no ano passado, ela estava reclamando sobre como ela nunca ouviria todas as fofocas porque não somos exatamente populares. Mas então ela decidiu que se tornaria popular, não para que ela pudesse ouvir todas as fofocas, mas transmitindo todas as fofocas que ela ouviu.

— A partir daí, meio que virou uma bola de neve, — diz Dixie. — As pessoas começaram a me procurar por fofocas, ou para me contar fofocas. Não sou muito popular, mas não me importo mais. Não é como se eu fosse famosa, mas todo mundo de Willow Heights lê o blog e me conhece. E ninguém mexe comigo como faziam antes disso, me chamando de gorda e tal.

— Porque você pode destruí-los, — Susanna pronuncia com um sorriso triunfante.

Observo as três garotas que estavam seguindo as Waltons correrem de volta da fila de comida e colocam os pratos na frente dos garotos Dolce.

— Eles têm servos? — Eu pergunto.

Dixie acena com a cabeça. — Tipo de... Os Dolces escolhem calouros ou novatos e os fazem carregar seus pratos e limpar depois deles – e seus sabores da semana.

— Tão fodido, — eu digo, balançando a cabeça.

— Pelo menos não dura muito, — diz Dixie, dando a Quinn um sorriso simpático. — Quando os Darlings administravam este lugar, você podia ser o bode expiatório deles por um ano inteiro. Os Dolces têm um período de atenção muito mais curto. Ninguém mantém seu interesse por mais de uma semana ou duas de cada vez. As garotas Walton estão apenas aproveitando as vantagens enquanto as têm.

Eu me viro para Quinn. — Você era a escrava deles?

— Por algumas semanas, — ela diz, seu rosto ficando vermelho. — Você provavelmente também será. Nova garota e tudo.

Eu me viro para olhar para a mesa onde os três meninos e sua comitiva estão sentados. Um choque passa por mim quando encontro Royal olhando

diretamente para mim. Eu rapidamente me viro, abalada pela vibração engraçada do meu pulso.

— Não conte com isso, — murmuro.

— Ouvi dizer que o Sr. Dolce paga praticamente o salário de todos nesta escola, — diz Quinn. — Algumas pessoas dizem que ele recebe seu dinheiro da *máfia*. — Ela sussurra a última palavra como se achasse que a multidão poderia ouvir e vir bater nela.

— Ouvi dizer que eles simplesmente deixam as pessoas pensarem assim, como as Waltons, — diz Susanna. — Eles querem que as pessoas tenham medo deles, mas só porque são italianos não significa que sejam mafiosos. Jenna disse que quando ela estava dormindo com Duke, ela perguntou a ele, e ele disse que não.

— De qualquer forma, — diz Quinn. — Ele ainda é super rico e amigo do prefeito.

— Eu posso atestar isso, — diz Dixie. — O prefeito é meu tio adotivo, e eles estão sempre jogando golfe juntos, indo ao clube de campo, tudo isso. — Ela continua falando sobre seu tio, mas minha mente está presa no nome de um homem influente o suficiente para fazer uma escola esnobe adicionar uma bolsa extra por mês no ano letivo. Um homem cujo sobrenome começa com D.

Mas se o Sr. Dolce é o Sr. D, e ele é o homem que me trouxe aqui, não posso deixar de me perguntar. Por quê? E por que eu?

\*\*\*

## O que ouvimos

*Vá perguntar a sua mãe,*

*Você não vê que estou ocupado?*

*Alguém tem que ganhar o dinheiro por aqui,*

*E você sabe que sua mãe não vai ganhar um centavo.*

*O mínimo que ela pode fazer*

*É tirar você das minhas mãos.*

*Vá perguntar ao seu pai,*

*Você não vê que estou ocupada?*

*Tem essa festa no centro,*

*Um benefício para as crianças.*

*Você não quer que eu ajude*

*As crianças infelizes?*

*Mas antes de ir,*

*Você viu meus novos brincos?*

*Seu pai conseguiu para mim,*

*Dez mil dólares de diamantes,*

*Não são bonitos?*

*Maria Giancursio vai comer seu coração.*

*Falando de...*

*Você viu o vestido dela na gala na semana passada?*

*Quem vestiu melhor,*

*Maria ou a prostituta da loja de dez centavos*

*Na esquina?*

*Eu votaria na puta.*

*Uma mulher decente guarda para o quarto.*

*Certifique-se de escolher uma garota legal*

*Quem deixa algo para a imaginação.*

*Se ela deixar alguém ver,*

*Ela deixa qualquer um tocá-lo.*

*Meus filhos merecem melhor*

*Do que alguém que já foi usado.*

*Agora vá,*

*Isso é todo o tempo que tenho para você hoje,*

*Tenho que terminar de me arrumar.*

*Mal posso esperar para ver seus rostos quando eu entrar*

*Com diamantes pingando dos meus ouvidos*

*E um vestido perfeitamente requintado e de bom gosto*

*Para salvar as crianças infelizes.*

Na quinta-feira, eu praticamente me adaptei à escola. Ainda não me encaixo, mas tento não me importar. Não estou aqui para me encaixar e fazer amigos e toda essa merda. Estou aqui para obter uma educação que a Faulkner High não pode oferecer. Apenas dois anos, e eu deixarei este lugar e nunca olharei para trás. Eu nunca vou ter que ver essas pessoas novamente. O que importa se eles acham que meus shorts são muito curtos ou minha barriga muito escandalosa?

Estou sentada para almoçar quando um apito ensurdecedor ecoa pela sala. As conversas morrem, a sala fica em silêncio.

— Eles estão assobiando para você, — diz Dixie, seus olhos brilhando de excitação enquanto ela os dirige para os meninos Dolce e suas meninas.

— Sim, bem, eu não respondo a assobios de cachorro, — eu digo. — Se eles querem me dizer algo, eles podem vir e dizer.

— Você tem que ir até lá, — diz Susanna, como se fosse a coisa perfeitamente óbvia a se fazer.

Eu dou de ombros. — O que eles vão fazer, me laçar e me arrastar pela sala? Eu não *tenho* que fazer nada por eles.

— Não é tão ruim, — Quinn sussurra. — Quero dizer, eles dizem algumas coisas rudes sobre seus peitos, e todo mundo ri de você, mas depois acabou. Você não precisa ter isso pairando sobre sua cabeça, imaginando quando eles vão te destacar e o que eles vão fazer. Você traz o almoço para eles por alguns dias e faz algumas outras coisas humilhantes, e então eles seguem em frente. É melhor acabar com isso.

Eu dou de ombros. — Eu não vou lá. Se eles me quiserem, eles podem vir e me pegar.

— Ei. — Uma voz profunda corta o silêncio expectante no café. — Nova garota. Eu sei que você me ouviu.

Não adianta fazer um espetáculo maior ignorando-os. Eu me viro na minha cadeira. Todos os três Dolces estão olhando para mim. Baron, olhando para mim através de seus óculos como se estivesse examinando um cadáver em biologia, um pirulito enfiado em sua bochecha mais uma vez. Duke, o irmão que falou com o Sr. Behr no estacionamento, foi quem falou. Ele é um pouco mais



volumoso que Baron, seu cabelo um pouco mais curto, mas eles parecem gêmeos de qualquer maneira.

E Royal.

Seus ombros são largos, preenchendo a camisa de gola que deve ser feita sob medida para sua enorme estrutura, seus músculos aparecendo mesmo através do tecido. Suas grandes mãos repousam sobre a mesa à sua frente, seus dedos longos, grossos e bronzeados. Droga. Até suas mãos são sexy.

Deixo meus olhos viajarem de volta para seu rosto, o maxilar esculpido que poderia cortar vidro, um nariz forte e reto, lábios que fariam qualquer garota derreter. Mas são os olhos dele que realmente te pegam.

Eu não gosto de olhar nos olhos de Royal. Há muito lá para descobrir. Não ajuda que quando ele olha para mim com aquele olhar calmo e intenso, eu sinto que ele pode ver através de mim. Também não ajuda que todos os três caras sejam lindos pra caralho, o tipo de lindo que faz borboletas enxamearem seu estômago e deixa sua mente toda confusa porque você não tem certeza se está com calor e nervosa por eles ou aterrorizada de toda essa força e poder vindo até você. Mesmo que Royal não fale muito, posso dizer que ele é quem está no controle, aquele com o maior poder de todos eles. E agora ele está olhando para mim como se seus olhos quisessem consumir minha alma.

Minha alma quer deixá-lo.

Eu desvio meu olhar do dele, ofereço um pequeno aceno e volto para minha mesa.

— Traga sua bunda aqui, — diz Duke atrás de mim.

— Estou bem, obrigada, — digo por cima do ombro, mas não volto para eles. Não respondo a ninguém além de mim mesma.

— Não foi um pedido. — A voz de Royal é mais baixa do que a de Duke, mas atravessa a sala ainda melhor, todos ficam em silêncio para ouvir quando ele fala.

— Vá, — diz Dixie, com os olhos arregalados de alarme. — Eles vão te matar.

Eu dou uma olhada quando percebo que ela parece genuinamente assustada, seu rosto pálido sob suas sardas.

— Sim, vá, — diz Susanna. — Antes que eles descontem em nós.

— Sêrio? — Eu pergunto, arqueando uma sobranceira com ceticismo.

— Sim, — diz Quinn, olhando para sua torrada de crostini. — Você ainda não sabe como as coisas funcionam por aqui. Mas você só tem que fazer o que eles querem.

— Bem, eu não gostaria que os grandes valentões mexam com você por minha causa, — eu admito.

— Não, você não faria, — Susanna diz. — Eu estou bem com você sentada com a gente, e Dixie vê o bem em todos, até mesmo nas Waltons, e ela não pode resistir a um caso de caridade, mas se você derrubar a ira dos Dolces sobre ela depois de tudo que ela fez por você...

— Uau, — eu digo, levantando a mão para detê-la. — Eu não sou o caso de caridade de ninguém. Eu não sabia que era isso.

— Não é, — diz Dixie, mas suas bochechas estão rosadas.

Sinto minha garganta apertar de um jeito horrível, e me afasto da mesa antes que elas possam ver o quanto isso dói. — Deixe-me apenas tornar isso fácil para todos, — eu digo. — Vou encontrar outro lugar para sentar de agora em diante.

— Harper... — Dixie começa, mas eu me levanto e me afasto, evitando seus olhos. Conheço essas garotas há quatro dias e odeio pensar no quanto passei a confiar em suas companhias, se nada mais. Mas eu sei que não é só isso. Eu gostei delas. É bom sentir que eu tenho um lugar, mesmo que eu realmente não pertença a ele. Eu não estava mais perto delas do que qualquer pessoa com quem me sentei na Faulkner High, mas ainda assim era bom ser bem recebida. Agora eu tenho que encarar a verdade, no entanto. Elas estavam apenas sendo legais porque eu era nova. Elas não me conhecem ou mesmo gostam de mim por quem eu sou. Ninguém gosta.

*E é assim que eu gosto*, eu me lembro. Eu me certifiquei disso porque precisava, porque era a única maneira de sobreviver. Eu confio em mim, confio em mim mesma, porque sou a única pessoa em quem se pode confiar. Ninguém mais se importa, ninguém cuida de mim ou me protege como os Dolces fazem uns aos outros. Eu sou uma ilha, uma garota sozinha.

Sinto isso mais do que nunca quando atravesso o café em direção à mesa onde os meninos Dolce e suas meninas estão esperando. Eu não gosto de atenção. Eu não quero nada disso. Meus joelhos ameaçam vacilar, mas eu me forço a ficar firme, a ser forte. Enquanto ando, percebo que a mesa que deixei está em minoria. A maioria das garotas no café está olhando com inveja e

saudade, como se ser escolhida por esses lindos monstros fosse uma honra.

Chego à mesa onde eles estão sentados esperando com expectativa, porque aparentemente está abaixo deles vir até mim e me assediar. Eu tenho que ir até eles como se estivesse pedindo.

— Aqui estou, — eu digo. — Faça o seu pior.

Duke molha os lábios e me olha de cima a baixo do mesmo jeito que ele fez pelos trilhos. — Sim, você está, — diz ele, sem esconder o fato de que ele aprecia o que vê.

Posso não me importar com garotos e namoros e todas essas complicações, mas não sou uma total estranha para homens dando em cima de mim. Ainda assim, é diferente ser atingida por um cara que se parece com isso - lindo, da minha idade, com o cheiro de dinheiro escorrendo por todos os seus poros - do que quando é um saco de lixo na rua ou um babaca desprezível tentando me apalpar no Salão.

Royal levanta a mão para fazer uma pausa no que quer que esteja acontecendo. Ele me encara por um longo segundo e então fala, sem se virar para se dirigir ao professor que está na porta. — Dê-nos o quarto, — diz ele. — Este é um caso de estudante.

A pequena mulher olha para a parte de trás de sua cabeça, apertando os lábios. Royal não se vira para ver se ela vai obedecer.

*Ele sabe que ela vai.*

Deus, vê-lo em ação, ver seu poder, me deixa quase molhada.

Depois de um segundo, ela gira nos calcanhares, murmurando baixinho, e sai. Já vi uma centena de idiotas desafiar um professor, mas isso não é um desafio. É comando. Eu tento não mostrar que estou impressionada, mas caramba. Esses garotos realmente dirigem esta escola se estão mandando os professores por perto. Não só isso, mas Royal nunca se preocupou em olhar para ela. Ele sabe que tem o poder aqui.

O tempo todo, seus olhos ficam presos em mim. Embora eu tenha uma cara de pôquer que pague as contas alguns meses, de repente sinto que ele pode ver além disso, como se seu torpor escuro tivesse perfurado diretamente em mim. Como se ele tivesse contornado derrubando minhas paredes e simplesmente pisado, onde ele está tocando cada vergonha secreta e acariciando cada desejo oculto.

— Agora, — diz Royal lentamente, seus lábios se torcendo em um leve sorriso, um que me faz querer me contorcer e pressionar meus joelhos juntos. — Onde nós estávamos?

— O que você quer? — Eu pergunto, ignorando as formas traiçoeiras que meu corpo responde ao ser o objeto de sua atenção intensa. O poder é sexy, eu me lembro. Não é sobre ele.

— Oh, nós só queremos conhecer a nova garota, — diz Duke. — Talvez se divertir um pouco. Você gosta de diversão, não é, novata?

Eu estreito meus olhos para ele. — Duvido que tenhamos a mesma definição de diversão.

— Não tenha tanta certeza, — Baron diz, um brilho de humor em seus olhos. Seu olhar prende o meu, e meu coração começa a bater forte. Eu sabia que era uma ilusão, talvez até mesmo pura estupidez, mas uma parte de mim esperava, contra a esperança, que eles não me reconhecessem. Era noite quando nos encontramos antes, escuro quando saímos da ferrovia. E estava escuro no jogo de futebol. Foi em um ambiente diferente, e talvez uma parte de mim tenha pensado, quando eles não me confrontaram imediatamente, que eles não juntaram dois e dois e perceberam que eu era a mesma garota.

Mas é claro que a vida nunca vai tão bem.

— O que você quer? — Eu pergunto baixinho, a atitude sumiu da minha voz desta vez.

— Assim está melhor, — diz Royal, sua voz um ronronar profundo e suave. — Você pode começar abandonando a atitude malcriada. Você se acha especial? Aqui não. Aqui, você não é ninguém. Somos reis neste lugar, e não há espaço neste trono para gente como você.

— Tudo bem por mim, — eu digo. — Estou aqui apenas pela educação. Não tenho interesse em seus jogos de poder.

Ele ergue uma sobrancelha. — Então ajoelhe-se e beije nossos pés.

Eu olho fixamente para ele por um segundo. Dixie disse algo nesse sentido, mas eu não acho que ela quis dizer isso literalmente.

O telefone de Royal está virado para baixo na mesa, sua grande mão descansando casualmente ao lado dele. Ele bate um dedo levemente nele, um gesto tão sutil que provavelmente ninguém mais percebe. Mas eu sei o que está naquele telefone. Eu notei.

O sangue escorre das minhas bochechas quando percebo a escolha diante de mim. Eu tenho que literalmente me ajoelhar no chão e beijar os pés de alguém como se ele fosse a porra de um rei, ou ele vai mostrar para a escola toda uma foto minha chupando pau.

Eles me têm onde querem, que é exatamente o lugar que eu mais odeio — à mercê de outra pessoa. E está claro que esses meninos não têm piedade de ninguém.

— Isso é chantagem, — eu assobio com os dentes cerrados.

Royal cruza os braços e se inclina para trás em sua cadeira, as sobrancelhas levantadas e um sorriso no rosto que é tão presunçoso que eu quero chegar por cima da mesa e bater nele, nocauteá-lo. Ele estica as pernas, balançando um pé para mim.

Meu sangue queima de raiva enquanto eu olho para ele. Por que eu deveria me importar se alguém me vê transando com um professor? É melhor do que se ajoelhar na frente de toda a escola para beijar os pés desse cara como se ele fosse digno de adoração.

Mas foda-se, esta é uma cidade pequena. Se essa foto vazar, nunca serei outra coisa senão a garota que chupou o professor na parte de trás do Corolla dele. Sim, já sou lixo para metade da cidade porque moro na Mill Street, mas não sou lixo para mim. Eu sei por que fiz isso, e não me arrependo. Para sair desta cidade, eu faria tudo de novo. Mas ninguém mais vai entender isso. Ninguém mais verá isso como nada além da fofoca mais suculenta que atingiu a cidade em anos. Estou aqui apenas por mais dois anos, mas esses dois anos serão um inferno.

E isso *se* alguma faculdade me aceitar. Eu não posso pagar a escola, então vou precisar de uma bolsa de estudos. Já estou entrando com a mão estendida, implorando por ajuda. Quando uma faculdade me procura e a primeira coisa que veem é uma imagem minha chupando pau para seguir em frente, eles vão querer me ajudar? Ou eles passarão para o próximo aluno, aquele sem uma mancha como essa em seu histórico?

Curvar-se aos Dolces é um momento, e desaparecerá para sempre quando eu fizer isso. Como Quinn disse, é melhor acabar logo com isso. Claro, todo mundo vai rir de mim, mas se eles fizerem isso com todo mundo, não pode ser muito emocionante. Quando acabar, as pessoas vão parar de falar sobre isso em um ou dois dias. Uma foto de um aluno chupando um professor em um estacionamento? Isso será falado por toda a cidade por meses, talvez até anos.

Cerrando os dentes, engulo meu orgulho e me abaixo de joelhos. O que o

orgulho fez por mim, afinal? É uma virtude inútil, e meu instinto de sobrevivência é mais forte do que qualquer noção tola de que tenho dignidade. Eu nasci em um trailer, e só pela graça de um dos namorados viscosos da minha mãe nós saímos.

— Pense nisso da próxima vez que você achar que o que você quer é mais importante do que o que lhe dizemos para fazer, — diz Royal. — Quando dizemos vem, você vem.

Há algo na maneira como ele enfatiza essa palavra que faz com que ela tenha uma conotação sexual, e minhas bochechas esquentam um pouco quando me inclino e rapidamente pressiono meus lábios contra a ponta de seu sapato.

Duke e os outros três caras na mesa bufam com risadas contidas e se acotovelam. Mas eu sobrevivi, e agora acabou. Baron se afasta da mesa, virando sua cadeira para mim, o que me coloca no nível dos olhos com sua virilha. Ignorando a protuberância que posso ver em sua calça, me forço a me curvar. Meu corpo se rebela, minha coluna endurece, como se isso pudesse me impedir de fazer essa coisa humilhante.

— Deixe isso ser uma lição, — Baron diz enquanto eu cumpro meu dever. — Nós somos os reis desta escola, e você escolheu ser nosso assunto. Contanto que você ande pelos corredores de Willow Heights, você se curvará a nós, nos adorará e nos servirá da maneira que acharmos adequada.

Ele está falando sério?

— Olha, eu joguei seu joguinho na frente da escola, — eu digo, sentando sobre meus calcanhares e mantendo minha voz baixa o suficiente para que apenas a mesa deles possa ouvir. — Eu entendo sua necessidade de afirmar o domínio ou qualquer jogo de poder que o tire. Não estou aqui para atrapalhar nada ou atrapalhar ninguém. Continue fazendo o que você faz. Mas entenda isso. Eu nunca vou me ajoelhar para você novamente. Então tire uma foto com aquele telefone que você tanto gosta de usar, porque esta é a última vez que você me verá de joelhos.

Duke se levanta e se aproxima de mim. — Nós exigimos mais um, — diz ele, um sorriso arrogante no rosto. Ele adiciona uma piscadela. — Para essa foto que você está prometendo.

Cerrando os dentes, eu me curvo e beijo seu sapato. Não é tão ruim na terceira vez.

Quando me sento nos calcanhares, seu pau está na minha cara. Por um segundo, estou muito assustada para me mexer. Não como se eu nunca tivesse

visto um pau, mas ter um cara sacando um enquanto eu estava tão preocupada que nem percebi o som do zíper dele, isso é novo. Além disso, é um pau bastante impressionante. Antes que eu tenha a chance de voltar aos meus sentidos e reagir, Duke pega seu pau e me dá um tapa no rosto com ele.

Eu nem penso no que estou fazendo. É instintivo. Alguém me deu um tapa. Eu bato de volta.

\*\*\*

## **O duque**

*O duque em sua bela casa*

*Gosta do fogo*

*Que consome as cortinas, o tapete, as toalhas de seda.*

*Ele bebe seu uísque e ri,*

*Então todo mundo ri junto,*

*Despeja mais uísque,*

*E finge que a casa não está queimando ao redor deles.*

Blue está sentada na varanda ao lado, fumando um cigarro quando eu estaciono minha bicicleta. Eu não sou a única pessoa que vai de bicicleta para a escola, embora as outras bicicletas no rack em Willow Heights provavelmente custem mais do que o carro da mamãe. A minha custou cinco dólares em uma venda de garagem porque está faltando a maior parte de um pedal.

Ao contrário da FHS, minha nova escola é muito longe para caminhar, então voltei para casa na sopa de umidade de setembro. Willow Heights não tem ônibus, já que provavelmente nunca levou em consideração pessoas que podem não ter carros próprios. Eu sei dirigir, mas mamãe tem que trabalhar no turno da manhã no posto de gasolina esta semana. Não que ela me deixasse usar o carro.

*O que, você é boa demais para a escola da nossa cidade natal agora? Não fique com ideias arrogantes na cabeça, Harper. Você acha que é uma merda agora, mas espere. Você verá como eles tratam gente como nós naquela escola de alta qualidade. Marque minhas palavras. Eles vão dar uma olhada em você e saber que você é uma má notícia. Aquela escola não fará nada para ajudar pessoas como nós.*

Blue levanta a mão em um aceno, e eu desço da bicicleta no meio-fio e enxugo a testa com o braço. O ar do sul do Arkansas é pesado como um cobertor que você não pode jogar fora mesmo quando está queimando, e retém todo o suor em sua pele para torná-lo ainda mais miserável. Eu puxo minha camisa úmida para longe do meu corpo e me abano com a borda antes de andar com a bicicleta pela passarela para incliná-la contra a lateral da nossa casa.

— Ei, — eu chamo Blue. — Não vejo você há um tempo. E aí?

— Você está suspensa? — Ela está vestindo uma jaqueta jeans apesar do calor, e eu me pergunto, não pela primeira vez, se a mãe dela é ainda pior que a minha. Minha mãe pode ser uma joia comum, mas ela sabe que não deve colocar as mãos em mim.

— Não, — eu digo, tentando rir, embora ainda esteja recuperando o fôlego. Exercitar-se com este tempo é como tentar correr na água do banho. — Eu fui transferida.

— Oh sim? — Blue pergunta, virando a cabeça para olhar para mim no sol da tarde enquanto eu faço meu caminho até sua varanda. — Para onde?

— Willow Heights, acredite ou não.



— Como foi isso?

— Eu levei uma surra na cara hoje.

Ela ri, mas não é do tipo malvado, do tipo que me seguiu para fora da sala, rugindo pelo café quando eu pulei e saí de lá hoje. — Parece certo, — diz Blue. Ela estende um maço amassado com alguns cigarros restantes. — Vai fumar?

Depois do dia que tive, eu poderia usá-lo. Eu até consigo dar um sorriso quando puxo um, caindo no degrau de concreto ao lado dela. — Obrigada.

Por alguma razão, mesmo que ela não diga mais nada sobre isso, sua reação o torna suportável de alguma forma. Passei o dia inteiro andando em uma espécie de estupor traumatizada, mas cinco minutos na varanda de Blue me traz de volta a mim mesma. Essa é quem eu sou. Isto é onde eu pertença. Quando tento sair com as garras, veja o que acontece.

De alguma forma, a risada silenciosa de Blue me faz sentir melhor, como se eu estivesse bem, e não era grande coisa. Talvez seja um pouco engraçado. Sim, o que Duke fez foi foda, mas eu retribuí o melhor que pude. Pelo menos espero que ele pense duas vezes antes de tentar essa merda novamente. Eu não tenho um pau, mas acho que não é um lugar agradável para levar um tapa.

— É melhor eu ir embora, — diz Blue, apagando o cigarro e jogando-o na lata enferrujada de sua varanda, onde mil bitucas se afogaram na água da chuva, deixando-o da cor da água do pântano com um esmalte fino e escorregadio.

— Pegando Olive? — Eu pergunto, de pé também.

— Tenho que limpar a casa do senhorio, — Blue murmura, olhando para seus tênis Converse falsos e evitando meus olhos, como se limpar casas fosse algo para se envergonhar. Qualquer trabalho que não seja vender drogas, seu corpo ou vender mercadorias roubadas é absolutamente respeitável por aqui. Inferno, mesmo esses trabalhos exigem algum respeito. Pelo menos essas pessoas são engenhosas, ao contrário da mãe de Blue, que nunca teve um emprego desde que nos mudamos para a casa ao lado.

Mas não é da minha conta o que elas fazem ou como pagam pela comida, lembro a mim mesma. Pelo que sei, a mãe dela recebe um cheque de invalidez e vale-refeição, e Blue tem um maço de economias escondido debaixo do tapete mofado no fundo do armário que ela conta quando está sozinha e sonhando com o dia em que deixará esta cidade e nunca olhar para trás.

Não conheço a história delas mais do que Blue conhece a nossa. Talvez se tivéssemos o suficiente para nós mesmas e pudéssemos poupar um pouco para

ajudar a outra, daríamos uma a outra mais do que privacidade. Talvez fôssemos melhores amigas, e eu contaria a ela o sentimento vazio e chocado com que andei o dia todo, e agradeceria a ela por me fazer sentir melhor e por ser alguém que entende como é viver nossa realidade. Talvez ela me contasse por que sua mãe não pode trabalhar e se os rumores do ano passado fossem verdadeiros, que ela caiu da escada da Faulkner High de propósito porque não podia cuidar de um bebê ou um aborto.

Mas não fizemos amizade desse jeito, então eu a vejo se afastar, a cabeça abaixada e as mãos nos bolsos, como se estivesse tentando se tornar menor, ocupar menos espaço do que o pequeno fragmento do mundo deixado para ela quando as pessoas importantes terminaram de se destacar e reivindicar seu espaço no topo.

Lá dentro, ligo o desktop antigo e vasculho a geladeira em busca de algo para comer, já que não consegui terminar metade do meu almoço. Pego alguns velhos pedaços de pão branco e alguns condimentos e faço um sanduíche de maionese antes de me sentar à mesa. Assim que me acomodo em minha tarefa, a temida caixinha preta aparece na minha tela. Eu não estou surpresa. Eu estive esperando por isso com um sentimento pesado no meu estômago, assim como esperei o dia todo para os meninos Dolce se vingarem.

Eu sei que não acabou com eles, e não acabou com o Sr. D.

*MrD: Como está sua primeira semana de aula?*

*BadApple: Como esperado.*

Percebo um segundo depois de digitar as palavras que eu deveria ter perguntado como ele sabia, mas então, nada que ele sabe me surpreende mais. O cara – ou garota, quem diabos sabe? – é um perseguidor sério e parece saber tudo sobre mim. Considerando que tenho certeza de que ele é o responsável pela jogada, não adianta bancar a tímida.

*MrD: Alguma coisa emocionante aconteceu hoje?*

Essa sensação rastejante e fria se move ao longo dos meus braços, fazendo os cabelos se arrepiarem. Ele sabe? Ele vai para Willow Heights? Ou tem espiões lá?

Começo a afastar o pensamento, repreendendo-me por ser paranoica e ridícula, mas estou? O cara me encontrou em vários computadores, e se ele é poderoso o suficiente para me dar uma bolsa de estudos que provavelmente nem existia até que ele decidiu adicionar outra à contagem de bolsas do WHPA para o ano, ele definitivamente poderia ter espiões. Suspeito que sei exatamente quem

ele é, e se os filhos dele contarem tudo o que acontece lá... É assustador pra caralho pensar em alguns caras dizendo ao pai como eles me bateram, mas não tenho certeza de que outra explicação existe.

A não ser que...

Eu engulo em seco, lembrando de Dixie falando sobre Baron ser um gênio. Ele é um gênio da computação? É ele quem me manda todas essas mensagens?

Mas isso não faz sentido. Por que ele se importaria com algum garoto da ESF *antes* de me ver com o Sr. Behr? Na época, isso parecia aleatório, apenas alguns garotos causando estragos. Mas foi aleatório?

*MrD: Não pode ser tão difícil pensar em algo...*

*BadApple: Nada de especial.*

*MrD: Isso é muito ruim. É um lugar tão excitante, não é? Certamente algo notável aconteceu esta semana.*

*BadApple: Na verdade não*

*BadApple: É bem difícil mesmo. Melhor ir fazer o dever de casa.*

*MrD: Eu quero ouvir sobre o seu dia.*

*BadApple: Mesmo de sempre. Aulas difíceis, professores sem noção, políticas sociais estúpidas.*

*MrD: Fale-me sobre isso.*

*BadApple: Desculpe, realmente tenho que ir*

*MrD: Annnw, depois de tudo que eu fiz por você, eu nem recebo um agradecimento???*

*Bad Apple: Thx*

*MrD: É isso?*

*Bad Apple: Sim*

*MrD: Certamente você pode dispensar alguns minutos para o homem que a colocou no caminho que você tanto queria.*

*BadApple: Acho que é isso que você ganha quando não negocia antes de dar a alguém o que eles querem.*

*MrD: Eu não estou preocupado com isso. Eu vou conseguir o que eu quero. Eu sempre consigo.*

*BadApple: Boa sorte com isso*

Fecho a caixa de bate-papo e volto ao meu trabalho, tentando não pensar por que um pai assustador não me deixa em paz. Porra, espero que eles não tenham mostrado a ele a minha foto chupando Behr e dar a ele a ideia de que eu gosto de caras velhos.

Mas não, não pode ser isso — pelo menos não tudo. Ele começou a falar comigo antes mesmo de tirarem a foto. Isso me deixa tão paranoica que vou fechar as cortinas, olhando para os cantos como se eu pudesse encontrar uma câmera escondida. E se não for tudo coincidência?

E se ele comesse a falar comigo, e então seus filhos aparecessem e tirassem uma foto minha, e então ele me colocasse na mesma escola com eles por um motivo?

Isso me dá arrepios, e eu mal consigo fazer minha lição de casa. Pela primeira vez, eu gostaria de ter alguém para conversar. Eu gostaria de ter um amigo.

É isso é uma coisa perigosa para desejar. Aprendi há muito tempo a não desejar o que não tenho, a não depender de ninguém além de mim mesma. Não os homens que iam e vinham de nossas vidas como o virar de uma página de calendário. Não os professores que não tinham energia, paciência ou tempo para extrair algo real de cada laçao com quem ficaram presos, ou os vizinhos e colegas de classe que não podiam ajudar, mesmo que quisessem. Nem mesmo o homem que me gerou ou a mãe que me culpa por todas as decepções em sua vida.

Eu tenho a mim, e isso é tudo o que é garantido, então é mais seguro não contar com mais ninguém. Eu não preciso e não posso precisar de mais ninguém. Mais cedo ou mais tarde, todos vão desistir, vão embora como os homens fazem quando terminam com minha mãe, como o primeiro cara com quem dormi, que nunca mais falou comigo, mas falou por toda a escola sobre como eu era fácil. Aprendi uma lição valiosa naquele mês. Eu sou a única pessoa que se importa o suficiente para não me decepcionar.

Então, eu vou ter que descobrir isso sozinha, assim como eu descobri sozinha, como eu vou descobrir como comer hoje à noite e como sair da cidade em dois anos e como chegar à escola amanhã.

Eu sou uma garota inteligente. Para que preciso de amigos?

Sou suficiente.

*Sou suficiente.*

\*\*\*

No dia seguinte, entro na área de ciências e encontro Royal Dolce sentado à mesa no canto dos fundos, onde fiz meu lugar discreto durante toda a semana. Ele não se esparrama casualmente como alguns dos atletas, mas apenas fica ali, parado e de olhos vazios, olhando para a distância. Eu ando de volta e paro quando chego à mesa.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — Eu pergunto.

Royal leva seu tempo doce voltando sua atenção para mim. — Todo o ensino médio é uma piada, — diz ele. — Você ainda não percebeu isso?

— E daí? Você foi transferido para esta classe apenas para foder comigo?

Ele bufa. — Eu estou nesta classe, querida. Você é a única que se transferiu.

— Você não estava aqui a semana toda.

— Eu sou um veterano, — diz ele. — Eu trabalho no meu próprio ritmo.

— É por isso que você está em uma classe júnior de ciências?

— Não nos preocupamos com os níveis de escolaridade aqui, — diz ele. — Desde que você faça tudo, você pode fazer as aulas quando quiser.

— Sorte minha que nós dois tomamos o mesmo neste período.

— Você vai ficar aí o dia todo ou vai sentar? — Royal pergunta com um sorriso.

— Prefiro ficar de pé o dia todo.

— Não se preocupe, — diz ele, empurrando uma cadeira na minha direção. — Eu não mordo... com força.

Seus olhos voam para baixo de mim, e sinto meus mamilos endurecerem dentro da minha camisa. Ignorando as sensações em meu corpo, reviro os olhos e me sento, já que sou a última de pé e a professora irritada está olhando para mim. Royal se senta bem ao meu lado, embora eu preferisse o final da mesa. — Você se comportou errado com meu irmão ontem, — ele murmura. — Você vai

pagar por isso, Harper Apple.

— Não, veja, eu acho que o que aconteceu é que ele me fez mal, — eu digo. — E então ele pagou por isso.

Ele me dá um olhar legal. — Não é assim que funciona por aqui.

— Talvez seja agora.

Nós nos encaramos por um longo momento. Seus olhos são escuros e inescrutáveis. Seus antebraços repousam sobre a mesa do laboratório à nossa frente, as mangas arregaçadas para revelar a pele morena sobre os músculos grossos e tensos. Eu tento ignorar o calor que vem dele, acariciando minha pele, brilhando sobre mim e me fazendo querer me contorcer na minha cadeira. A eletricidade crepita entre nós enquanto nos encaramos.

Seus olhos são tão escuros quanto piscinas gêmeas de obsidiana, e eles atraem tudo ao seu redor como um buraco negro absorvendo luz e energia, sugando a verdade oculta mais escura de todos, aquelas que não admitimos nem para nós mesmos.

Ao mesmo tempo, eles estão de alguma forma vazios, como se destruíssem tudo o que ele absorve, como se por mais que ele alimente aquele poço vazio e insaciável dentro dele, nunca é suficiente. Nada o preenche. Ele é perfeitamente, puramente oco. Isso me faz doer, faz uma parte estúpida e primitiva de mim querer alcançá-lo e tocá-lo, envolver meus braços ao redor dele, preenchê-lo com tudo o que está faltando.

— Você não faz a ligação sobre como as coisas estão por aqui, — diz ele finalmente, sua voz baixa e seus olhos ainda me sugando.

— Tudo bem por mim, — eu digo. — Mas você deveria me agradecer por lhe trazer um gostinho do mundo real. Um dia você vai ter que se formar, e haverá consequências para suas ações lá fora. Você não pode confiar no dinheiro da sua família para conseguir um passe livre para fazer o que quiser pelo resto da vida. Você não pode se especializar em ser um idiota qualificado, e você não pode conseguir um emprego como rei.

Royal apenas sorri e inclina a cabeça. — Você tem certeza sobre isso?

Quero dizer que sim, que no mundo real é cada um por si. Que todos começamos de baixo e subimos com garras, que sejamos julgados por nossos méritos, nossa inteligência, nossa habilidade. Mas não sou tão ingênua. Não existe um sonho americano em que todos somos criados iguais, em que todos temos as mesmas oportunidades de nos erguermos e nos tornarmos os próximos

Sou eu quem precisa de um choque de Realidade, não Royal ou Duke. No mundo real, algumas pessoas começam no fundo da pilha e todos pisam nelas para subir. Algumas pessoas não estão apenas no topo, elas têm uma porra de um foguete esperando para lançá-las no espaço do topo da pilha. E em algum lugar no espaço, em algum outro planeta, está o mundo deles, enquanto o meu mundo está aqui na sarjeta. Em seu mundo, as pessoas não enfrentam as consequências de suas ações nem pagam por seus crimes. Os Dolces também podem estar se especializando em ser idiotas, porque provavelmente precisarão dessa habilidade para sobreviver à vida lá em cima.

Eu sou a única vivendo em uma fantasia. No mundo, um nome significa algo, e dinheiro significa ainda mais. Eu nunca serei nada além de uma maçã podre, uma garota do lado errado dos trilhos que teve sorte e teve uma chance de se arrastar de lá. Eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer. Beijar pés, chupar pau, tudo faz parte da subida. Garotas como eu, fazemos o que for pedido se queremos nos levantar, sair da sarjeta. Não podemos ser exigentes ou orgulhosas. Somos mendigas. Não podemos escolher o custo de sair.

E os Dolces, eles nunca serão nada além do que já são: reis do mundo. Caras que se safam de qualquer coisa na escola e se safam de qualquer coisa nos negócios quando saem daqui. Este é um gostinho do mundo real, muito mais sóbrio e preciso do que a besteira que eles tentaram nos alimentar em Faulkner, nos dizendo que poderíamos ser mais, poderíamos ter tanto.

Os Dolces nasceram em tronos, com colheres de prata na boca. Nasci em um colchão manchado com uma colher de plástico na boca. Caras como eles morrem como reis, enterrados em suas riquezas, com grandes obituários no noticiário nacional para contar sua glória. Garotas como eu morrem despercebidas em algum lugar, talvez no mato perto dos trilhos, e se tivermos sorte, conseguimos uma linha no jornal local.

Isso é a realidade. Bater no pau de alguém não muda isso. Isso só irrita as pessoas que podem me deixar naquela vala e ir embora com um tapa no pulso na pior das hipóteses.

Eu nem me incomodo em tentar falar com Royal pelo resto da aula. Eu faço o laboratório que nos foi designado, embora eu tenha que tocar baratas gigantes. Não reclamo quando ele não faz nada. Ele não tem que fazer nada. Ele provavelmente poderia entregar páginas em branco para cada tarefa e tirar uma nota melhor do que eu. Seu pai pagou minha bolsa de estudos, e ele sem dúvida paga por suas notas.

Eu ouço a voz da minha mãe na minha cabeça.

*É assim que o mundo funciona, Harper. Quanto mais cedo você aceitar, mais cedo você vai parar de tentar mudar as coisas que nunca vão mudar. Este é o nosso lugar no mundo. Você também pode se divertir um pouco antes de morrer.*

Não é justo, mas ninguém jamais afirmou que a vida era justa. Talvez uma vez, mamãe também sonhasse em sair. Ela cresceu ouvindo e provavelmente acreditando nas mesmas mentiras que todos nós somos alimentados, que ela poderia ser uma médica ou uma astronauta ou uma estrela do rock se ela apenas trabalhasse duro e acreditasse em si mesma. Tenho certeza de que ela não cresceu pensando que trabalharia em um posto de gasolina quando tinha quarenta anos.

Talvez um dia eu deixe meus sonhos de lado e acabe como ela, com um filho que ela nunca quis, um problema com a bebida que ela não pode pagar, e uma série de namorados que por uma noite ou uma semana ou um mês, fazem-la rir e ter esperança e sentir-se viva novamente antes que ela desapareça de volta à terra, e seus sonhos sejam destruídos novamente.

\*\*\*

No almoço, estou dividida. Eu quero comer, mas não estou interessada em enfrentar toda a escola de uma vez - Duke com seu esquema de vingança, Baron que pode ser o Sr. D, e as garotas que me disseram que eu não poderia sentar com elas se eu estivesse planejando em me defender.

No final, são as Waltons que me convencem. Elas passam em seus saltos agulha de sola vermelha, parando para olhar para o meu jeans de venda de garagem e camiseta preta desbotada.

— Oh meu Deus, você não estava vestindo essa camisa ontem? — Glória pergunta.

Eu não estava, mas eu só tenho tantas camisetas simples, e só podemos usar jeans às sextas-feiras, então minhas escolhas de guarda-roupa são severamente limitadas.

— Você não tem nada que não pareça que você encontrou na lata de lixo de outra pessoa? — Everleigh pergunta, franzindo seu lindo narizinho.

— O que você está vestindo mesmo? — Eleanor diz. — Esses jeans estavam na moda, tipo, dez anos atrás.

— Eu não sabia que a escola era um evento de tapete vermelho, — eu atiro de volta. — Mas se você realmente quer saber quem eu estou vestindo, minha camisa provavelmente é Faded Glory, e meus jeans são da Levi. Mas seu estilista



pode ter que entrar na lista de espera para um par – aparentemente, são de *dez anos atrás*.

As meninas bufam e trocam olhares, provavelmente porque nunca ouviram falar dessa marca. Reviro os olhos e me afasto, saindo por um corredor curto saindo do café e encontrando meu caminho para fora em vez de me sentar para outro almoço com um bando de esnobes insuportáveis. Pelo menos é o que digo a mim mesma enquanto atravesso a grama em direção ao estádio de futebol. Na realidade, talvez estejam começando a me incomodar – os olhares, os comentários cortantes, os insultos. Eu tenho pele grossa, mas ainda é pele.

A verdade é que é uma droga andar por aí sentindo que todo mundo está olhando para os meus achados datados de brechós. Em Faulkner, eles eram invisíveis. Ninguém piscou um olho. Muitas garotas lá compravam em brechós apenas para serem peculiares e fofas. Uma vez, encontrei Zephyr Hertz em um Goodwill<sup>22</sup>. Ele me elogiou pelo meu achado – uma jaqueta de couro de verdade – e de repente, nós éramos co-conspiradores, procurando por achados no corredor de sapatos. Eu realmente me senti legal por estar lá.

Isso nunca acontecerá aqui. Em primeiro lugar, tenho certeza de que até os outros bolsistas não são tão pobres quanto nós, e mesmo que sejam, é o tipo de lugar que aumenta sua vergonha por ser pobre, então provavelmente nos esconderíamos e nos apressaríamos para longe, fingindo que nunca nos vimos.

Um aroma doce e terroso me encontra quando estou quase na arquibancada, e não posso deixar de sorrir. Então talvez eu não vá sair com os bolsistas ou as fofoqueiras. Mas aparentemente há mais um grupo que eu não tinha considerado, um grupo que eu não esperava que existisse na elegante Willow Heights. Maconheiros.

Dou a volta no final da arquibancada e paro, colidindo com um par de peitos grandes e macios. Eu tropeço para trás, e Dixie tropeça para o outro lado.

— Dixie? — pergunto incrédula. — Você é uma maconheira?

— O que? Não, — ela diz rapidamente.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

— E-eu estou a caminho da minha reunião do conselho estudantil, — diz ela, alisando a saia e esfregando os lábios como se estivesse alisando o batom.

Eu estreito meus olhos. — Vocês se encontram no campo de futebol?

— Eu só saí para tomar um minuto ao sol, ok?

Mentira total. Ela veio de debaixo das arquibancadas.

— Por que você está aqui, afinal? — ela pergunta.

— Precisava de uma pausa dos idiotas, — eu digo com um encolher de ombros.

— Bem, vou me atrasar se não nos apressarmos, mas vou entrar e comer com você, — diz ela. — Ninguém me incomoda.

— Certo, — eu digo. — Por causa do blog.

Por mais tentadora que seja a oferta, já aceitei que não vou almoçar. Estou bastante acostumada a pular refeições, e tomei café da manhã aqui, o que significa que pular o almoço não é mais um grande problema. Além disso, só porque ninguém mexe com Dixie, isso não significa que eles vão me deixar em paz. Eu estava na mesa dela ontem, e eles me puxaram e me deram o tratamento Royal.

— Obrigada, — eu digo. — Mas eu estou bem.

Ela olha sob as arquibancadas e de volta para mim. — Ok, — ela diz. — Vejo você por aí, Harper.

Enquanto ela se afasta, tenho a sensação de que estraguei qualquer chance de ser sua amiga. Parte de mim quer seguir o passo dela, dizer a ela que eu poderia comer, afinal. Mas outra parte quer saber por que ela não quer que eu vá conhecer os fumantes.

Espero até que ela esteja quase no prédio antes de dar a volta nas arquibancadas, sair do sol e entrar na penumbra sob os assentos de metal. Eu pisco algumas vezes, esperando meus olhos se ajustarem. O cheiro de fumaça de tabaco queimado e maconha aqui embaixo me faz sentir em casa pela primeira vez durante toda a semana.

Não costumo comprar maconha ou cigarros, mas definitivamente tive dias em que fui para as arquibancadas, sabendo que alguém estaria disposto a dividir por algumas notas amassadas. Zephyr, Maverick, Blue, Jolene e seus fanboys, e algumas das garotas do Slut Club eram todas boas para um sucesso quando eu tinha um dia muito difícil. Algumas vezes, quando eu não me saía tão bem em uma luta, Mav até me deixava queimar uma articulação inteira pela dor.

Quando meus olhos se ajustam, encontro um cara loiro de pé contra um dos suportes da arquibancada, me observando. Algo é familiar sobre ele, embora por um segundo, eu não possa saber o por que. Uma mão está descansando

casualmente no bolso de sua calça jeans, e a outra segura um baseado em seus lábios. Ele dá uma tragada lenta e me observa me aproximar, seus olhos se estreitaram para que eu não pudesse lê-los. Um pequeno choque passa por mim quando chego perto o suficiente para ver as tatuagens cobrindo as costas de suas mãos, seus antebraços, desaparecendo sob as mangas de sua camiseta azul escura e aparecendo novamente em seu pescoço, estendendo-se até o queixo e mandíbula.

— Dynamo? — Eu deixo escapar, boquiaberta para ele. Ele é a última pessoa que eu esperaria frequentar uma escola particular. Ele não apenas ajuda a coordenar os ringues de luta, como também é todo tatuado e com aparência de durão. Eu nunca me perguntei sobre a idade dele. Eu me perguntei como ele perdeu um dedo da mão esquerda, que agora está escondido no bolso, ou o que deixou o dorso da mão e parte de seus antebraços manchados de cicatrizes feias que ele cobriu com tatuagens. Eu me perguntei quanto custou toda aquela tinta. Se eu tivesse pensado na idade dele, eu o teria tirado alguns anos do ensino médio. Há algo nele que o faz parecer mais velho do que um garoto comum do ensino médio.

— Appleteeny, — diz ele em seu sotaque lento do sul. Eu nunca prestei muita atenção a isso no Slaughter Pen, quando estou ocupada colocando minha cabeça no lugar certo. Mas agora percebo que ele não fala como eu, como as outras pessoas da Faulkner High. Ele tem um sotaque sulista, mas é mais como algo saído de um filme antigo, como se ele estivesse fazendo um teste para um remake de *E o Vento Levou*.

— Você estuda aqui? — Eu pergunto, ainda não acreditando em meus olhos. Talvez ele esteja aqui apenas para vender drogas sob as arquibancadas para adolescentes do ensino médio.

— Sim, — diz ele, dissipando essa teoria. Ele dá um pequeno sorriso que não alcança seus olhos e estende o baseado para mim. — Mas eu não sou o Dynamo aqui. Eu sou apenas Colt.

\*\*\*

### Colt Querido

— *Colt, querido,*

*Sua voz veio da porta ao lado,*

*Doce e alto como pássaros canoros.*

*Suas cascas de riso*

*Caindo no chão*

*Como pétalas de magnólia.*

*— Estou tão feliz em ver você.*

*Sente-se e me conte tudo sobre*

*Escola, seus amigos — Você tem namorada? — futebol...*

*Deixe-me pegar algumas sandies de noz-pecã,*

*E chá doce,*

*E vamos fazer disso uma tarde.*

*— Colt, querido,*

*Sua voz flutuou pela sala de espera do hospital,*

*Rouco e esfarrapado de preocupação.*

*Sem cascas de riso*

*Caindo no linóleo estéril*

*Como cinzas.*

*— Estou tão feliz que você está bem,*

*Você pode me dizer o que aconteceu depois.*

*Ficamos acordados a noite toda orando.*

*Deixe-me pegar um pouco de gelo,*

*E fale com a enfermeira.*

*Vamos levá-lo para ver um médico imediatamente.*

*— Colt, querido,*

*Sua voz ainda flutua pelo gramado.*

*A preocupação de uma mãe,*

*O fantasma de seu riso,*

*O espectro de seu amor,*

*Nos assombra como o cheiro de fumaça*

*Quando o vento está certo.*

— Como você lida com isso? — Eu pergunto a Colt. Saímos das arquibancadas e estamos sentados nas arquibancadas, dividindo um saco de batatas fritas. Sinto-me confortável com ele, como se o conhecesse há anos, embora na verdade eu não soubesse seu nome até alguns minutos atrás, e não sei nada sobre ele. Ainda assim, ele é o único rosto familiar que eu vi a semana toda. Eu não sabia o quanto eu precisava disso, não percebi que eu realmente sinto falta de Faulkner High, até que eu vi suas tatuagens nas mangas e sorriso preguiçoso.

— Lidar com o quê? — Colt pergunta, sacudindo a ponta aberta do pacote para mim até que eu pegue um pequeno punhado.

— Os Dolces, as Waltons, todos os outros ricos e arrogantes por aqui...

Colt abre um pequeno sorriso sem humor e flexiona a mão esquerda. A pele é tão apertada que seus dedos não estendem a última fração de polegada. — Você se acostuma, — diz ele. — Eventualmente, você para de lutar e aceita que é o que é. Você sabe que poderia ser pior, e que realmente tem sorte, e não pode mudar isso. Então você apenas vive com isso.

Eu não tenho certeza se ele está falando sobre sua mão ou Willow Heights, mas faz todo o sentido para mim, provavelmente porque eu ouvi a mesma merda da minha mãe desde que eu tinha idade suficiente para falar.

— Eu não compro isso, — eu digo, pegando um chip.

Colt segura o pacote. — Então nada de batatas fritas para você.

Eu rio e levanto meus punhos. — Você realmente quer mexer com o poderosa Appleteeny?

Colt ri e entrega as batatas fritas. Pela primeira vez, seu sorriso alcança seus olhos. Só um pouco, mas me faz sentir melhor de alguma forma, como se eu tivesse pago pelo baseado que dividimos ou pelo sanduíche que ele insistiu que eu levasse.

— Sério, porém, eu vou te pagar de volta por isso, — eu digo, pegando algumas batatas fritas e devolvendo o pacote.

— Não se preocupe com isso, — diz ele. — São apenas batatas fritas.

— Sim, mas comida custa dinheiro, — eu digo. — Assim como a maconha.

— Eu ganho dinheiro na sua bunda toda sexta à noite, — ele aponta, mastigando um chip.

— Você faz parecer que é meu cafetão.

— Eu poderia ser seu cafetão.

— Por que todo mundo está tentando me transformar em uma prostituta ultimamente?

Colt me olha de cima a baixo. — Por que você é gostosa e ganharia muito dinheiro por eles?

Eu reviro os olhos. — Não flerte. Eu vi o que os relacionamentos fazem com uma garota, e não vou seguir esse caminho.

— Relacionamentos? — Colt pergunta, arqueando uma sobrancelha. — Quem disse alguma coisa sobre um relacionamento? Eu estava falando sobre te chupar. Claro, eu provaria as mercadorias primeiro, teria um gostinho daquela bunda doce, mas meu único relacionamento seria como seu... agente de reservas.

Eu rio e empurro seu ombro, me sentindo mais leve do que me sinto em semanas. — Eu sabia que você inventou nomes terríveis para nós, mas não sabia que você era igualmente terrível com as palavras. Nunca tente a poesia, com certeza.

— Infelizmente, você nunca verá meu brilho poético, — diz ele, balançando a cabeça. — Eu fiz o comp ano passado.

— Em que ano você está, afinal? Eu pergunto.

Colt inclina a cabeça para trás, vira o pacote de chips de cabeça para baixo e deixa as migalhas caírem em cascata em sua boca. Ele mastiga antes de responder. — Sênior.

— Sorte, — eu digo. — Eu sou um júnior. Mais dois anos desse inferno. Eu sabia que o trabalho seria difícil e todos seriam esnobes, mas não sabia que haveria caras como os Dolces.

Colt faz uma careta e amassa o saco de batatas fritas, jogando-o de volta no saco de papel de seu almoço. — Você fuma maconha?

Eu dou de ombros. — Eu vou compartilhar, se você tiver mais. E

novamente, eu vou te pagar de volta.

Ele balança a cabeça. — Não se preocupe com isso.

— Oh meu Deus, — eu digo lentamente, me afastando para olhar para ele.  
— Eu pensei que você deveria ser um bolsista como eu, mas você não é, é?

Ele me dá um grande sorriso presunçoso. — Não.

— Ugh, é por isso que você vem aqui? Você é um dos babacas ricos e intitulados?

— Eu costumava ser, — diz ele com um encolher de ombros, ainda sorrindo. — Agora eu sou apenas rico.

— E não um idiota? — Eu pergunto. — Não estou convencida.

— Ah, e aqui eu pensei que poderíamos ser amigos, — diz ele. — Eu não deveria ter contado a você.

— Eu teria descoberto e ficado chateada, não apenas decepcionada, — eu digo. — Além disso, eu não faço amigos.

— Sem amigos, sem relacionamentos, — diz ele, balançando a cabeça. — Só sexo sem amarras. Eu gosto disso.

— Nenhum relacionamento de qualquer tipo, — eu digo. — Amizade ou romântico. Desculpe.

— Que tal uma relação de negócios? — ele diz, apontando para o peito com a mão boa. — Agente de reservas, lembra?

Percebo que ele enfia a mão esquerda no bolso sempre que não está usando, mas não sei se está escondendo inconscientemente ou por hábito, se está fazendo isso porque acha que outras pessoas ficarão desconfortáveis com isso ou porque ele está.

— Vamos ver, — eu digo com um sorriso fácil de volta para ele enquanto me viro e vou embora. Eu posso sentir seus olhos em mim, e eu nem me importo. É bom ser apreciada, mesmo que eu não queira nada além de um cigarro ocasional sob as arquibancadas.

Atravesso o campo e abro as portas da escola, apenas para dar de cara com o baú de pedra de Royal Dolce. Fale sobre ser mergulhada na água gelada da realidade. Colt foi uma boa fuga, mas agora está de volta a essa merda. Meu



coração dispara no meu peito, e eu tento passar por Royal, mas ele agarra meu braço, seus olhos escuros perfurando os meus.

— Fique longe desse cara, — diz ele, suas palavras cortadas e deliberadas.

— Com licença? — pergunto indignada. A primeira vez que cheguei perto de fazer um amigo de verdade, ou até mesmo falar com alguém que conhece a menor fração da minha vida, e ele está tentando foder com tudo?

— Você não sabe quem ele é, — diz Royal, olhando pela porta de vidro.

— Confie em mim, eu estou bem ciente. Conheço Colt há anos.

— Se você soubesse quem ele é, você ficaria longe dele, — ele retruca.

— Obrigada por cuidar de mim, Capitão América, — eu digo, dando-lhe uma saudação simulada. — Mas eu posso escolher meus próprios amigos e, pela última vez que ouvi, você estava querendo se vingar de mim, então não vejo razão para confiar em qualquer conselho que você me dê.

Eu empurro Royal, mas ele agarra meu braço e me gira. — Ele está envolvido em algumas coisas ruins, — diz ele, sua voz baixa.

— Eu sei, — eu digo, puxando meu braço livre e sorrindo para ele. — Eu *sou* aquela coisa ruim.

Eu me viro e vou embora antes que ele possa foder com a minha cabeça ainda mais. Por que ele de repente está agindo como se ele se importasse, me avisando sobre Colt? Este é apenas mais um de seus jogos, parte de uma missão para garantir que eu tenha zero amigos?

Isso só me dá mais certeza de que encontrei um aliado, alguém que não gosta dos jogos de poder pervertidos dos Dolces. Se Royal não quer que eu fique com Colt, deve haver uma razão. E como ele me odeia e aparentemente odeia Colt, parece natural que Colt e eu nos tornemos... Se não amigos, pelo menos conhecidos.

Que possível razão poderia ter Royal para querer nos manter separados? Colt sabe algo sobre ele que ele não quer que eu descubra? Ele não deveria se importar ou mesmo perceber se alguns párias se encontram. Se sou amiga de Colt, isso não tem impacto nele. Então, por que ele está se sentindo ameaçado por isso?

Não posso deixar de sentir que estou perdendo alguma coisa, o que me irrita. Eu vou para a minha próxima aula, me perguntando a quem posso

perguntar. Talvez eu tenha que esperar até segunda e perguntar a Colt.

Enquanto me dirijo ao meu armário, penso nisso, porque sou uma vadia impaciente e quero saber agora. Eu odeio ser a última a saber. Isso me coloca em uma posição vulnerável, e isso não é um lugar que alguém gosta de estar.

Estou tão ocupada pensando se posso perguntar ao Dynamo esta noite, ou se isso viola as regras tácitas da Slaughter Pen, que quase perco o riso atrás de mim. Eu me viro para ver as Waltons e suas amigas igualmente bonitas, igualmente brancas e igualmente indistinguíveis ali, seis delas no total. Elas estão apenas me observando, rindo atrás de suas mãos.

Um buraco se abre dentro de mim, mas cerro os dentes e tento não mostrar nada. Essas vadias não merecem uma reação. Ainda assim, eu me inclino para trás apenas o suficiente para deixar minhas costas roçarem o armário, porque essas cadelas são apenas imaturas o suficiente para pensar que podem chegar até mim colocando um bilhete nas minhas costas.

Nenhum papel farfalha nas minhas costas, no entanto, então elas não podem estar rindo disso. Eu não estou menstruada, então eu sei que não sangrei através do meu jeans e dei a elas um motivo para tirar sarro de mim ainda mais. Decidindo que elas estão apenas fodendo comigo, eu volto para o meu armário. É quando eu vejo. Na parte inferior da porta de madeira polida, alguém gravou as palavras *LIXO BRANCO*. As ranhuras das letras são profundas, afiadas e um pouco irregulares.

Cerro os dentes e termino de girar a combinação. Isso foi esculpido por alguém que queria fazer mais do que rir de mim. Há ódio naqueles sulcos cortados, cortados com um estilete ou uma faca em vez de apenas arranhados no verniz com um alfinete. Talvez eles até imaginassem que era minha pele enquanto cortavam aquelas letras na madeira. Alguém aqui tem uma faca e quer me machucar. Ao contrário de Faulkner, não há detectores de metal aqui. Inferno, os jovens até carregam mochilas para a aula.

Acho que é hora de eu começar a carregar minha própria faca.

Tinha que ser Duke, penso enquanto giro a combinação. Ele está chateado porque eu machuquei não apenas seu pau, mas seu orgulho.

Abro meu armário. Uma massa contorcida de baratas pretas cobre meus livros. Eu grito involuntariamente e pulo para trás. Já vivi com minha cota de baratas, mas isso não me faz gostar delas mais do que uma Walton em uma mansão chique. E algo mais profundo do que isso, um desgosto tão profundo quanto o medo primitivo de cobras, se enrola em minha barriga quando as vejo. Essas são enormes, tão longas quanto meus dedos, seus corpos se contorcendo

pretos e gordurosos enquanto elas correm uma sobre a outra, soltando ruídos de assobio repugnantes.

Um inseto gordo e preto cai no chão, perdendo meu dedo por meia polegada. Eu pulo para trás, sangue correndo em meus ouvidos. Ao meu redor, ouço risos e ruídos de engasgos e até alguns gritos, mas os registro como se estivessem de longe. Não são apenas as Waltons. É todo mundo. Uma multidão se reuniu, todos eles querendo me ver perder a cabeça.

Eu quero. Eu quero me virar e fugir, longe da visão nojenta, longe do riso cruel, longe desta porra de escola a que não pertenço e onde uma boa educação de repente parece ser a menor das minhas preocupações. A pressão aumenta atrás dos meus olhos, mas não vou chorar. Nem mesmo quando minha garganta aperta até que eu mal posso respirar, porque dói muito só para continuar respirando.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta uma voz masculina. Sr. Harris, meu professor de ciências, vem empurrando a multidão, passando por um dos meninos Dolce.

*Royal.*

Ele fica lá olhando para mim, não rindo como os outros, mas me observando com um sorriso frio nos lábios e ódio ardente em seus olhos. Eu engulo em seco, querendo desviar o olhar, mas presa no inferno paralisante de seu olhar. Royal é um livro fechado, e esta é a primeira vez que vejo qualquer emoção real em seus olhos.

Antes que eu possa me libertar ou pensar no ódio injustificado nos olhos de Royal, o professor se aproxima de mim, bem na minha cara. — Essas são minhas baratas? — ele exige.

Claro que elas são. Onde mais alguém conseguiria um monte de baratas gigantes? Eu as examinei na aula com Royal ontem. E agora, convenientemente, elas apareceram no meu armário.

— O que é isto? — Sr. Harris exige, sua voz subindo com raiva até que ele está gritando comigo e com todos os outros. — Você acha que isso é uma piada? Elas não são para você brincar. São animais de estimação raros e exóticos enviados de Madagascar para cá!

— Tem certeza?

É a voz de Royal cortando os murmúrios abafados. A conversa para, e todos se voltam para ver o que seu bandido tem a dizer. — Aquelas

provavelmente entraram na mochila dela ontem à noite no estacionamento de trailers.

— Sim, — Gloria fala. — Elas provavelmente vivem no cabelo dela também, como piolhos. Você já penteou essa bagunça?

— Eu não moro em um trailer, — eu digo. — E as únicas criaturinhas sorrateiras e nojentas que eu vi ultimamente estão bem aqui nesta escola, e elas não são baratas.

Dou-lhe um olhar aguçado, e algumas pessoas murmuram e arrastam os pés, animadas para ver o que ela fará a seguir.

— Chega, — o Sr. Harris ruge. — Alguém me dê algo para colocar isso. Harper, feche seu armário para mantê-las contidas.

— Ela provavelmente os roubou para vender no mercado negro, — diz Eleanor, apertando os livros contra o peito e encontrando meus olhos com altivo triunfo. — Ela é pobre, você sabe.

O Sr. Harris se vira para mim, seu rosto vermelho de raiva. — Isso é verdade?

— Ou talvez para comer, — diz Everleigh.

— Sim, — eu digo lentamente, olhando por cima do ombro do Sr. Harris para as meninas. — Eu roubei suas baratas nojentas e as coloquei em todos os meus livros onde todos pudessem vê-las quando eu abri meu armário.

Ele gagueja de raiva e sai correndo atrás de uma das baratas que está rolando pelo corredor, todo mundo pulando para trás para sair do caminho.

— Posso ser pobre, mas não sou estúpida, — digo para Devil Barbie. — Se você vai tentar me colocar em apuros, você precisa ser um pouco mais esperta. Isso não é nem convincente.

— Eu não estava tentando colocar você em apuros, — diz Royal, sua voz um estrondo baixo que chama minha atenção e de todos os outros. Seus olhos travam nos meus, e ele espera um segundo, certificando-se de que todos vão ouvir quando ele me cortar. — Eu estava te lembrando de onde você veio.

Minha garganta aperta, e meus olhos doem novamente. Se havia alguma dúvida sobre ser um pária aqui, qualquer dúvida sobre passar sem ser notada, agora se foi. Royal colocou um alvo nas minhas costas para toda a escola, dando-lhes permissão para me tratar como lixo, porque é isso que ele diz que eu sou.

Isso é provavelmente o que todos eles já veem, mas ainda me corta mais fundo do que eu quero admitir. Estou acostumada a ser ignorada, não ser nada. Estou confortável com isso. Eu não preciso de atenção. Especialmente não quando se trata de um bandido autorizado chamando a temporada aberta para mim.

— Por que você não volta para o seu trailer e chora para suas próprias baratas?, — diz Gloria. — Ninguém quer você aqui.

Alguém quer. Só não sei por quê. Talvez seja hora de eu descobrir.

— Já entendi, — diz Harris, retornando com o inseto aninhado entre as mãos. Uma pequena antena assustadora aparece entre seus dedos, testando o ar. Meu estômago embrulha. — É melhor você não ter perdido nenhuma delas, Sra. Apple. Este é um assunto muito sério. Não pense que está fugindo por adulterar meu equipamento.

— Veja, até nossas baratas são caras, — diz Everleigh com um sorriso. — Obviamente você está fora do seu elemento.

— Elas provavelmente custam mais do que suas roupas, — diz Eleanor, rindo atrás de sua mão.

— As roupas dela? — Gloria pergunta, me dando um olhar altivo. — Elas provavelmente custam mais do que *ela*.

Eu localizo a barata gigante que caiu perto do meu sapato, ainda encolhida atrás do salto do meu tênis barato. Eu me curvo, pego e jogo na cara dela.

O pandemônio estoura. A barata atinge Gloria bem no rosto, e ela grita como uma alma penada, batendo freneticamente em sua bochecha. A barata sai voando, e todos se dispersam, correndo e gritando como se fosse atacá-los. O Sr. Harris está gritando para salvar a barata, mas ninguém o ouve ou provavelmente o quer ouvir. Gloria está se debatendo como se estivesse morrendo, gritando: — Ainda posso sentir isso em mim! Cadê?

Ela mergulha em mim, seu punho puxado para trás como se ela fosse me bater.

Então não está acontecendo. Essa cadela pode me cortar o dia todo, mas foda-se se ela colocar um dedo em mim. Antes que ela possa balançar, eu faço.

Eu dou um golpe baixo e afiado em suas costelas, e ela se dobra.

Eu começo a me virar, mas antes que eu dê um passo, ela me ataca.

— Sua vadia, — ela grita enquanto caímos no chão juntas. Minha cabeça bate nos grossos armários de madeira, e a escuridão obscurece minha visão. Eu bato nela, golpeando-a com meus punhos sempre que posso, ao mesmo tempo me xingando por deixá-la me pegar desprevenida. Eu sei melhor. Eu só não esperava que uma cadela rica como ela lutasse de volta. Quando minha cabeça para de girar, ela corta meu lábio e dá alguns bons socos.

As pessoas ao nosso redor estão cantando — Luta! Luta! Luta!

Eu agarro um punhado de seu cabelo e a puxo para o lado, empurrando meus quadris para cima e rolando ao mesmo tempo. Eu consigo tirar minha cabeça dos armários e rolo para ela, mas tão rápido, Gloria contrai seus quadris e nos vira novamente. Nós vamos rolando pelo corredor, socando e puxando cabelos e xingando uma à outra. Eu tenho que dar algo a essa garota - ela não é a pequena belle sulista sorridente que eu imaginei que ela fosse.

No momento em que alguns professores e um diretor nos separam, metade da escola está lá torcendo, sua excitação palpável no ar. Isso apenas aumenta minha própria excitação, alimenta-a como gasolina no fogo. Eu quero dançar na ponta dos pés, dar mais alguns socos, mas o diretor está me segurando.

Talvez isso só prove o ponto deles, que eu sou um lixo, mas eu amo uma boa luta. Ainda estou cheia de adrenalina, meu pulso acelerado, excitação carregando minhas veias como eletricidade através de um fio. Isso foi apenas um

gosto. Eu quero uma briga de verdade, anseio por isso do jeito que um viciado anseia por uma dose quando eles apenas experimentam para abrir o apetite. Eu tenho um lábio partido, um dente solto e sangue escorrendo da ferida na parte de trás da minha cabeça, mas nunca me senti melhor.

O nariz de Gloria já está inchando, e sangue está escorrendo de ambas as narinas, para não mencionar os tufo de cabelo que eu arranquei, mas ela está linda pra caralho, melhor do que ela jamais ficará quando estiver toda penteada e pintada. Esta é a garota de verdade, uma selvagem, e eu tenho um respeito louco por ela quando seu cabelo está todo desgrenhado e seus olhos loucos de sede de sangue.

— Meu pai vai processar você por ter estourado o meu rosto, — Gloria rosna para mim, lutando contra o aperto do Sr. Harris. — É melhor você ficar feliz que não é eu te jogando de volta para casa hoje à noite.

Eu não posso deixar de bufar com isso. Em um minuto ela está arrasando como uma campeã, e no próximo, ela está preocupada com seu lindo rosto.

— Não se preocupe, eu guardei um pouco para mais tarde, — eu digo, flexionando minhas mãos e sorrindo para ela, embora eu possa sentir o gosto do sangue do meu lábio cortado. — Podemos ter uma revanche em duas semanas.

— Cara, isso foi *doentio*, — DeShaun Rose grita.

— Melhor luta do ano, — concorda o Baron Dolce, telefone na mão. Alguns outros estão com seus telefones, gravando a cena também.

Tanto para manter minha cabeça baixa e ficar fora do radar. Não é como se os Dolces me deixassem muita escolha no assunto, no entanto. Eles já me fizeram o centro das atenções. E mesmo se eles não tivessem, eu serei amaldiçoada se eu deixar alguém me empurrar.

No escritório, sento-me de um lado da porta enquanto Gloria se senta do outro, nós duas nas cadeiras felpudas que eles montaram. Gloria cruza os braços e trabalha a mandíbula, enfiando o nariz no ar e se recusando a olhar na minha direção. Eu quase rio de sua mesquinhez.

Uma enfermeira nos chama individualmente para examinar nossos ferimentos. Gloria sai parecendo quase normal, seu cabelo alisado para trás sob uma faixa, cada fio loiro no lugar novamente. Ela está vestindo uma nova camisa branca enfiada em seu jeans de grife e, além do nariz inchado e uma sugestão do que podem ser dois olhos negros se formando com o golpe, ela parece normal.

— Espero ter quebrado seus dentes, — diz ela enquanto passa.

— Você pode jogar baixo para uma vadia certinha, — eu respondo. — Estou impressionada.

Ela bufa e se vira enquanto eu entro para ver meu rosto. Nós duas também levamos alguns golpes abaixo do pescoço, mas nada está quebrado. A enfermeira me diz que vou precisar de pontos no couro cabeludo se não quiser uma cicatriz, e quase rio. De jeito nenhum minha mãe vai me levar para hospital para dar pontos. Se nós tivéssemos todo esse dinheiro, ela compraria um pouco de cristal e iria festejar com seu sabor da semana.

Deixo a enfermeira colocar uma gaze nele, mesmo que vá doer pra caramba tirá-lo do meu cabelo, e pego a bolsa de gelo que ela me oferece. Quando volto para o escritório, Gloria se foi, e a recepcionista faz sinal para que eu vá para outro escritório. Meu primeiro pensamento é que, claro, Gloria se safou. Ela é rica.

Mas quando entro no escritório, ela está sentada em uma mesa redonda com o diretor e outra pessoa administrativa que não conheço que se apresenta como conselheira. Eles fazem sinal para que eu ocupe o quarto assento, uma cadeira ainda mais confortável do que as da área de recepção. As gravuras de um artista local adornam as paredes, e a pesada mesa de nogueira torna a sala ainda mais elegante. Ainda assim, não posso deixar de sentir que estou em uma sala de interrogatório, como se uma das paredes devesse ser um espelho de mão única.

— Nós não disciplinamos os alunos com frequência por aqui, — o diretor começa ajustando sua gravata e me dando um olhar aguçado, como se ele quisesse acrescentar, *pelo menos nós não o fizemos até você aparecer.*

— Nossa filosofia se inclina mais para resolver nossos conflitos e diferenças sem punições, — explica o conselheiro.

*Chocante, penso comigo mesma. E você se pergunta por que sua escola é administrada por delinquentes.*

Ou talvez eles não se perguntem. Algumas coisas são as mesmas para os adultos como são para nós. Dinheiro é poder, seja você quem for. Em um lugar como este, a maioria dos professores tem diplomas sofisticados de escolas da Ivy League, e eles podem ser espertos pra caralho, mas não são ricos. Não como os doadores, ex-alunos e pais. Eles sabem que não devem morder a mão que os alimenta.

— Nós raramente temos brigas dessa gravidade, — o diretor continua, seu olhar acusador ainda em mim. — Claro, há ramificações legais na maioria dos casos como este, mas conversamos com as duas famílias por telefone e ambos se recusaram a prestar queixa.



Meu coração dá uma guinada no meu peito, todo o meu sarcasmo se foi.

Apresentar queixa? Porra. Eu nem tinha pensado nisso. Em uma escola como essa, eles chamam a luta de “assalto”. Ninguém em Faulkner “ou muito poucos” prestaria queixa por algo assim. As gangues lutam diariamente, e às vezes não pode esperar até depois da escola. Então, quando alguém luta, não é exatamente chocante. Sim, todo mundo fala sobre isso por um minuto quente, mas morre e é esquecido no final do dia.

— Posso ir, então? — Gloria pergunta, cruzando os braços e emburrada.

Eu olho de lado para ela, surpresa que ela não esteja protestando e dizendo que eu deveria ser jogada na cadeia. Claro que minha mãe não vai prestar queixa. Ela provavelmente rirá na cara deles quando perguntarem. Ela não tem dinheiro para contratar um advogado ou autoridade para me punir. Mas estou surpresa que os estimados pais de Gloria não estejam perseguindo isso.

— Não queremos que esta escola se torne um lugar onde as pessoas recorram à violência para resolver seus conflitos, — diz a conselheira. — Gostaríamos que vocês duas resolvessem esse problema antes de sair daqui hoje.

— Tudo bem, — diz Gloria, olhando carrancuda para a parede. — Me desculpe, eu tentei quebrar seus dentes, Harper.

Eu reviro os olhos e jogo junto com a charada. — Sinto muito por ter quebrado seu nariz e provavelmente ter lhe dado dois olhos roxos, Gloria. Eu dou um soco malvado.

— Notável, — ela diz friamente.

— O que motivou esse ataque? — o diretor pergunta, ainda olhando para mim, porque é claro que deve ser minha culpa. Uma preciosa Walton nunca começaria uma briga.

— Eu joguei uma barata na cara dela, — eu admito.

— E por que você faria algo assim? — A conselheira pergunta.

Eu sinto que estou na porra de um julgamento aqui.

— Por que eu estava cansada de suas besteiras? — Eu ofereço.

— Vamos manter as coisas civilizadas, — diz o diretor, parecendo totalmente enojado com a bolsista que ele permitiu em sua escola, apenas para descobrir que ela se veste como uma vadia e luta como um canalha.

— Eu vou tentar, — eu digo com um sorriso apertado.

— Eu não entendo por que você deixa pessoas como ela aqui, — Gloria diz. — Se eu quisesse ir para a escola com bandidos, teria ido para Faulkner. As pessoas pagam um bom dinheiro para que seus filhos tenham uma educação com outras boas famílias do sul.

— Ah, *eu sou a* bandida? — Eu pergunto. — E os idiotas que administram este lugar — seus namorados? Seu esquadrão Sopranos é de uma boa família *do sul*? Ou eles estão isentos porque trouxeram caminhões de dinheiro lavado para a cidade?

— Cuidado com sua linguagem, Sra. Apple, — adverte o diretor. — Recebemos estudantes de todo o país, não apenas do Sul. E tentamos evitar acusações infundadas e estereótipos baseados na região de origem das pessoas.

Eu reviro os olhos. — Então, você admite que eles são bandidos, mas tudo bem desde que o dinheiro continue fluindo dessa maneira. Não vamos apenas supor que eles estão na máfia.

— Por que não nos apegamos ao assunto em questão?, — diz o diretor, lambendo os lábios nervosamente e ajustando a gravata novamente.

Então, eu entendi direito, e ele não gosta disso.

— Isso não tem nada a ver com eles, — concorda Gloria.

— Sempre tem a ver com eles, — eu digo com um suspiro. Afinal, foi Royal quem colocou as baratas no meu armário e começou essa briga. Mas Gloria nem estava envolvida nisso. Ela se colocou no meio para tirar sua atenção de mim.

— É por isso que você me odeia, certo? — Eu pressiono. — Porque você está se sentindo ameaçada de que eu ousaria usar roupas que você não usaria, e isso pode chamar a atenção do cara que você está tentando conquistar desde o ano passado. Você está frustrada porque não consegue manter a atenção dele e com medo de que alguém que possa vir e agarrá-lo debaixo do seu nariz.

Glória bufa. — Eu tenho preocupações maiores do que quem um cara gosta, — ela retruca. — Royal não é meu namorado. Ele pode fazer o que e quem ele quiser. Isso é sobre você não saber o seu lugar.

— Ah, e você conhece meu lugar? — Eu pergunto. — Por favor me esclareça. E então eu vou te contar o seu.

— Isso é impossível, — diz ela, apelando para os administradores. — Não podemos simplesmente voltar para a aula? Dissemos que estávamos arrependidas. Nenhuma de nós tem ferimentos graves e nenhum de nossos pais quer ação legal. O que eles querem é que tenhamos educação.

O diretor suspira. — Volte para a aula, Sra. Walton, — diz ele. Então ele se vira para mim. — Ainda precisamos resolver a questão das baratas roubadas com você.

Quero rir. Quem diabos iria querer roubar uma barata? Eles podem ir ao nosso antigo lugar no estacionamento de trailers e obter tudo o que quiserem de graça. Mas eu sei melhor do que correr minha boca para esses idiotas. Eles podem fingir que estão nos tratando de forma justa quando a filha de um de seus principais doadores está na sala, mas agora eles vão explicar para mim. Não estou aqui porque alguém lhes pagou milhões. Estou aqui com uma bolsa de estudos. Eu sou um caso de caridade. Se eu estragar tudo, eles podem arrancar isso com um estalar de dedos.

Eles passam a me dizer exatamente isso, mas em termos um pouco mais sutis. Só um pouco, porque uma vadia burra como eu do lado do gueto de Faulkner não poderia entender se eles são muito obscuros. Eles poderiam economizar o fôlego. Eu sei muito mais sobre como o mundo funciona do que metade das crianças em sua escola chique. Mas eu calei minha boca e deixo eles me falarem sobre a riqueza como se eu fosse o lixo branco sem educação que eles pensam que eu sou.

Por fim, concordo em escrever uma carta de desculpas ao Sr. Harris por roubar suas baratas para uma brincadeira - porque eu faria uma brincadeira comigo mesma é uma questão que a escola não quer abordar - e compensar qualquer perda de dinheiro causada por falta de algumas baratas. Como não consigo resistir, me divirto um pouco com eles dizendo que posso trazer um pote cheio de baratas da minha casa na segunda-feira. Eles reagem como esperado.

Quando eles terminam de me dar o sermão, é hora da minha última aula do dia. Obrigada porra eles não me mantêm até a aula começar e me forçam a entrar com todo mundo olhando. Ainda recebo muitos olhares, e todos começam a murmurar uns para os outros quando entro, principalmente porque Gloria está na mesma classe.

É um alívio deslizar para o meu lugar em uma das mesas redondas da minha aula de compensação. Desde o primeiro dia, quando Dixie me recebeu em sua mesa de almoço, eu estou sentada em frente a Susanna e Quinn nesta classe. Uma terceira garota que não conheço bem, que também se senta com elas no almoço, completa a mesa de quatro pessoas. Essa é a coisa sobre uma escola

pequena. É difícil evitar qualquer um. Estou aqui há apenas uma semana e, olhando ao redor, a sala está cheia de rostos já familiares. As três pessoas do meu grupo, Baron e o cara negro que se senta com eles no almoço, e uma das garotas Walton estão todos nesta classe.

— Vocês conversaram com Dixie desde o almoço? — Eu pergunto a minha mesa.

— Ela tem conselho estudantil às sextas-feiras, — diz Susanna.

— Eu sei, — eu digo. — Eu encontrei com ela perto das arquibancadas.

As garotas trocam olhares, e eu sei que encontrei algo. — Ela disse o que estava fazendo lá? — Quinn pergunta.

Eu dou de ombros. — Acho que ela estava falando com Colt.

— Oh, bem, você conhece Dixie, — Susanna diz com uma risada forçada. — Ela é legal com todos.

— Mesmo párias sociais como eu e Colt, — eu digo levemente.

— Apenas... Não mencione Colt Darling novamente, ok? — Quinn diz, abaixando a voz e lançando um olhar furtivo por cima do ombro para onde o Baron Dolce está sentado com seu amigo e Gloria Walton. — Dixie teve uma vida muito difícil nesta escola, e ela finalmente está em um lugar muito bom. E aquela... Situação... Não cairia bem com algumas pessoas.

— Entendo, — eu digo. — Não vi nada.

Colt não é querido. Droga. Tantas peças de quebra-cabeça para encaixar.

— Então, de qualquer maneira, — diz Susanna. — Quem vai ao jogo hoje à noite? — Elas continuam conversando enquanto trabalhamos em nossa tarefa, e eu reviso as informações na minha cabeça, tentando juntar todas as informações que recebi desde que comecei aqui. Há tanta história entre todos, tanta coisa que eu não sei. Parece que estarei sempre dois passos atrás, sempre tentando resolver um quebra-cabeça sem todas as peças.

Parte de mim sabe que eu deveria me esforçar mais aqui, e não apenas academicamente. Eu deveria fazer amigos. Eu poderia usá-los. Eu poderia descobrir as respostas para todas as perguntas que bagunçam meu cérebro. Eu poderia encontrar alguém para me proteger em vez de derreter quando a merda acontecer, me deixando sozinha. Eu poderia ir ao jogo de futebol com essas garotas, lentamente entrando no grupo delas.

Mas também posso usar o dinheiro que vou receber esta noite. Para ser honesta, eu também poderia usar a luta. Não há nada como a sensação de punhos na pele, o choque que corre pelo meu braço, a queima dos meus músculos quando luto duro. Preciso da minha dose no final da semana, e o que ganhei de Gloria foi só um gostinho.

Depois da escola, todo mundo sai correndo em direção ao estádio para um comício, pulando e gritando de emoção. O futebol governa nossa cidade, como muitas pequenas cidades do sul. Acho que até mesmo escolas majestosas cheias de esnobes não estão imunes. Eu nunca estive em toda a cena esportiva, então eu nunca me importei. Meus amigos e eu mostramos nosso espírito escolar pulando os comícios e abandonando a escola por uma hora. Mas aqui, parece diferente de alguma forma. Pela primeira vez na minha vida, não participar me faz sentir excluída, como se estivesse perdendo algo importante. E não apenas o jogo. Não é sobre isso. É sobre união, sobre comunidade.

O que essa escola está fazendo comigo? Por que eu me importo em fazer parte da comunidade deles?

Balanço a cabeça com a minha tolice, subo na minha bicicleta frágil e vou para casa. Eu posso ouvir o rugido da multidão, um canto começando enquanto todos se enchem de espírito escolar. O som esculpe um buraco dentro de mim, um que permanece por muito tempo depois que os aplausos desaparecem atrás de mim.

Mas está tudo bem. Os Dolces não precisam de outra fangirl, e eu não quero ser uma. Enquanto a cidade inteira os aplaude, eu vou chutar bundas silenciosamente de uma maneira muito menos desagradável, em busca de atenção. Não importa se há mil pessoas no jogo e apenas cem nas lutas. Não preciso de uma cidade inteira para me levantar. Eu não preciso de amigos para aparecer para mim e mostrar seu apoio. Eles podem ficar boquiabertos com os meninos como todo mundo.

Vou torcer pelo meu próprio maldito eu.

\*\*\*

## **Futebol fodido**

*Papai sabia o que era preciso*

*Para comprar a alma da cidade.*

*Todo o dinheiro do mundo*

*Não foi possível nos dar uma chave para a cidade*

*Mas um passe de Ave Maria*

*Poderia.*

*Papai sabia o que era preciso*

*Para conquistar o coração desta cidade.*

*Arriscando a vida do filho*

*Por amor ao futebol*

*Foi um movimento de toda a cidade*

*Respeitado.*

*Papai sabia o que era preciso*

*Para reivindicar a coroa nesta cidade.*

*Todo mundo estava assistindo*

*Para ver se éramos vilões ou heróis*

*Tudo dependia de nós*

*Pontuamos.*

*MrD: Ouvi dizer que você teve uma pequena briga na escola hoje.*

*BadApple: Quem diabos é você?*

*MrD: Tsk tsk. Sua primeira semana e você já está lutando.*

Eu sei que não deveria me surpreender. Esse cara tem perseguição em uma ciência. Mas caramba. Estou ficando cada vez mais desconfiada que não é o pai, mas um dos próprios caras. De que outra forma ele já saberia que eu entrei em uma briga? Os meninos Dolce ainda estão na escola, no comício. Assim que cheguei em casa, vi a pequena mensagem na tela do computador, que mamãe deixou ligado.

*BadApple: sem comentários*

*MrD: Você não quer me agradecer por tirá-la de problemas?*

*BadApple: Tenho que ouvir isso. Como exatamente você está recebendo crédito por isso?*

*MrD: Ninguém está fazendo acusações, estão?*

*BadApple: Acho que você já sabe a resposta*

*MrD: Eu sei.*

*BadApple: pescar elogios foi muito???*

*MrD: De nada.*

*BadApple: UR insuportável*

*MrD: Que bom que pude ajudar.*

*BadApple: Mais uma vez, o quê?*

*MrD: Eu disse ao pai dela que também não prestaria queixa se ele não o fizesse.*

Eu olho para a tela por um longo momento. A escola me disse que meus pais concordaram em não prestar queixa. Obviamente, presumi que se referiam à minha mãe, já que não tenho pai. Um calafrio me envolve quando penso em quanta influência esse cara deve ter. Ele está nos meus contatos para a escola?

Eles ligaram para ele em vez de minha mãe?

O que significa que mamãe pode nem saber que eu estava brigando na escola, e eu gostaria de continuar assim e me poupar de uma mastigação de bunda. Estou feliz por ter entrado e visto a caixa de bate-papo aberta no computador antes dela.

*Bad Apple: Você disse a eles que era meu pai? Perverso.*

*MrD: Me chame de papai ; )*

*Bad Apple: barf*

*MrD: Além da luta, você está se adaptando bem?*

Penso na sensação de vazio no meu peito depois da escola hoje, quando todos estavam fazendo algo juntos, e eu fui embora. Não estou acostumada a esse tipo de unidade em uma escola. A Faulkner High é tão grande que sempre havia muitos garotos como eu, mais interessados em matar aula do que ir a um comício. Eu não vou reclamar com esse esquisito sobre isso, no entanto. Voltar para casa foi minha escolha. Eu poderia ter ficado.

*Bad Apple: Sim.*

*MrD: Demorou um pouco para responder.*

*Bad Apple: Não me psicanálise. Talvez eu estivesse cagando.*

*MrD: Você está pronta para trabalhar para mim?*

*Bad Apple: Desculpa, não sou uma cam girl*

*MrD: Eu preciso que você entre em um dos grupos mais exclusivos da WHPA e me reporte.*

*Bad Apple: O que?*

Olho para a tela, o pequeno cursor retangular verde piscando de volta para mim como um olho cego. Então, é para onde tudo isso estava indo o tempo todo? Eu sabia que ele queria algo, que nada na vida é de graça, mas caramba. Eu pensei que ele iria querer fotos nuas ou se encontrar e foder. Eu poderia ter dito não a essas coisas.

Acho que posso dizer não a isso também.

Ou...



Ou eu poderia ficar os dois anos inteiros em Willow Heights. Talvez uma parte de mim soubesse que eu diria não ao acordo de sexo, e eu sabia que ele tiraria a bolsa. Por isso me mantive à distância, não me intrometi muito na história de todos ao meu redor. Eu poderia ter perguntado a Susanna e Quinn. Eu poderia ter perguntado a Dixie desde o primeiro dia. Eu poderia ter feito mais perguntas a Colt hoje.

Mas eu não. Eu estava curiosa, mas uma parte de mim pensou que eu não ficaria aqui por muito tempo, então não importaria. Era melhor não ouvir a história completa, não se envolver, não fazer parte da comunidade, do espírito escolar. Sinceramente, nunca entendi o que isso significava antes. Era meio que uma piada entre mim e as pessoas com quem eu andava.

*Rab-rah, agite seus pompons, olhe para o rebanho torcendo quando eles dizem, moooo...*

Queríamos acreditar que estávamos acima disso porque sabíamos que não nos encaixávamos nas pessoas que faziam esse tipo de coisa. Talvez soubéssemos que estávamos perdendo, mesmo que apenas inconscientemente, então era melhor tirar sarro do que admitir que estávamos do lado de fora olhando para dentro. Hoje, eu tive um vislumbre disso. O sentimento de união, de orgulho, de fazer parte de um todo maior. E sim, há um componente de mentalidade de rebanho, mas talvez isso não seja uma coisa tão terrível. Talvez fosse bom fazer parte do rebanho. Juntos, esse rebanho é forte. Afinal, é sempre o animal que se separa do rebanho que se torna a presa.

*MrD: Você está dentro?*

*BadApple: Eu tenho escolha?*

*MrD: Você sempre tem uma escolha.*

*Bad Apple: ok*

*MrD: Você está dentro?*

*Bad Apple: Sim*

*MrD: Eu sabia que você era uma garota inteligente.*

*BadApple: Mas esta é a única coisa que estou fazendo. Este é o acordo. Você me deu a bolsa de estudos, eu te dou essa informação. Não haverá outras tarefas adicionadas posteriormente. Sem fotos. Sem sexo.*

*MrD: Nem mesmo um bj?*

Eu engulo em seco, lembrando da minha suspeita anterior de que os filhos desse cara compartilharam a foto com ele. Bruto. Nada que eu possa fazer sobre isso, no entanto.

*Bad Apple: não*

*MrD: Eu estava brincando.*

*BadApple: claro que você estava*

*MrD: Então, vamos falar sobre isso.*

*BadApple: a resposta é não.*

*MrD: Não é isso. A atribuição. Pronta para ouvir os detalhes?*

*Bad Apple: ok*

*MrD: Há uma sociedade secreta em Willow Heights. A maioria das pessoas não sabe disso, ou só ouviu sussurros. Quando terminar, você saberá tudo.*

Uma bolsa de estudos em troca de uma missão foda se infiltrando em uma sociedade secreta? Assine-me pra caralho. Eu faria essa merda de graça.

Não que eu vá dizer isso a ele.

*BadApple: E você vai também*

*MrD: Exatamente. Eu sabia, mas as coisas mudaram.*

*BadApple: Dê-me todas as informações que puder. Preciso de mais para começar.*

*MrD: O grupo foi fundado pelos patrocinadores originais da escola porque eles sentiram que os pais e os novos doadores estavam afetando demais as políticas, e a escola estava perdendo de vista sua missão. Seus filhos ainda eram alunos da escola e eles se tornaram os fundadores da sociedade secreta. Eles se conheceram no que foi originalmente planejado como um abrigo contra tempestades sob a escola. Era uma reunião semanal secreta à meia-noite. Eles se chamavam os Cisnes da Meia-Noite.*

Sento-me para frente na minha cadeira, um arrepio de excitação passando por mim. Eu me sinto como Lara Fucking Croft – menos os peitos. Sociedades secretas? Masmorras sob a escola? Isso é literalmente a coisa mais legal que já aconteceu comigo. Não que eu tenha colocado a fasquia muito alta, mas ainda assim.

*MrD: Os Swans mantiveram seus membros pequenos, secretos e muito exclusivos. Tenbo*

*certeza que você conhece as grandes mudanças que aconteceram há alguns anos, na cidade e na escola. Os Swans não estavam isentos. Com as novas adesões, tudo mudou. Eu quero que você seja meus olhos e ouvidos nos corredores de Willow Heights, não apenas os Swans. Mas eu também quero isso.*

*Bad Apple: você foi expulso*

*MrD: Você não precisa saber sobre meu envolvimento pessoal. Você só precisa fazer o seu trabalho e me reportar. Eu quero saber tudo sobre os Swans e como a escola está sendo administrada, e não me refiro à administração. Quero saber sobre os rapazes que dirigem aquele lugar, o que andam fazendo, como se comportam. Espero briefings semanais a partir de sexta-feira.*

*Bad Apple: você está certo. Vou fazer. Assinando.*

Droga, ele me fez quebrar minha própria regra, para investir no resultado disso. Mas não importa quais são suas apostas pessoais no assunto. Não importa nem quem ele é. O tempo todo, eu pensei que ele era o Sr. Dolce, o pai dos meninos. Mas agora não tenho tanta certeza. Por que eles o expulsariam de sua sociedade secreta? Só porque ele é velho? E por que ele iria querer espionar seus próprios filhos?

Lembro-me de Dixie me dizendo que essa família derrubou os Darlings. Eu pessoalmente não conheço nenhum Darling, mas um casal foi ao FHS, e eu os vi por aí. Eles são o tipo de pessoa que todo mundo olha de relance, imaginando como é ter tanto poder. O nome Darling é sinônimo de Faulkner. Eles são a Realeza da cidade, assim como os verdadeiros Waltons são a Realeza do estado.

Eles definitivamente estavam por perto para a fundação de Willow Heights. Se esse cara foi expulso de sua própria sociedade secreta depois que os Dolce derrubaram sua família, faz mais sentido que ele seja outro Sr. D completamente - Sr. Darling.

Eu me afasto do computador, assustada ao ver que é hora de me preparar para minha luta. Não importa quem ele é, eu me lembro. Ele me deu uma bolsa de estudos, e o que ele está pedindo em pagamento é muito menos degradante do que ele poderia ter pedido. Isso não é nada pessoal. Se ele quer que eu espione alguns idiotas, que assim seja. Eles têm direito a merdinhas e eu não devo nada a eles.

É um trabalho, o mesmo que uma luta ou um jogo de pôquer. Em vez de dinheiro para o meu estoque, é uma bolsa de estudos – vale muito mais do que qualquer coisa que eu possa ganhar. Se eu me formar em Willow Heights, tenho quase certeza de entrar em uma escola decente.

A única coisa que está no meu caminho é aquela porra de foto. Isso incomoda no fundo da minha mente, sempre lá, sempre uma ameaça. O sapato que nunca caiu. Eu preciso pegar a foto. E agora eu preciso entrar no Swans. Para minha sorte, tenho certeza de que as pessoas que assumiram os Swans e expulsaram os velhos são as mesmas pessoas que têm a minha foto.

Não tem tanta sorte? Eles pensam que eu sou um lixo de trailer que não pertence à escola deles, e eu sou a última pessoa que eles deixariam em seu círculo íntimo exclusivo.

A questão é: como convencê-los de que sou digna de ser uma garota Dolce?

\*\*\*

### **Adicionar mais peso**

*O treinador diz,*

*Tem certeza, filho?*

Tenho certeza.

*Adicione essa merda até meus músculos doerem,*

*Até que o dia da perna seja o dia da dor*

*Até que mal posso andar até meu carro depois do treino.*

Tenho certeza.

*Claro que nunca serei pego desprevenido,*

*nunca seja menor do que ninguém na sala,*

*nunca seja superado*

*ou dominado.*

Tenho certeza.

*Claro que vou trabalhar mais*

*Até que eu seja maior e mais forte*

*Sóbrio e alerta em todos os momentos*

*Um lutador melhor*

*Um corredor mais rápido*

*Com mais controle*

*Do que qualquer um.*

*Tenho certeza*

*Mesmo que eu tenha que ficar acordado a noite toda*

*Enquanto meus irmãos festejam*

*Elevação*

*Até que não haja mais peso para adicionar*

*E eu estou segurando*

*O mundo inteiro*

*E eu estou muito melhor*

*Do que todos os outros*

*Que eles nem podem*

*Me Tocar.*

— Então, podemos falar sobre... Você sabe, — eu digo enquanto espero que o Dynamo destranque o portão e me deixe entrar. — Vida real? Ou essa é uma das regras do *Clube da Luta*?

— Melhor filme de todos os tempos, — ele diz, abrindo o portão para eu passar.

— Sem argumentos aqui, — eu digo.

— E sim, é uma das regras, Appleteeny, — ele diz com um daqueles sorrisos lentos e vazios. — Sofremos a semana toda por isso. Por que trazer essa merda aqui?

— É justo, — eu digo, enganchando meu polegar na alça da pequena mochila onde guardo uma muda de roupa, spray de pimenta, uma faca e uma caixa de tampões para guardar meu dinheiro. — Quer sair depois?

— Você está me convidando para sair? — ele diz, seu sorriso se alargando.

Eu dou de ombros, lançando um olhar para o punhado de caras esperando impacientemente no portão. — Claro.

— Ah, agora, isso não foi muito convincente, — diz Dynamo. — Você não vai me dar um pouco de manteiga primeiro?

Manuseio as pontas ásperas de uma queimadura de cigarro no náilon da minha bolsa. — Você tem essa coisa toda tatuada, fumando debaixo da arquibancada, coisa de bad boy indo para você, — eu digo. — Tenho certeza que você tem muita boceta.

— É por isso que você vai ter que trabalhar um pouco mais para me convencer, — diz ele.

Eu suspiro. Eu sabia que daria algum trabalho para entrar com os Dolces, mas eu ingenuamente esqueci que também daria trabalho para obter qualquer informação. Mas nada na vida é de graça ou fácil.

Eu espero enquanto o Dynamo vai até o portão e deixa os caras entrarem. Então entra um grupo de casais, os caras com chapéus de caminhoneiro e camisas com as mangas rasgadas para mostrar suas tatuagens, suas namoradas peitudas vestindo camisetas com rosas de strass, suas raízes crescendo e sua

maquiagem grossa tentando esconder sua idade. Este é o meu povo, aqueles que preferem me ver bater em alguém do que ir a um jogo de futebol.

Dynamo fecha o portão e volta para mim. — Pensou em alguma coisa com que pudesse me tentar?

— Jantar gorduroso, — eu ofereço. — Eu vou pagar.

Dynamo me olha de cima a baixo, então estende a mão e enrola a mão sobre o botão da minha calça jeans, me puxando para perto. Posso sentir seus dedos na minha pele nua, quase roçando meus púbis. — Ouvi dizer que você chupa muito bem.

Eu não puxo para trás, mesmo quando seu dedo indicador se move para frente e para trás contra minha pele macia, me provocando. Eu bato meus cílios para ele. — Oh sim? Onde você ouviu isso?

— Eu tenho ouvidos por toda a cidade, baby.

— Aposto que sim, — digo. — E pode apostar que sim.

— Oh sério? — Dynamo morde o lábio e tenta enfiar a mão ainda mais no meu jeans, mas eu me afasto.

— Sim, — eu digo, endurecendo minha voz. — Mas eu nunca na minha vida fiquei tão desesperada por um encontro que prometi um boquete, e não vou começar agora.

Faço um sinal de paz para ele, me viro e vou embora. Não é que eu não goste do cara. Além do dinheiro e do nome, ele é muito parecido com os outros bad boys pelos quais eu tive envolvimento. Eu provavelmente sairia com ele se ele pedisse, talvez até chupasse ele, se eu estivesse sentindo. Mas não estou negociando boquetes para obter informações. Essa é uma ladeira escorregadia que tive que evitar muitas vezes ultimamente. Aparentemente, as pessoas ricas veem uma garota pobre com uma bunda, e isso é tudo em que conseguem pensar. Eu não tenho mais nada que eles queiram, então eles pedem favores sexuais.

Mas eu não sou apenas uma burra. Uma cadela, claro, mas não uma burra. Há muito mais em mim do que meu corpo, e se alguém valer meu tempo, eles trabalharão para isso. Eu não tenho que obter informações dele. Tenho certeza de que Dixie ficaria feliz em espalhar a fofoca de graça. Só pensei que o Dynamo era mais... Meu povo.

Mas eu me pergunto onde ele ouviu aquele boato sobre eu dar um bom

boquete. Se o Sr. D é o Sr. Darling, e ele sabe disso, ele contou a Colt?

Mas não. Não tenho provas de que o Sr. D saiba das fotos. Ou Colt. Ou são a mesma pessoa?

Eu balanço minha cabeça, afastando todos os pensamentos enquanto entro no Slaughter Pen. Agora não é hora para distrações. Limpo minha cabeça, luto bem e recebo minha parte.

Quando saio no final da noite, minha bolsa pendurada no ombro, Dynamo me chama do outro lado do estacionamento. Eu paro e o observo jogar alguns vazios antes de correr.

— Você terminou? — ele pergunta.

— Sim.

— Então, que tal aquele restaurante que você mencionou?

— Eu pensei que você só comia se um BJ23 entrasse no seu McLanche Feliz.

— Espero que ninguém goze no meu McLanche Feliz, — diz ele com um sorriso.

— Então é melhor você não pedir um BJ de mim.

Ele caminha ao meu lado enquanto caminhamos para fora do portão da cerca alta de arame que cerca o armazém onde o Slaughter Pen está alojado. — Droga, garota. Você não está me fazendo querer reconsiderar.

— Você reconsiderou?

— Eu vou pegar panquecas com você, não vou?

— Mesmo se não houver BJs envolvidos?

— Não posso culpar um cara por tentar, — diz ele, enfiando a mão esquerda no bolso. — Se você tivesse um pau e soubesse como é bom chupá-lo, pediria um também.

— Eu vou ter que aceitar sua palavra para isso.

— Você não gosta de sua boceta seja chupada?

— Conversa Que se intensificou rapidamente.



— Isso não é uma resposta.

— Eu não saberia, — eu digo. — Minhas conexões estavam muito mais preocupadas com seus paus do que com minha boceta.

— Você obviamente está namorando o calibre errado de caras, — ele diz, seguindo enquanto eu nos guio em direção à lanchonete aberta no centro da cidade, não muito longe do Slaughter Pen.

— E eu tenho certeza que você vai me dizer que você é de um calibre diferente, — eu digo.

— Bem, estou muito preocupado com meu pau, — ele admite.

Passamos pela loja de tatuagens que o irmão de Mav possui e entramos no restaurante de colher gordurosa estilo dos anos 1950. Cheira a batatas fritas e cigarros, já que este é o tipo de lugar onde ainda se pode fumar no interior. Deslizamos para uma mesa de canto e pedimos panquecas e café. Quando a garçonete sai, Colt arruma seu cardápio laminado e me fixa com seu olhar cauteloso, azul-esverdeado.

— Sobre o que você quer falar, Teeny?

— Eu pensei que aqui, estávamos usando nomes reais.

— Você disse que queria falar sobre a vida.

— Sim, — eu digo, deixando de lado a atitude malcriada. — Obrigada.

— O que você quer saber? — ele pergunta. — Agora que eu sei que você não está cobiçando meu pau, minha paciência pode se esgotar um pouco mais cedo, então me pergunte agora.

— Ok, — eu digo, gostando de sua abordagem direta. — Preciso de alguma visão do lado rico de Faulkner, eu acho. Você não me disse que era um Darling.

— Nascido e criado, — diz ele, aceitando sua Coca-Cola da garçonete.

Eu pego a minha e agradeço a ela antes de continuar. — Então, Dixie disse que você administrava esta cidade até os Dolces aparecerem alguns anos atrás.

— Parece que você já sabe de tudo.

Eu bufo. — Quase nada.

Por um minuto, nenhum de nós fala. Nossos copos de plástico vermelhos, altos e transparentes, estão sobre a toalha de mesa quadriculada entre nós.

— Então o que aconteceu? — Eu pressiono. — Isso não foi como, três gerações atrás. Mais como três anos. Você fez parte disso, certo?

— Sim, — diz ele. — Todos nós fizemos parte disso. Eles vieram para a cidade, aqueles três caras em Willow Heights, mais um e uma irmã. Meus primos e eu achávamos que éramos grandes coisas, sabe? E eles provaram que estávamos errados.

— Quão?

Colt suspira e se mexe na cabine, puxando os joelhos de seu jeans. — Bem, um dos meus primos se apaixonou pela irmã. Inferno, eu acho que todos nós meio que nos apaixonamos por ela. Mas ela se apaixonou por ele de volta. Nossas famílias não estavam tendo nada disso, no entanto. Eles se odiavam. Eles não os deixariam ficar juntos. Meu primo e ela acabaram desaparecendo durante aquela enchente no Ano Novo alguns anos atrás. Os policiais e toda a cidade procuraram por eles. A princípio, pensamos que eles fugiram, mas encontraram o carro alguns dias depois. Disseram que eles morreram fodendo no banco de trás.

— Droga.

Lembro-me daquele Ano Novo. De passagem, Zephyr mencionou que estava recebendo algumas pessoas se eu quisesse participar. Eu estava apaixonada por Maverick, então fui até lá, esperando que ele estivesse lá. Porque estava muito frio e chovendo, ninguém além da garota de Mav e Zephyr apareceu, mas eu me lembro da euforia elétrica de sair com garotos mais velhos legais e perceber que eles achavam que eu era legal também. Não podíamos fazer uma fogueira no quintal, mas o pai dele disse que podíamos queimar merda em um barril na varanda da frente.

A certa altura, seu pai saiu para pegar cerveja e voltou sem o carro. Ele disse que tinha vendido para conseguir mais cerveja. Ele e Zephyr entraram em uma briga feia sobre isso, e eu saí com Maverick para salvar Zephyr do constrangimento. Mav perguntou se eu queria uma tatuagem e fomos até a casa dele.

— Isso foi apenas o começo, — diz Colt, trazendo-me para fora da memória do meu mundo e de volta para o dele.

A garçonete chega com nossas panquecas e uma jarra de calda. Agradecemos a ela e nos ocupamos em desembulhar a folha de ouro dos rissóis

de manteiga e espalhá-la.

— Então, qual é o resto? — Eu pergunto finalmente, chuviscando calda sobre a pilha pálida de panquecas.

— Nossas famílias estavam brigando, mas quando perdemos Devlin, isso meio que nos esmagou, — diz Colt. — Sabe, ele era o menino de ouro, o filho favorito. Nosso avô tinha tudo preparado para ele ser prefeito um dia. Talvez ele tivesse, não sei.

Eu quero tocá-lo, pegar sua mão, mas não o faço.

Colt continua. — Quando ele morreu, estávamos prontos para jogar a toalha, pedir uma trégua. É tudo diversão e jogos até que seu irmão acabe morto.

— Desculpe, — eu digo, empilhando os pequenos recipientes brancos de creme enquanto ele fala.

— Nós não tínhamos nenhuma luta em nós, — diz Colt, sua expressão escurecendo. — Pelo menos a maioria de nós não. Vovô teria continuado, mas o resto de nós estava acabado. Só queríamos lamentar.

— Sinto muito, — eu digo novamente, por que o que mais você diz quando alguém lhe diz que perdeu um irmão e não teve permissão para sofrer? Um olhar para o cara diz que eles estavam perto – mais do que perto. Eles eram família. Sangue.

Colt dá de ombros e corta violentamente sua pilha de panquecas. — Isso não foi bom o suficiente para os Dolces. Eles nos culpam pela morte de Crystal, por praticamente todas as coisas erradas do mundo. E eles nos fizeram pagar.

Eu engulo em seco, olhando sua mão. — Foi isso que aconteceu lá?

— Algumas pessoas gostam de brincar com fogo.

Eu não posso dizer se ele está falando sobre si mesmo ou não. Eu balanço minha cabeça e aliso para trás uma mecha solta de cabelo que caiu do meu penteado bagunçado. — Desculpe. Não é da minha conta.

— Nah, — diz ele, largando o garfo e pegando alguns pedaços da minha pirâmide de creme. — Eu prefiro que você pergunte do que ficar olhando para ela e depois fingir que não está.

— Merda, — eu murmuro, meu rosto esquentando.

— Não se preocupe com isso, — diz ele. — Todo mundo faz isso. Sabe, eu costumava ser um figurão como os Dolces. Joguei futebol. Tinha todas as meninas. E não apenas aquelas que gostam de bad boys que fumam embaixo das arquibancadas. — Ele me dá uma piscadela preguiçosa enquanto repete minhas palavras.

— Tenho certeza que todas as garotas gostam disso. Mesmo aquelas que fingem que não.

Ele dá de ombros. — Eles foderam muito nossa família, Harper. Em um ano, eles destruíram sistematicamente tudo que nossos pais, avós e bisavós construíram ao longo de centenas de anos. Você pode não sentir isso do seu lado da cidade, mas Faulkner é diferente. A vibe de uma cidade pequena da América não é exatamente a mesma quando há homens da máfia comandando.

— Oh, — eu digo, lembrando de chamá-los de Sopranos. Talvez eu não estivesse tão longe. Não que Colt seja uma fonte imparcial. Mas ainda. É difícil não sentir pelo cara que perdeu tanto. Ele está certo sobre mim, no entanto. Do nosso lado da cidade, já não tínhamos nada a perder. Como poderíamos perder mais? De certa forma, talvez seja melhor ser alguém que nunca conheceu nada diferente, que anseia por uma saída, um gosto de algo mais. Um cara como Colt, que tinha tudo, sabe qual é o gosto, e tudo o que resta é o sabor amargo.

Seus olhos estão duros com isso enquanto ele continua. — Às vezes eu gostaria que eles tivessem matado a todos nós em vez de nos deixar viver para sofrer, vê-los andar por aí como reis, vê-los continuar a destruir tudo o que esta cidade representa e infectar tudo com sua podridão.

— Droga.

— Não estou falando merda nenhuma, como me tirar do time. Estou falando de assassinato e caos, merda doentia que você nem pode imaginar.

— Parece o meu tipo de diversão, — eu digo, tentando aliviar o clima.

— Eles também fugiram, — diz ele. — Arruinando a vida das pessoas, seus meios de subsistência. Acho que poderíamos ter continuado lutando. Nós fizemos, por um tempo. Mas eles sempre foram um pouco mais malvados, um pouco mais loucos. Era como se, quando eles perderam Crystal, eles não tinham mais nada a perder. Ainda nos importávamos um com o outro, com a cidade. Eles não se importam com nada. Eles nos jogaram no chão, nos humilharam, destruíram nossa família. Eles pagavam os policiais se eles viessem procurar, pagavam os juizes se as coisas fossem ao tribunal, pagavam o prefeito para olhar para o outro lado. — Ele balança a cabeça e enrola um guardanapo. — A máfia tem bolsos sem fim.

— Mas você ainda é rico.

— Não tão rico. — Colt abaixa a voz e se inclina para frente. — Ainda existem partidários do Darling, no entanto. Nem todo mundo esquece sua história quando dinheiro novo chega à cidade. Não terminamos de lutar. Podemos parecer derrotados, mas um dia...

Penso no Sr. D querendo informações sobre os Dolces. Agora tenho certeza que é um dos Darlings, mas não acho que seja Colt. O Sr. D falou sobre os Cisnes da Meia-Noite, sobre a fundação da cidade e como ela havia mudado. Eu ficaria feliz em fazer o que ele manda, em ajudá-lo depois do que os Dolces fizeram com ele. E eu sinto por Colt. Mas ainda parece sujo. Ninguém quer ser um informante, e é exatamente isso que ele está me pedindo para ser.

Eu empurro os pensamentos para longe, no entanto. Não devo nada aos Dolces. Devo ao Sr. D.

Colt só tornou meu trabalho muito mais fácil. Por que eu deveria me sentir culpada por espionar algumas pessoas que parecem muito malditas? Ajudar o Sr. D a derrubar uma família que destruiu a dele e está destruindo esta cidade não é uma coisa ruim. Tenho certeza de que Colt não tem ideia de que alguém em sua família está por trás de minhas investigações, no entanto.

Eu considero contar a ele, considero trazê-lo para esse esquema para recuperar Faulkner, mas quando ele pega seu café com a mão que tem uma cicatriz que está faltando o dedo médio, as palavras morrem na minha língua. Isso não é um jogo. Ou talvez seja, mas é perigoso, e não é justo envolvê-lo. Ele brincou com Fogo Dolce e foi queimado. Ele não é mais um jogador neste jogo, e provavelmente não quer ser. Ele pode estar amargo por ter perdido, mas ele aceitou sua derrota.

— Então... e agora? — Eu pergunto a Colt, limpando a calda com uma garfada de panqueca fofa. — Você é o rebelde que fica embaixo das arquibancadas e dirige um ringue de luta ilegal, e eles são os reis da escola?

Ele concorda. — Eles conseguiram o que queriam no final – destruir nossa família. Espero que eles estejam felizes pra caralho.

Penso naquela noite nas pistas, no olhar de Royal quando ele estava com as mãos em volta do meu pescoço e eu não conseguia respirar. Ele parecia capaz de matar. Ele não parecia feliz com isso, no entanto. Balanço a cabeça e dou outra mordida nas panquecas doces e pegajosas, engolindo com a amargura do café barato e queimado antes de responder. — Eu nunca vi um cara que parece menos feliz do que Royal Dolce.

Colt dá de ombros. — Eles ganharam o jogo, mas perderam a irmã.

— Parece que eles a perderam antes de ganhar o jogo.

— Se você a conhecesse, saberia que não valeu a pena. Nem mesmo para destruir o legado de Darling.

— Ela deve ter sido realmente algo, — eu digo, terminando minha comida e empurrando o prato vazio para longe.

Colt joga algum dinheiro na mesa sem nem contar e se levanta. — Ela era.

Estou surpresa com a decepção que sinto por não ter um cúmplice, e a pontada de tristeza com suas palavras. Não é que eu esteja com ciúmes de uma garota morta que eu nunca conheci. É mais porque estou com ciúmes do que ela significou para alguém — para muitas pessoas. Não apenas para a família dela, mas para um cara cuja família foi destruída pela dela. Se eu tivesse ido, nem mesmo minha mãe choraria. Ela adora me dizer o quanto sua vida seria mais fácil se eu não estivesse por perto.

Tento dizer a mim mesma o que sempre faço, que não preciso de ninguém. Nem minha mãe, nem amigos, nem cúmplice. Mas uma pequena voz interior sussurra a verdade — mesmo que eu não precise deles, eu ainda os quero.

— Seus irmãos, no entanto? — diz Colt. — Psicóticos heterossexuais, todos os três. Depois do que fizeram com minha irmã... Ela nunca mais será a mesma. Nenhum de nós vai.

Eu quero perguntar o que eles fizeram, mas está claro que ele terminou com essa conversa. — Obrigada pelo aviso, — eu digo em vez disso.

— Apenas dando a informação que você pediu, — diz ele, como se lembrando que ele não me conhece ou me deve merda nenhuma. — Faça o que quiser com isso. Apenas saiba que o que quer que você possa imaginar em seu pior pesadelo, nem mesmo os transformaria em base. Eles viram e fizeram — e riram enquanto o faziam.

\*\*\*

## O que eles disseram

*Você ouviu falar do incêndio?*

*Aquele que queimou o homem?*

*Não, aquele que queimou a garota.*

*Você ouviu falar da garota?*

*A que eles expulsaram da sua mente/ da ponte/ da cidade?*

*Não, aquele que desapareceu.*

*Você soube do desaparecimento?*

*Aquele que levou o carro e o casal?*

*Não, aquele que levou o menino.*

*Você ouviu falar do menino?*

*Nunca houve um menino, Helen.*

*Você deve estar se referindo ao monstro.*

— O que você pensa que está fazendo?

Faço uma pausa, momentaneamente pega de surpresa pelo tom gelado da voz de Royal. Eu crio minha coragem e me lembro que pertenço aqui tanto quanto eles. Não há assentos atribuídos. Tenho tanto direito de sentar aqui quanto qualquer outra pessoa na escola. Eu não tenho nenhum plano. Estou apenas pulando com os dois pés. O que quer que eles joguem em mim, eu aguento.

— Estou almoçando, — eu digo, dando-lhes o meu sorriso mais doce. Coloco meu prato na mesa e me sento do outro lado da mesa redonda de Royal. Ele me encara com tanta incredulidade que eu quero rir alto. Seus irmãos o ladeiam de cada lado, dois amigos de cada lado, e os meninos Dolce ocupando os assentos restantes. Todos menos um.

— Você não pode sentar aqui, — Royal range entre os dentes cerrados.

Baron levanta um dedo, como se dissesse para ele segurar esse pensamento. E embora eu tenha certeza de que Royal é o líder de seu pequeno grupo, ele obedece. Ele cruza os braços, o que faz com que seus músculos protuberem de todas as maneiras certas, e me encara com olhos semicerrados.

Eu tento não deixar essa pose de idiota me deixar quente, mas Deus, ele é sexy quando está tentando me intimidar. Não tenho certeza se deveria estar assustada ou excitada, mas tenho certeza que não deveria estar as duas coisas ao mesmo tempo.

Baron tira um pirulito do bolso e o desembrolha lentamente. O enrugamento do plástico é o único som na sala. Meu coração martela contra minhas costelas, mas eu me forço a não me mover. Quando Baron finalmente fala, juro que todos no café se inclinam para ouvi-lo.

— O que você quer? — ele pergunta.

— Ah, já estamos negociando? — Eu pergunto. — Isso foi mais fácil do que eu pensava.

— Nós não negociamos com lixo de reboque, — Royal rosna.

— Por que você está aqui? — Baron esclarece, enfiando o pirulito em sua bochecha e acenando para o meu prato.



— Você não disse que todo mundo tinha que se curvar, raspar e beijar sua bunda? — Eu pergunto. — Bem, aqui estou eu, toda enrugada.

— Saia, — diz Royal categoricamente.

— Não, não, espere, — diz Duke, inclinando-se sobre a mesa em minha direção. — Eu quero ouvir isso. Então, você está pronta para entrar na fila?

— Já na fila, — eu digo. — Reto e estreito, fila única, toda essa merda.

— Você vai fazer o que queremos, quando queremos? — ele pergunta, positivamente olhando de soslaio para mim.

— Se eu puder ser sua garotinha Dolce, — eu digo, piscando meus olhos para ele.

— Não. — Royal me encara, seus olhos escuros vendo através de mim, do jeito que sempre parecem ver. Todos eles sabem que estou cheia de merda. Eu não estou escondendo isso. Mas ele é o único que parece saber que é mais do que isso.

Duke suspira e estende a mão sobre a mesa, pegando meu prato e girando-o para si. — Obrigado por me trazer o meu almoço, — diz ele.

Eu chego em direção a ele, mas sua mão aperta a minha, seu aperto esmagando mesmo que sua boca ainda esteja sorrindo. — Eu não sou sua serva, — eu estalo.

— Agora você é, — diz ele. — A próxima vez que você colocar algo na boca nesta escola, será meu pau.

— Lembre-se disso da próxima vez que você vier implorar por migalhas, — diz Baron. — Agora vá embora, antes que você irrite as pessoas importantes.

— Mas eu sou uma de suas pequenas concubinas agora, — eu digo. — Elas não se sentam aqui para que possam abaná-lo e alimentá-lo com uvas?

— Não é assim que funciona, — diz Royal. — Agora, se você sabe o que é bom para você, você vai embora e não olhará para trás.

— E lembre-se do que eu disse, — diz Duke, casualmente se ajustando no caso de eu já ter esquecido seu pau.

Eu olho para Royal, ainda sentado lá com os braços cruzados, seus ombros preenchendo sua camisa abotoada tão bem que posso ver a definição em seus

ombros, peito, bíceps.

Por um longo minuto, nenhum de nós se move. Por fim, ele se levanta. Todos na mesa se levantam um segundo depois, e como um só, eles se viram e vão embora. Eles assentam em outra mesa, e as poucas pessoas sentadas ali se dispersam para encontrar outros assentos para que sua Realeza possa tomar seu lugar. Eu sento congelada, de repente ciente de todos os olhos no refeitório em mim. Não me mexo, mal me atrevo a respirar. Não tenho nem comida para me ocupar. Estou sozinha, exposta pelo pária que sou.

De repente, minha garganta está apertada, e é tudo que posso fazer para não me levantar e sair correndo. Eu não vou dar-lhes a satisfação, no entanto. Eu pisco com força, afastando o ardor em meus olhos, feliz por estar de costas para o ambiente para que ninguém possa ver o quão perto das lágrimas estou. Sento-me, de mãos vazias, sem ousar mover um músculo e quebrar o controle cuidadoso e frágil que tenho sobre mim mesma agora.

Por toda a sala, ouço os sussurros. Depois as conversas. Risada. Estão Rindo.

Eu não me viro para ver do que eles estão rindo. Não quero ver quem ainda está olhando, quem tem pena de mim, quem pensa que sou patética e quem pensa que sou tão repulsiva quanto os Dolces me fazem parecer.

Eles não importam. As pessoas rindo. Os desdenhosos. Os com amigos. Os caras que não vão me namorar agora, as garotas que não vão ser minhas amigas. Todos que se sentam em silêncio, não querendo atrair a ira dos valentões mais poderosos da cidade, e aqueles que alegremente participam de seus esquemas mais doentios. Nenhum deles importa.

Eu importo. Sair desta cidade importa. O que eu digo ao Sr. D é importante.

Nunca fiquei tão aliviada ao ouvir o raspar das cadeiras quando as pessoas começam a se levantar para devolver seus pratos. Eu me levanto, minhas pernas parecem de madeira quando saio pela porta sem olhar para trás. Assim que chego ao corredor, começo a andar mais rápido, determinada a chegar em segurança antes de chorar. Quando penso em ir para minha próxima aula, porém, sei que não vou conseguir. Em vez de ir para o meu armário, eu desvio, empurro a porta e vou para o campo de futebol.

Não estou nem na metade do caminho quando vejo Colt emergir das sombras. Ele para quando me vê, porém, apoiando-se em um dos suportes e me observando se aproximar. Quando o alcanço, ele estende um maço de cigarros. Sem dizer uma palavra, ele pega um e o coloca entre os lábios, acendendo antes

de me entregar o isqueiro.

Nenhum de nós fala por alguns minutos. Por fim, percebo que ainda estou segurando seu isqueiro e o devolvo. — Obrigada.

Ele desliza o isqueiro no bolso e mantém a mão lá. — Abusivos Dolce? — ele pergunta.

— Como você adivinhou?

Ele levanta uma sobrançelha enquanto dá uma tragada. — Eu não, — diz ele, sorrindo e deixando a fumaça sair de seu sorriso como uma máscara macabra de Halloween. — Já está no blog.

— Você lê o blog de Dixie, — eu digo. Não é nem uma pergunta. Todo mundo lê. Ela me disse o nome dele, mas eu não olhei porque eu realmente não quero ver o que está lá. Eu provavelmente deveria, mas considerando que meu infame tapa no pau é provavelmente notícia de primeira página, vou pular essa. Vou ter que fazer fofoca do jeito bom e antiquado.

— Todo mundo lê o blog de Dixie, — diz Colt.

Ainda assim, eu realmente não esperava que meu novo amigo tatuado, pronto para o ringue de luta, lesse um blog de fofocas.

— Você a conhece ou algo assim? — Eu pergunto, soprando fumaça pelo canto da minha boca, apreciando a carga de nicotina em minhas veias.

— Não, — diz Colt, franzindo a testa para mim.

Eu dou-lhe um olhar de lado. — Sério? Porque eu a vi saindo de baixo das arquibancadas na primeira vez que vim aqui, e você era o único aqui.

— Deve ter sido outra pessoa, — diz ele. — Eu mal conheço a garota.

Eu começo a discutir, então dou de ombros. Se ele não quer que eu conheça seu negócio, eu posso respeitar isso. Não estou aqui para espioná-lo. Então, agradeço-lhe pelo cigarro e terminamos em silêncio antes de entrar. Estou feliz por estar atrasada para a aula. Significa que não tenho que enfrentar ninguém no corredor.

Tenho medo de ir para a escola no dia seguinte, mas sei que tenho que aguentar e continuar, continuar tentando, até terminar o trabalho. O Sr. D espera esse relatório.

Então, no almoço do dia seguinte, vou direto para o café sem ir ao meu armário. Chego cedo e entro como se fosse dona do lugar tanto quanto as outras garotas Dolce, aquelas que receberam esse título pelos próprios Dolce. Eu sou a única garota Dolce autoproclamada.

Depois de pegar meu prato, sento no mesmo lugar de ontem, bem em frente à onde Royal está sentado. Ninguém nunca senta aqui. No começo, pensei que deveria ser reservado para alguém, mas agora percebi que ele gosta de poder sentar de costas para a parede ao lado da porta e ver todo o refeitório. Ele não quer minha cabeça grande no caminho.

Um minuto depois, ele entra com seu pelotão. Seu passo vacila por apenas um segundo quando ele me vê lá, mas eu percebo. Ele se aproxima da mesa e olha para mim.

— O que... porra... você está fazendo? — ele pergunta, seus olhos escuros queimando com aquele vazio dolorido que me faz estremecer, me faz querer fugir, mas ao mesmo tempo, me aproximar, me deixar ser sugada pela escuridão de sua alma que chama a minha.

— Esta é a melhor mesa, — eu indico.

— É por isso que é a *nossa* mesa.

— Há espaço para você, — eu digo, apontando para todos os assentos vazios ao nosso redor. Uma multidão está se reunindo atrás de seu esquadrão, engarrafada na porta do café, mas ninguém se move para abrir caminho.

— Saia da nossa mesa, — adverte Royal.

Eu dou de ombros. — Eu não vejo o seu brasão Dolce estampado nela, — eu digo. — Na verdade, eu nem vejo uma placa dizendo que seu paizão doou. Então, acho que é um jogo justo.

— Não é.

— Honestamente, eu não esperava que você voltasse, — eu digo, olhando para ele do outro lado da mesa. Meu coração está batendo descontroladamente no meu peito, mas não vou recuar. — Achei que tinha te assustado ontem.

— Eu não estou com medo de você, — diz ele, sua postura tensa, como se estivesse prestes a saltar sobre a mesa e me estrangular.

— Hm, parece que me lembro de você fugindo ontem, — digo. — Devo ser muito intimidante para fazer um homem grande como você correr com

medo.

Suas grandes mãos se curvam em volta de seu assento, as duas quase cobrindo todo o topo da cadeira. Um pensamento absurdo vem à minha mente, um flash de todos os caras que ouvi dizerem — mais do que um punhado é um desperdício—. Se for esse o caso, seriam necessários alguns peitos enormes para satisfazer esse cara.

— Como você espera que nós comamos com sua cara feia bem na nossa frente? — Royal pergunta, suas palavras baixas e cheias de veneno. — É o suficiente para fazer qualquer um perder o apetite.

Por um segundo, não consigo pensar em uma resposta. É o tiro mais barato que um cara pode dar, chamar uma garota de feia, e eu sei disso. Mas é fácil porque funciona. Isso dói. Quero dizer que não me incomoda, que sei que sou mais do que um rosto bonito ou feio. Mas ouvi o eco das palavras de minha mãe tantas vezes que estão na minha composição celular. Em um mundo onde a aparência é tudo que uma garota tem, ser feia é a pior coisa que ela pode ser. Se não tenho beleza que um homem possa reconhecer, não tenho nada. Eu não sou nada.

Mas eu sei o meu valor, mesmo que eles não saibam. Mesmo que minha própria mãe não saiba.

— Seja como for, — digo com cuidado. — Esta é claramente a melhor mesa do café. O que significa que é aqui que eu pertença.

— Vamos mostrar a ela onde ela pertence, — diz Baron, dando um passo em torno de um lado da mesa.

— Hora de tirar o lixo, meninas, — diz Gloria, pairando atrás do ombro de Royal como um mosquito irritante. Seus olhos pretos duplos me dão alguma satisfação.

Baron me alcança, mas sou mais rápida e saio da cadeira em meio segundo. Duke me agarra por trás enquanto me afasto de seu irmão. Eu jogo uma cotovelada em suas costelas, e ele resmunga, agarrando meu braço e torcendo-o atrás das minhas costas. Ele rasga meu braço, esperando que eu me incline sobre a mesa para que ele possa fazer uma piada sobre me foder na bunda, sem dúvida.

Em vez disso, eu giro para fora de seu aperto e caio no chão, caindo de bunda. Enquanto ele está ocupado rindo, eu me apoio nas palmas das mãos e giro minhas pernas, tirando seus pés de debaixo dele. Ele tropeça para a frente e agarra uma cadeira, mas cai de joelhos de qualquer maneira. Eu começo a me mover para um bom chute na virilha, mas alguém agarra meu cabelo por trás, me

puxando para trás pelo chão.

— Já chega disso, — Baron rosna no meu ouvido, puxando minhas duas mãos atrás de mim e segurando-as presas contra seu peito com o antebraço. Ele envolve o outro braço em volta de mim, me levantando. Eu chuto suas pernas, tentando colocar o calcanhar em sua rótula, mas Duke se levanta e agarra minhas pernas.

— Vamos fazer essa merda, — ele canta, bombeando um punho no ar antes de agarrar um dos meus tornozelos em cada mão.

Eu empurro e torço, batendo minha cabeça contra o peito de Baron, mas ambos têm o dobro do meu tamanho, e não há como se libertar agora. Tudo em mim está gritando em pânico, mas eu me forço a ficar quieta, ser um peso morto em suas mãos. Eu preciso economizar minha energia para escapar do que eles planejaram quando me colocarem para baixo.

Uma multidão se reuniu para assistir, conversando animadamente com a perspectiva de entretenimento. Os Dolce me levam para fora do refeitório e pelo pequeno corredor até a porta que leva para fora. Eu saí por essas portas para escapar para as arquibancadas, mas eles viram para o outro lado quando estamos do lado de fora. Eu não tenho ideia para onde eles estão me levando, e o terror me atravessa como facas, mas eu não mexo um músculo, mesmo que a adrenalina esteja subindo por mim, fazendo meu corpo inteiro tremer de antecipação.

— Boa menina, — diz Baron. — Veja, não era tão difícil ser obediente, afinal. Foi?

Eles me carregam na esquina e param em um par de lixeiras.

— Sério? — Eu pergunto. — Esta é a coisa mais original que você pode inventar?

— Abra-a, meninos, — diz Duke, começando a balançar meus pés.

Baron entra em ação, os dois balançando meu corpo para frente e para trás para ganhar impulso. Ok, eu posso lidar com uma lixeira. Não é meu lugar favorito para estar, mas melhor do que eu pensava que estava prestes a cair.

Uma das garotas dá um passo à frente e abre um cadeado pendurado na frente da coisa, já que aparentemente até o lixo de Willow Heights é tão chique que precisa ser protegido. Dawson Walton e DeShaun Rose avançam para abrir a tampa antes de recuar. Os gêmeos estão prestes a me mandar voando quando uma figura familiar e tatuada vem passeando ao lado da lixeira.

Ele apoia um cotovelo nela, observando os procedimentos com desinteresse casual. — Isso é mesmo necessário? — ele fala arrastado.

— Foda-se, Dynamo, — retruca Royal. — Isso não tem nada a ver com você.

— Inferno, sim, é necessário, — Duke grita, e com um último suspiro, eles me mandam para o lixo. Eu bato em pilhas de sacos plásticos pretos, quentes e cheirando a leite estragado e comida podre. Minha cabeça bate na parede de trás com um baque e, por um segundo, tudo que posso ouvir é um zumbido alto e metálico em meus ouvidos.

— O que é isso para você? — Royal pergunta.

Colt joga o cigarro na beirada da lixeira. — Nada.

— Vamos jogá-lo também, — diz Duke. — Lixo com lixo.

Estou apenas deixando minha cabeça clara o suficiente para lutar para ficar em pé quando eles agarram Colt e o jogam do meu lado. Eu tento pular antes que ele caia em mim, mas ele bate em mim antes que eu possa ficar de pé, e nós dois nos esparramamos. Eu o chuto, lutando freneticamente para me libertar enquanto ele geme e esfrega a cabeça. A tampa de borracha da lixeira se fecha, mergulhando-nos na escuridão úmida. Eu atiro debaixo de Colt, cutucando a tampa. Ele aparece cerca de 30 centímetros mais alto, mas alguém o esmaga de volta. Subindo nos sacos de lixo quentes e deslizantes, empurro a tampa, mas ela só balança um pouco.

— Deixe-me sair, — eu grito. Do lado de fora, os caras riem enquanto eu jogo meu ombro nele, tentando sair. Isso continua por cerca de cinco minutos.

— Estou entediado, — resmunga Royal. — Vamos lá.

Por um segundo, o alívio passa por mim, e eu afundo, limpando meu cabelo do meu rosto suado. E então ouço o horrível clique de finalização quando a fechadura se fecha.

— Vamos rolar, — Duke grita, batendo na tampa com os punhos.

Oh Deus. Vou morrer aqui, sufocada sob sacos de lixo podre. — Deixe-me sair, — eu grito, batendo na tampa novamente.

— Deixe-os, — diz Royal. — Eles se merecem.

Alguém bate um punho na tampa mais uma vez. — Estuprá-la uma vez

para mim, — grita Baron, e todos eles caem na gargalhada. As vozes se afastam e, depois de um minuto, ficamos em silêncio.

— Você não poderia ter me ajudado lá fora? — Eu pergunto, balançando a tampa, tentando ver se consigo dobrar um canto.

— É melhor não lutar contra eles, — diz Colt. No raio de luz que surge quando eu empurro a tampa, posso vê-lo reclinado nos sacos de lixo como se isso não o incomodasse nem um pouco. Enquanto isso, estou me esforçando para não perder a cabeça. Digamos apenas que espaços pequenos e eu não nos damos muito bem. Eu pressiono meu nariz e boca na abertura, tentando inspirar o ar limpo lá fora. Aqui, está mais quente a cada segundo, e eu não consigo encher meus pulmões sem querer engasgar com o cheiro. Posso sentir uma camada de suor úmido e desagradável brotando em mim.

— Você vai ficar deitado aí? — Eu agarro Colt.

Um segundo depois, ele acende o isqueiro e acho que pode ajudar. Em vez disso, ele acende um cigarro. Exatamente o que esse espaço abafado, fedorento e minúsculo precisa: fumaça.

— Você se importa?

— Nah, — ele diz. — Não é meu primeiro mergulho no lixo. Relaxe aí, Appleteeny.

É quando a fumaça me atinge, e não é o cheiro acre do tabaco. Quando ele o estende, eu quase o apalpo, estou com tanta pressa de levá-lo à minha boca. Estou *tão perto* de enlouquecer, e eu sei que isso não vai ajudar em nada. Eu tomo alguns tragos profundos antes de passá-lo de volta. Foda-se a etiqueta da maconha agora. Tempos desesperados.

Colt não parece se importar. Ele está rolando em seu telefone.

Quando a cannabis penetra, posso respirar novamente, embora esteja mais quente e mal cheiroso do que nunca. — Obrigada, — eu digo, afundando nas bolsas quentes e perturbadoramente macias. — Desculpe, eu estava sendo uma vadia. Também não é meu primeiro mergulho no lixo.

Não acrescento que as minhas foram voluntárias, que arranjei comida dessa maneira quando as coisas estavam ruins, principalmente no ano em que faltei à escola. No ano anterior, no final da minha oitava série, mamãe tinha conseguido um emprego decente e um namorado meio decente e nos mudou para fora do estacionamento de trailers, e por um tempo, pensei que poderia ser melhor. Ela passava a maior parte do tempo na casa do namorado, mas eu preferia isso aos



que ela arrastava para casa para bater a cabeceira da cama na parede e me manter acordada a noite toda, então me olhava de soslaio tomando café pela manhã.

E então chegou o fim do verão, e com ele, o inevitável. Eu estava prendendo a respiração esperando por isso, mesmo que eu esperasse que nunca acontecesse — quando mamãe tropeçou em soluçar no meio da noite. Eu cuidei dela enquanto ela reclamava e delirava sobre como ele era mau, como todos os homens eram maus. Essa noite foi seguida, como sempre, por noites inteiras com suas amigas e qualquer cara que estivesse bêbado o suficiente para transar com ela, depois a perda de seu emprego, desta vez acompanhada pela confissão de que a única razão pela qual ela conseguiu um emprego decente no primeiro lugar era que ela já estava vendo o Sr. Hot Shot. Ainda assim, esse foi um de seus relacionamentos mais longos e um dos piores rompimentos.

Daí as tentativas de encontrar comida, que não deram muito certo no início. Mas então, uma noite depois de eu ter saído com Zephyr, ele quis parar em uma loja no caminho de casa. Eu disse a ele que estava fechado e, sem nenhuma vergonha, ele deu de ombros e disse que era um dos melhores lugares para mergulhar na lixeira. Depois disso, ele me mostrou os lugares que tinham comida boa, como latas amassadas ou sem rótulos, e aqueles que trancavam suas lixeiras, e aqueles que chamariam a polícia se vissem você em suas câmeras de segurança. Aparentemente, algumas pessoas preferem que os pobres morram de fome a receber qualquer coisa de graça — até mesmo alimentos vencidos que não podem vender e que consideram lixo.

Colt cutuca meu sapato com o dele. — O que você está pensando aí, Teeny?

— Estamos ficando chapados em uma lixeira agora, — eu digo. — Reclinado em nosso trono de lixo.

— Isso é o que você estava pensando?

— Nah, — eu digo. — Apenas um cara que eu conheci. Mas o que realmente devemos pensar é como sair daqui antes de assar em uma caçarola de lixo.

— Ah, relaxe, — diz Colt, puxando meu cotovelo quando começo a me levantar. — Você não quer saber o que eu estava pensando?

— Claro. No que você estava pensando?

— Sobre aquele boquete.

Eu não posso deixar de rir. — Você não pode estar falando sério. Estamos

literalmente em um lixão cercado por lixo podre. Isso te excita?

— Não, — diz ele, sorrindo para mim com olhos lentos e apedrejados. — Você me excita.

— Fala sério, — eu digo. — É melhor você não estar pensando em me estuprar só porque Baron disse isso.

— Não sou um estuprador, — diz ele. — Mesmo se eu fosse, eu não foderia com você.

— Bom, — eu digo. — Porque eu tenho uma faca.

— Eu vi você lutar sem uma faca, — diz ele. — Eu não foderia com você mesmo se você não tivesse uma. Você é uma vadia louca, sabia disso?

Eu empurro meu queixo em um aceno. — Obrigada.

— Não se preocupe, Teeny, — diz ele.

— Bem, nós temos algumas preocupações, — eu digo. — Eu não posso quebrar o canto disso, e é muito grosso para dobrar.

— Alguém virá, — diz ele, pegando no baseado e folheando seu telefone.

— Sério? — Eu digo. — Essa é a sua solução? E se eles não vierem? Você sabe quando o caminhão de lixo passa?

— Não, — ele admite.

— E você tem um plano para quando eles despejarem a lixeira inteira no caminhão e nos compactar?

Quando ele não responde, eu pego minha faca e começo a tentar serrar minha saída. É ridiculamente difícil e dolorosamente lento. Por fim, ouço a correria dos alunos quando a escola termina e todos saem para passear e conversar ou correr para seus carros e sair do estacionamento.

Ouç o arrastar de sapatos na calçada e congelo, de repente certa de que alguém virá me dizer que estou destruindo a cidade ou a propriedade da escola tentando me livrar de uma armadilha mortal. Em vez disso, ouço o tilintar das chaves e, um segundo depois, alguém abre a tampa. Eu pisco contra a luz do sol, cega depois de tanto tempo no úmido dentro da lixeira.

— De novo não, — vem uma voz doce e familiar do sul. — Eu pensei que eles tinham acabado de mexer com você. O que você fez desta vez?

Colt fica de pé e salta para o lado da lixeira, estendendo um braço tatuado para mim. Eu agarro e pulo com ele e Dixie, nossa salvadora do dia.

— Veja, alguém veio, — diz Colt, acenando com o telefone para mim. — Paciência, Teeny. Às vezes isso funciona melhor do que força bruta.

— Diga isso aos meus punhos.

— Tudo o que sei é que não suei, — diz Colt. — Eu estava apenas relaxando lá enquanto você surtava e tentava escapar com um canivete.

Eu estreito meus olhos para ele. — Você poderia ter me dito que conhecia alguém com uma chave.

— Se você tivesse feito todas as *128 horas* em cima de mim e tentado serrar seu braço, eu teria parado você.

Eu rolo meus olhos para ele. — Obrigada.

— Por que você estava lá? — pergunta Dixie, que está acompanhando nossa conversa como se estivesse esperando um lugar para intervir.

— É onde eu moro, — eu digo. — Vendo como eu sou a rainha do lixo branco e tudo mais.

— Sinto muito, — diz Dixie. — Esses garotos têm mais poder do que sabem o que fazer. Eu juro, eles costumavam ser muito legais. Ou, pelo menos, meio legal. Em algum lugar lá no fundo, eles são apenas garotinhos perdidos que precisam de alguém que os ame o suficiente para dizer não.

— É com isso que vamos agora? — Colt pergunta. — Eu pensei que no fundo eles eram sociopatas que estragam tudo o que tocam apenas por diversão.

— Bem, essa é outra maneira de colocar isso, — diz Dixie. — Meu jeito foi um pouco melhor.

— Por mais que eu adorasse ficar debatendo os méritos dos caras que nos jogaram no lixo como se fôssemos lixo, eu perdi algumas aulas, então provavelmente deveria pegar os professores antes que eles saíssem para o dia. — Eu digo, puxando minha camisa úmida para longe da minha pele.

— Uau, você é como uma nerd, não é? — Colt pergunta.

Eu o corrijo com um olhar. — Sim, bastante. E quanto a isso?

— Nada, — diz ele, levantando as mãos. — É legal. Vá buscar esse crédito

extra.

Eu estreito meus olhos para ele, tentando descobrir se ele está dizendo isso porque ele sabe alguma coisa. Algo sobre o Sr. Behr. Essa vida parece distante agora, depois de apenas algumas semanas, mas tenho que lembrar que ainda está lá. Os Dolces poderiam lançar essa foto a qualquer dia. Depois da maneira como os tenho antagonizado, estou surpresa que ainda não o tenham feito.

Colt estava certo. Eu ataco tudo de frente, com força bruta, e isso não foi diferente. Mas esses meninos são sorrateiros. Eles seguram suas cartas perto do peito. Eles vão jogar esse trunfo quando estiverem prontos. O que significa que preciso ser mais cuidadosa, mais inteligente, se quiser chegar a algum lugar com eles.

Eu começo a me virar, então volto para algo que está incomodando no canto da minha mente por horas. Ele aparece na frente de uma só vez, me dando um tapa no rosto.

Quando Colt apareceu, Royal o chamou de *Dynamo*.

— Ei, Colt, — eu digo, recuando em direção ao prédio. — Royal luta?

Colt dá de ombros, e seu olhar se volta para Dixie por apenas uma fração de segundo. É tão rápido que ela perde porque ela está olhando para mim. Mas eu não sinto falta.

— Como eu iria saber? — ele diz. — Não é como se eu seguisse o cara para ver em que merda ilegal ele está.

— Certo, — eu digo, dando-lhes um aceno antes de entrar, ainda suada e cheirando a lixo. Mas nada vai me impedir de manter minha bolsa de estudos, e se isso significa que eu tenho que ir para meus professores cheirando a leite azedo e alface podre, então é isso que vou fazer. Eu nem me importo. Porque finalmente, eu tenho algo.

Royal luta ou vai para o Slaughter Pen para assistir. Nunca o vi nas minhas lutas, o que faz sentido. Ele está fazendo a coisa toda de Friday Night Lights enquanto eu estou lutando. Mas ele conhece Colt pelo nome do clube da luta. O que significa que nas noites de sábado, quando os caras lutam, ele está do lado de fora fazendo apostas ou no ringue.

\*\*\*

**Clube de luta**

*A primeira regra*

*Bata mais forte*

*A segunda regra*

*Bata com mais inteligência*

*A terceira regra*

*Faça-os sangrar*

*A quarta regra*

*Faça-os pagar*

*A quinta regra*

*Deixe-os quebrados no chão*

*A sexta regra*

*Deixe-os querendo mais*

*A sétima regra*

*Dirija até a ponte*

*A oitava regra*

*Fique na borda*

*A nona regra*

*Assista sua irmã morrer*

*A décima regra*

*Nunca, nunca chore.*

Fico boquiaberta com a tela do computador, não acreditando muito que as pessoas vivam assim. Tentei procurar a casa Dolce em casa, mas mamãe não pagou a conta de novo, então estamos sem internet. Mas eu precisava saber onde eles moram, então fiz uma busca rápida no início da aula. Arriscado, já que depois de um pequeno contratempo de agendamento onde tive que ter minhas aulas um pouco embaralhadas, agora tenho um menino Dolce em cada uma das minhas aulas. Mas estou sentada no canto de trás e, embora as pessoas estejam se aglomerando ao meu redor porque o calor finalmente acabou por um dia e as janelas estão escancaradas, ninguém está prestando atenção em mim.

Uma busca rápida me traz o que preciso. Uma mansão branca confederada afastada da estrada, escadas duplas curvando-se na frente da casa até a varanda do segundo andar, que circunda toda a casa. Parece algo saído de um filme. Não é exatamente o que eu esperava, no entanto. Estúpido que meu cérebro tenha conjurado uma imagem de uma casa moderna só porque eles são de uma cidade pequena, mas assim vai. Imaginei algo com toneladas de vidro e talvez um pouco de madeira natural e aço inoxidável, algo masculino e de bom gosto como suas roupas.

Eu sabia que havia uma área rica no extremo norte de Faulkner, mas nunca estive lá. Ver uma casa, mesmo uma que não se parece em nada com o que eu imaginei, torna muito mais real, o quão longe do meu universo esses meninos vivem. Inferno, até hoje, eu nem sabia que havia escolas cujas janelas podiam abrir. Estou acostumada com as janelas estreitas e retangulares colocadas no alto das paredes da FHS, como se fosse uma prisão. Eu entrei no mundo de outra pessoa e não conheço as regras, e ver esta casa só me faz mais consciente do cuidado que preciso seguir.

Colt estava errado sobre eles. Eles têm muito a perder.

A respiração quente se enrola em meu ouvido, enviando um arrepio correndo por mim. — Stalker?

Eu quase pulo da minha cadeira, minha bochecha colidindo com a de Royal. Ele ri contra o meu pescoço, e outro arrepio me percorre, este carregada de eletricidade. Eu tento fugir, mas sua mão está nas costas da minha cadeira. Ele desliza para o assento ao meu lado, mesmo que não seja onde ele se senta. Eu ainda posso sentir o calor de sua pele contra minha bochecha, e é tudo que posso fazer para não levantar minha mão e passar meus dedos sobre minha pele, ver se é de verdade. Eu tento inventar uma desculpa para eu estar sentada aqui olhando

para uma foto da casa dele, mas nada acontece.

Ele não parece chateado, no entanto. Ele sorri para mim em vez disso. — Está tudo bem, — diz ele. — Se você está desesperada o suficiente para atravessar a cidade para uma foda de pena, eu vou passar a noite na favela. Aquele quarto é meu. — Ele aponta para uma janela no último andar da casa.

— Eu pensei que você tinha uma namorada na faculdade, — eu digo, me recuperando.

Suas sobrancelhas se curvam. — Quem te disse isso?

— Eu não me lembro, — eu admito. — Provavelmente Dixie.

Um lampejo de algo desliza sobre sua expressão, e então ele me dá aqueles olhos semicerrados, seu queixo erguido um pouco para que ele possa me olhar um pouco melhor do que ele poderia de seus habituais 1,80m. — E você acha que isso me impediria de foder um pedaço de bunda apertado como você?

Reviro os olhos e repito algo que ouvi muitas vezes. — Um buraco é um buraco, certo?

Quinn, que geralmente senta comigo, fica a alguns metros de distância até que Royal a vê. Ele lhe dá um movimento irritado de seus dedos, e ela sai correndo. Acho que estamos sentados juntos e falando sobre foder, então.

— Não acredite em tudo que você ouve, querida, — Royal fala lentamente em seu sotaque de Nova York.

Estou acostumada com as pessoas me chamando de querida, docinho e bebe. Afinal, é o Sul. Mas quando ele diz isso, é diferente. Parece um gângster direto, como uma ameaça que um mafioso diz antes de colocar sapatos de cimento em você.

*Espero que esteja pronta para nadar com os peixes, querida.*

Ok, eles provavelmente não dizem isso, mas ainda é diferente ouvir essa palavra em sua voz perigosa e com sotaque. Mais uma vez, aquele pequeno arrepio de medo e excitação pinica minha pele. Sim, é foda. Mas para uma garota como eu, cuja única posse duradoura é o corpo com que nasceu, o dinheiro é sedutor. Para uma garota como eu, que teve que conquistar respeito com os punhos, o poder é inebriante. E ele tem dois gumes - em espadas.

— O que é que eu não deveria acreditar? — Eu pergunto, descansando meu queixo na minha mão e dando a ele um olhar que está em algum lugar entre

um desafio e um convite. — Que você tem uma namorada, ou que você acha que um buraco é tão bom quanto o outro?

Royal estende a mão, afastando lentamente o cabelo da minha bochecha. Eu congelo. Minha respiração fica presa na garganta, e eu sei que deveria dar um tapa nele por pensar que ele tem o direito de me tocar, mas oh foda-se, parece que todo o meu corpo está sendo iluminado quando seus dedos roçam minha pele. Ele observa seus dedos se movendo contra meu rosto, coletando uma mecha errante, enrolando-a atrás da minha orelha com um cuidado doloroso e agonizante. Quando seus dedos deslizam ao redor da concha da minha orelha, mal roçando meu lóbulo, um tremor começa no fundo do meu núcleo, e estou tão tonta que acho que vou cair da cadeira.

— Nenhum, — sussurra Royal, inclinando-se para mais perto. Seu olhar mergulha em meus lábios, e ele molha seus próprios lábios, e me foda, mas tudo que posso pensar é em beijá-lo. Se ele pode tocar minha bochecha e me fazer brilhar como se fosse a porra do Natal, como seriam esses lábios nos meus? Como seriam aquelas mãos grandes no meu corpo?

Deus, eu preciso parar, mas ele é intoxicante. Seu toque, sua voz, o calor animal de seu corpo derramando sobre mim como mel quente, o cheiro escuro e picante dele quando ele se aproxima e, acima de tudo, seus olhos. Há algo neles que me penetra direto no âmago, como se ele estivesse iluminando minhas vergonhas mais sombrias, catalogando cada um dos meus medos mais profundos. Seu olhar me desnuda, e sinto toda a vulnerabilidade e erotismo do primeiro momento em que um homem põe os olhos em meu corpo nu, mesmo estando sentada em uma sala cheia de pessoas, totalmente vestida.

Seus dedos roçam meu queixo, seu olhar segurando o meu. Não é uma sensação de estar presa, mas uma que me atrai, me puxando para mais perto, me sugando para seu mundo. A escuridão que posso ver escondida atrás desses olhos chama os meus, me convida a vir e jogar seus jogos doentios e distorcidos, me convida a me afastar da luz e dançar na escuridão com ele.

Ele levanta meu queixo, e não consigo mais ouvir o professor ou qualquer coisa na sala. Tudo o que posso ouvir é meu coração disparado em meus ouvidos, sua respiração pesada contra a minha. Nada mais existe. Ele desliza o polegar lentamente pelo meu lábio inferior, e um arrepio rola pelo meu corpo, apertando meus mamilos e fazendo meus joelhos se apertarem e meus lábios se separarem enquanto um suspiro inaudível me escapa.

Royal se inclina ainda mais perto, até que nossas testas quase se tocam, nossas bocas apenas uma polegada de distância. — Você realmente inventou uma namorada para mim para que você pudesse fingir que é por isso que eu não estou interessado em meninas ridículas do ensino médio e seus dramas



mesquinhos? — ele ronrona, sua voz quente em minha pele como veludo.

— O que? — Eu estalo, me afastando de seu toque, meu coração disparado e minha cabeça girando. Como eu poderia deixá-lo chegar até mim por um minuto sequer?

A professora nos dá um olhar irritado. Royal ri e se recosta em sua cadeira. E mesmo que ele esteja fingindo ser todo legal, eu posso ver um cume em sua calça que faz minhas coxas tremerem.

Tocar em mim o deixou duro. Não sou só eu que estou sentindo o calor crepitante entre nós, então.

Ele não faz nenhuma das coisas bobas que os garotos fazem para esconder quando têm ereções inadequadas na aula. Ele apenas fica lá, deixando-me olhar para a forma grossa pressionando contra o tecido de sua fina calça azul-marinho. Um sorriso presunçoso aparece em seus lábios, como se ele estivesse gostando muito do fato de eu estar fodendo-o no fundo da sala de aula. Eu não posso evitar. O cara tem provavelmente um metro e oitenta de altura, e vamos apenas dizer que seu pau não está fora de proporção com o resto do corpo.

— Quanto à sua outra pergunta, — diz ele lentamente, esperando que eu arraste meu olhar para longe de sua virilha, — É muito estúpida para responder.

Eu dou de ombros, tentando lutar contra a névoa que ele soprou no meu cérebro. — Não era realmente uma pergunta. Apenas algo que caras como você dizem para fazer as garotas se sentirem inúteis.

— Ou talvez seja algo que garotas como você dizem para se sentirem como se *não fossem* inúteis, — ele diz com um sorriso. — Mas todos nós sabemos a verdade, não é? Dizer que todas as bocetas são iguais é como dizer que todas as contas bancárias são iguais.

— Ah, então você só fode com os de ouro de vinte e quatro quilates, — eu digo.

— Exatamente. Você não é do meu calibre.

— Parece duro, frio e seco para mim, — eu digo, virando para o meu laptop e me forçando a não verificar sua virilha novamente. Nós deveríamos estar fazendo um trabalho de parceria, então pelo menos não somos os únicos falando. — Mas hey, cada um na sua. Se é isso que você gosta, não há julgamento aqui. Acho que não vou subir pela sua janela tão cedo, no entanto. Eu sou toda carne e osso e sangue. Nada de boceta de ouro aqui.

— Você é um lixo, — diz ele categoricamente. — Contanto que eu faça um saco duplo para não pegar nenhuma das suas doenças, eu vou jogar um osso para uma garota como você de vez em quando. Me ajuda a apreciar mais quando a boceta é boa.

— Desculpe, não estou interessada.

— O que? — ele pergunta, parecendo irritado. — *Eu não estou interessado.*

— Se é isso que você precisa dizer a si mesmo.

— Eu não estou, — ele range.

— Você é quem está tentando me convencer a ir à sua casa.

Ele bufa. — Eu pensei que você estava tentando me convencer de que era digna de nossa mesa no almoço. Você não deveria estar me dizendo que você é secretamente tão boa quanto todas as outras garotas, eu só tenho que trabalhar muito para ver isso?

— Não, — eu digo.

Royal cruza os braços e estreita os olhos. — Por que não?

— Talvez eu tenha decidido que sua mesa não é digna de *mim*.

Royal balança a cabeça e ri. — Eu tenho que ouvir isso.

— Vocês acham que são assustadores, mas são básicos, — digo. — Jogar os perdedores no lixo? Vamos. Isso está em todos os filmes adolescentes desde os anos oitenta. Você vai me dar um redemoinho em seguida?

A mandíbula de Royal se move para frente e para trás, mas ele não diz nada.

— E agora, você está tentando me insultar me dizendo que minha boceta não estaria à altura de seus padrões. É como se eu dissesse que você tem um pênis pequeno. Não é doloroso. É patético.

Royal sorri para mim, sua sobrancelha levantada enquanto ele olha para seu colo antes de me dar um olhar significativo. — Vá em frente, — diz ele. — Você acha que eu sou inseguro sobre o meu pau?

— Exatamente o meu ponto, — eu digo. — Eu não estou insegura sobre minha boceta, Royal. Nós não estamos fodendo, então por que eu me importaria com o que você pensa disso? E mesmo se estivessemos, você não acha triste que a única maneira de pensar em me machucar é menosprezar algo que só afeta *você*?

Eu não me importo se é bom para o padrão de um cara aleatório. Eu sei exatamente como é bom.

Royal zomba e se inclina para frente, apoiando o cotovelo na mesa. — O fato de você não se importar por ser uma prostituta e provavelmente cheirar como o interior daquela lixeira prova *meu* ponto de vista.

Eu sinto o calor subindo pelo meu pescoço, e eu quero socar os dentes do cara, mas eu me lembro que ele está falando merda. Ele não sabe nada sobre minha boceta. Foder dois caras dificilmente me torna uma prostituta, mesmo que o primeiro tenha dito a todos que eu era. Estou farta de idiotas me dizendo o que valho com base em quem estive entre minhas pernas.

— Isso deveria me incomodar? — Eu pergunto. — Você tem vergonha de ser uma prostituta ou cheirar como um vestiário?

— A diferença é que eu poderia foder uma centena de garotas, e meu pau não ficaria menor.

Eu rio e balanço a cabeça. — Talvez não menor, — eu admito. — Mas seria muito menos especial para uma garota que queria ser importante para você.

— Ela nunca saberia, — diz ele presunçosamente.

— Tenho certeza que todos sabem que você é uma prostituta.

A escuridão pisca em seu olhar, e sua mandíbula aperta. — Todo mundo já pensa que você é uma prostituta, Harper. Uma vez que eles saibam que você é tão solta que depois que você fodeu todos os caras em Faulkner, você foi para os professores, você estará tão arruinada que nem mesmo um comedor de fundo desesperado vai foder você em uma lixeira novamente.

Seus olhos são duros, sua voz baixa e cruel.

Caramba. Por que eu tinha que provocá-lo? Não posso me permitir esquecer que ele tem aquela foto. Eu não poderia me importar menos se os caras aqui querem me foder. Ele acha que pode destruir minha vida liberando-a, mas não está pensando no futuro. Ele também vai destruir meu futuro.

Quero dizer algo sobre o Dynamo. É a abertura perfeita.

Mas não posso arriscar.

— Nós não fodemos na lixeira, — eu digo. — Ou em qualquer outro lugar.

Não sei qual é o acordo deles além da política familiar, mas sei que eles se odeiam e não quero dar a ele mais motivos para me odiar agora.

— Isso é muito ruim, — diz Royal. — Você deveria ter fodido alguém enquanto teve a chance. Aquele verme pega os lixos que ninguém mais vai olhar, mas mesmo ele não vai tocar em você quando terminarmos com você.

Droga. Eu atingi um nervo, e não tenho certeza de onde fui longe demais, o que o levou ao limite de desdém casual e insultos rudes para ameaçar me destruir.

— Uau, tudo isso porque minha boceta não precisa do seu selo de aprovação.

— Tudo isso porque você está me irritando. Por que você é uma aberração, Harper? Você não reage a nada como deveria.

— Quem disse que eu devo? — Eu pergunto. — As pessoas não são suas bonecas, Royal. Você não consegue controlar como elas reagem e o que elas dizem. Nem todo mundo está aqui para ser seu brinquedo.

— Mas você está.

Nós nos encaramos por um longo momento. Borboletas de medo e incerteza e excitação vibram contra minhas entranhas. Ele desliza o braço em minha direção na mesa, endireitando-se na cadeira enquanto se inclina ainda mais perto, seu corpo glorioso pairando sobre mim.

Ele é intimidante como o inferno, mas eu não recuo. Ele está tão perto que poderia me beijar e envolver suas grandes mãos em volta da minha cintura e me levantar na beirada da mesa, levantar minha saia, me abrir e me prender como uma borboleta com aquele grande e glorioso...

Eu empurro a imagem de fuga do meu cérebro e me inclino para encontrá-lo, tão perto que tenho que descansar a mão em sua coxa para manter o equilíbrio. Eu arqueio minhas costas um pouco, deixando meus seios apenas roçarem a frente de sua camisa. Meus mamilos endurecem instantaneamente, e o calor pulsa entre minhas coxas quando o canto do meu lábio roça seu queixo, sua pele um pouco áspera com barba por fazer. Eu aperto sua coxa, deixando minhas unhas morderem o fino tecido azul-marinho. — Se você vai brincar comigo, — eu sussurro, deixando meus lábios roçarem macios como penas contra o lóbulo de sua orelha. — Você tem que melhorar seu jogo. Eu jogo com os grandes.

## Os olhos dela

*Porra, ela tem um par de olhos nela*

*Olhos que são janelas para uma alma de furacão*

*Isso ameaça sugá-lo e mantê-lo cativo*

*até você esquecer o sabor da luz,*

*Olhos como um espelho*

*Isso mostra todos os desejos fodidos e retorcidos em seu coração*

*Onde suas fantasias mais doentias*

*São promessas cumpridas.*

*Olhos que desafiam*

*Olhos que viram merda*

*Olhos que veem merda.*

*eu não estou com medo*

*Deixe-a ver.*

*Baby, você nunca viu escuridão assim antes,*

*E eu poderia usar o desafio.*

*Estou ansioso para destruí-la,*

*Esmagando seu pequeno corpo apertado,*

*E despedaçando sua alma profunda e escura.*

Tenho pateticamente pouco para dizer ao Sr. D na sexta-feira. Não fiz nenhuma incursão com os Dolces. Ele deixa claro exatamente como ele se sente sobre isso.

O problema é que não *conheço* os Dolces. Eu sei que eles são ricos, e eu ouvi os rumores e histórias de todos na escola – há uma dúzia de versões do destino da irmã de Colt sozinha, e na metade do tempo, as pessoas parecem estar confundindo-as com o que aconteceu com a irmã Dolce. Ouvi dizer que a empurraram de uma sacada para dentro de uma piscina e ela se afogou; que não era uma sacada, mas uma ponte; que ela não caiu da ponte, mas correu para a água e foi arrastada; que ela não entrou correndo, mas foi arrastada em um carro; e que ela não morreu, mas foi para uma instituição mental.

Todo mundo tem sua própria versão de cada boato sobre os Dolces, mas o que eu nunca ouço é a versão dos Dolces. Eu preciso conhecê-los, preciso descobrir o que caras como eles podem querer, o que eles precisam. Não apenas para o Sr. D. Eu gosto de entender as pessoas, e não consigo entender esses caras. Eles têm esse ar de mistério ao seu redor, como se tivessem desenhado um círculo ao redor de si que atrai a todos e ainda assim nunca os deixa entrar. As pessoas têm medo deles, mas também não podem deixar de flertar com esse perigo.

Lembro-me das palavras de Dixie. *Eles precisam de alguém que os ame o suficiente para dizer não.*

Isso não vai acontecer.

Mesmo se eu lhes dissesse não, se alguém lhes dissesse não, eles pegariam o que quisessem, de qualquer maneira. Eles têm dinheiro para comprar qualquer coisa sob o sol, para subornar qualquer um que possa impedi-los de fazer qualquer coisa sob o sol. Eles têm o poder de conseguir e tomar o que querem, todos os outros que se danem. Eles têm mais poder do que qualquer um na escola – não apenas os jovens, mas os adultos também.

Então, como uma garota como eu, que não tem poder sobre nada nesta terra, vai dar a eles tudo o que eles precisam? E se eu não fizer isso, por que eles me deixariam entrar?

Eu os enfrentei, e isso não me deu um pingo de respeito. Só colocou um alvo nas minhas costas. Royal me chamou de lixo, então agora todo mundo me chama de lixo.

A próxima semana é pior. Na segunda-feira, abro meu armário e o encontro cheio de lixo — cascas de banana marrons, iogurte mofado pingando sobre tudo e cogumelos podres e viscosos que cheiram a peixe. Mesmo depois de limpá-lo, meus livros fedem. Acho que Royal conseguiu o que queria — cheiro a lixo quando ando por aí carregando os livros manchados.

Na terça-feira, entro no café e seu grupo começa a tocar tambores e cantar: — Há uma prostituta nesta casa, há uma prostituta nesta casa —. E então todo mundo começa a cantá-la também, até que toda a sala esteja ensurdecadora.

Aquele dia acaba sendo mais um almoço de maconha e cigarro sob as arquibancadas.

Quarta-feira, as Waltons pegam minhas roupas na educação física e eu tenho que andar o resto do dia com o uniforme de ginástica. É um pouco chato que as meninas aproveitem todas as oportunidades para apontar e rir de mim toda vez que passamos no corredor ou me veem na aula, mas a brincadeira deles é muito infantil para realmente me incomodar. O short de ginástica e a camiseta que eles nos deram no início do ano eram novos, então são melhores do que minhas roupas normais, de qualquer maneira.

Quinta-feira, alguém escreveu na minha mesa em todas as aulas quando chego lá.

*Lixo branco.*

*Volte para o estacionamento de trailers.*

*BJ \$ 20 Creampie \$ 50 Gangbang \$ 100*

E durante todo o dia. Eu começo a me perguntar por que eles não divulgaram a foto, e chego à conclusão de que eles realmente não devem tê-la. Provavelmente é apenas um reflexo no vidro do carro do Sr. Behr, ou uma cabeça borrada no colo de um cara. Se eles pudessem dizer que era eu, eles já teriam espalhado por aí.

Na sexta-feira, eu pulo até mesmo a pretensão de pegar comida e vou para fora imediatamente, mesmo que pareça que vai chover a qualquer momento. Colt não se importa se todos me chamam de puta. Ele se senta comigo na única aula que temos juntos e, no almoço, ele está sempre disposto a compartilhar um baseado e uma conversa fácil. Mesmo sendo rico, me sinto confortável com ele. Talvez seja porque compartilhamos a mesma posição social nesta escola.

Estou quase na arquibancada quando ouço uma risadinha feminina das sombras embaixo, e faço uma pausa. Caramba. Passei a confiar em nossos

almoços como meu refúgio do drama da escola, mas também deixei claro para Colt que não penso nele dessa maneira. Não tenho ciúmes de qualquer garota que queira um pedaço de bad boy, mas ela está aproveitando o único momento de consolo que tenho em todo o meu dia.

Eu paio por um minuto, me sentindo como uma trepadeira, e então ouço Colt dizer meu nome. Eu congelo, me mexendo entre os pés, tentando decidir se devo me esconder ou voltar para dentro ou tentar me esgueirar para mais perto e escutar. Eu ouço a voz profunda murmurando de Colt, e então o som inconfundível de um tapa. Eu fico tensa, mas a garota gane e depois ri, guinchando algo ininteligível. Antes que eu possa decidir o que fazer, Dixie emerge das sombras.

Está bem então. Suspeitei que algo estava acontecendo da última vez, mas agora tenho certeza. Lembro-me de Royal dizendo algo sobre Colt ficar com todas as vadias, mas ele obviamente está pegando pelo menos uma garota de 24 quilates também. Dixie pode não ser uma garota Dolce, mas ela é tão popular quanto uma garota pode ser sem ser uma. Ela está no conselho estudantil, ela é bonita - embora um pouco excêntrica nas escolhas de moda - ela tem dinheiro e muitos amigos. Literalmente todo mundo na escola fala sobre o blog dela no dia seguinte à postagem.

Eu ainda não entrei, por motivos óbvios, mas algumas pessoas realmente disseram que eu fui corajosa depois que o incidente da barata foi para o blog.

— Ei, Dixie, — eu digo, dando-lhe um sorriso que espero que seja o equivalente a um high-five. Só porque eu não quero transar com Colt, isso não significa que ele não seja obviamente gostoso. Se ela quiser se envolver com o bad boy tatuado, mais poder para ela.

Seu rosto fica vermelho como uma beterraba, e ela arrasta os pés e olha para o prédio. — Eu devo ir...

— Certo, — eu digo, balançando a cabeça. — Reunião do conselho estudantil.

— Sim, — diz ela com uma risadinha aliviada.

— Eu só estou aqui para escapar da multidão, — eu digo. — Você sabe que não há nada acontecendo comigo e Colt. Nós somos apenas amigos.

— Ah, eu também, — ela diz. — Quero dizer, nós somos apenas amigos, também. Nada acontecendo.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não vou contar a ninguém, Dixie. Não é



da minha conta. Você é a única com o blog de fofocas.

Ela engole e assente. — Certo. Ei, me desculpe por isso. Se isso piorou. É só que todo mundo estava lá, então eu meio que tive que fazer um blog sobre isso.

— Eu sei.

— Apenas... Tenha cuidado, ok? — ela diz, genuinamente me implorando. — Há rumores de que os Dolces estão com a máfia. Eles não são o tipo de garotos do ensino médio que você está acostumada em Faulkner.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Faulkner tem gangues. Estou bastante acostumada com esse tipo.

— E você estava em uma gangue rival?

— Não, — eu digo, franzindo a testa.

— Exatamente, — diz ela. — Não os irrite. Eles são os únicos gângsteres aqui, e eles comandam este lugar. E você é como um membro de uma gangue rival se mudando para o território deles — o único membro.

— Droga, — eu digo. — E aqui estava eu, agitando minhas cores em seus rostos e ostentando.

— Certo, — diz Dixie, parecendo aliviada. — Se você não pode se encaixar, mantenha a cabeça baixa e fique fora do radar deles. O que você fez na semana passada, sentando à mesa deles, foi realmente estúpido. Eu sei que parece maldoso, mas estou dizendo isso para o seu próprio bem, ok? Você precisa entender como as coisas são aqui, ou só vai piorar.

Depois que ela sai, comemos e fumamos, mas cedo demais, é hora de voltar para dentro. No momento em que volto para o pequeno corredor lateral que passa pelo refeitório e para os corredores principais, Royal me agarra e me joga contra a parede.

Eu xingo e balanço meu punho antes que eu tenha tempo para pensar. Foda-se, e o golpe apenas resvalou em sua bochecha. Ele agarra minhas mãos e as prende na parede, seu grande corpo me prendendo enquanto ele se aproxima. — Eu pensei que tinha dito para você ficar longe daquele cara, — ele rosna para mim.

— Sim, você disse, — eu digo. — E então você me trancou em uma lixeira com ele por três horas e nos disse para foder. É difícil descobrir o que você quer.

— Não brinque comigo, — ele avisa.

— Não brinque com você, não brinque com Colt, — eu digo. — Mais alguma coisa, Vossa Majestade?

Eu sorrio para ele. Eu não posso me ajudar. Eu quero apenas obedecer, mas ele torna isso tão difícil. Ele me encara de volta, seus olhos escuros inescrutáveis. Seu rosto está tão perto que eu poderia contar seus cílios longos, grossos e escuros, poderia memorizar os ângulos perfeitos de suas maçãs do rosto, seu maxilar, seu queixo forte e nariz masculino. Porra, ele é muito lindo para seu próprio bem. Adicione dinheiro e poder, e não é à toa que o cara pensa que é um deus e que somos todos seus brinquedos.

— Por que você está sorrindo? — ele estala.

— Bem, estou pressionada contra a parede por um homem grande e forte, — eu digo, contorcendo meu corpo contra o dele. — Vendo como eu sou uma prostituta, obviamente estou gostando disso.

— Pare com isso. — Ele recua alguns centímetros, e eu me inclino contra a parede, deixando pelo menos quinze centímetros de espaço entre nós. Isso é mais espaço para trabalhar e menos chance de eu perder a cabeça sobre o quão bom ele parece, cheira ou sente. Posso ter dito isso apenas para ser uma pirralha, mas não é falso. Estou começando a entender minha mãe, sempre controlada por suas emoções e hormônios. Acho que sou mais parecida com ela do que quero ser.

— O que você quer de mim? — Eu pergunto. — Ajoelhei-me e beijei seus pés como uma pequena escrava obediente. Eu chupei e tentei ser sua fangirl, mas você me jogou no lixo. E agora, quando fico fora do seu caminho e lhe dou todo o refeitório, você me caça para exigir saber o que estou fazendo.

— O que você está jogando? — ele pergunta, sua voz afiada.

— Quem disse que estou jogando?

— Eu posso identificar uma imitação a uma milha de distância, — diz ele. — E você é uma farsa autêntica e certificada.

Isso me faz rir. — Eu sou a falsa? Você viu suas garotas Dolce?

— Você não quer ser uma garota Dolce, — ele diz, soando quase amargo sobre isso, como se eu o tivesse ofendido por não entrar em seu fã-clube.

— Então? Você não me teria se eu o fizesse.

Royal se inclina novamente, e eu me amaldiçoo por não ter escapado quando eu poderia. Os últimos jovens deixaram o café, e somos apenas nós no corredor e alguns retardatários conversando perto de uma fonte de água no corredor. Ele me encara por alguns segundos, e então o canto de sua boca se ergue em um sorriso.

— Você quer ser uma garota Dolce, — ele ronrona, inclinando-se novamente. Ele puxa minhas mãos sobre minha cabeça, movendo meus dois pulsos em uma mão para que ele possa prendê-los contra a parede enquanto escova meu cabelo para trás com a mão livre. — Você quer que eu te foda contra esta parede agora, não é? Eu poderia, você sabe. Ninguém iria me parar.

— Eu pararia você, — eu digo, mas eu sei que é besteira. Nós dois sabemos que ele está certo. Ele tem tanto poder aqui que é vertiginoso. E por mais fodido que seja, o fascínio desse poder me atrai como todas as outras garotas Dolce. É sexy como o inferno, mesmo quando ele está me ameaçando.

— Você não iria me parar, — diz ele, correndo as pontas dos dedos ao longo do meu queixo, onde um leve vergão permanece da luta da última sexta-feira. — Você me quer. Você abriria as pernas e gemeria por mim.

— Então faça isso, — eu digo, minha voz saindo ofegante. — Tire esse pau grande e mostre ao mundo, mostre a todos como você pode foder uma garota que não tem escolha no assunto, como se isso provasse o homem grande que você é.

Não posso negar que suas palavras sujas fazem meu coração disparar, mas não sou minha mãe.

Não serei controlada pelo meu corpo.

Royal solta um suspiro tranquilo, um sorriso brincando em seus lábios. Ele acaricia aquele ponto no meu queixo novamente, como se soubesse que é onde dói, como se ele soubesse que mesmo quando toca o lugar sensível, ainda é bom. Talvez até melhor do que quando ele me toca em qualquer outro lugar. Ele pega meu queixo e o puxa para cima, então estou olhando diretamente em seus olhos. — Você está molhada?

— Pingando, — eu digo, arqueando meu corpo contra o dele novamente. — Me deixa tão excitada pensar em ser uma de suas muitas, muitas,  *muitas* conquistas.

Ele desliza uma mão entre minhas coxas, todo o caminho para cima, em um movimento rápido. Ele empurra um dedo sob minha calcinha e passa sobre minha pele nua.

Estou tão chocada que nem reajo até que ele já esteja se afastando. Eu me contorço para me libertar, mas ele não parece notar. Seu aperto em meus pulsos é inquebrável. Ele sorri e levanta a mão, examinando seu dedo como se não pudesse dizer se minha boceta estava molhada ao tocá-la. E então, se não fosse humilhante o suficiente para ele me violar no meio do corredor, ele dá uma fungada no dedo.

Meu rosto queima de vergonha e fúria, mas Royal apenas abre um sorriso e me observa contorcer. Eu conheci um monte de idiotas, e eu tive minha bunda e peitos agarrados por garotos imaturos do ensino médio muitas vezes. Mas isso é diferente. Ele não me enganou apenas para ter uma sensação.

Ele foi para baixo da minha roupa, e a pior parte da coisa toda é o jeito desprendido e casual que ele fez, como se não fosse grande coisa, como se nunca tivesse passado pela sua cabeça parar e considerar se ele tinha o direito de colocar sua mão debaixo da minha saia, dentro da minha calcinha, e tocar o lugar mais pessoal do corpo de uma garota. Foi um toque superficial, apenas o suficiente para verificar minha história, mas o fato de que não havia nada de sexual nisso me faz sentir mais suja do que se ele deslizesse um dedo dentro de mim.

— Eu sabia que você estava fodendo comigo, — diz ele, enxugando a mão no jeans. — É melhor você ficar feliz também. Eu ficaria chateado se você colocasse seu lodo doente em mim.

Estou fervendo de raiva para sequer chegar a uma resposta. Eu vou para uma joelhada na virilha, mas Royal se esquivava facilmente. Felizmente, ele parece ter terminado com o tema da minha vagina repulsiva. Sua mão aperta meus pulsos, e seus olhos ficam sérios.

— Chega de viagens para Green Meadows, — diz ele. — Aquele idiota tem sorte de deixá-lo vir para a escola. Agora ele está conspirando contra nós, e você provavelmente acreditou na história triste dele e foi direto para ajudá-lo.

*Muito, Paranoico?* Eu penso comigo mesma. Mas esta não é a hora de ser esperta com ele. Toda a escola gira em torno de sua família, então por que ele acha que isso é diferente?

— Não, — eu digo, toda a minha bravata se foi. — Não estamos planejando nada contra você. Somos apenas dois perdedores saindo e sendo perdedores.

Eu sei que eles foderam a família de Colt, e o que isso custou a ele, o que ele passou. Pelo menos, eu sei um pouco. É mais do que suficiente. Eu não tenho nenhuma culpa por esta queda sobre ele. Se isso significa que não

podemos ser amigos, então vou desistir dele. É por isso que eu não tenho amigos em primeiro lugar. Eles são uma responsabilidade, e desta vez, não sou eu quem vai se machucar. Eu não posso ter isso. Uma coisa é me arriscar, mas não vou colocar outra pessoa em risco.

— Diga-me o que você está fazendo com ele, — diz Royal lentamente. — Se você não está transando com ele, então por que você está lá fora com ele todos os dias?

— Porque você faz da minha vida um inferno aqui, — eu admito, minha garganta apertando, como se soubesse que contar a verdade lhe dará munição. — Eu tentei seguir suas regras, mas eu não sou boa nelas. Então eu me tirei do seu caminho de destruição, ok? É por isso que estou lá fora. Para não estar onde estou agora.

Royal pisca para mim por alguns segundos, como se não conseguisse compreender que talvez eu não queira fazer parte de seus jogos distorcidos, que eu realmente estou apenas tentando escapar dele, que não quero estar perto dele. Que meu principal motivo para ir às arquibancadas não é estar com Colt, mas evitar estar com ele.

Talvez minha boceta seca o tenha convencido, porque ele solta minhas mãos e dá um passo para trás. — Se eu ver você com ele de novo, vocês dois vão pagar, — diz ele antes de se virar para ir embora. — E tome um banho de merda de vez em quando. Você cheira mal.

\*\*\*

## **Ela cheira**

*Ela cheira como o oceano*

*Golpeando o litoral da Nova Inglaterra*

*Como temporada de furacões*

*Onde toda tempestade se chama Harper.*

*Ela cheira como a memória*

*Isso vem à sua mente*

*Quando você segura uma concha no ouvido*

*E feche os olhos.*

*Você está lá de novo...*

*Areia grudada no sal na pele*

*O calor do sol e queima em seus ombros*

*E o riso de sua irmã ecoando*

*... ecoando...*

*Antes de abrir os olhos*

*lembre-se da correria da água*

*Era apenas o sangue em seus ouvidos.*

*Ela cheira selvagem como o vento sobre as ondas geladas*

*Isso bate na costa até você não poder ouvir*

*Memórias ou ecos*

*Ou gritos.*

*Ela cheira como ela pertence*

*Qualquer lugar exceto aqui.*

*Ou talvez seja só eu.*

— Posso te pedir um grande favor?

Termino de enfiar o saco de lixo na lixeira desbotada antes de me virar. Blue está ali, com um fio de extensão na mão e seu olhar no canto do telhado em vez do meu. Eu luto contra o desejo de proteger o precioso esconderijo debaixo do tapete do meu armário. Eu poderia dizer não, poderia dizer a verdade: mamãe não pagou a eletricidade este mês.

Mas então penso nela jantando no escuro, na pequena Olive tomando banho frio, e sei que não posso.

— Sim, claro, — eu digo, apontando para a tomada ao lado de nossa casa.  
— Vá em frente.

Talvez eu fique para uma terceira luta na sexta-feira. Nesse ritmo, o Sr. D vai rescindir minha bolsa de estudos, de qualquer maneira. Estou me reportando a ele há três semanas e não consigo imaginar que ele tenha achado uma única palavra útil. Desde o aviso de Royal, fiquei longe de Colt, mas se eu achava que receberia algum tipo de recompensa por isso, deveria saber melhor. Os Dolce passaram a ignorar minha existência a semana toda.

Eu sei que isso é uma coisa boa, e que eu deveria estar feliz. Dixie e seus amigos até me convidaram de volta para sua mesa, provavelmente porque sentiram pena de mim quando me sentei sozinha. Agora que não sou um alvo, aparentemente estou segura o suficiente para ter por perto.

O problema é que não posso simplesmente desaparecer do radar dos Dolce. Preciso de informações sobre eles, algo real, não apenas fofocas e rumores.

Ou talvez...

Meus olhos caem no carro da mãe de Blue, aquele que quase nunca sai da garagem. A mãe dela não trabalha, mas também não vende o carro para pagar o aluguel a cada poucos meses. E se eu não precisar entrar com os Dolces? E se eu ficar fora do caminho deles, ficar do lado de fora e apenas olhar para dentro?

De repente me lembro de algo que Colt disse depois que saímos da lixeira. Algo sobre como ele não os segue, mas observa o que eles fazem.

— Ei, — eu digo para Blue quando ela se endireita de conectar o cabo de

extensão. — Isso vai te custar.

Ela engole, mas então ela encolhe os ombros, sua voz saindo monótona como de costume. — Claro, o que você precisa?

— Quanto gás essa coisa tem? — Eu pergunto, empurrando meu queixo em direção ao Cutlass<sup>24</sup>.

— Eu não sei, — diz ela. — Talvez meio tanque.

— Você acha que eu poderia pegar emprestado algum dia?

— Não vejo por que não.

Eu espero que ela pergunte, ela vai. Essa vontade de falar com alguém cresce dentro de mim, mas não posso simplesmente jogar isso nela. Eu preciso que ela se importe, que queira saber. Luto contra a decepção dentro de mim quando ela se afasta, dizendo que posso passar e pegar as chaves sempre que precisar.

Maldito Colt. Se ele não tivesse me lembrado como era ter um amigo, alguém com quem atirar a merda, eu poderia não precisar de um agora. Mas não posso falar com ele sem colocá-lo em perigo, e as outras garotas vão transformar isso na última história do blog de fofocas de Dixie.

Eu considero ligar para Jolene, mas isso seria muito estranho. O parque de trailers é o seu próprio mundinho. Há esse estranho senso de comunidade entre as pessoas que moram lá. Eu realmente não percebi isso até que eu não fiz parte disso, mas pensando bem, essa foi a última vez que eu tive amigos de verdade. Havia essa atitude de todo *mundo pensa que somos lixo, então não temos chance lá fora sozinhos, mas se ficarmos juntos, pelo menos teremos um ao outro*.

No primeiro ano, eu ainda andava com Jolene na escola, quando aparecia, mas não era a mesma coisa. Ninguém me acusou de pensar que eu era melhor do que eles, mas eu consegui o que todos sonhavam, então eu não tinha mais o mesmo sonho. Eu não era um deles. Chamá-la para reclamar da minha nova e rica escola seria rude, como se eu estivesse esfregando isso na cara dela.

Depois do jantar e do dever de casa, vou bater na porta de Blue. Acho que está escuro, então, se eu cruzar o bairro dos Dolces, eles não verão o carro muito de perto, e mesmo que vejam, não saberão que sou eu. Estou no modo de perseguidora completa quando saio da nossa rua estreita e sigo para o norte. Quinze minutos depois, estou nos arredores da cidade, dirigindo por uma estrada sinuosa entre campos abertos com celeiros de cavalos ao longe, intermináveis cercas brancas cercando seus prados verdejantes. Parece algo saído de um



calendário. Eu não tinha ideia de que havia algo tão bonito a apenas alguns minutos do lado sombrio e cinzento de Faulkner.

Pequenas folhas amarelas correm pelos fachos dos meus faróis, o vento chicoteando-as das árvores no final dos pastos. Quase perco a curva para outra estrada asfaltada, está ainda mais estreita e serpenteando por entre as árvores que se agitam violentamente com as rajadas de vento. O céu está escuro com nuvens de tempestade, e algumas gotas grossas de chuva respingam no para-brisa. Meu GPS me diz para virar, mas quando chego ao bairro, um portão se ergue sobre ele.

Claro que eles vivem em um condomínio fechado. Eles não querem ralé como eu dirigindo olhando suas mansões.

Estaciono o carro na beira da estrada e saio. Olhando para cima e para baixo na estrada, eu me certifico de que estou sozinha antes de ir em direção ao portão. Eu escalo facilmente e pulo para o outro lado. Outro olhar disfarçado ao redor para ter certeza de que não fui vista, e começo pela estrada estreita que serpenteia pelo bairro. Casas gigantes em estilo de plantação ficam afastadas da estrada em cada lote extenso. Alguns têm carvalhos gigantes ou magnólias ou salgueiros na frente, e todos têm gramados enormes e jardins paisagísticos.

O trovão ressoa no alto, e as árvores balançam e se contorcem ao vento. Mesmo que esteja escuro, as casas brancas se destacam o suficiente para eu identificar a da foto online, as luzes brilhando em todas as janelas do andar de baixo e metade das do andar de cima. Essas pessoas obviamente não se preocupam com a conta de luz, com certeza.

A falta de cobertura me deixa nervosa, e eu me aproximo da casa deles, já que tem uma fileira de árvores de cada lado de um caminho. Gotas de chuva gordas e frias começam a cair, e eu abaixo minha cabeça e me jogo atrás de uma das árvores antes de perceber que a casa está apenas parcialmente intacta. Metade é uma casca enegrecida e em ruínas. Para minha sorte, isso torna esta parte do bairro agradável e escura. Eu rastejo pela passarela de cascalho branco entre as árvores, permanecendo nas sombras. Quando estou no último antes de um trecho exposto, paro e espio ao redor, tentando ver a casa Dolce ao lado.

Inquieta e frustrada, saio da cobertura das árvores e corro ao longo do trecho de cascalho até a casa incendiada. Meus passos são como tiros em meus ouvidos, mas não paro até chegar à casa. Lá, eu me agacho atrás dos pilares na varanda da frente. Depois de cerca de dez minutos, decido que sou péssima nisso. Aparentemente, determinação não é tudo o que é preciso para ser uma boa espiã. De toda a ação que vi, você pensaria que não havia ninguém em casa.

Não há sinal de movimento na casa Dolce. Um amplo gramado separa as

casas, junto com uma fileira de arbustos em processo de perda de folhas. Do outro lado da casa queimada há uma seção de árvores, então não preciso me preocupar com os vizinhos naquela direção. Pelo menos tenho algo para fazer enquanto espero que os Dolces apareçam.

Passo por uma placa de proibição de invasão e entro nos escombros queimados lá dentro. As pessoas que moravam aqui eram obviamente ricas o suficiente para simplesmente sair e começar de novo, porque não parece que alguém tentou salvar nada. Existem aparelhos perfeitamente bons enferrujando sob a camada de fuligem. Eu corro um dedo ao longo do topo do fogão, que parece ileso. Acho que o fogo não começou na cozinha.

Eu faço meu caminho em direção ao lado menos queimado, me perguntando se posso encontrar alguma coisa boa. A escada está meio queimada, mas tento usá-la mesmo assim. Alguns passos acima, meu pé atravessa as tábuas carbonizadas e eu recuo. O lado bom da casa dá para a casa Dolce, e depois de contornar o lado de fora, não consigo encontrar um caminho para cima. A julgar pelas folhas apodrecidas e cascas de bolotas vazias recolhidas nos cantos da varanda envolvente, eu diria que a casa está vazia há pelo menos um ano, desde o outono passado. Eu me pergunto por que o bairro não o demoliu e construiu uma nova monstruosidade em seu lugar. Eles provavelmente consideram isso uma monstruosidade, mas posso ver a beleza trágica nisso, como a Srta. Havisham sentada em seu antigo vestido de noiva.

Eu escalo um suporte do lado bom e subo para a varanda do segundo andar. Daqui, posso ver todos os quartos do último andar deste lado da casa Dolce, incluindo aquele que me lembro de Royal apontar como sendo dele. A luz está acesa naquela sala, mas não há ninguém lá dentro. No entanto, meus olhos são atraídos para um dos outros quartos, e por um segundo, eu congelo, incapaz de desviar o olhar. É muito longe para distinguir rostos, mas é fácil ver o que está acontecendo.

Uma loira nua está em uma cama grande, de quatro fazendo um boquete em um moreno. Eu fico lá assistindo por um minuto sem realmente pensar sobre isso. Vim espionar, mas não pensei muito no que poderia estar acontecendo dentro da casa Dolce. Isso me pega desprevenida, embora não devesse, considerando suas reputações. Eu sei que deveria desviar o olhar, que deveria voltar para o meu carro antes de ficar completamente encharcada pela chuva crescente. Mas estou atraída e não consigo parar de olhar para o cara, tentando descobrir se é Royal ou um dos gêmeos.

Não que isso importe. Não deveria importar. Digo a mim mesma que não, mas continuo procurando.

Ele está nu também, seu corpo tão tonificado e esculpido quanto eu

esperaria. Eu posso ver os músculos em seus braços grossos enquanto ele segura o cabelo dela em um tufo bagunçado atrás de sua cabeça, guiando-a. Ele segura o telefone na outra mão e está folheando. A casualidade de sua atenção deixa claro que ele não está filmando-a, mas rolando em seu telefone enquanto ela o atende. É tão humilhante que quero parar de assistir, para salvá-la de qualquer dignidade que ela possua, embora ela obviamente não saiba que sou testemunha disso.

Eu me viro, e uma sombra se move mais para baixo na varanda que me faz quase pular para fora da minha pele. Eu tropeço contra a grade, e uma risada suave encontra meus ouvidos, enrolando um calafrio ao redor do meu corpo, enrolando como uma cobra. Há um silvo e um clarão de chama, e então sua mão o segura enquanto ele acende. Posso distinguir as sombras do rosto anguloso de Royal, e o alívio passa por mim, rapidamente substituído pela reação correta: medo.

Ele inala e então caminha em minha direção, seus passos pesados e rápidos.

Porra. Por que eu não fugi no segundo em que ele fez sua presença ser conhecida? Eu agarro o corrimão, pronta para descer e voltar para baixo ou até mesmo pular. Estou na metade do parapeito quando seu braço musculoso aperta minha cintura e me arrasta de volta.

— Acho que não sou o único que gosta de assistir, — Royal ronrona no meu ouvido, agarrando meu cabelo com a outra mão, seus dedos apertando a parte de trás da minha cabeça exatamente da mesma forma que seu irmão está segurando aquela garota. Eles podem me chamar de lixo, mas é claro que eles não têm muito mais respeito por nenhuma outra garota.

— Deixe-me ir, — eu aviso. — Posso ser pequena, mas posso acabar com sua carreira no futebol com um golpe bem dado.

— Ah, vamos lá agora, — diz Royal. — Eu não vou te machucar. Eu apenas pensei que poderia ser um pouco mais divertido de assistir com outra pessoa desta vez.

Ele me empurra contra o corrimão, liberando minha cintura para dar uma tragada no baseado que ele está segurando.

— O que você quer? — Eu pergunto, meu coração disparado no meu peito.

— Eu disse a você, — diz ele. — Só quero um pouco de companhia.

Eu sei que ele está brincando, mas reviro as palavras na minha mente. Ele tem dois irmãos, mais três amigos em seu grupo e um esquadrão de garotas

prontas para lutar por seu lugar em seu círculo íntimo. Poderia um garoto como aquele realmente querer companhia? Poderia um garoto como aquele se sentir solitário, como se ele desejasse ter alguém para ligar quando sai dirigindo, como eu fiz esta noite?

Seus dedos roçam minha bochecha, e ele toca a ponta do baseado em meus lábios. Está úmido de sua boca, e um pequeno fio de calor se enrola dentro de mim. Eu poderia pegar o baseado, mas algo me impede. Ele tem esse efeito em mim, então quando estamos juntos, é como se essa carga nos cercasse, e o resto do mundo desaparecesse. Somos apenas nós, fazendo essa dança perigosa e sedutora um para o outro, uma dança que só pode terminar em devastação.

Os dedos de Royal apertam meu cabelo, e seus quadris cutucam os meus enquanto ele desliza a ponta úmida do baseado contra meu lábio inferior, seu rosto inclinado em torno do meu para que ele possa observar minha boca. — Abra os lábios, — diz ele, sua voz baixa e rouca. — Deixe-me colocar.

Desta vez, não posso evitar o tremor que me atravessa, forte o suficiente para ele sentir. Ele não me provoca, no entanto. Seus olhos são profundos e cheios de fome que faz minha respiração acelerar com meu pulso. Tudo entre nós está ao contrário — ele puxou minha saia e colocou os dedos na minha calcinha na escola, e não era sexy, mas quando ele desliza a ponta do baseado entre meus lábios, a carga erótica entre nós me deixa tonta.

— Dê uma tragada, — ele murmura, sua respiração quente contra meu ouvido enquanto ele se inclina para perto.

Eu deixo meus olhos se fecharem antes de obedecer, fechando meus lábios e dando uma tragada.

Ainda segurando meu cabelo, Royal vira meu rosto em direção ao dele. A chuva fria risca minhas bochechas, mas eu mal a sinto. Sua boca quente se inclina para encontrar a minha, roubando minha respiração, sugando a fumaça dos meus pulmões como se fosse oxigênio. Estou feliz por seus quadris me segurarem no parapeito, porque tenho medo de ceder ao poder das sensações rugindo pelo meu corpo. Abro a boca para ele, e ele me devolve a fumaça, enchendo meus pulmões até que estou tonta.

Royal enterra sua mão mais fundo no meu cabelo, embalando minha cabeça em sua enorme palma e arrastando minha boca até a dele. Quando nossos lábios se encontram, uma eletricidade branca e quente estala pelo meu corpo como o relâmpago que atravessa o céu. Eu suspiro, e ele mergulha sua língua na minha boca, empurrando rudemente contra a minha. O beijo é instantaneamente profundo e intenso, sua língua assumindo o controle total da minha, alimentando o calor dentro de mim como uma chama.

Seu cheiro me enche, me deixa molhada. Ele tem um cheiro masculino e forte, como ele é. Seus quadris moendo contra os meus, o cume grosso de sua ereção fazendo meu núcleo tremer e meus joelhos cederem. Ele me agarra com força, devorando minha boca como se pudesse sugar minha alma com um beijo. Seu beijo é dominante, exigente, dominador. É um beijo que não dá nada, só tira.

Quando ele se afasta, é cedo demais.

Ele quebra o beijo e se afasta, segurando minha cabeça enquanto sopra a fumaça no meu rosto em uma nuvem inebriante. Eu fiquei com caras, mas isso foi algo mais do que um beijo. Era uma comunicação, silenciosa, mas cheia de fome e saudade, carregada de desespero erótico.

— Agora observe, — ele diz, sua mão caindo em cima da minha, fechando meus dedos ao redor do corrimão escorregadio.

Eu tinha esquecido onde estávamos, o que estava acontecendo. Na casa do outro lado do gramado, a luz ilumina o quarto. Outra figura aparece na porta, que está escancarada. Baron entra, uma cerveja em uma mão e seu pirulito na outra. Ele vem por trás da garota, coloca o pirulito na boca e puxa a frente de seu moletom apenas o suficiente para libertar seu pau. Eu posso dizer mesmo daqui que é grande, grosso e escuro. Ele balança os quadris para frente para colocá-lo sem aviso prévio.

A garota resiste e tenta se afastar, mas Duke está segurando a cabeça dela pelos cabelos e a mantém na posição. Baron alcança até fazer um high five com seu irmão antes de se afastar e empurrar com força para ela. De repente, me lembro das garotas no almoço me dizendo que, se ligassem, você tinha que ir e deixá-los fazer o que quisessem com você. Sinto-me doente e vergonhosamente excitada ao mesmo tempo. A mão de Royal está segurando a minha, firme, mas gentil, nada como o tratamento áspero que os caras estão dando à loira.

Ele move a mão para o meu jeans, e eu fico tensa, mas ele não tenta desabotoá-lo. Ele desliza a mão entre minhas coxas, em cima do meu jeans. Ele não me sente, apenas deixa sua mão quente lá, segurando meu monte, as pontas de seus dedos entre minhas coxas. O calor de sua mão penetra no meu jeans, e é impossível ignorá-lo quando se junta ao calor pulsando entre as minhas pernas enquanto vejo seus irmãos foderem a loira com força de ambas as extremidades. É tudo o que posso fazer para não me contorcer contra ele, obter a fricção que meu corpo deseja.

Minha respiração vem rápida enquanto vejo a cena se desenrolar ao lado. Duke finalmente solta o cabelo da garota e desliza pela cama de costas. Ela sobe nele, afundando em seu pau e montando nele enquanto Baron fica lá terminando sua cerveja. Quando ele termina, ele coloca a garrafa no chão e vem para a cama

novamente, subindo e empurrando a garota para frente. Ela descansa em suas mãos enquanto ele coloca em sua bunda desta vez.

O peito de Royal roça minhas costas a cada respiração. Nós dois estamos encharcados, e eu estou tremendo, mas quente ao mesmo tempo. Ele pega meu cabelo molhado em uma mão, movendo-o para o lado e esfregando o nariz contra a minha nuca, enviando um calafrio pela minha espinha. — Quer que eu faça isso com você? — ele pergunta, deslizando a mão entre as minhas pernas para a frente da minha pélvis, pressionando suavemente contra a parte inferior da minha barriga e enganchando o polegar na parte superior do meu jeans.

Eu pulo de volta para o presente, para a realidade. Não deveríamos estar assistindo isso. Não é apenas impertinente ou sujo ou pervertido. É errado assistirmos sem eles saberem.

— Não, — eu digo, torcendo nos braços de Royal. De repente, estou de frente para o peito dele, de costas para a grade, e não tenho certeza se foi uma jogada tão inteligente.

Sua camisa gruda em sua pele, e eu posso ver cada linha esculpida de seu corpo, os cumes de seu abdômen, seus peitorais esculpidos como mármore, os pontos duros de seus mamilos. Eu quero tanto tocá-lo que dói, mas eu agarro a grade de cada lado dos meus quadris em vez disso.

— Você tem certeza disso, Cherry Pie? — ele pergunta, apoiando suas mãos no corrimão ao lado das minhas, me prendendo. — Pode ser nosso pequeno segredo sujo. Eu não contaria a ninguém e arruinaria sua reputação de lobo solitário.

— Meu o quê? — Eu pergunto, deixando escapar uma risada trêmula. Sou um lobo solitário porque não tenho amigos, não porque não os quero. Passei tanto tempo me dizendo o contrário e agindo assim, que talvez tenha convencido todo mundo. Todos, menos eu, isso é.

Eu estou bem com ele não saber disso, no entanto.

— Sua reputação, — diz ele, balançando para trás e para frente em seus calcanhares. — Você é a garotinha foda que entrou e não queria nada com o status quo, não é? A garota rebelde que prefere sair e fumar debaixo das arquibancadas do que comprar nossos jogos.

— E a sua reputação? — Eu pergunto.

— É por isso que eu disse que seria nosso pequeno segredo sujo.

— Eu vou passar, — eu digo. — Não estou a fim de ser amante do rei.

Ele procura meu rosto por um longo momento, então estende a mão para segurar minha bochecha. Eu quero me aninhar em seu toque, me deleitar com a forma como meu rosto se encaixa em sua mão enorme. Em vez disso, eu me forço a ficar quieta, para observá-lo. Eu daria todo o dinheiro do meu estoque para saber o que ele está pensando agora, mas seu rosto não revela nada. A chuva escorre por sua pele, molhando seu cabelo escuro e fazendo-o enrolar, mas seus olhos são ilegíveis no escuro.

Seu olhar pisca para a cena atrás de mim, depois volta para o meu rosto. — Então acho que esse terá que ser nosso segredinho sujo, — diz ele. — Agora vamos tirar você daqui antes que alguém te veja.

Ele salta sobre o parapeito, desce para o primeiro nível e aterrissa de pé. É uma queda de três metros, e não tenho certeza se quero pular, mas também não quero parecer uma maricas, então pulo também. Quando caio de pé, com os joelhos dobrados, uma explosão de adrenalina passa por mim. Eu apareço em toda a minha altura como eu faço essa merda todos os dias. Eu não posso deixar de sorrir para Royal, no entanto. Eu acertei.

Ele parece muito impressionado também, e uma onda de orgulho se desenrola no meu peito como uma nova semente brotando. Caramba. Eu não deveria me importar se ele está fodendo uma garota ao lado, e eu definitivamente não deveria me importar se ele acha que eu sou legal.

*Tarde demais*, uma pequena voz dentro de mim sussurra.

Um par de faróis passa pela casa e entra no caminho de cascalho branco da casa Dolce, e Royal me agarra e me empurra de volta para as sombras até que o carro desapareça atrás da casa. Então ele se afasta de mim, seus ombros retos.

— Vou acompanhá-la até o seu carro, — diz ele, começando dessa forma sem esperar por uma resposta. Eu o alcanço, me repreendendo pelos pensamentos estúpidos que bagunçam meu cérebro. Lembro a mim mesma que ele é um alienígena, um ser de um mundo diferente daquele em que vivo. Não temos nada em comum, e ele deixou seus sentimentos sobre mim perfeitamente claros. Eu nem sei o que dizer a ele agora. Agradecê-lo parece ridículo.

Mas ele me pegou espionando-o, e ele poderia ter chamado a polícia, ou me machucado, e ele não o fez.

Não falamos novamente até chegarmos ao carro. Royal para e se inclina contra a porta do lado do motorista, os braços cruzados sobre o peito, olhando para mim.

Então, qualquer que seja o cessar-fogo lá atrás, acho que acabou.

— Na próxima vez que você quiser invadir, procure por câmeras, — diz ele. — Eu sabia que você estava aqui no minuto em que pulou a cerca.

— Obrigada pela dica, — eu digo levemente. Agora que estamos aqui, longe das casas, o medo faz cócegas nos meus nervos. Não que alguém lá tivesse me ajudado, mas estamos sozinhos agora, no escuro, e ninguém sabe onde estou.

Royal move sua mandíbula para frente e para trás. — Se você quer que façamos isso com você, apareça aqui novamente, — diz ele. — Quando você quiser. Exceto que eu vou me juntar se estivermos pegando você.

Eu engulo em seco, cruzando meus braços em um espelho de sua pose, mas estou me segurando forte para não tremer. — Você está ameaçando me estuprar se eu voltar?

— Estou lhe dizendo o que sua presença no meu bairro significa. Eu sei que carro você dirige agora, e eu sei que você não seria estúpida o suficiente para pensar que você poderia nos espionar novamente. Então, a única razão pela qual você vai aparecer aqui é ter a chance de experimentar o que você testemunhou esta noite por si mesma.

Eu engulo em seco antes de assentir. Ele está me ameaçando, mas para ele, não é uma ameaça, é um fato. Uma regra. Ele está me dizendo as consequências se eu fizer isso de novo. Pode não ser justo, mas cheguei a um lugar onde não pertenco com a intenção de violar sua privacidade. Ao fazer isso, aparentemente eu assinei qualquer autonomia futura aqui. Se eu voltar, estou consentindo em fazer sexo com os três. Isso é o que significa.

— Está claro? — ele pergunta, me observando com expectativa.

— Crystal, — eu grito.

Ele me encara por um longo momento, algo engraçado piscando em seu rosto, e então ele se vira e vai embora. Lembro-me, tarde demais, que sua irmã morta se chamava Crystal.

\*\*\*

## Crystal (#391)

*Ela disse o nome da minha irmã.*

*Ninguém se atreveu*



*Fale o nome dela para mim*

*Por mais de um ano.*

*Um ano de penitência silenciosa*

*Por um crime que eles não vão admitir*

*Que eu poderia cometer*

*Embora eu fiz.*

*Ela disse o nome da minha irmã,*

*Deixou cair tão casualmente*

*Você não saberia que ela era*

*Uma vítima.*

*Eu disse a ela que ela estava morta para mim*

*E então ela foi.*

*Onde você desenha a linha*

*Entre um assassinato e uma profecia?*

*Ela disse o nome da minha irmã*

*Claro como o dia,*

*“Como diamante”*

*Como se não fosse precioso*

*Mas comum.*

*Como se ela acreditasse que eu poderia suportar*

*A dor de ouvi-lo*

*Como se ela não me visse*

*Como uma coisa frágil*

*Quem pode quebrar*

*Ou quebrar o mundo*

*Se ela falasse uma palavra.*

*MrD: Espero que você tenha mais para mim esta semana.*

*BadApple: Trabalhando nisso...*

*MrD: Então, o que você fez esta semana?*

*BadApple: Eu fui na casa deles espioná-los*

*MrD: Sério?*

*MrD: O que você viu?*

Eu rapidamente o informo sobre a casa ao lado, já que isso é algo que qualquer um pode ver. Bem, qualquer um que entrou em seu bairro. Conto a ele sobre a casca queimada e como me escondi lá para olhar pelas janelas.

*MrD: Mais uma vez, o que você viu?*

Mordo o lábio, sentindo-me suja e nojenta por contar a um velho sobre o que vi, mas sabendo que tenho que lhe dizer algo. A razão de eu ter ido lá foi para conseguir algo para ele, afinal. E não é como se eu lhes devesse lealdade. Eles não são meus amigos.

*BadApple: Eu os vi fazendo sexo.*

*MrD: Quem?*

*Bad Apple: Os gêmeos*

*MrD: Um com o outro?*

Ele adiciona um rosto piscando, o que me faz engasgar um pouco.

*Bad Apple: Não*

*BadApple: Com uma garota*

*MrD: A mesma garota?*

Eu engulo em seco, resistência crescendo dentro de mim. Esta é uma informação muito pessoal. Mas então, se ele quisesse saber a posição deles no

campo de futebol, ele apenas procuraria online. Ele quer que eu diga a ele coisas que ninguém mais pode. Coisas que ninguém mais sabe.

*MrD: Ao mesmo tempo, ou eles estavam se revezando?*

*BadApple: Isso é realmente relevante?*

*MrD: Eu faço perguntas. Você responde.*

*BadApple: Eu simplesmente não sei como isso tem alguma coisa a ver com o seu clube dos Swans.*

*MrD: Você está tendo dúvidas sobre esse arranjo?*

*Bad Apple: não*

*MrD: Tenho certeza de que há outras garotas na FHS que fariam valer a pena minha generosa doação.*

*MrD: Trio ou duplo?*

*BadApple: duplo*

*MrD: Descreva em detalhes, por favor.*

Bruto.

Talvez aquele ravioli vencido não tenha sido uma boa ideia. Meu estômago se revira enquanto eu lentamente começo a digitar o que ele quer saber, me perguntando se isso faz de mim algum tipo de prostituta, afinal. É como trabalhar para uma dessas linhas diretas de sexo por telefone, exceto que estou enviando mensagens de texto em vez de dizer em voz alta.

Quando termino, ele não responde por cerca de cinco minutos. Tento não imaginar um velho nojento se masturbando enquanto lê, mas continuo vendo o Sr. Behr em minha mente, a maneira como ele parava o que estávamos fazendo para se masturbar por um minuto toda vez que começava a ficar mole.

Levanto-me e jogo um punhado de antiácidos na boca, mastigando-os enquanto volto para o computador.

*MrD: E depois?*

*BadApple: Isso é tudo que eu vi.*

*MrD: Isso é uma provocação.*

*Bad Apple: O que?*<sup>25</sup>

*MrD: Você parou antes deles chegarem.*

*Bad Apple: Eu não sabia dessa parte. Você perguntou o que eu vi, não para eu escrever uma fantasia idiota.*

*MrD: Você estava excitada?*

*Bad Apple: Não e novamente não é relevante*

*MrD: Ver dois homens atraentes fodendo uma garota em cada buraco não te deixou molhada?*

*Bad Apple: Este não é o arranjo*

*MrD: Só queria saber se você estava se masturbando e é por isso que você não os viu chegar.*

Eu penso em mentir para ele. O que importaria? Ele não saberá nada diferente.

Mas, novamente, por que fazer essa merda se eu não vou preenchê-lo? Eu poderia muito bem inventar tudo. Eventualmente, ele vai entender, e lá se vai minha bolsa de estudos.

*Bad Apple: Fui interrompida*

*MrD: Por quê?*

*Bad Apple: Royal*

*MrD: O que aconteceu?*

*Bad Apple: Ele me expulsou do bairro e ameaçou me estuprar se eu voltasse.*

*MrD: lol*

Eu olho para a tela, o pequeno cursor piscando. Não é como se eu nunca tivesse ouvido uma piada de estupro antes. Mas caramba. Isso é frio.

Eu tenho que lembrar que esta é uma pessoa real. Há um cara do outro lado dessa comunicação, um cara que pode ser um perverso ou um estuprador ou sabe-se lá o quê.

*MrD: Como ele parecia?*

*BadApple: ???*

*MrD: Ele parecia estar chapado? Nas drogas? Bravo?*

Perguntas estranhas, mas tudo bem. Lembro-me de Royal puxando meu queixo, a fumaça na minha boca, o jeito que ele me beijou...

Meus dedos dos pés se curvam e eu tenho que me ajustar na cadeira só de pensar nisso.

*BadApple: IDK26 ele tão bem. Ele parecia normal*

*MrD: Ele pegou você no ato?*

*BadApple: ???*

*MrD: Como ele reagiu ao fato de você estar invadindo para ver seus irmãos se envolverem em um ato sexual na privacidade de sua própria casa?*

*BadApple: ele estava chateado, eu acho*

*MrD: Você disse que ele estava agindo normalmente.*

*BadApple: ele está sempre chateado.*

*MrD: Você vai voltar?*

*BadApple: Prefiro não ser estuprada.*

*MrD: Então, você vai vê-los na escola e tentar entrar com eles lá novamente.*

*Bad Apple: ok*

*MrD: Bom. Informe-se na próxima sexta-feira.*

Tenho uma semana até ter que me reportar ao Sr. D, mas não vou esperar até o último minuto desta vez. Vou ter que descobrir uma maneira de segui-los sem usar o carro de Blue, já que Royal acha que é isso que eu dirijo. Já que não posso me dar ao luxo de pular outra luta, decido fazer minhas coisas hoje à noite enquanto eles estão no jogo de futebol e, em seguida, localizá-los depois.

Eu costumo ficar o resto da noite assistindo outras lutas para aprender tudo que posso sobre a técnica e os próprios lutadores caso nossos caminhos se cruzem no ringue. Hoje à noite, porém, eu entro no quarto dos fundos e rapidamente coloco um moletom com capuz por cima da minha regata ensanguentada e shorts jeans, puxo meu cabelo para cima e lavo meu rosto e

joelhos. Então eu saio.

Eu localizo o Dynamo para pedir que ele destranque o portão. Uma vez que as lutas começam, não há entrada ou saída. Sim, totalmente um perigo, mas não é como se eles estivessem fazendo isso legalmente e estivessem preocupados em perder sua licença.

— Para onde você vai? — Dynamo pergunta enquanto atravessamos o asfalto do lado de fora do prédio.

— Uma festa, — eu digo. — Você sabe onde é esta noite?

Ele abre um sorriso. — Você vai a uma festa, mas não sabe onde é?

— Sim, — eu digo. — Alguma ideia?

— Você está falando sobre a festa pós-jogo?

— Essa é a única.

Ele fica quieto por alguns passos, até chegarmos ao portão. — Então, é por isso que você parou de vir às arquibancadas para fumar comigo.

Não é uma pergunta, mas me sinto na defensiva, como se precisasse me justificar para ele. Quero dizer, ele é a coisa mais próxima de um amigo que tenho em Willow Heights. Mas mesmo se eu pudesse dizer a ele por que estou perseguindo-os, não seria toda a verdade. Não estou interessada apenas nos garotos Dolce porque é um trabalho, porque preciso de informações. Não mais. Eu poderia mentir para ele, mas não posso mentir para mim mesma.

O fascínio de seu poder me atraiu, o mistério e a tragédia que os cercam me fisgaram, e a fuga de sua atenção me fez apertar o botão como um maldito macaco de jogo. Eles são profissionais no que fazem. Eles dão apenas o suficiente para fazer você pensar que você tem uma chance, e então eles a tiram e fazem você correr atrás deles até que você esteja pronta para desistir, e então eles dão um pouco mais.

— Não é assim, — murmuro, embora talvez seja exatamente assim. Talvez seja por isso que eu me sinto tão envergonhada de mim mesma – sou como qualquer outra garota Dolce, correndo atrás dos caras gostosos, perigosos e poderosos que toda garota quer e todo cara quer ser. Colt não soou acusador ou mesmo chateado. Ele apenas parecia desapontado. Ele achava que eu era diferente, que eu era melhor que isso, mas não sou. Eu não sou melhor do que qualquer outra garota.

Os Dolces criaram algo poderoso e – quase – inatingível, como uma marca de luxo que só as celebridades podem colocar em suas mãos, um produto que custa uma fortuna, é vendido ao público uma vez por ano e esgota em três segundos. Todo mundo quer, mesmo aqueles que não conseguem, aqueles que têm que fazer uma nova hipoteca para pagar.

Dynamo suspira e destranca o portão. — Não sei onde são as festas, — diz ele. — Eu não vou até eles. Não estou mais nesse círculo. Tenho certeza de que alguém na escola estava falando sobre isso, mas não presto atenção a essa merda.

— Ouça, — eu digo, enganchando meu polegar na alça da minha bolsa. — Eu sinto muito.

— Eu sei, — diz ele. — Tenho certeza que eles te disseram que eu era uma má notícia e te ameaçaram se você saísse comigo. Por que você acha que eu saio sozinho?

Minha garganta se aperta com suas palavras, o tom resignado em sua voz, apenas um leve traço de amargura, como se ele tivesse desistido até mesmo de sua raiva. Os Dolces garantiram que ele não tenha amigos por tanto tempo que nem se importa em querê-los mais. Já tive minha experiência com a falta de amigos, mas meu isolamento foi obra minha. Meu coração se parte um pouco por esse garoto cujas todas as chances de conexão humana são cortadas pela raiz.

— Eles não me ameaçaram se eu saísse com você, — digo baixinho. — Eles te ameaçaram.

Ficamos ali em silêncio por um minuto, apenas olhando um para o outro. Eu parei de sair com ele para protegê-lo, mas isso não muda o fato de que eu fiz isso, provavelmente o mesmo que todos os outros amigos que ele teve desde que os Dolce decidiram que ele era um inimigo.

Ele apoia um cotovelo na cerca de arame, enganchando os dedos nela e me examinando da cabeça aos pés. — Se você for em uma das festas deles com essa aparência, eles vão te comer viva.

— Eu não sabia que as festas de futebol eram um evento formal.

— Harper, — diz ele, sua voz séria. — Olha, você é gostosa, ok? Você sabe, eu sei, todo mundo na escola sabe. É por isso que essas vadias acham você tão ameaçadora. Você faz você, e elas odeiam, porque elas não têm coragem. Mas você parece uma porra de uma princesa de capuz, não uma princesa de Willow Heights. Se você está tentando entrar nessa multidão, você precisa se encaixar, Teeny.



— Sim, bem, isso nunca vai acontecer, — eu digo, minha garganta apertada com frustração. — Eu não tenho mil dólares para gastar em roupas, muito menos em uma maldita bolsa. Eu nunca serei uma garota Gucci.

— Então você nunca vai ser uma garota Dolce, — diz ele. — Então pare de tentar.

— Não posso.

Colt balança a cabeça, fechando os olhos como se estivesse rezando por paciência. — A maioria das roupas da minha irmã ainda está no armário dela, — ele diz, seus ombros caindo. — Ela não era curvilínea como você, mas era mais ou menos da sua altura. Vou deixar algumas malas na sua varanda.

Fico feliz que esteja escuro lá fora, que as luzes da rua no estacionamento não sejam suficientes para iluminar o calor no meu rosto. Prefiro mergulhar no lixo a pegar a caridade de alguém.

— Por que você faria isso? — Eu pergunto. — Você odeia os Dolces.

— Eu não odeio você.

— Eu não te culparia se você fizesse isso.

Ele dá de ombros e me dá um sorriso, mas é o que nunca toca seus olhos. — Talvez quando eles terminarem com você, eu consiga seus segundos desleixados.

Eu não posso deixar de rir. — Obrigada, idiota.

— Um cara pode sonhar.

— Então, eu sou a garota dos seus sonhos? — Eu provoco.

— Nah, — ele diz. — Minha garota dos sonhos mora do outro lado do país e nunca ouviu falar de Faulkner, Arkansas.

— Então eu diria que cerca de noventa e cinco por cento do país pode ser a garota dos seus sonhos, — eu digo. — Mas eu não.

— Sim, — diz ele. — Fico esperando que seja a minha vez, mas sempre fico em segundo. Como diria meu avô, o segundo lugar é o primeiro perdedor.

— Você não era o primeiro até os Dolces aparecerem?

— Eu tenho que voltar para a luta, — diz ele, enganchando o polegar por

cima do ombro em direção ao ringue. — Prometa que não irá à festa até que tenha algo melhor para vestir.

— Você está cheio de elogios esta noite.

— Promessa?

Fico na ponta dos pés e dou-lhe um beijo rápido na bochecha. — Eu prometo, idiota.

Ao me afastar, me ocorre que talvez a razão pela qual me sinto tão confortável com Colt, a razão pela qual ele se sente como uma alma gêmea, é que ele é a única pessoa nesta cidade que quer sair tanto quanto eu.

\*\*\*

### **Instruções para Destruição**

*Primeiro você tira o berdeiro*

*(O que é um reino sem berdeiro?)*

*Então você pega a cabeça*

*Então ele não pode substituir o berdeiro.*

*Tudo é justo.*

*Você passa para os galhos*

*Cortando cada membro um por um*

*Antes de tirar o propósito...*

*Trabalhos e paixões, amor e futebol.*

*Você quer tudo.*

*Agora você tem tempo para saborear o coração*

*Para aprofundar e desenhá-lo*

*Sugando a doce seiva dele*

*Torcendo-o para secar antes de descartá-lo.*

*Sem arrependimentos.*

*Quando a árvore genealógica foi cortada*

*Você queima o toco*

*E então você começa a traçar as raízes*

*Portanto, nunca pode crescer novamente.*

*Chame isso de controle de ervas daninhas.*

*BadApple: Ei, estou procurando algo para fazer esta noite. Alguma coisa acontecendo?*

*WHGossipGrrl: um pouco tarde para começar a procurar!*

*BadApple: tinha algo mais cedo*

*WHGossipGrrl: A festa de DeShaun foi hoje à noite, mas os Dolces saíram, então está praticamente acabada.*

*BadApple: Serio? O pessoal só vai ver se eles não aparecem?*

*WHGossipGrrl: Hum sim*

*Bad Apple: triste*

*WHGossipGrrl: lol*

*BadApple: Depois da festa?*

*WHGossipgrrl: a maioria das pessoas acaba de se separar em seus próprios grupos agora*

*WHGossipgrrl: Eu vou à casa da Quinn. Estamos fazendo cake pops se você quiser participar!*

*BadApple: lol thx. Estava pensando em algo um pouco mais... Clandestino*

*WHGossipgrrl: Ooh clandestino. Eu gosto!*

*BadApple: Sabe onde os garotos D vão?*

*WHGossipgrrl: Eles não ficam muito tempo nas festas. Ninguém sabe para onde vão.*

*BadApple: Thx. Divirta-se assando!*

*WHGossipgrrl: Divirta-se caçando o D*

Ela adiciona um emoji de rosto piscando, e eu sorrio para mim mesma, embora isso tenha levado a um beco sem saída. Eu tenho que me impedir de perguntar se eles saíram sozinhos. Ela não disse nada que indicasse que eles saíram com alguém, então vou fingir que Royal não está participando de sua orgia esta noite.

Eu deveria desistir, mas estou por um fio. Eu percorro meu aplicativo *OnlyWords* cerca de dez vezes, uma ideia maluca se formando na minha cabeça. E se eu não depender de outra pessoa para me dizer como encontrá-los? Quero dizer, eles já pensam que sou uma perseguidora obcecada. O que eu tenho a perder?

*BadApple: Desculpa incomodar novamente. Você teria algum de seus identificadores de msg?*

*WHGossipgrrl: @ Royal*

Fico ali olhando para minha tela por um minuto, tentando não analisar o que significa que ela me enviou apenas o contato de Royal. Eu sou tão transparente? Ou esse é o único que ela conhece? Por que ela sabe disso? Ela manda mensagem para ele? Ele já dormiu com ela, e é por isso que ele deixa a coisa dela com Colt continuar?

E eu realmente vou fazer essa coisa louca?

Mas qual é a pior coisa que pode acontecer? Ele vai me dizer para ir me foder bem na minha boceta lixo, é isso. Nada que ele não tenha dito antes.

Ainda assim, não consigo fazer meu coração parar de bater quando pressiono enviar.

*BadApple: o que está acontecendo*

Eu fico lá por uns bons cinco minutos, me xingando e desejando que houvesse um botão para cancelar o envio. Desejando que eu não tivesse sido tão estúpida. Ele vai pensar que eu sou uma grudenta de estágio cinco e desesperado e patético e...

*Tudo o que ele já pensa sobre mim*, eu me lembro. Não é como se eu já tivesse a vantagem. E daí se ele não responder? Eu realmente esperava que ele fizesse isso?

*Royal: Desculpe querida. Não estou em casa. Não é possível executar um trem.*

Antes que eu possa responder, outro avatar aparece em nosso bate-papo.

*BaronNoTrump: IDK Papai pode estar em casa; )*

*DukeOfBeavertown: Ela ama um pau velho e enrugado*

Acho que estamos todos aqui. Lembro-me de Duke em seu telefone

enquanto a loira o atendia, e imagino ele me mandando mensagens enquanto seu pau está enterrado em alguma pobre garota. Ela ainda seria menos patética do que eu agora.

Então uma ideia surge na minha cabeça. Um trem...

A primeira vez que conheci esses caras, eles estavam no pátio vazio. Por que eles estariam lá, exceto para fazer algo ilegal? Presumivelmente, eles não estavam procurando por garotas chupando professores em carros. Eles simplesmente aconteceram em cima de nós.

*BadApple: você está aí?*

*Royal: sim, o que você precisa*

*BadApple: que doce sua oferta, mas eu quis dizer se esta no estaleiro agora?*

*BaronNotTrump: Por que estaríamos lá?*

Eu já estou enfiando meus pés em minhas botas de combate, no entanto. Eu sei que estou certa. Não acredito que não pensei nisso antes.

Quero dizer, sim, eles podem estar em qualquer lugar. Eles podem estar em casa e simplesmente não me querem lá.

*Eles também podem estar pintando as unhas dos pés das garotas Walton, penso, revirando os olhos para mim mesma.*

Eu sei que eles não estão em nenhum desses lugares. Eles estão causando problemas, e esse é um lugar para onde as pessoas vão por esse motivo.

*DukeofBeavertown: se for lá que você for dar bjs, estaremos lá.*

*BadApple: Estarei lá em 5. BJ não garantido.*

*Royal: não*

*BadApple: em breve*

*Royal: Vá para a cama, torta de cereja.*

Subo na minha bicicleta e sigo em direção aos trilhos. Eu sei que estou sendo estúpida, que eles podem nem estar lá, e se estiverem, podem me estuprar ou me matar ou o que quiserem fazer comigo. Royal obviamente não me quer lá.

Mas estou tão perto. Eu posso sentir isso. É uma estranha e febril obsessão

tomou conta de mim. Eu caí sob seu feitiço, e eu tenho que saber mais. Eu tenho que entrar, e esta noite é minha chance. Mesmo que eles nunca me reconheçam na escola, se nunca formos amigos, eu poderia ser sua companheira do lado negro. Aquela que aparece para fazer qualquer travessura e nunca os reconhece à luz do dia. Eu ficaria bem com isso, desde que eu estivesse dentro, desde que eu fizesse parte de algo depois da meia-noite de uma sexta-feira à noite.

*Um pouco reminiscente da oferta de Royal de ser o pequeno segredo sujo um do outro...*

Não sei como isso é diferente. Talvez não seja. Isso pode estar quebrando janelas em vez de sexo, mas a coisa real está por baixo de qualquer uma dessas ações. Essas são apenas coisas para fazer. O que está abaixo da superfície é o que me atrai para eles, o que tem meus quadris queimando enquanto eu pedalo em direção às pistas o mais rápido que posso, meu coração acelerado, borboletas na barriga com o pensamento de perdê-los. Ou vê-los.

Ambas as opções fazem meu estômago revirar como quando eu era criança e eu pularia do balanço assim que atingisse o ponto mais alto de seu arco, e por um segundo, eu poderia voar.

O que me puxa para o pátio à meia-noite, passando pelos bairros de gangues e as casas de penhores com grades nas janelas, não é o pensamento de uma conexão humana. É a chance de iluminar a escuridão que vi dentro daqueles meninos, de ver minha própria escuridão refletida de volta para mim e saber que eles a aceitam. Estar com pessoas que são como eu de uma maneira profunda, fundamental e fodida que não consigo explicar. É uma admissão de que já estamos unidos ao vislumbrar essa verdade um no outro, mesmo que eles não estejam prontos para admitir isso.

*Estou pronta.*

Deslizo até parar no estacionamento exatamente onde o Sr. Behr gostava de estacionar, deixando minha bicicleta ao lado de um Tesla preto e elegante com as maçanetas inseridas na porta. Já nem me importa o que dirigem, que sejam ricos e eu seja pobre, que sejam reis e eu seja o flagelo da terra. Se eu pudesse fazer parte disso, eu não me importaria. Parte de seu pequeno círculo apertado, sua irmandade, seu compromisso um com o outro que é mais profundo que o sangue, até o osso.

Eu ouço um silvo prolongado e me viro, meus olhos caindo em algumas latas de tinta spray vazias. Eles estão pintando. Ainda melhor.

Escondendo minha excitação, eu ando como se não fosse grande coisa. Os vapores familiares de tinta spray me cumprimentam, e meu pulso acelera. Estou

enferrujada, mas caramba, perdi esse tipo específico de travessura.

Baron me observa chegar, uma lata de tinta em uma mão e uma cerveja na outra, seu pirulito enfiado na bochecha. Duke está sacudindo uma lata de tinta e balançando contra um barril velho e enferrujado, rindo pra caramba de algo que Royal deve ter dito. Sua risada me envolve, fazendo arrepios de solidão em meus braços ao mesmo tempo em que se aninha em um lugar quente em meu peito, um pequeno ninho felpudo que está vazio há tanto tempo que não consigo me lembrar quando foi preenchido. Royal se vira, pintando um arco gigante de branco.

Quando vejo o que eles estão fazendo, minha empolgação diminui. Eles não estão fazendo arte. Eles estão fazendo símbolos grosseiros. A decepção afunda em mim, mas eu a afasto. Ainda estou aqui. Será que realmente importa se eles estão fazendo arte ou apenas vandalizando os vagões? Algumas pessoas fazem grafite para criar e outras para destruir. Ambos são válidos.

— E aí? — Eu pergunto, enfiando a mão no bolso de trás do meu short.

— Pensei que tinha dito para você ficar em casa, — diz Royal, sem se virar para olhar para mim.

Duke se vira, no entanto. Um grande sorriso desleixado se forma em seu rosto enquanto ele tenta se concentrar em mim. — Ei, é a rainha do boquete, — diz ele.

— O que você quer? — Baron pergunta. Não é uma exigência, no tom breguete que Royal teria usado. É como se ele realmente quisesse saber.

— Ela quer nossos paus em sua boca, — diz Duke, pegando uma cerveja do topo do barril, que eles viraram para usar como uma mesa para segurar a cerveja e tinta spray. — Todos os três de uma vez.

— Cala a boca, Duke, — diz Royal. Ele ainda não se virou de onde está desenhando um pênis gigante no carro.

— Eu não acho que todos eles caberiam naquela boquinha, — Baron diz, me observando com olhos semicerrados, uma expressão entediada em seu rosto mesmo enquanto seu olhar permanece afiado. — Eu vou pegar a bunda dela. Eu gosto mais de anal, de qualquer maneira.

— Isso deixa Royal com... buraco número três! — Duke canta, como se fosse um locutor de game show.

— Confie em mim, minha boceta é o buraco número um, — eu digo,



pegando uma lata de tinta e dando uma sacudida. — E você não ganha por processo de eliminação. Você tem que ganhar essa merda.

— Oooh, a gatinha está com as garras para fora, — Duke zomba, troçando em uma mochila que está no chão na base do barril.

Eu dou de ombros. — A verdade mágoa.

Duke toma o resto de sua cerveja e quebra a garrafa no chão aos meus pés, me fazendo pular. Ele ri e começa a dançar, cantando — Truth Hurts.

Eu examino a configuração deles. Zephyr costumava levar sua tinta em uma mochila também, mas a dele estava surrada e era da escola primária, recheada com algumas cores de cada vez, o que ele pudesse pagar. A que está na base do barril é nova e deve haver uma dúzia de latas de tinta de todas as cores no barril. Estou louca para usá-las. Pego outra lata e vou para o próximo carro, que Zephyr já marcou, e depois para o próximo, onde começo a pintar. Por um minuto, apenas o canto desagradável de Duke e o silvo das tintas preenchem a noite. Respiro fundo, sem saber se estou chapada com a fumaça ou com a liberdade que encontro nisso.

— Nada mal.

Eu me viro para ver Baron atrás de mim, me observando trabalhar.

— Eu tive um bom professor, — eu digo.

— Não sabia que as pessoas ensinavam graffiti, — diz ele, exibindo um sorriso altivo enquanto toma o outro canto do carro.

— As pessoas ensinam arte, — respondo.

— Ei, deixe-me fazer uma pergunta, — diz Duke, cambaleando atrás de nós. — Se você é a rainha do boquete, por que meu pau não está na sua boca agora?

— Porque você é um bêbado rude e desleixado.

Eu ouço Royal rir do próximo carro.

— Dizendo como é, eu vejo, eu vejo, — diz Duke. — Nesse caso, você é uma vadia rude e mal-intencionada.

— Pare com isso, — Royal estala.

— Oh, o que, só você pode chamá-la assim?

Eu continuo pintando, tentando não o deixar estragar meu humor, mas suas palavras me irritam. Não sei por que me importo, por que dói saber que Royal me chama assim pelas minhas costas. Ele me chama de vadia na minha cara o tempo todo. Mas ainda dói.

— Apenas cale a boca, — diz Royal calmamente.

Duke o ignora e começa a me atacar novamente. — Por que você ainda não desistiu? Você está na escola há um mês agora, e você nem é feia. Devíamos foder você agora. O que há com isso?

— Eu só não estou tão interessada em pau, — eu digo. — Tenho outras coisas acontecendo.

— Talvez você seja apenas um daquelas que leva um pouco mais de convencimento, se você entende o que quero dizer. Algumas garotas desistem fácil, e algumas... Você só tem que aceitar.

— Você é lésbica? — Baron pergunta, me observando com curiosidade enquanto ele faz uma pausa para mastigar os pedaços de doce do caule de seu pirulito.

Eu atiro-lhe um olhar. — Só porque eu não estou clamando você para foder, eu devo ser lésbica?

— Ele só quer ver você comer uma boceta grande e suculenta, — diz Duke, rindo. — Cara, se você não gosta de pau, eu vou chupar uma cadela enquanto ela te come.

— Zero interesse nesse cenário, — eu digo, dando um passo para trás para olhar o trabalho de Baron. Ele está realmente fazendo arte, e isso não é ruim. Ele verifica a minha também. Então ele estende a mão e me dá os dedos. A sensação boa vem de volta ao meu peito.

— Quer continuar lá em cima? — Baron pergunta. — Eu vou te impulsionar e te dar as tintas.

— Sério? — Ele é forte o suficiente para que eu possa ficar em seus ombros e alto o suficiente para me levantar para que eu possa alcançar o teto do carro e subir. Eu nunca pinteí de cabeça para baixo antes, então a ideia é intrigante.

— Eu vou levantá-la, — diz Royal, vindo se juntar a nós. — Eu sou mais alto.

Baron se afasta para mandar uma mensagem para alguém, e as mãos de Royal caem em meus quadris. — Preparada?

— Sim, — eu digo, engolindo em seco. Eu tento não notar como suas mãos são tão grandes que circundam minha cintura inteira, quão quentes elas se sentem através do tecido fino da minha camiseta, abaixo do moletom curto, ou quão perto ele está de pé, então eu posso sentir seu jeans roçando minha bunda.

Ele me estimula, e eu me repreendo por me distrair. Eu coloco minhas botas em seus ombros e apoio minhas mãos contra o carro para me equilibrar. Suas mãos caem na parte de trás das minhas panturrilhas, seu toque quente contra minha pele na noite fria. Ignorando os impulsos mal cronometrados em meu corpo, eu agarro a parte de cima do carro e me puxo para cima. Não é difícil, mas eu raspei meus joelhos para me levantar. Isso é o que eu ganho por não ter tempo para trocar para uma calça jeans.

Ele joga algumas cores, então vai para o próximo carro e começa a desfigurar a arte de Zephyr. Eu mordo a vontade de dizer a ele para parar, que você não pode simplesmente pintar sobre o trabalho de outro artista, mas ele não está fazendo arte e obviamente não dá a mínima. Ele está aqui apenas para desfigurar alguma coisa, para escrever “FODA-SE” em letras pretas gigantes sobre a beleza complexa e em camadas que Zephyr Hertz colocou em um vagão feio e enferrujado. Ele pegou algo feio e estéril, e deu a você algo para olhar enquanto passava, então você nem percebe o metal desolado.

Por alguma razão, isso me faz pensar nas palavras de Colt novamente. Esses caras destroem vidas. Eles realmente se importam se estão fodendo algo bonito? Claro que não. Eles provavelmente preferem fazer isso do que pintar palavrões em uma tela em branco.

Mas então há Baron, fazendo algo em vez de destruí-lo.

— Eu quero ir lá em cima também, — diz ele, voltando de trás dos vagões. Royal o impulsiona para cima, e ele se deita ao meu lado, abaixando com sua lata. Por alguns minutos, trabalhamos em silêncio.

— Então, você não gosta de sexo, — diz ele depois de um tempo.

Eu rio e balanço a cabeça. — Eu gosto de sexo bom, — eu digo.

— Nenhuma palavra que eu usaria para descrever sexo.

Eu penso nele fodendo a garota enquanto bebia uma cerveja. Parece a palavra exata que ele usaria para descrevê-lo.

— Eu gosto de sexo tanto quanto qualquer outra garota, — eu digo.

— Com caras? — ele pressiona.

— Com qualquer um, — eu digo. — Eu só acho que pau é superestimado.

— Você ouviu isso? — Duke grita, uivando de tanto rir. — O sapatão acha que o pau é superestimado!

— Eu não sou uma sapatão, — eu digo. — Eu me sinto atraída por caras.

— Talvez você não tenha tido o pau certo, — diz Baron.

— Ela obviamente nunca teve o pau Dolce, — diz Duke, esmagando uma garrafa de cerveja contra o carro em que estamos. Espuma e vidro se espalham por toda parte, respingando em minhas mãos enquanto cacos de vidro atingem minha pele.

— Eu acho que *você* é o idiota Dolce, — eu digo, olhando para ele.

— Ei, — Royal rosna. — Eu disse para você não vir aqui, Cherry Pie. Você não precisa estar aqui.

— E ele não tem que ficar me assediando, — eu digo.

Nós nos encaramos.

Eu sou a única que quebra primeiro. Eu suspiro e me sento. — Olha, você quer me mostrar que você é um garoto desagradável sem respeito pelas mulheres, eu entendo. Não é como se eu nunca tivesse ouvido essa merda antes. Não me incomoda. Mas se você vai vir até mim, então sim, eu vou me defender.

— Ele não estava vindo para você, — diz Royal. — Ele acabou de dizer que você nunca transou com um Dolce, o que é um fato.

— Tudo bem, — eu digo. — Mas eu não vou sentar aqui como uma ovelhinha mansa enquanto alguém fala merda sobre mim. Se você distribuir, você deve ser homem o suficiente para pegá-lo quando alguém o devolver.

— Agora, quem está falando merda sobre alguém, — diz Duke, chegando ao lado de Royal. — Dizer que não sou homem o suficiente? Eu disse que você não era mulher o suficiente para levar o gang bang que estamos prestes a ter com sua bunda apertada?

— Isso, — eu digo, olhando para Royal e gesticulando para seu irmão. — Tudo bem, ele não está falando merda sobre mim. Ele está constantemente

ameaçando me estuprar. Você acha que eu vou apenas sentar aqui e aceitar essa merda sem dizer uma palavra?

— Ele está brincando, — diz Baron. — Tenha senso de humor.

— Tudo bem, vamos todos ter senso de humor. Falando nisso, sabe o que seria muito engraçado? Se eu ligasse para meus amigos gângsteres na minha rua, e todos eles aparecessem e estupassem *suas* bundas ricas para te ensinar uma lição sobre entrar no território deles como se você fosse o dono só porque você é o dono do resto da cidade. Aqui, deixe-me pegar meu telefone e ligar para eles agora. É *muito* mais engraçado se eles estiverem aqui pessoalmente, cercando você e superando você três para um, então você sabe que é realmente uma possibilidade muito real, enquanto eles brincam sobre isso.

Eles estão todos olhando para mim quando eu termino. Ok, então talvez eu tenha falado um pouco demais. Respiro fundo e dou a Baron meu sorriso mais doce. — Ainda engraçado?

— Isso não é o mesmo, — diz Duke. — Você faz sexo com caras o tempo todo.

Eu reviro os olhos. — Errado. E eu vou te dizer como não é a mesma coisa. Porque se vocês me estupassem agora, provavelmente iriam se safar. Vim aqui sozinha, depois da meia-noite. Meu short é curto. Eu estava obviamente tentando me dar bem com você. Eu sou um lixo de trailer, e eu deveria ter sorte de três caras ricos como você estarem interessados, certo?

— Nós não estamos interessados, — rosna Royal.

— Mas isso é o que um júri diria. Enquanto isso, se alguém te machucasse, seria notícia de primeira página. O horror! A indignação! Os monstros iriam embora para sempre. Ninguém iria perguntar por que você veio para o território de seus atacantes, por que você estava do lado errado da cidade. Eles não diriam, você deve saber que caras que se parecem com você atraem atenção, então você deve ter secretamente desejado isso. Eles não diriam que você estava pedindo por isso.

— Ah, olhe, uma feminista raivosa, — diz Baron. — Que original.

— Muita verdade para sua festinha de pintura? — Eu pergunto. — Vocês são três caras enormes, vocês são ricos, vocês são brancos, vocês são heterossexuais. Você é até atraente, saudável e em forma. Você literalmente tem todos os privilégios que existem. Você *não tem ideia* de como é ser vulnerável.

— Harper, — Royal diz baixinho. — Cale-se.

Eu suspiro e me levanto, limpando a ferrugem das minhas mãos. Minha boca grande provavelmente estragou qualquer chance de entrar com esses caras, mas tanto faz. Eu tenho uma voz por uma razão. — Olha, eu não estou dizendo que você não tem problemas ou que sua vida é fácil, — eu digo. — Obviamente eu não sei nada sobre isso. E me desculpe por ter matado sua vibe. Então, eu só vou agora.

Um par de faróis varre o estacionamento, lavando sobre mim enquanto estou em cima do vagão do trem, me fazendo parecer tão alta quanto a porra da Estátua da Liberdade. Meu estômago cai, e um segundo depois, um grito soa e luzes azuis piscam.

Como se esta noite já não tivesse se tornado uma merda o suficiente. Não há nenhum um ponto em correr, já que eles me têm na mira, mas o instinto é difícil de negar. Assim como dezessete anos de experiência. Policiais não vêm ao meu bairro para servir e proteger. Eles vêm para rebentar nossas bundas.

Royal agarra Duke e corre, arrastando-o para trás dos vagões de trem enquanto Duke tropeça, seu braço sobre o ombro de Royal. Baron e eu saltamos pela parte de trás do vagão e decolamos também. É cada um por si quando a polícia aparece.

Exceto que Duke mal consegue andar, e Royal não vai abandoná-lo. Claro que não. Eles são irmãos. Eles podem estar dispostos a me deixar no vagão do trem para me derrubar, mas eles não estão abandonando um ao outro. Eles montam ou morrem, todos por um e um por todos. Isso me faz doer por dentro, o pensamento de todos eles serem pegos por causa da bunda bêbada de Duke.

Ouçõ os policiais gritando atrás de nós, mas não desaceleramos. Eu alcanço os caras quando eles tropeçam na vala, e eu sei que eles não vão conseguir.

— Abaixese, — eu sussurro-grito, agarrando o braço de Duke e puxando-o para baixo. Ambos caem de joelhos, e Royal empurra Duke no chão.

Uma lanterna nos varre, quase pegando eu e Royal. Os gêmeos já caíram na vala imunda. Royal me empurra para o chão, seu peso me esmagando enquanto seu corpo duro pressiona contra o meu. Se não estivéssemos prestes a ser pegos, eu provavelmente estaria ficando estúpida por ele agora. Eu posso sentir seu coração batendo forte e rápido contra minhas costas enquanto ele me pressiona na grama morta e na lama seca.

— Eu sei que você está aí, — chama a voz irritada do policial.

Royal move seus quadris contra os meus, abaixando sua boca no meu ouvido. Seus lábios roçam meu lóbulo da orelha, e meu coração dá uma guinada

no meu peito. — Acho que quero foder você agora, — murmura Royal em meu ouvido.

— Você é louco, — eu digo, me contorcendo debaixo dele. Isso pode ser um jogo para ele, mas não posso simplesmente comprar minha saída de uma prisão.

— O que está acontecendo? — Duque insulta.

Eu o calo quando ouço passos se aproximando. Eu fico em uma posição agachada, pronta para sair correndo. Mas então eu olho para os caras. Os olhos de Duke estão desfocados, e eu tenho certeza que ele vai fazer barulho e nos entregar a qualquer segundo. O rosto do Baron está vivo, sem a habitual arrogância em suas feições. Seus olhos brilham com uma espécie de alegria maníaca, como se ele fosse pego pela polícia. Royal não parece mais jogar. Sua mandíbula está cerrada enquanto ele mantém seus dois irmãos abaixados, fora do feixe da lanterna.

Vamos todos cair se ficarmos aqui como patos sentados.

— Aqui vai, — murmuro.

Eu salto para fora da vala e corro de volta para os vagões do trem, de volta por onde vim. O policial não fica por perto para revistar a vala. Talvez ele pense que estou correndo para minha bicicleta para escapar ou para me esconder nos vagões. Ou talvez ele apenas veja alguém correndo e o persiga. Ele bate em mim, e eu caio no chão com força, meus joelhos nus e palmas das mãos rangendo no pavimento. Ele me empurra, seu joelho prendendo minha parte inferior das costas enquanto ele fecha as algemas em mim.

Seu rádio toca, e ele o puxa para atender, seu joelho bate nos meus rins. — Eu a peguei, — ele diz antes de colocar seu rádio no coldre. Ele me puxa para ficar de pé e me empurra ao redor dos vagões para onde a cerveja e a tinta são iluminadas pelas luzes azuis estroboscópicas.

— Apple, é você de novo? — pergunta uma voz familiar, com forte sotaque.

— Ei, oficial Gunn, — eu digo, acenando com os dedos, embora ele não possa vê-los nas minhas costas. — Como está Maisy?

Ei, sou sulista, não posso simplesmente ver alguém e não perguntar sobre sua família, especialmente porque estávamos na mesma classe nos últimos anos na FHS.

— Ela está bem, — diz ele. — Ela está se candidatando a escolas de arte para o próximo ano.

— Legal, — eu digo. — Eu pretendia ir até a galeria e ver o show dela neste verão. Ouvi dizer que foi incrível.

— Como está sua mãe? — ele pergunta, parecendo cansado. Ele me pegou algumas vezes nos meus dias de grafite, e provavelmente estava pensando que eu tinha me reformado.

— Apenas indo, obrigada por perguntar, — eu digo, dando-lhe um sorriso feroz.

Ele suspira. — Com quem você estava aqui embaixo?

— Ninguém, — eu digo. — Apenas eu.

Ele aponta a lanterna para a mochila, uma porra da Patagônia. — Essa é a sua bolsa?

— Sim, — eu digo, amaldiçoando os caras ricos estúpidos por terem que carregar até mesmo sua tinta spray em sacolas caras. O policial parece cético. O policial Gunn é um dos melhores policiais para ser pego, já que ele sabe como é aqui embaixo. Inferno, há rumores de que ele cresceu no mesmo parque de trailers que eu no passado. Mas não é tão afortunado quando ele pode chamar de besteira minha reivindicação. Ele sabe que não posso pagar toda aquela tinta e cerveja, muito menos a bolsa em que foram carregadas.

— É isso que você tem feito? — ele pergunta, iluminando o carro que Royal estava desfigurando. Ele pousa o feixe na etiqueta de Zephyr na parte inferior.

— Isso é você? — pergunta o outro policial. — O dirigível?

— Não é um dirigível, — eu protesto, mas então fecho minha boca. Se eu disser que é um zéfiro, eles podem conectá-lo com os outros. Pelo que sei, ele tem uma ficha criminal mais longa que a minha. Eles podem rastreá-lo até um monte de pichações assim que souberem de quem é a etiqueta.

— Quem estava com você? — O oficial Gunn pergunta.

— Ninguém, — eu digo novamente.

— Onde você conseguiu toda essa tinta?



— Eu roubei, — eu digo. — Eu roubei de alguns garotos ricos na escola.

— Vamos levá-la, — diz o outro policial. — Ela está admitindo os danos.

— Você sabe que eu não posso simplesmente deixar você ir, — diz o oficial Gunn, parecendo que ele meio que se arrepende desse fato. — A menos que talvez você possa me dizer quem mais estava aqui...

Eu penso nos caras lá atrás na vala. Não, os caras que já se foram. Mesmo se eu dissesse aos policiais com quem eu estava, eles não os pegariam. Seria minha palavra contra três caras que comprem policiais. Eu penso no olhar no rosto de Royal quando ele estava lá com seus irmãos. Ele estava tenso, como se soubesse que era sua responsabilidade tirar seus dois irmãos autodestrutivos de lá ilesos. Sua lealdade não o deixaria ir embora, mesmo que devesse. Ele estava preso lá tentando proteger um irmão que bebia com determinação imprudente e um que não queria nada mais do que a emoção de ser pego. Mesmo se eu fosse um rato, o que não sou, respeito demais essa lealdade para entregá-los.

— Ninguém mais, — eu digo. — Eu disse a você, era só eu.

— Você viu mais alguém lá atrás? — Oficial Gunn pergunta ao outro policial.

— Era só ela, — diz o cara. Talvez ele tenha pago, ou talvez esteja apenas cansado e queira terminar a noite. Eles fizeram a prisão, e agora terão que preencher a papelada, e quanto mais adolescentes pegarem, mais papelada terão. Realmente não vale a pena por um pequeno crime como vandalizar um vagão de trem que nem está em uso.

Eles me colocam na parte de trás do carro-patrolha enquanto o policial Gunn faz uma varredura rápida ao redor dos vagões e depois volta. Ele pega a mochila e enfia todas as latas de tinta e cervejas dentro. Não posso deixar de me sentir mal por toda aquela tinta desperdiçada. Zephyr poderia pintar uma obra-prima com isso.

Enquanto nos afastamos, eu pressiono minha testa no vidro e olho para o pátio estéril e me pergunto se eu cometi um grande erro. Claro, a lealdade é ótima, mas como o orgulho, nunca fez nada por mim. Lealdade não coloca comida na mesa. E aqueles garotos, eles só têm lealdade um com o outro. Eles não hesitariam em me jogar aos lobos na primeira oportunidade.

Talvez eu realmente seja como minha mãe. Eu joguei tudo fora por um homem. Fui presa, levei a queda, para que eles pudessem ir embora sem olhar para trás.

Isso é o que eu queria que eles fizessem, eu me lembro. Não havia sentido em nós quatro sermos presos, recebendo outra marca em nossos registros. Mas enquanto vejo o terreno vazio desaparecer atrás de nós, não posso deixar de pensar em como todos eles teriam se unido se fosse um deles algemado. Eles teriam se recusado a se separar. Todos teriam se entregado para evitar que qualquer um deles ficasse sozinho.

Eu deito minha cabeça para trás no banco e fecho meus olhos para não ter que ver o terreno vazio. Qualquer que seja a febre que tomou conta de mim quando andei de bicicleta até aqui, acabou.

Eu não sou uma deles, e nenhuma quantidade de desejo vai mudar isso. Corri para estar com eles, para me sentir parte de algo, mas não sou. Eles não me queriam lá de jeito nenhum. Royal me disse para ir embora. Eles não estavam ansiosos para me ver aparecer. Eles não se arrependeram de me ver algemada. Eles me viram cair para que pudesse fugir, embora provavelmente pudesse ter conseguido escapar de uma prisão.

*Não preciso deles, digo a mim mesma, desejando que acredite como antes. Eu não preciso de ninguém.*

Precisar de pessoas é mais do que uma fraqueza, é um desperdício de energia. Eu sou a única pessoa com quem posso contar. Sejam os meninos Dolce, ou Jolene, ou o Sr. Behr, ou minha própria mãe, quando a merda acontece, eu sempre me viro para encontrar nada além do vento nas minhas costas.

\*\*\*

## **Vulnerável**

*Você acha que eu não conheço vulnerabilidade, mas*

*Você?*

*Qual foi a sensação para você, garotinha?*

*Parecia cordas que esfregavam sua pele e desciam até o osso,*

*Ou como o desamparo que fez você se odiar tão profundamente*

*Você tinha que se tornar outra pessoa*

*Apenas para sobreviver*

*Para você?*

*Como foi para você, garotinha?*

*Parecia escuridão como breu quando você acordon à noite,*

*Agarrada com força nos dentes do terror,*

*Ou como as estrelas atrás de suas pálpebras quando chutaram seus dentes*

*Para você?*

*Qual é o cheiro para você, garotinha?*

*Será que cheirava a sangue*

*e vomito*

*e sujeira*

*e cuspi*

*e urina*

*e pior*

*Para você?*

*Garotinha, eu sei ser vulnerável,*

*E assim por diante*

*você irá*

*também.*

*1:13 AM: BadApple: Eu sei que é tarde e sinto muito por te incomodar, mas preciso de ajuda*

*1:15 AM: BadApple: Eu sei que você não me deve nada. Me ajudou mais do que posso pagar e não agradei adequadamente a você e sinto muito por isso.*

*1:20 AM: BadApple: Você provavelmente está dormindo não vai conseguir ver isso até de manhã, e tudo bem, eu não quero acordar você, mas eu não tenho mais ninguém para perguntar. Eu sinto muito.*

*1:22 AM BadApple: acho que ajuda se eu te contar que fui pega pela polícia. Eu só preciso que você venha me buscar de manhã ou quando quiser. Eles não pegarão meu telefone. Eles disseram que a fiança é de US \$ 100, mas minha mãe não vai pagar e eles não vão me deixar ir buscá-la. Eu tenho. Eu posso te pagar de volta.*

*1:31 AM: BadApple: Me desculpe, eu não te dei o que você queria ainda e eu sei que estraguei tudo, então se você quiser, chame outra pessoa para fazer isso, eu entendo. Ou se você quiser o pagamento de outra forma, isso é justo, eu não deveria dizer que não vou fazer isso porque você quer o que quer.*

*1:33 AM: MrD: Cristo, pare de explodir meu telefone. Então você foi presa, grande coisa. Eu te pago a fiança pela manhã. Eu não preciso de mais ninguém porque você vai me dar o que eu pedi.*

*1h35: BadApple: Obrigada. Eu sinto muito.*

*2:15 AM: BadApple: Uau, você é rápido. Estou saindo agora. Você não tinha que se levantar e cuidar disso agora. Muito obrigada mesmo. Como posso pagar o dinheiro da fiança???*

\*\*\*

Não sei o que esperar quando entro na escola na segunda-feira. É uma cidade pequena, o que significa que as notícias correm rápido. Embora a notícia da minha prisão não fosse grande coisa em Faulkner, onde os adolescentes são presos por pequenas merdas o tempo todo, Willow Heights é diferente.

Algumas pessoas sussurram quando ando pelo corredor, mas não é tão ruim. Mal estou no meu armário há dois minutos quando Dixie vem correndo. — Oh meu Deus, — ela diz. — Quando você disse que queria entrar em algo, eu não sabia que você queria dizer algo *ilegal*.

— Hum, sim, Dixie, — eu digo. — Achei que isso estava implícito.

— Posso fazer um depoimento para o blog? — ela pergunta, acenando com o telefone para mim. — Quero dizer, eu sei que você provavelmente não está orgulhosa disso, mas todo mundo vai descobrir, então você pode controlar a narrativa, sabe? Se você colocar isso lá fora, com seu ponto, antes que eles ouçam de outra pessoa...

— Que tipo de depoimento você quer?

— Eu não sei, — diz ela. — Algo foda. O que você fez?

— Fui presa por pichação no pátio ferroviário, — eu digo. — Isso não é muito foda. Não é como se eu tivesse matado alguém.

— Oh meu Deus, isso é perfeito, — ela grita. — *Tão* foda.

Não posso deixar de sorrir enquanto fecho meu armário. Não é preciso muito para impressionar as meninas aqui. Uma briga no corredor com a abelha-rainha e uma pequena prisão – que se transformou em nada depois que o Sr. D falou com eles e os fez retirar as acusações – e de repente eu sou uma durona? No final do dia, as pessoas estão realmente se afastando de mim como se eu pudesse cortar uma cadela só por me olhar errado.

Quero dizer, vou levar isso em consideração os comentários sobre minha sacanagem. Eu decido apenas rolar com ele. Na verdade, na quarta-feira percebo que ninguém sequer me chamou de lixo, colocou algo estranho no meu armário ou — acidentalmente — deixou cair o lixo no meu prato no almoço. E os garotos Dolce não falaram comigo uma única vez, nem mesmo na aula em que me sento com Royal. Ele até faz sua parte de nossa tarefa, aparentemente contente em fingir que não me conhece.

Após os primeiros dois dias, a confusão sobre minha prisão também diminui. Meu novo status de garota parece estar se esgotando, como as garotas me disseram que aconteceria. Provavelmente tem mais a ver com o fato de ser a semana do baile de Willow Heights do que qualquer outra coisa, mas eu aprecio a falta de atenção como aconteceu.

O regresso a casa é aparentemente um negócio ainda maior aqui do que em Faulkner. O conselho estudantil decora a escola inteira, há comícios, dias de vestir-se para a semana do espírito, toda essa merda. Há um desfile do dia dos mummies<sup>27</sup> com as mãos no chão, garotas fazendo campanha para serem rainhas e mais assembleias para nos animar. E mesmo que eu não goste da coisa toda da coroação – eu faltei ao baile no ano passado e caminhei até o posto de gasolina para roubar refrigerantes e doces com Blue e Mav – eu realmente vou

prestar atenção aos indicados este ano.

Todas as três garotas Walton são indicadas, assim como um punhado de garotas líderes de torcida Dolce e Dixie. Se não fosse por ela, eu provavelmente não me importaria. Ela tenta explicar, corando e dizendo que é apenas para que haja um candidato com quem todos possam se identificar, mas ela está obviamente feliz com isso.

— Você tem que vir ao baile, — ela me diz na sexta-feira.

Asseguro-lhe que não, mas desejo-lhe sorte enquanto saio. Eu fiz isso uma semana inteira sem ser escolhida pelos meninos Dolce. Talvez minha prisão tenha conseguido alguma coisa, afinal.

Por mais frustrante que seja, porém, sei que não posso simplesmente evitar o drama e seguir com minha vida. Devo isso ao Sr. D agora mais do que nunca. Triste, mas meu confidente e amigo mais próximo é aparentemente um velho pervertido. Porque quando o empurrão veio para pressionar, quando eu não tinha mais ninguém, ele era a quem eu recorria. É a ele que conto sobre o bullying na escola, pelo menos quando vem dos Dolces.

Eu chego ao bicicletário antes que eu tenha que engolir minhas palavras. Duke está parado ali, inclinado sobre o rack com os pés cruzados na frente dele, as mãos descansando em seus quadris, parecendo tão sexy que não é de se admirar que todas as garotas abaixam suas calcinhas para ele.

Não tenho certeza de quem pegou minha bicicleta e a trouxe para casa, mas suponho que tenha sido o Sr. D ou um dos caras, embora tenha certeza de que eles não colocariam uma bicicleta naquele carro ridiculamente chique deles.

— Pensei que você tinha um carro, — eu digo, puxando o emaranhado de bicicletas para encontrar uma sem pedais adequados.

— Eu tenho, — diz Duke.

Um cara entra na minha frente para pegar sua bicicleta, mas Duke o agarra e o arrasta de volta. — Cara, — diz ele. — Mostre um pouco de respeito. Harper está pegando sua bicicleta.

Estreito meus olhos para Duke, em seguida, puxo minha bicicleta e passo para o lado para o outro cara pegar a dele. — Isso não era necessário, — eu digo. — Não estou com pressa.

— Ele estava sendo um idiota, — diz ele.

Eu levanto uma sobrançelha para ele.

— Certo, — diz ele. — Ouvi dizer que fui um idiota colossal para você na outra noite, então... me desculpe.

— Uau, — eu digo. — Eu não acho que vocês Dolces fossem capaz de se desculpar, já que isso implica admitir que você estava errado.

Ele me dá um sorriso. — Não me lembro de nada, então não posso admitir que estava errado, — diz ele. — Mas se meus irmãos me disserem que devo um pedido de desculpas a alguém, acho que perdi o controle.

— Está tudo bem, — eu digo, jogando minha perna sobre a minha bicicleta. — Não é meu primeiro rodeio com um palhaço bêbado.

Ele sorri e balança a cabeça. — Você é realmente tão pobre assim, ou essa bicicleta é algum tipo de afirmação?

— Ei, olhe, o pau colossal está de volta.

— Certo, — diz ele, empurrando o rack e levantando as duas mãos. — Não é da minha conta. Então, estou perdoado?

Eu balanço minha cabeça em sua audácia, mas eu realmente não estava brava com ele para começar. Sim, ele estava sendo um idiota beligerante, mas não era o tipo de coisa que você guarda rancor. Algumas pessoas são más quando estão bêbadas, como o pai de Zephyr. Algumas pessoas são risonhas, desajeitadas e excitadas, como minha mãe. E algumas pessoas são simplesmente detestáveis.

— Você está perdoado, — eu digo quando Duke fica lá na expectativa.

— Legal, — diz ele. — Eu me ofereceria para selar com uma foda, mas não acho que Royal gostaria disso.

Eu estreito meus olhos para ele. — Por que Royal se importaria? Ele não gosta de garotas do ensino médio e, em primeiro lugar, ele não me queria por perto.

— Certo, — Duke diz, balançando a cabeça. — Bem, espero que este pedaço de metal retorcido leve você para casa antes que se desintegre no trânsito. Eu tenho um jogo para jogar. Vejo você por aí, Jailbird28.

— Vejo você, pau colossal, — eu atiro de volta. — Espero que você quebre o pescoço de todos os outros caras antes que eles quebrem o seu.

O fim de semana passa sem problemas. Eu ganho algumas lutas e algumas mãos de pôquer e trago para casa algum dinheiro para o meu estoque. Ainda não paguei ao Sr. D, mas ele diz para não se preocupar com isso. Dou a ele todas as poucas informações que tenho sobre os Dolces, incluindo que Royal fuma maconha, embora tenha de inventar as circunstâncias em que descobri isso, já que não contei a ele depois do incidente de espionagem. Também conto a ele sobre o incidente que levou à minha prisão. A culpa mordisca dentro de mim quando digo qualquer coisa a ele. Eu odeio me sentir como um informante. Mas eu devo a ele muito mais do que estou dando.

Quando saio na segunda-feira de manhã, minha bicicleta se foi. Em seu lugar está algo que parece poder entrar no Tour de France em grande estilo. São todas as linhas elegantes, com guidão acolchoado na posição de “ganhar os chifres”, pneus super finos e pintura com um brilho escuro e sutil em cima de tons de bronze. Olho em volta para as roupas que Colt prometeu, mas não há mais nada. Eu mal ousou tocar na bicicleta. É tão bonita que tenho medo de deixar impressões digitais nela. E então me pergunto se os policiais vão aparecer e dizer que eu roubei, já que parece o tipo de bicicleta que custa tanto quanto um carro.

Há um pequeno arco no assento, porém, e um sino no guidão que tem a forma de uma maçã vermelha. Eu arranco o arco e olho embaixo dele. Há uma combinação para a fechadura que a prende à viga de suporte da nossa varanda e duas palavras. *By Week.*

Eu não sei o que isso significa - deveria dizer *compra da semana*? E se for, eu nunca vou poder comprar isso, mas eu não tenho outro caminho para a escola, então eu destranco e saio.

Nunca pensei muito em andar de bicicleta. Uma bicicleta é um meio de transporte e, embora seja bom ter freios e pedais completos, posso me locomover muito bem sem.

Mas esta bicicleta...

É como voar. Como deslizar pelo ar. Eu me sinto leve enquanto acelero sem ter que pedalar quase nada. Estou na escola tão rápido que estou um pouco decepcionada. Quero continuar cavalgando, voar por Faulkner como uma pipa, mergulhando nas curvas e mergulhando no meio-fio. O calor do verão finalmente acabou, e o clima está com aquela temperatura perfeita e maravilhosa que temos por algumas semanas entre a sauna sufocante do verão e a chuva cinzenta do inverno.



Eu poderia pedalar o dia todo, pela cidade, desde os carvalhos gigantes com suas folhas cor de ferrugem soprando pelo estacionamento de Willow Heights, passando pelas lojas e restaurantes, até o lado norte, onde moram os Dolce, onde há uma paisagem de verdade. Eu poderia andar de bicicleta pelas estradas sinuosas, fingindo que estava em algum outro lugar, em alguma outra cidade. Eu nem estou sem fôlego quando desço e tranco minha bicicleta ao lado dos outros Canyons, Orbeas e Diamondbacks.

Passo pela minha cadeira no primeiro período e vou para a mesa dos fundos, onde Duke Dolce está sentado com Cotton Montgomery, DeShaun Rose e Everleigh Walton.

Ele descansa em sua cadeira me observando me aproximar, toda arrogância e expectativa. Eu empurro o adesivo debaixo do arco para ele, a única pista que tenho. — Foi você? — Eu pergunto.

— Eu não sei do que você está falando, Cherry Pie, — diz ele com um sorriso lento.

— Eu não posso comprar isso, — eu digo, olhando para seus amigos, meu rosto esquentando. Eles sabem que eu sou pobre, mas isso não significa que eu quero sair por aí dizendo isso na frente de pessoas que já olham de nariz empinado para mim.

— O que é isso? — Everleigh pergunta, inclinando-se para ver o que está escrito no pequeno quadrado pegajoso.

— By Week, baby, — diz DeShaun, esticando seus longos braços sobre a cabeça antes de colocar um ao longo das costas da cadeira de Everleigh.

— O que é a By Week? — Eu pergunto, olhando para frente e para trás entre eles.

Todos me encaram como se eu perguntasse se os cachorros são fofos.

— Ela está falando sério? — Everleigh pergunta.

Cotton balança a cabeça e pega seu laptop, como se eu estivesse sem esperança para me incomodar.

— Baron? — Eu pergunto a Duke, segurando seu olhar.

— Pode ser, — diz ele.

— Royal? — Eu pressiono.

— É a By Week, Cherry Pie, — diz ele com uma piscadela. — Qualquer coisa é possível.

— By - *Week!* — Cotton e DeShaun cantam em uníssono, no fundo de suas gargantas, e todos dão um high-five.

Talvez não fosse nenhum deles. Talvez fosse Colt. Ele disse que me traria roupas. Ele poderia ter me trazido a bicicleta de sua irmã. Claro, parecia novo em folha, mas não consigo pensar em uma razão para Royal me dar uma bicicleta. Duke é quem disse que a minha era lixo, aquele que pode estar me devendo um pouco pelo que fiz. E eu já lhe disse que ele estava perdoado.

Royal não falou uma palavra comigo desde a prisão.

Eu vou para o meu lugar e tento não pensar nisso. Eu gostaria que ele se decidisse. Toda vez que eu começo a tirá-lo da minha mente, ele me puxa de volta. E uma vez que estou dentro, ele me empurra de novo. Estou ficando com chicotadas tentando acompanhar seu jogo de luz vermelha e luz verde.

Mas se fosse ele... Isso significa que eu tenho uma chance, afinal?

Dixie corre para a aula no último minuto e se senta na nossa mesa, sem fôlego. Suas bochechas estão rosadas pelo beliscão no ar lá fora, seus olhos brilhando.

— Como foi o regresso a casa? — Eu pergunto, olhando entre ela e Quinn, sentindo que estou perdendo alguma coisa.

— Ah, foi bom, — diz Dixie. — Lo venceu, mas todos sabiam que ela venceria.

— Talvez ano que vem, — eu ofereço.

— Everleigh vai ganhar ano que vem, — ela diz, não parecendo nada preocupada com isso.

— O que é essa coisa da By Week? — Eu pergunto. — Acho que nem todo mundo está animado para apoiar bissexuais. É uma coisa do esporte?

O professor olha para nós, então eu não recebo uma resposta. Alguns minutos depois, porém, um e-mail chega de Dixie com um link para seu blog.

**Willow Heights Gossip Grrl**

*By Week!*

*Se você é um sobrevivente da WHPA, sabe o que significa Bye Week. É a época do ano em que todo mundo enlouquece, as linhas de batalha são esquecidas e as inibições voam pela janela... E algumas surpresas surgem!*

*Se você é novo nos corredores da WHPA, a Bye Week é mais de uma semana de folga para o time de futebol. É uma semana de diversão e comunidade, onde estamos todos um pouco mais relaxados e, se você me perguntar, um pouco melhor. A escada social é armazenada e as fronteiras entre as panelinhas desaparecem.*

*Este ano, também é Halloween, o que significa que as coisas ficarão ainda mais loucas do que o normal! As regras normais não se aplicam esta semana. É a desculpa perfeita para fazer aquela loucura que você tem medo de fazer. Dê o próximo passo e vista uma fantasia de casal com aquela gracinha com quem você está vibrando. Entre em um pequeno problema neste fim de semana. Confesse seus sentimentos a uma paixão secreta que você achava que estava fora do seu alcance! Qualquer coisa serve!*

*A colher:*

*Todos os olhos estarão nos meninos Dolce neste fim de semana selvagem. Eles finalmente oficializarão as coisas com uma de suas garotas Dolce? Há rumores de que as Waltons estão competindo por posições permanentes em seus braços e em seus... Corações. ♡♡ Uma coisa é certa: deve haver alguns novos casais por esta altura na próxima semana!*

*Item obrigatório da semana: Um convite para a festa anual Bye-Week do Cotton Montgomery. Qualquer um que é alguém estará lá!*

Resisto à vontade de rolar o blog de Dixie e ler mais. Eu não quero saber o que foi dito sobre mim em seus outros posts. Ainda assim, decido dar uma olhada no blog com mais frequência. Foi extremamente informativo e, pela primeira vez, não estou no escuro. Deixo um comentário agradecendo a Dixie por sua explicação e abro um sorriso enquanto trabalhamos.

\*\*\*

## Sonhos

*Eu sonho*

*De seu corpinho apertado debaixo do meu*

*Desamparado e amando isso*

*Implorando por mais*

*Enquanto eu bato nela sem sentido*

*Até que ela goze*

*Desfeita.*

*Eu sonho*

*De afundar em sua boceta rosa lisa*

*Lambendo a umidade de seus lábios*

*Até que ela estremeça como uma pétala de rosa*

*Revestido em gotas cintilantes*

*Translucidamente machucado*

*Magnificamente quebrado.*

*Eu sonho*

*De fodê-la em submissão*

*Mas quando eu acordo*

*Sou eu que estou fodido.*

Quero falar com Royal sobre a bicicleta, mas sei que não deveria perguntar no almoço quando os amigos dele estão por perto. Ele é um completo idiota quando tem plateia. É só quando estamos sozinhos, ou na ciência, onde as mesas são montadas para parceiros em vez de grupos, que posso falar com ele. Quando chego à aula, ele já está lá, recostado na cadeira com as pernas compridas saindo de debaixo da mesa. Seu rosto impecável está sério como sempre, e mesmo que ele esteja olhando para o telefone e eu não possa ver seus olhos, minha respiração fica estupidamente presa no meu peito só de vê-lo.

Deus, eu sou tão ridícula.

Eu caio no assento ao lado dele, frustrada comigo mesma por ser tão afetada por ele. Eu quero ser legal como ele é, mas melhor. Não quero fingir que não sinto. Quero parar de sentir isso, ficar totalmente imune à febre Dolce.

— Obrigada pela bicicleta, — eu digo. — Isso foi muito atencioso da sua parte.

Ele olha para cima de seu telefone, e eu vejo as sombras de um hematoma em sua mandíbula. Tenho certeza de que estou certa sobre ele lutar. Mas você não pode simplesmente ir até alguém e perguntar, do jeito que você poderia perguntar se você o viu no jogo de futebol no fim de semana passado.

O canto de sua boca se contorce em um sorriso. — Não, Garota Perseguidora. Não foi atencioso. Foi se acertando.

Eu dou a ele um olhar de lado.

— Eu sei que não te devo merda nenhuma, — diz ele. — Eu disse para você não descer lá, e você foi, e você foi presa. Isso é com você.

— É justo, — eu digo, determinada a ser tão legal quanto ele. Nossa atração é palpável, crepitando como eletricidade no espaço entre nós. Eu sei que ele sente isso também, mas com exceção de uma vez, ele nunca reconheceu ou reagiu a isso. Se ele pode deixar isso de lado e se forçar a não ser afetado por isso, então eu também posso.

— Isso foi para deixar claro que estamos mais do que quites, caso *you* pense que lhe devíamos mais.

— Entendi, — eu digo, lembrando-me que isso é tudo negócio. Não

importa se há uma atração entre nós. Ele obviamente não está interessado em agir sobre isso, e eu não tenho interesse em foder um cara que já me chama de vadia quando eu ainda nem desisti.

— Bom, — diz ele, abrindo seu livro. — Então me deixe em paz e pare de falar comigo.

— Com prazer.

Está bem então. Acho que é isso. Royal deixou claro que seu gesto não foi por bondade ou mesmo generosidade. Foi um suborno para me fazer deixá-lo em paz. Aparentemente a paz da Bye Week entre os grupos sociais tem limites.

— Eu quero dizer isso, — diz Royal baixinho, sua mão cobrindo a minha. Ele se aproxima, seus olhos escuros queimando com intensidade. Seus dedos longos envolvem as costas da minha mão, apertando até que eu tenha que cerrar os dentes para não protestar. — Deixe-nos em paz, Harper. Você não sabe o que está fazendo. Você não quer se envolver conosco. Confie em mim nisso.

Eu aceno, lembrando que ele disse a mesma coisa sobre Colt. Ele está fazendo a mesma coisa comigo, me isolando e garantindo que eu não tenha um único amigo pelo resto do ensino médio?

Certo. Eu posso fazer isso bem sozinha. Eu faço isso há anos.

— Entendido? — Royal pergunta, esmagando os ossos na minha mão até que eu tenha que estremecer.

— Entendi. — Eu suspiro, pânico correndo em minha mente quando penso no que vai acontecer se ele machucar uma das minhas mãos e eu não puder lutar. Tenho medo até de lutar, com medo de que ele estale um dos meus dedos. Algo dentro de mim se quebra naquele momento, embora meus ossos não.

Isso é um jogo para ele. Ele nunca vai entender o medo que eu sinto agora. Ele nunca saberá como é ter tudo em seu mundo apoiado em algo tão frágil quanto um punho. Se ele não pudesse jogar futebol, ele ainda teria o dinheiro, o status e o grande nome. Sem minhas mãos, estou arruinada. Feito.

— Solte, — eu sussurro, meus olhos embaçados com lágrimas de dor. — Por favor.

Ele leva seu tempo doce afrouxando seu aperto e me liberando. — Bom, — diz ele, passando rapidamente para a próxima página de seu livro. — Vamos torcer para que você tenha cérebro para obedecer.

Eu chupo uma respiração, embalando minha mão no meu colo. Posso ter chorado, mas fico ali sentada fumegando pelo resto da aula, prometendo encontrar algo bom neles, algo sujo o suficiente para que o Sr. D seja capaz de derrubá-los. Inferno, eu vou fazer isso sozinha se ele não o fizer. Eu não dou a mínima para os Darlings voltarem ao seu lugar nesta cidade, mas eu não me importaria de ver os Dolces caírem em desgraça - de preferência de uma forma espetacular.

Eu não quero tomar o lugar deles como os Darlings. Vou sair daqui em dois anos. Eu não tenho nenhum interesse em ser uma garota Dolce ou até mesmo pegar a coroa quando ela rolar de suas cabeças e me coroar rainha. Eu não preciso governar. Eu só quero vê-los cair. Inferno, eu vou dar a festa para comemorar seu fim e dançar nas ruínas de seu reino enquanto ele queima.

Não se trata mais apenas de obter informações. Essa merda ficou pessoal. Ninguém põe as mãos em mim e sai impune. Sim, será o dobro do trabalho obter informações para o Sr. D e vingança para mim, mas eles vão aprender a não foder com a garota errada. Eles podem tentar se livrar de mim, mas eu estarei lá os assombrando como um fantasma vingativo a cada passo. Eu vou descobrir cada movimento deles, e onde quer que eles estejam, eu vou me colocar no caminho deles e destruir seus planos.

Pelo que sei, eles armaram para que eu fosse presa na outra noite. Afinal, Baron foi fazer aquele telefonema. Ele poderia estar dizendo aos policiais para virem me pegar, e eles planejaram me abandonar para levar a culpa, sem perceber que Duke estava tão bêbado que iria atrasá-los. De agora em diante, eles não poderão fazer um movimento desses sem que eu saiba. Se eles me cortarem e me chamarem de perseguidora, tudo bem. Se eles fazem da minha vida um inferno, eu sou forte o suficiente para suportar.

Entrar em seu círculo íntimo está obviamente fora de questão. Fui presa para salvar suas bundas, e eles ainda não confiam em mim.

Então, eu passo a semana entrando no caminho deles. Sento-me à mesa deles na hora do almoço, mesmo quando Duke pega minha comida e me lembra que declarou que eu não podia comer até que eu chupasse seu pau. Pego emprestado o carro de Blue e passo pelo bairro deles quando sei que voltarão para casa em breve e talvez vejam meu carro. Eu vasculho todos os posts do blog de Dixie deste ano para ver o que foi dito sobre eles, com quem eles namoraram, qualquer coisa que possa me dar uma vantagem.

Tudo depende deste fim de semana. É quando tudo cai. Há um ar de antecipação, de celebração, mas a escola também está em espera – e no limite. Todo mundo parece inquieto sem o jogo pelo qual esperar, e há uma corrente silenciosa de entusiasmo por ter um fim de semana inteiro livre para qualquer

coisa que surja.

Eu mantenho meus ouvidos e olhos abertos para sussurros sobre o que está sendo planejado. Há a festa, claro. As Waltons e Dolces do mundo não aceitariam de outra maneira. Mas estou procurando algo mais clandestino que os meninos possam entrar depois da festa. Posso não conhecê-los bem, mas acho que estou começando a entendê-los. Eles vão aparecer na festa, provavelmente ficarão bêbados e foder alguma pobre garota sem sentido, e então eles vão precisar de uma dose para seus desejos mais sombrios.

Talvez não os gêmeos, mas Royal sim.

Não sei como sei disso, mas sei. Talvez porque é o que eu faria, e porque eu sei que há algo lá no fundo na parte mais escura dele que é como eu. Ele nunca admitiria isso, já que eu sou um lixo e toda essa besteira, mas ele sabe. Talvez seja por isso que ele me odeia tanto, porque ele insiste que eu sou um lixo. Ele não quer admitir, nem para si mesmo, que somos iguais em nossos corações mais sombrios.

Ele me destruiria se eu dissesse isso, mas acho que o descobri. Ele está entediado com festas, conexões, adoração. Ele precisa de algo mais, algo que o dinheiro não pode comprar. Dixie disse que precisava que alguém lhe dissesse não, mas também não acho que seja isso. Ele precisa de alguém para ser real com ele. Alguém que não venera seu braço dourado em campo, que não pisca os olhos e abre as pernas quando ele sorri para ela. Isso não é sobre uma garota. Ele precisa de mais. Ele precisa do estalo dos dedos no osso, a dor de uma boa contusão, o respingo de sangue em seu rosto. É difícil ser falso em um ringue de sujeira com o cheiro de sangue no nariz.

Durante toda a semana, ignoro a conversa sobre a festa. Eu não tenho um convite, de qualquer maneira. Quero entrar em outra coisa, os sussurros mais baixos, os acenos e apertos de mão secretos onde o dinheiro passa. Se Colt está envolvido nas brigas, outra pessoa deve estar. Quando eu jogo pôquer, os grandes apostadores são em sua maioria mais velhos, mas também há alguns garotos mais novos, e eles não vão para Faulkner. Eu estudo os rostos no corredor, procurando por alguém familiar, por alguém que possa me colocar a par do que está acontecendo.

Na quinta-feira, estou sem opções. Não sei a quem perguntar, então vou até a garota com o dedo no pulso da escola.

— Alguma coisa acontecendo neste fim de semana? — Eu pergunto a Dixie, deslizando em uma cadeira no almoço.

— Sim, — diz ela, olhando para mim como se eu estivesse perdendo



algumas células cerebrais. — A festa de Montgomery. É a maior festa do ano desde que os Darlings deixaram de ter a deles.

— Eu estava pensando mais na linha de uma afterparty<sup>29</sup>.

— Você precisa de uma festa depois da festa? — Quinn pergunta.

— Ou talvez um tipo diferente de diversão, — eu digo. — Para pessoas mais como eu.

— Ohhh, — Susanna diz. — Você acha que não haverá drogas?

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Quero dizer, algo para pessoas que não estão realmente na cena da festa.

— Eu não vou, — diz Quinn. — Você pode vir e assar comigo e Susanna.

Eu não posso deixar de rir, mesmo que eu esteja frustrada. — Ainda mais longe do que procuro.

— Acho que sei o que você quer dizer, — diz Dixie. — Você vai ter que falar com Colt para algo assim.

É claro. Eu sou tão estúpida. Colt é o rei do submundo de Willow Heights. Um pequeno problema com isso, estou proibida de falar com ele.

Mas não é como se Royal tivesse câmeras escondidas pela escola. Se eu falar com ele na aula...

Baron está na única aula que tenho com Colt, no entanto.

— Alguma chance de você ter o número dele? — Eu pergunto a Dixie.

— Por que ela teria o número de Colt Darling? — Susanna pergunta, olhando.

— Está no diretório da escola, — Dixie diz para sua comida, suas bochechas ficando rosadas. Aparentemente, nem todos os seus amigos sabem sobre seus encontros de sexta-feira com o bad boy da escola. — Ou posso perguntar a ele mais tarde. Eu tenho uma aula com ele esta tarde.

Ela me dá um olhar significativo e eu o deixo cair. Mas depois, ela me alcança no meu armário. — Eu sei o que você está procurando, — ela sussurra como se ela realmente fosse uma conexão para comprar drogas. Ela olha para cima e para baixo no corredor e, em seguida, me puxa para trás da porta do meu armário. — Eu não podia dizer nada na frente de Quinn. Ela não gosta muito

desse tipo de coisa, e nossa família iria cagar um tijolo se soubessem que eu estava indo, mas há uma corrida no sábado à noite. Você pode colocar dinheiro se tiver, mas a maioria das pessoas só vai assistir e sair. Aconteça o que acontecer naquela noite, você nunca pode falar sobre isso na escola. Nunca.

— Primeira regra do clube da luta, — eu digo com um sorriso, sentindo um zumbido de energia só de saber. Isto é o que eu senti nos corredores durante toda a semana. O grande evento, o culminar da Bye Week. — Obrigada, Dixie.

Estou prestes a fechar meu armário quando uma mão o agarra e o puxa de volta. Gloria Walton fica ali olhando de mim para Dixie como se ela nos pegasse falando sobre ela.

— Ei, Lo, — diz Dixie.

— Eu preciso falar com Harper, — diz Gloria.

Dixie acena como se não estivesse me deixando com uma víbora.

— Vem me des-convidar da sua festa? — Eu pergunto. — Não se preocupe. Eu não estou indo.

— Ouvi dizer que você estava indo atrás de Royal Dolce, — diz ela. — Eu só queria dizer - não.

— Acho que você precisa ser amiga para invocar a cláusula ‘eu o vi primeiro’.

— Eu não gosto de Royal.

— Então por que você está tão preocupada com isso? Com medo de que você seja expulsa do trono se ele quebrar sua regra de não ir ao ensino médio para outra pessoa quando ele não faria isso por você?

— Ele te disse que não gostava de garotas do ensino médio?

— Sim, e todos os outros também.

— Bom, — diz ela. — Então você já sabe. E caso você não tenha percebido, todas são más notícias, e ele é o mais...

— Emocionalmente indisponível? — Eu digo, arqueando uma sobrancelha. — Você não precisa me dizer isso.

— Eu ia dizer fodido, mas o seu também funciona.

Por um segundo, nossos olhos se encontram, e acho que ela está sendo real comigo. Um pequeno sorriso passa entre nós. Mas ela é um tipo mais perigosa do que Royal. Garotos podem fazer todo mundo acreditar que você é um lixo. As meninas podem fazer você acreditar em si mesma.

— Uau, — eu digo. — Eu não acho que Waltons xinga. Mas, novamente, por que você está me dizendo isso?

— Chame isso... Um ato de caridade, — diz ela. — Vou lhe dizer a mesma coisa que disse à minha irmã. Ele pode parecer o pacote mais bonito debaixo da árvore, mas uma vez que você tira aquele papel brilhante, não há nada além de carvão preto dentro.

— Um pouco cedo para analogias de Natal, você não acha?

Ela suspira. — Faça seus comentários sarcásticos se precisar, mas saiba, ele tem segredos que você vai preferir não saber. Confie em mim. Se você for esperta, correrá longe e rápido na direção oposta quando o vir. O que quer que você pense que ele fará por sua reputação, não vale a pena o que ele fará com seu coração.

— Sabe, de uma maneira estranha, acho que você está realmente tentando cuidar de mim agora, — digo. — O que eu não consigo entender é porque você se importa.

— Talvez porque é Bye Week, — diz ela com um encolher de ombros. — Ou talvez seja porque nós temos mais em comum do que você pensa, mas nenhuma de nossas reputações resistiria a sermos amigas.

— Por que todo mundo continua dizendo que eu tenho uma reputação?

Ela revira os olhos. — Todo mundo tem fama. E sim, eu admito, ser namorada de Royal Dolce colocaria a cereja em cima da minha torta. Não sei o que faria pela sua reputação de menina má. Provavelmente fará você perder credibilidade nas ruas.

Eu bufo para isso. — Tenho zero crédito nas ruas.

— Só não diga que eu não avisei.

— Eu honestamente aprecio isso, Gloria. Mas posso cuidar de mim mesma.

— Se você diz, — diz ela, e ela joga o cabelo e se pavoneia, fazendo-me pensar se eu apenas imaginei que ela estava tentando me fazer um sólido favor. Talvez ela realmente estivesse apenas me alertando porque ela quer Royal para

ela. Não que isso importe.

Se eu puder entrar com os Dolces, eu entrarei. Mas não é pelas razões que ela pensa.

\*\*\*

## **Baixo**

*Ela torce por nós*

*No campo*

*Como se fôssemos dignos*

*Do seu melhor.*

*Como pode algo que eu fiz*

*No meu pior momento*

*Brilhe com tanta luz*

*No meu melhor?*

*Ela se senta ao meu lado*

*Na aula, no almoço, no salão*

*Mas nós nunca falamos diretamente*

*É contra a política do hotel...*

*Não pergunte, não diga.*

*Está bem.*

*Ela me pega*

*gelo da máquina do primeiro andar*

*— Arrebitado de novo,*

*minha amiga.*

*— Você sabe que eu sinto muito.*

*Isso é o mais perto que eu chego*

*Para derramar essas verdades*

*eu guardo com ciúmes*

*Como tesouro*

*Não veneno.*

*Ela olha para o outro lado*

*Enquanto pesamos cuidadosamente nossos segredos*

*E mentiras não ditas*

*Em trechos de silêncio*

*Em que decidimos*

*É melhor não saber.*

Tiros— da cidade, que consiste em uma fábrica que faz maxi almofadas ecoam pelas ruas escuras enquanto me aproximo do setor — industrial, o pátio ferroviário e alguns armazéns, incluindo o que abriga o Slaughter Pen. Eu quase pulo para fora da minha pele quando os estalos altos soam novamente. Não que eu nunca tenha ouvido tiros, mas moro na parte ruim de Faulkner, Arkansas, não em Los Angeles.

Ainda assim, eu me pergunto no que estou me metendo enquanto corro em direção ao enorme lote atrás da fábrica onde Dixie me disse para ir. De repente, me arrependo de dizer a ela que a verei lá. Eu deveria ter pedido uma carona para ela. Eu estava esperando uma festa, não um tiroteio.

Conforme me aproximo, o som de pneus cantando e o cheiro de borracha queimada enchem o ar. Posso ver a fumaça pairando sobre o estacionamento enquanto atravesso uma rua vazia e me aproximo da multidão.

*Dorothy, não estamos mais em Heights*, penso comigo mesma enquanto olho em volta, fazendo um balanço da situação. Há mais pessoas do que eu esperava, mas não é apenas um bando de garotos ricos que querem destruir seus carros e fazer seus pais comprarem carros novos. Este é um evento da cidade.

Há uma garota que me lembro de ter abandonado a Faulkner no ano passado, com uma fantasia de Ursinho Pooh empurrando um carrinho com um bebê vestido de pote de mel. Um grupo de caras de vinte e poucos anos falando espanhol e bebendo Tecate, seus rostos pintados com maquiagem do Dia dos Mortos, e um grupo de garotas negras em trajes sensuais de enfermeira, diabo, fada e coelho, sussurrando e olhando para eles a alguns metros de distância. Um homem de meia-idade em um terno de Super-Homem envolve sua jaqueta nos ombros de uma mulher que parece velha o suficiente para ser sua avó enquanto ela se apoia pesadamente em uma bengala. Duas crianças vestidas como ninjas e segurando latas de Jumex correm pela multidão.

Começo a relaxar enquanto me aprofundo. Este é o Faulkner que conheço, aquele que sempre conheci. Sinto meu telefone vibrar e o pego para ver uma mensagem de Dixie me dizendo onde ela está. Eu faço meu caminho naquela direção, em direção ao centro do estacionamento, apenas para ser interrompida pelo guincho de pneus enquanto um carro faz um cavalo de pau no estacionamento, deixando marcas longas e escuras de derrapagem para trás. Uma garota está pendurada na janela, seu cabelo loiro esvoaçando na fumaça que sobe dos pneus. Ela grita, e a multidão aplaude.

Ao passar por um grupo, ouço um fragmento de conversa “Gloria Walton e Royal Dolce” e me viro para lá. Não vejo ninguém familiar, porém, e não sei quem falou. Eu me viro para o estacionamento, meu peito apertando. É aquele que estava naquele carro? Royal e Glória?

Abro caminho um pouco mais perto, mas desta vez, ouço meu próprio nome. Eu me viro para ver um cara alto e musculoso vestindo uma camisa sem mangas, apesar do frio no ar. Suas tatuagens compõem as mangas, eu acho.

— Harper Fucking Apple, — Maverick fala lentamente. Claro que ele é muito legal para ter se vestido. Eu não o culpo. Eu também não estou vestida. — Eu pensei que fosse você. Onde você esteve, querida?

— E aí? — Eu pergunto, empurrando meu queixo para ele.

— O que diabos aconteceu com você? — ele pergunta, enganchando um dedo no meu cinto e me puxando para mais perto enquanto a multidão nos empurra. — Você parece uma merda.

— O mesmo, — eu digo. — Sua barba é idiota.

É realmente. Ele só tem uma pequena mancha no queixo.

Ele sorri e puxa meu cinto. — Eu não tenho visto você na escola ultimamente. Você abandonou o ano inteiro de novo? Ou com algum idiota que precisa de uma visita minha por causa desse olho.

Eu dou de ombros e toco meu olho roxo. — Eu me transferi. E isso é de uma luta. Se você viesse nas noites de sexta-feira, você saberia disso.

— Como está sua tinta? — ele pergunta, soltando meu cinto e levantando a bainha da minha camisa. Ele se agacha para examinar a tatuagem que corre sobre meu quadril e meu torso. Eu enfio meu polegar na parte superior do meu jeans de cintura baixa e puxo-o ainda mais para baixo, prendendo minha respiração quando ele se aproxima para que eu possa sentir seu hálito quente na minha pele.

Ele passa os dedos levemente sobre o desenho, e um arrepio passa por mim. Sim, ainda o mesmo velho Mav. Se eu fosse a mesma velha Harper, iria para casa com ele esta noite, mesmo sabendo que nunca iria a lugar nenhum. Eu sempre soube que ele não era o tipo de cara que eu poderia segurar, e isso nunca me incomodou. Maverick fica com garotas, mas ele nunca as mantém.

Estou prestes a me afastar quando uma figura imponente aparece do nada, agarra Maverick e o joga na calçada.

— Por que diabos suas mãos estão sobre essa garota? — Exigências reais, pairando sobre meu amigo.

Mav está de pé em um segundo, apertamento seus punhos já balançando. Royal se esquiva e dá um soco na mandíbula de Maverick. Mav tropeça para trás, depois mergulha para frente. Antes que ele possa diminuir a distância entre eles, eu pulo e bato a palma da mão contra o peito de cada um, empurrando-os para trás.

— Que porra é essa, Royal? — Eu pergunto.

— Sim, isso mesmo, — diz ele. — O que diabos é preciso. Por que você estava mostrando a esse cara sua boceta?

— Estou fora daqui, — Mav diz. — Eu não preciso brigar por uma garota. Vejo você por aí, querida.

Ele se vira e desaparece na multidão. Royal me puxa para encará-lo, seu aperto mordendo meus ombros, seus olhos escuros perfurando os meus. — Responda-me.

— Eu não estava mostrando a ele minha boceta, — eu digo. — Eu estava mostrando a ele minha tatuagem, na qual ele só estava interessado porque ele é um tatuador.

— Eu sei quem é Maverick, — ele retruca.

— Você sabe?

— Todo mundo conhece Maverick, — diz ele, me dando um olhar longo e calculista. — Ele fez a tatuagem?

— Sim, e então?

— Ele também te deu esse olho roxo? — ele pergunta, sua voz de aço.

Eu faço uma careta para ele. — Não.

— O que aconteceu?

— Onde você conseguiu esse hematoma em seu queixo na semana passada?

Nós nos encaramos por um longo minuto. Meu coração bate no meu peito, e eu acho que por um segundo ele pode admitir, que ele luta.



— Futebol, — ele murmura.

— Sério? — Eu pergunto. — Porque eu estava pensando que você conseguiu no Slaughter Pen. O que eu não entendo é o porquê. Você tem todo o dinheiro da porra do mundo.

Seus olhos endurecem. — E você? Onde você conseguiu o dinheiro para uma tatuagem tão grande?

— Nós somos amigos, — eu digo. — Ele fez isso de graça.

Eu tento passar ao redor dele, mas ele para na minha frente para bloquear meu caminho. — Você transou com ele, não foi?

— Como isso é da sua conta? — Eu pergunto. — Eu não saio por aí exigindo uma lista de todas aquelas bocetas douradas em que você molhou seu pau.

— Você fez, — diz ele, olhando para mim. — Eu sei como esse idiota opera. Se você não tem dinheiro, você paga com boceta.

Eu tento não deixar suas palavras machucarem. É verdade que Mav fode muitas garotas com quem trabalha, mas isso é porque ele é um artista e se inspira em suas musas.

Não é?

Ou eu sou realmente tão otária que me apaixonei por essa linha? Talvez ele voltasse de vez em quando porque eu era fácil, porque nunca fazia perguntas ou exigia compromisso. Sexo com ele foi divertido e descomplicado, sem expectativas de nenhum de nós. Mas a verdade é que eu não queria mais. Eu o aceitei por quem ele era. Ele não me usou mais do que eu o usei para conseguir uma tinta legal.

— Bem, você sempre disse que eu era uma prostituta, — digo a Royal, passando por ele, minha garganta apertada. — Não aja tão chocado que você estava certo.

— Harper, — ele chama, mas eu não me viro. Eu sou menor do que ele, e posso deslizar pela multidão em direção ao centro, onde um punhado de carros pararam de fazer cavalos de pau para fazer fila. Uma mão forte agarra meu braço, me virando novamente. Percebo alguns adolescentes da WHPA assistindo, sussurrando, sedentas de fofocas. Todos os olhos estão sempre nos Dolces.

— O que você está fazendo aqui? — Royal pergunta. — Você veio atrás de

uma conexão?

Eu dou de ombros. — Pode ser. O que é isso para você?

— Você está correndo, — ele acusa. — Você é apenas uma tríplice foda, não é?

Eu bufo. — Confie em mim, se eu pudesse comprar um carro, mesmo que fosse um monte de lixo preso por fita adesiva, eu nunca arriscaria fazer algo assim.

— Então você veio me observar, — diz ele, um sorriso triunfante encontrando seus lábios. Ele coloca a mão na minha cintura, me puxando para mais perto. Seu polegar se move para frente e para trás logo acima da parte superior do meu jeans, o calor afundando através da minha camiseta e fazendo coisas estúpidas acontecerem na minha barriga.

Eu me afasto dele, tão frustrada que eu poderia gritar. — O que você quer de mim? — Eu exijo, forçando minhas palavras além da dor na minha garganta. — Você me trata como merda, e então você me beija, e então você me diz para deixá-lo em paz. Você age como se eu não existisse, mesmo esta semana, quando 'vale tudo'. Mas assim que algum outro cara mostra interesse em mim, de repente você dá a mínima?

— Talvez eu faça, — diz ele calmamente. Ele estende a mão para mim novamente, em seguida, deixa cair a mão ao seu lado. Seus olhos insondáveis procuram os meus, me implorando para entender algo que não consigo. Como posso entender alguma coisa sobre ele quando ele não me deixa?

— Isso é foda, Royal.

— Eu sei.

Alguém com uma máscara do *Scream* grita por ele, e seu olhar passa atrás de mim para a fila de carros.

De repente, estou tão cansada. Cansada dos jogos, cansada de sua escola, cansada desta cidade. Eu suspiro, minha voz saindo derrotada. — Vá sair com seus amigos, e deixe-me ir co os meus. Você sabe que é assim que isso termina.

— E se eu não puder fazer isso? — ele pergunta. — E se eu não puder ver um cara te apalpando?

— Então o que é isso? — Eu pergunto. — Agora você gosta de mim?

— Não, — diz ele, olhando para mim.

Eu suspiro. — Tudo bem, eu serei a primeira a admitir. Eu posso ter começado a gostar de você em um ponto. Eu caí no seu feitiço, peguei a febre Dolce, queria estar no seu fã-club de garotas Dolce. Mas você fez questão de esmagar cada pedacinho desse sentimento antes que pudesse ir longe demais. Eu entendo, eu realmente entendo. Eu não quero ser seu segredinho sujo, e você nunca arriscaria sua reputação para estar comigo. Então, isso nos deixa... Onde?

— Aqui, — diz ele, ignorando seu irmão, que está gritando por ele. — Aqui estamos.

— O que você quer? — pergunto novamente. — Você quer continuar olhando para mim e me chamando de puta desprezível, ou você quer dar um soco na cara de qualquer cara se ele me tocar, como se eu pertencesse a você? Você não pode ter as duas coisas.

— Por que não?

Nós nos encaramos por mais um longo momento, e então Duke vem pulando e agarra Royal. — Vamos, cara, você vai perder um monte de dinheiro. Entre no carro.

Royal deixa Duke puxá-lo para longe, mas ele se vira para olhar para mim mais uma vez, como se estivesse se certificando de que eu ainda estou lá, ainda observando. Algumas pessoas gritam quando Royal sobe em um Cobra Branco com listras azuis escuras cintilantes. Para minha surpresa, vejo Gloria Walton sentada na porta de um conversível Mustang verde e brilhante. Ela acena e manda beijos, mas ela não parece uma Southern Belle em um desfile, do jeito que ela fez na semana passada no carro alegórico. Então, todas as líderes de torcida usavam aqueles vestidos pastel antiquados que pareciam confeitos do canal de cozimento de Quinn e tinham seus cabelos presos no lugar.

Hoje, o cabelo loiro de Gloria cai até a cintura, esvoaçando como fitas na fria noite de Halloween. Ela está vestindo jeans simples e justos e uma regata branca que mostra seus ombros tonificados e bronzeados. Mas sua maior beleza é seu rosto — as sardas espalhadas por seu narizinho bonitinho, o sorriso enorme que é exatamente o oposto do sorriso de plástico que ela usava no desfile, seus olhos brilham como faíscas com tanta emoção. Há algo tão puro em sua alegria que não posso deixar de sorrir de volta, mesmo que isso coloque uma dor no fundo do meu peito.

Não me lembro da última vez que senti uma alegria assim.

Eu olho os outros carros. Ao contrário dos que enchem o lote em Willow

Heights, a maioria deles não são carros novos e de luxo. Eles são uma mistura de clássicos, carros normais, Camaros, Chargers e similares. Vejo alguns garotos da Faulkner High atrás do volante, assim como alguns pilotos mais velhos.

Colt sai da multidão, Dixie agarrada ao seu quadril. Em vez de seu traje gótico habitual, ela está vestindo uma fantasia de Cinderela completa com vestido azul inchado, coroa e varinha. Na outra mão, ela segura uma bandeira quadriculada como se estivessemos na Nascar. Ela ri e abaixa a cabeça para algo que Colt diz. Ele envolve um braço em volta da cintura dela e levanta o braço. Ele está segurando uma arma, mas não parece do tipo que ouvi no caminho para cá. Ele dispara um tiro, e Dixie deixa cair a bandeira.

Os carros disparam para a frente, girando os pneus e acelerando os motores. Eles vomitam fumaça e exaustão, o clamor ensurdecedor. Estão todos rugindo tão alto que fica claro que foram despidos de silenciadores, e um deles levantou o cano de escape para fazer soar como tiros. Foi o que ouvi antes. Não um tiroteio de gangue, não a pequena pistola de Colt, mas um cano de descarga.

Aplausos explodem na rua quando eles passam por outra multidão reunida em algum lugar mais adiante. Eu aceno para Dixie, e ela vem correndo, com o rosto corado.

— Você me viu? Eu tenho que segurar a bandeira!

— Eu vi, — eu digo, sorrindo para ela. Eu levanto uma sobrancelha e aceno atrás dela. — Eu também vi você e Colt. Isso é uma coisa agora?

— Oh, você sabe, — diz ela, acenando com a mão desdenhosa. — By Week!

— Se você diz, — eu admito quando Colt vem atrás dela.

— Ei, Appleteeny, — ele diz, me dando um sorriso e deslizando um braço possessivo ao redor da cintura de Dixie. Ele olha em volta como se estivesse tentando encontrar alguém. — Eu poderia jurar que vi Royal seguindo você como um cachorrinho apaixonado, mas devo ter me enganado.

— Você está, — eu asseguro a ele. — Ele estava apenas se certificando de que eu soubesse mais uma vez que ele acha que eu pertenço à sarjeta.

— Claro que ele estava. — Ele balança a cabeça. — Nunca pensei que veria Royal Dolce perseguindo uma garota. Acho que ele finalmente encontrou uma que vale a pena perseguir.

— E eu nunca pensei que veria você com uma garota popular, — eu digo.

— Bom para você. Ela é boa.

— Oh, eu não sou — Dixie gagueja, ficando rosa e se ocupando consertando sua tiara. — Eu não diria que sou *popular*. Eu só gosto de fazer parte das coisas. De Tudo. — Ela ri, olhando para Colt. Ele sorri para ela, parecendo genuinamente feliz pela primeira vez.

Como que para provar meu ponto de vista sobre seu status, um punhado de garotas em trajes de Harry Potter correm para abraçar Dixie, gritando seu nome e pulando para cima e para baixo com ela empolgada por estar segurando a bandeira. Aparentemente é um grande negócio.

Colt paira para trás, deixando-a reviver seu momento e aproveitar a glória. Mas percebo que ele está olhando para ela com algo diferente, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Eu deveria saber que você estaria aqui, — diz Eleanor Walton, aproximando-se de mim em uma fantasia de Sookie Stackhouse. Everleigh, vestida como Taylor Swift, vem atrás dela, um sorriso estrelado no rosto, obviamente alta como o inferno. Eleanor não parece ter aceitado toda a trégua da Bye Week, já que ela me dá um olhar sujo que diz que ela não aprecia minha presença.

— Sua irmã corre nas ruas, — eu digo, tentando pegar a estrada. — Estou impressionada.

— Você acha que é a única garota durona em Willow Heights?

— Não, — eu digo. — Eu só não esperava que ela fosse uma.

— Por quê? — ela pergunta, seu tom de forma muito confrontadora, como se ela estivesse intencionalmente tentando começar uma merda. — Você acha que só porque somos líderes de torcida que carregam bolsas Gucci e namoramos os melhores caras que não podemos ser legais?

— Bem, sim, — eu digo. — Tipo. Mas ela provou que eu estava errada. Eu não me importo em dizer que ela é legal pra caralho.

— Duh, — Everleigh diz, então ri e balança em seus pés.

Eleanor bufa como se eu a tivesse insultado. — Nós não precisamos de sua aprovação, — ela diz. — E fique longe de Royal. Eu vi você fazendo todo o seu ato de rainha do drama, fazendo-o perseguir você. Não vai funcionar, você sabe.

— Pode, — diz Everleigh, rindo e balançando seu vestido roxo.

Sua irmã lhe lança um olhar de reprovação antes de se voltar para mim. — Ele pode te dar uma foda de pena, mas confie em mim, isso é tudo que vai ser.

— Você obviamente não se importa, — eu digo. — Então, deve valer a pena.

— Nem mesmo vá lá, — diz ela. — Não é assim que ele me vê. Eu sou material de namorada. Quem você acha que ele apresentaria para sua mãe? Uma Walton, ou uma garota com tatuagens na coxa aparecendo sob sua saia de vadia?

— Eu não estou interessada em sua mãe, — eu digo, levantando meu queixo e nivelando-a com um olhar. Essa garota está me irritando. Quanto mais ela me diz que eu não sou digna de Royal Dolce, mas eu quero tê-lo apenas para que ela não possa.

Ela revira os olhos. — Sim, ele é um cara. Você acena com a bunda fresca debaixo do nariz dele, ele vai cheirar. Mas ele nunca vai ver você como mais do que uma garota com quem ele saiu na Bye Week. Eu sou o verdadeiro negócio.

Eu levanto uma sobrancelha. — Então por que você está se sentindo tão ameaçada?

Dois carros vêm rugindo pela rua em direção ao estacionamento, sua velocidade tornando-os um borrão enquanto correm em nossa direção.

Um zumbido percorre a multidão, e ouço os mesmos nomes repetidos de antes. *Gloria Walton e Royal Dolce*.

Vejo algumas pessoas segurando pedaços de papel, e os pedaços se encaixam. Eles estão apostando na corrida.

Eleanor agarra meu braço, suas unhas cravadas. — Eu te dei um aviso justo, — ela sibila. — Fique longe ou aprenda da maneira mais difícil. Mas faça o que fizer, serei eu quem fará a volta da vitória no Shelby GT.

Eu não sei nada sobre carros, mas sei uma coisa ou duas sobre ser subestimada. Então eu calo minha boca e vejo os dois carros passarem voando por Dixie, que baixa a bandeira. Os dois carros derrapam pelo estacionamento, derrapando os pneus e lançando nuvens de fumaça branca e acre. As pessoas gritam e se dispersam quando o Mustang de Glória se aproxima demais, fazendo-os tropeçar e sufocar com a fumaça. O carro branco de Royal passa como um borrão assim que ela se vira, e eu respiro fundo, certa de que eles vão colidir um com o outro. Ele passa por ela, porém, errando-a por centímetros. Em vez de enlouquecer por quase ter sido atingida de lado, ela ri e aperta o punho, seu cabelo voando loucamente enquanto ela faz outro cavalo de pau.

O carro de Royal derrapa até parar na nossa frente, seus canos de escapamento arrotando, o motor rugindo tão alto que eu me encolho. A janela está abaixada, seu braço pendurado ao longo do parapeito enquanto ele se inclina para fora, um sorriso branco brilhante iluminando seu rosto maravilhosamente bronzeado. — Se você sabe como lidar com uma vara, entre e vamos cavalgar, baby.

A linha é tão brega e como Duke que eu não posso deixar de rir. Ao meu lado, Eleanor solta um gritinho, empurrando sua bandeja de True Blood nas mãos de Everleigh e pulando para frente para reivindicar sua volta da vitória.

Foda-se isso.

Dou um passo gigante, alcançando-a e agarrando seu rabo de cavalo e puxando-a para trás. Enquanto ela se debate para manter o equilíbrio, eu casualmente movo meu pé no caminho de suas pernas para trás, adicionando um pouco mais de força ao meu aperto em seu cabelo. Ela cai com um grito de fúria, mas eu não fico por perto para ver. Deslizo pelo elegante capô de Royal, abro a porta do passageiro e me sento no banco com um sorriso triunfante.

O carro dispara para frente tão rápido que meu estômago cai como se eu estivesse em uma montanha-russa enquanto estou achatada contra o assento. Meu coração para, e um grito escapa antes que eu possa pará-lo. Royal ri, habilmente virando para a derrapagem enquanto seu carro desliza, cuspidor fumaça e barulho em seu rastro enquanto ele passa por Gloria, perdendo-a por um fio de cabelo enquanto ela acena para alguém entrar em seu carro.

Depois de um minuto, recupero o fôlego e olho para Royal, prestes a dizer que ele é louco. Mas ele está sorrindo tão grande e, pela primeira vez, seus olhos não estão profundos com dor. Ele está apenas no momento — ousado, imprudente, feliz. Isso parte a porra do meu coração.

Por impulso, eu me inclino sobre o console e o beijo com força na bochecha.

— Você é louca pra caralho, Garota Perseguidora, — ele diz.

— Idem, — eu digo, sorrindo de volta.

— Seja minha carne de trem, baby, — diz ele. — Suba na janela. Eu vou te dar a carona da sua vida.

Eu não penso nisso. Não penso no futuro, ou no que vou dizer ao Sr. D, ou se vou manter minha bolsa de estudos, ou como vou sair desta cidade. Eu me entrego ao momento, como ele é. Dou permissão ao meu cérebro para desligar, para pensar apenas neste momento, não se vou sair viva desta noite.

Eu deslizo para o peitoril da janela do lado do passageiro, sentando na porta com apenas um braço e minhas pernas ainda dentro do veículo, segurando. O carro de Royal derrapa e a multidão passa correndo em um borrão de rostos pintados e fantasias coloridas. Eu aceno e grito enquanto passamos por outro carro que chegou, entrando e saindo em uma dança intrincada que desafia a morte.

E então saímos do estacionamento, derrapando na estrada. Em vez de gritar de medo, um grito de alegria me deixa, o vento arrebatando-o da minha boca e chicoteando meu cabelo. Enquanto disparamos pelas ruas vazias de Faulkner, abro a boca novamente e grito. Eu grito mais alto, por mais tempo, me recusando a deixar minha voz ser roubada de mim. Todo o medo, frustração e alegria do momento saem de mim. Fico fora o máximo que posso, gritando através de Faulkner com o poder estrondoso do motor que me acompanha.



Por fim, Royal para ao lado de uma ponte. Eu nem sei onde estamos, só que estamos do lado dele da cidade. Está escuro, mas a meia-lua está clara, iluminando a ponte e o pequeno rio abaixo. Ele desliga as luzes, e estamos sozinhos, com apenas a lua para testemunhar. Ele se vira para mim, um sorriso ativo no rosto. — Você gosta disso, hein?

— Quem não gostaria? — Eu digo, rindo e sacudindo meu cabelo soprado pelo vento. Meu coração está de repente gaguejando no meu peito.

Ele me olha de cima a baixo, reprimindo um sorriso enquanto desliga o motor. — Você sabe que eu vou te foder agora, certo?

— O que? — Eu pergunto, ainda sem fôlego com risos e alegria.

— Você entrou no meu carro quando ganhei uma corrida, — diz ele. — Você é meu prêmio.

— Royal, — eu digo, inclinando-me sobre o assento. Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e o beijo suavemente nos lábios. — Você não tem que ganhar uma corrida para me fazer te foder. Apenas seja um homem que eu gostaria de foder.

Ele me encara por um longo momento, então desliza uma mão atrás da minha cabeça e traz minha boca para a dele. Como da primeira vez, quando nossos lábios se encontram, uma energia incandescente me eletrifica. Eu tremo com o poder disso, e ele suspira e me puxa para mais perto, deslizando sua língua entre meus lábios. Ele acaricia minha língua com a dele, trabalhando em um ritmo que faz meu corpo pulsar com pura luxúria. Eu enterro minhas mãos em seu cabelo e arqueio minhas costas para chegar mais perto. Ele me segura gentilmente enquanto sua boca habilmente e com força ordena que a minha se submeta.

Eu faço. Eu me deixei ir para este momento, também, deixando-o me embalar e lentamente foder minha boca com sua língua. Seu beijo é profundo e cheio de um desejo que faz meus dentes doerem, como se ele não pudesse conseguir o que precisa, não importa o quanto ele me beije, por muito tempo, com força e profundidade. Nossas bocas se movem juntas até que meu corpo está formigando com calor, cada centímetro de mim respondendo ao desejo em seu beijo, querendo ser a coisa que sacia a sede insaciável dentro dele. Suas mãos permanecem enterradas em meu cabelo, seu polegar acariciando minha bochecha, minha orelha, minha mandíbula; sua língua possuindo a minha com cada golpe.

Nós nos beijamos, e nos beijamos, e nos beijamos. Folhas deslizam pelo teto e o vento sopra no carro, um frio no ar que suga o calor febril de nossos

corpos. As nuvens se movem sobre a lua e depois se afastam novamente. Eu corro minhas mãos sobre seus braços enormes, os músculos salientes e dando nós sob minhas palmas, meus dedos nem mesmo se encaixando na metade do seu bíceps.

Lembro-me de pensar que ele era um buraco negro que nunca seria preenchido, não importa o quanto ele tomasse, e sei que estava certa. Eu poderia beijá-lo pelo resto da minha vida, poderia fodê-lo para sempre, e isso nunca tocaria o vazio que ele está tentando preencher comigo, ou com outras garotas, ou lutando, ou futebol, ou corrida.

Mas eu não me importo. Eu quero tentar. Eu quero ser a coisa que o faz rir como uma vitória, a pessoa que o faz se sentir melhor por um momento, mesmo que apenas na superfície. É bom ser tão desejada, tão necessária. E Deus, meu corpo está mais vivo do que nunca, cada célula do meu ser vibrando com a necessidade que ele coloca dentro de mim. Meus lábios inchados doem por quanto tempo nos beijamos, e meu núcleo aperta com a necessidade, pulsando com fome de ser preenchido com ele, mesmo que apenas por um momento, por uma noite, quando ninguém mais sabe.

Eu sou a única que cede primeiro, que move minhas mãos de seus ombros para seu peito esculpido, para baixo em seu abdômen, em suas coxas musculosas. Eu deslizo minhas palmas para cima, meu coração dispara antes mesmo de tocar seu pau. Eu alcanço o topo de suas coxas e corro meu polegar ao longo do cume de ferro que estica contra seu jeans.

— Harper. — Ele quebra o beijo, pressionando sua testa na minha. Sua voz está embargada e seus olhos estão fechados. Seus cílios longos e grossos fazem sombras em suas bochechas ao luar. — Harper, — ele sussurra, sua respiração irregular contra meus lábios quentes.

— Royal, — eu digo, deslizando a mão atrás de sua cabeça, entrelaçando meus dedos em seu cabelo grosso e escuro. Eu corro minha outra mão sobre seu pau, circulando minha palma achatada contra a cabeça grossa dele. — Eu quero. Eu quero foder você.

Seu pau pulsa contra minha palma, e ele suga uma respiração. Ele me puxa, pressionando sua testa na minha com força suficiente para doer. Então ele me solta, me empurrando de volta para o meu lugar. — Não.

— Royal, — eu digo, deslizando a mão sobre sua coxa, mas sem me mover para tocá-lo mais intimamente. — Está bem. Eu quero. Você é um homem que eu quero foder. O único homem.

Ele gira a chave, iluminando a ponte à nossa frente. — Agora, quem está na

cara de outra pessoa, agindo como se ela fosse minha dona? — ele pergunta, um sorriso puxando o canto de seus lábios.

— O que? — Eu pergunto, picado. — Estou na sua cara?

— Eu estava fazendo uma piada, — diz ele, inclinando-se para pegar meu cinto de segurança. Ele o encaixa no lugar e coloca meu cabelo atrás da minha orelha. — Sobre o que você fez lá atrás com Eleanor. Isso foi bem quente.

Cruzo os braços sobre o peito, segurando a dor, evitando que se transforme em algo sarcástico como “Aparentemente não está quente o suficiente”.

Royal suspira e se vira para a frente, engatando a marcha e entrando na estrada. Não faço ideia do que acabou de acontecer. Não sou super experiente, mas sei que os caras não costumam recusar uma garota nesse ponto do jogo. Ele me deixou toda excitada e depois desligou com zero aviso. Eu só gostaria de saber o porquê.

Não significa não, porém, e eu respeito isso. Ele não quer foder, e sim, a rejeição dói, mas eu não vou ser uma vadia sobre isso. Os caras também podem retirar o consentimento. Ele não me deve uma explicação.

Digo a mim mesma que é melhor assim. Eu estava presa no momento, na minha atração por ele. Eu realmente não quero fazer sexo com um cara que não quer - ou não pode - sentir por mim do jeito que eu quero que ele sinta. Ser rejeitada ainda machuca meu orgulho, no entanto.

Voltamos para a cidade em silêncio, movendo-nos pelas ruas tranquilas por onde viemos. O ar no carro é diferente, porém, esgotado da carga que o encheu no caminho até aqui. Por fim, Royal estaciona no estacionamento, dirigindo para os fundos, atrás da fábrica. Há apenas um punhado de carros restantes. Em um pequeno trecho de grama morta, alguém fez uma fogueira com paletes, e algumas dezenas de pessoas estão de pé ou sentadas em cadeiras de lona.

— Você vai me dizer o que aconteceu lá atrás? — Eu pergunto, me odiando por precisar saber, por não ser legal o suficiente para deixar para lá e não fazer perguntas, do jeito que eu poderia fazer com Maverick. Mas Royal não é Mav. O que sinto por ele já é mais profundo do que qualquer coisa que senti por Maverick, mais explosivo, mais desesperado. Me assusta me sentir assim, querer tanto de alguém.

— Não, — diz Royal, saindo do carro e batendo a porta.

— Ok, então, — eu murmuro, desafivelando meu cinto de segurança. Respiro fundo e tento endurecer meu coração, para me lembrar que não preciso

de ninguém, que já sei que não posso contar com ninguém, muito menos com Royal.

Minha porta se abre, e ele pega minha mão e me puxa para cima. Ele alisa meu cabelo atrás das orelhas com as duas mãos, seus dedos demorando em minhas bochechas até que eu olho para ele.

— Não me faça perguntas que não posso responder, Harper, — diz ele.

— Não pode ou não quer? — Eu sussurro.

— Aquelas *que você* não quer que eu faça, — diz ele. — É a última noite da Bye Week. Você pode aceitar isso e gastá-la comigo, ou você pode ir para casa.

— Isso importa? — Eu pergunto. — Se eu for ou ficar, nada será diferente amanhã, não é?

Ele engole, seus olhos escuros procurando os meus por um longo momento.

— Não, — ele admite. — Não muda nada.

Agora é minha vez de engolir em seco, de repente certa de que vou chorar, e isso vai mudar tudo. — Eu deveria ir, — eu digo, arrancando meu olhar dele e evitando-o.

Ele fecha a porta, sua mão pegando meu cotovelo. Seu aperto é suave desta vez, e ele não me vira para encará-lo, não me força a olhar em seus olhos. — Fique, — ele diz baixinho.

Ficamos ali um longo momento, nenhum de nós se movendo, nem falando. Imagino ir a fogueira para se juntar aos nossos amigos, sentar no colo dele como se fôssemos um casal tão incompatível quanto a Cinderela com seu príncipe encantado tatuado, ficando acordado até a manhã iluminar o céu, segurando esta noite até que cada minuto se vá. Imagino-me bebendo algumas cervejas, juntando-me ao murmúrio de vozes como se nada estivesse errado, como se houvesse apenas esta noite, uma noite em que os limites desaparecem. Amanhã, será como se nunca tivesse acontecido, então nada disso importa.

— Dê-me uma razão, — eu digo finalmente, ainda de costas para ele. Eu tento não soar como se eu precisasse, mas posso ouvir a ponta do desespero sob a desesperança em minha própria voz. Lágrimas pressionam dentro de mim como lava ameaçando entrar em erupção, me rasgar de dentro para fora.

Ele fica em silêncio por um minuto, e então ele solta a mão do meu braço.

— Não posso.

Sua própria voz é calma e plana, vazia da emoção que sufoca a minha.

Respiro devagar, depois endireito os ombros e me afasto. Não adianta ficar, prolongar o inevitável. Eu me deixei viver o momento esta noite, e já estou pagando. Sim, houve momentos lindos. Fui atrás do que eu queria. Eu não apenas me diverti. Eu me *diverti* pela primeira vez em muito tempo. Depois disso, quando estávamos juntos na ponte, fui arrastada, e isso é algo que não faço.

E este é o preço disso.

Este momento é feio e doloroso como os cacos de vidro quebrado cavando a lama na vala enquanto eu passo por cima dele e vou para a realidade.

Digo a mim mesma que não estou cometendo um erro. Eu me forço a não olhar para trás.

Sinto coisas por Royal que nunca senti antes, coisas complicadas e aterrorizantes. Mas se ele não pode me dar uma razão para ficar, eu não posso ficar. Há um abismo entre nós, um abismo de escuridão que preenche a nós dois, e se um de nós tentasse atravessar, seríamos engolidos inteiros. Somos muito parecidos, sem luz para equilibrar a escuridão dentro de nós.

Entro na minha casa silenciosa e fecho a porta atrás de mim. Pela primeira vez, não estou aliviada por descobrir que mamãe se foi provavelmente desmaiada bêbada no sofá de um amigo ou a noite toda fumando crack com um novo namorado. A casa está muito quieta sem os roncoss embriagados dela e de seus homens nojentos. Acendo todas as luzes da casa, mas ainda parece muito escura, muito vazia. Apago as luzes novamente e deito na cama, pressionando o punho contra o peito, tentando esmagar a dor da solidão que cresce dentro de mim como um câncer.

— Eu não preciso dele, — eu sussurro, fechando os olhos. — Eu não preciso de ninguém.

Uma lágrima escorre pelo canto do meu olho. Eu nem acredito mais nas minhas próprias mentiras.

Ele disse que nada vai mudar, mas ele está errado.

Já mudou.

## Do jeito que é

*Ela me faz querer machucar*

*Todo mundo que já tocou sua pele macia.*

*Ela me faz querer cair*

*Além de todos os pedaços feios-quebrados-ruins que sobraram.*

*Ela me faz querer ir embora*

*Meu trono para uma vida na sarjeta com ela.*

*Ela me faz querer perder o*

*Controle e esmague-la como uma bola de demolição.*

*Ela me faz querer quebrar*

*As regras que mantêm minha vida precária unida.*

*Mas eu não posso*

*Ferido cair deixar perder o intervalo,*

*Então ela vai ter que ir.*

A atmosfera na segunda-feira é moderada, como se todos estivessem tropeçando tentando se livrar do estupor da Bye Week. Talvez estejam apenas de ressaca do fim de semana, mas o mais provável é que estejam esperando que os Dolces lhes deem uma pista, apontem-lhes uma direção. Esses meninos são deuses aqui – reverenciados, temidos e adorados em igual medida. Os Dolces não disseram pule, então todos estão esperando para perguntar a que altura.

Cria uma tensão inquieta e irritável no ar.

E mesmo que Dixie tenha dito que o que acontece na Bye Week fica na Bye Week, ela também disse que novos casais surgem. Todo mundo parece estar esperando para ver quem virou casal. Eu não estou imune. Eu me pergunto se Dixie já postou seu blog, se ela finalmente está pronta para reivindicar seu bad boy. Também não estou imune a ser alvo de fofocas e especulações. Ouço meu nome mais de uma vez, vejo pessoas sussurrando e lançando olhares curiosos em minha direção.

Acho que isso acontece quando você pula na carruagem do rei e desaparece com ele por algumas horas.

Encontro Colt saindo do café da manhã, mas ele apenas me dá seu aceno habitual e continua. A semana do By Week acabou, afinal, e não estamos nos mesmos círculos. Na verdade, somos ambos forasteiros, solitários sem círculos. E estou cansada de viver de acordo com as regras de Dolce, que mudam todos os dias, sem aviso prévio. Eu posso passar por Colt todos os dias sem dizer uma palavra a ele, mas ele ainda é meu amigo. Eles não podem mudar isso.

Olho as panquecas com saudade, mas pego um pão de presunto e queijo em vez disso, partindo atrás de Colt com o café da manhã ainda em uma das mãos.

— Ei, — eu digo, alcançando-o no corredor.

— Eu pensei que seu namorado não permitia que você falasse comigo, — diz ele.

— Não tenho namorado, — digo com um encolher de ombros, mordendo meu café da manhã. — E não leve para o lado pessoal. Royal não quer que eu fale com nenhum cara, não apenas com você.

— Você ao menos ouviu as palavras saindo da sua boca agora?

— Eu sei, — eu digo. — Está fodido. Mas ele não é meu namorado. Ele deixou isso muito claro na outra noite.

— Sério? — diz Colt. — Porque eu me lembro de  *você* deixando  *a* bunda dele na poeira no final da noite passada.

— Não foi assim.

— Como é, então? — ele pergunta, seus olhos patinando sobre os aglomerados no corredor, em alerta. Merda. Estou colocando-o em perigo. Eu só gostaria de saber como corrigi-lo.

— Qual é o sentido de sair por uma noite, fingindo que a realidade não existe, se você só tem que voltar à realidade o resto do ano? Não vale a pena.

— Talvez seja.

— Merda, — eu digo. — Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso. Nenhum julgamento de você ou Dixie. Se você está bem sendo seu segredinho sujo, isso é problema seu. Eu não penso diferente de nenhum de vocês. Simplesmente não é algo que eu possa lidar.

— *Eu* não sou o segredinho sujo dela, — diz ele, olhando para mim.

— Então... Ela é a sua? — Eu pergunto com ceticismo, inclinando minha cabeça. — Como? Ela é bonita e popular e todos a amam.

— Isso não é sobre nós, — ele murmura. — É sobre você e Royal. Você virou as costas para um Dolce. Haverá consequências.

— Eu não virei as costas para ele, — eu digo. — Eu me ofereci para ficar com ele, e ele não queria isso.

Eu olho para cima e vejo os três garotos Dolce se aproximando, seu grupo de caras do futebol e garotas Dolce logo atrás. Olho para avisar Colt, mas ele já se foi, derretido na multidão.

— Eu pensei que tinha dito para você não falar com aquele cara, — diz Royal, parando na minha frente.

— Oh, eu pensei que era Maverick que eu não tinha permissão para falar, — eu digo. — Existem tantas pessoas com quem eu não deveria falar que eu esqueço todas elas. Talvez você devesse me dizer para ficar longe de todos os caras.



— Tudo bem, — Royal grita. — Fique longe de todos os caras.

— Entendido, — eu digo, evitando-o.

Duke estende um braço na minha frente, descansando a mão no armário e bloqueando meu caminho. — E eu pensei que tinha dito a você que a próxima coisa que você colocaria na boca nesta escola seria o meu pau.

— Estou com muita fome — digo, mordendo a massa com força. — Eu não sei se eu arriscaria colocar algo na minha boca que você não quer que eu morda.

Duke se inclina para mais perto de mim, sua pose ameaçadora. — Eu posso fazer você engolir todos os dentes para manter essa barriga cheia enquanto eu fodo essa boquinha bonita. Não se preocupe, Torta de Cereja. Vou completar com molho.

— Porra, tente.

Baron cruza os braços e olha para mim, a haste de seu pirulito puxando o canto da boca para baixo em uma carranca mais profunda. — Esta está ficando muito faladora, — diz ele. — Eu acho que ela precisa de um lembrete de seu lugar.

— Confie em mim, eu sei o meu lugar, — eu digo. — E eu conheço o seu. Estou feliz em deixá-lo em paz. E, no entanto, são vocês que sempre se levantam no meu espaço.

Royal zomba baixinho. — Isso é o que você estava fazendo do lado de fora da minha casa? Nos deixando em paz?

Eu engulo em seco, olhando dele para seus irmãos. Eu não posso dizer pelos rostos deles se ele já os informou sobre aquele pequeno incidente.

— Leve-a para o porão, — diz Royal, acenando para uma porta um pouco no final do corredor. — Vamos dar a ela um pequeno lembrete.

Meu coração gagueja no meu peito, mas de repente percebo que eles devem estar falando sobre o lugar que eu mais preciso ir - o covil dos Midnight Swans.

Mas foda-se se eu quiser descer assim.

Um murmúrio animado ecoa de nós, começando com seus amigos de futebol e viajando pelo corredor em ambas as direções. Eu observo meus arredores. Há uma sala de aula antes da porta que ele indicou, mas mesmo que

eu chame por ajuda, não há garantia de que o professor já esteja lá. As aulas ainda não começaram, e muitas pessoas ainda estão tomando café da manhã e indo para os armários. A porta mais próxima do lado de fora fica no final do corredor depois do café. Sou rápida, mas as pernas deles são mais compridas, e já os vi no campo de futebol. Eles me pegariam em dois passos.

Lutar parece ser uma opção melhor. Já incapacitei muitas pessoas em brigas.

Baron estende a mão para mim, e eu balanço. Meu punho cai bem entre seus olhos, fazendo seus óculos voarem. Seu pirulito cai de seus lábios e rola pelo corredor. Ele tropeça para trás, xingando e cobrindo o nariz. Duke me agarra pelo meio e me empurra pelo corredor. Eu dou uma cotovelada, acertando-o nas costelas. Ele xinga, mas continua. Eu o chuto nas canelas, meu calcanhar procurando por um bom golpe em sua rótula.

Royal abre a porta e me empurra para dentro da biblioteca. Por um segundo, acho que ele vai me nocautear ou me ameaçar para me fazer parar de lutar. Em vez disso, ele vai para um canto e puxa uma seção inteira da estante antiquada. Ela se abre para revelar uma porta escura. Legal pra caralho, se eu não estivesse prestes a ficar presa lá.

Duke me empurra em direção à porta, me deixando de pé. Agarro as laterais do batente da porta, mas Royal me empurra para dentro.

Eu tropeço e me jogo para a frente na escuridão, mas Royal me agarra, me impedindo de cair por um conjunto de degraus de pedra. À medida que meus olhos se ajustam, posso vê-los e a parede ao lado deles, mas não consigo distinguir uma única coisa no fundo. Antes que eu possa me virar para lutar, Royal me empurra para frente. Eu tropeço nos degraus, mal mantendo meus pés debaixo de mim.

Quando chego ao pé da escada, ele me solta e me empurra para a frente novamente assim que a porta se fecha, nos mergulhando na escuridão. Minhas canelas colidem com algo duro, e eu tropeço e caio para a frente. Minha mão encontra o chão, uma pedra fria e lisa. Eu fico de pé e giro, levantando meus punhos para dar um soco se alguém ousar me tocar. Eu ouvi o arrastar de passos e dou um passo lento para trás, meu coração disparado no meu peito.

O único som na sala é o eco de nossa respiração. Faço meu caminho de volta, procurando uma arma com uma mão enquanto mantenho a outra levantada.

De repente, uma lâmpada nua pisca no alto. A sala parece algo saído de um pesadelo, não uma escola chique como Willow Heights. Duas cadeiras de couro

com braços de aço inoxidável estão à minha direita, incluindo a que eu tropecei. Há uma porta atrás de mim, junto com várias outras estantes. Do outro lado da sala baixa e mal iluminada, outro grupo de cadeiras de couro está vazia.

Eu examino a sala, procurando por uma arma.

— Nós avisamos o que acontece se você desobedecer, — diz Baron. Seus olhos estão tortos, e seu pirulito se foi, e seus olhos brilham com aquele brilho malicioso que eu vi quando estávamos fugindo da polícia. — Mas parece que você está determinada a continuar nos testando. Você não nos deixa escolha a não ser cumprir nossas promessas.

— Que promessas? — Eu pergunto, me aproximando da estante. Talvez eu possa jogar uma contra eles, pegá-los desprevenidos apenas o suficiente para passar por eles e subir as escadas.

Duke se aproxima de mim. — Você tem que engasgar com meu pau toda vez que você comeu desde que eu te disse que queria aquela boca em volta de mim antes que estivesse em qualquer outra coisa aqui. E você deve ao nosso garoto aqui alguma ação nessa sua doce boceta pela façanha que você fez na outra noite. Você deixou de lado alguma ação garantida, então você tem que tomar o lugar dela.

— Eu não te devo merda nenhuma, — eu digo. — E sim, vocês três podem me estuprar aqui, mas eu nunca vou me curvar a você novamente. *Nunca*. Eu vou à polícia, e você provavelmente vai sair dessa, mas eu ainda estarei de pé. Você pode tirar tudo de mim, mas nunca conseguirá a única coisa que deseja tanto: meu respeito.

— Você acha que seu respeito vale alguma coisa para nós? — Royal diz, seus olhos duros.

— Isso é fofo, — diz Baron. — Ela é tão inocente.

Sem desviar o olhar de mim, Royal dá uma ordem aos irmãos. — Coloque-a de joelhos.

Eu corro para a estante, mas não chego lá antes que eles me agarrem, me arrastando de volta para Royal e caindo sobre meus ombros enquanto cada um segura um braço. Eu luto, mas Baron chuta meus pés debaixo de mim, e um segundo depois, meus joelhos batem no chão de pedra dura. Tiro o cabelo dos olhos, sem fôlego de medo e fúria. — Obrigar-me a ficar de joelhos não me faz querer me ajoelhar para você de bom grado, — eu rosno para Royal.

Ele dá um passo à frente, gentilmente acariciando meu cabelo para trás. —

Ah, querida. Você acha que eu me importo se você se ajoelhar voluntariamente? Você disse que nunca se ajoelharia e, no entanto, aqui está você de joelhos diante de mim. Suas palavras têm um gosto bom quando você as come? — Ele sorri para mim quase com ternura, colocando uma mecha atrás da minha outra orelha. — E que bela visão é. Eu não me importo como você chegou aqui. O resultado final é o mesmo.

Quando ele acaricia meu rosto, eu me viro e estalo meus dentes para ele, apertando-os em seu dedo. Ele recua, arrancando seu dedo sangrando. — Veja o que vai acontecer com o seu pau se você colocá-lo perto de mim, — eu rosno, cuspiendo sangue em seus pés.

— Pegue as roupas dela, — ele ordena, sua voz plana. — Eu posso quebrá-la. Você vai ver.

— Agora você foi e irritou ele, — Duke provoca. Ele puxa minha saia para baixo, e eu me contorço em seu aperto, o terror afundando seus dentes em mim. Eu chuto, mas Duke arrasta meus braços atrás de mim enquanto Baron luta com a minha saia, minha calcinha com ela. Eu grito, mas é sufocado pelo medo quando eles arrancam minha camisa do meu corpo.

Quando estou nua, eles me forçam a ficar de joelhos, o aperto de ferro de Duke ainda em volta dos meus pulsos como algemas. Estou hiperventilando tanto que não consigo gritar, não consigo pensar.

Baron desabotoa as calças e desliza a mão para dentro, acariciando-se. — Ela é mal-humorada, — diz ele. — Aposto que vai levar um trem naquela bunda grande e suculenta para quebrá-la.

— Não. — A voz de Royal é calma, mas chama toda a atenção.

Seus irmãos se voltam para ele. Eu também. Quando levanto meu rosto para ele, vejo que seus olhos estão tão vazios quanto sua voz. Não há esperança para mim lá.

— Esta é minha, — diz ele no mesmo tom calmo e vazio que causa arrepios por todo o meu corpo. Seus olhos passam por mim, fazendo-me sentir ainda mais horrivelmente, terrivelmente impotente.

— Sério? — Duke pergunta, uma ponta de lamúria em sua voz. — Mas as vadias são sempre as mais esquisitas.

— Cala a boca, — diz Baron. — Ele nunca as quer para si mesmo.

Ele está observando Royal com um fascínio cauteloso, como se estivesse

observando uma aproximação de uma cascavel.

Royal dá um passo à frente e pega um punhado de cabelo no topo da minha cabeça, puxando meu rosto para cima. Ele se abaixa e dá um beliscão forte em um dos meus mamilos. Entro em pânico, me debatendo e lutando para libertar minhas mãos do aperto de Duke. Mas mesmo se eu me afastasse dele, há mais dois caras com o dobro do meu tamanho entre mim e as escadas. O pânico me atinge repetidamente, e é tudo o que posso fazer para não enlouquecer.

— Olhe para você, — diz Royal categoricamente. — De joelhos, onde uma prostituta pertence. Qual é o problema, Cherry Pie? Você tem nos perseguido como uma cadela sedenta desde o dia em que pôs os pés em Willow Heights. Nos seguindo até em nossa casa, sentando à nossa mesa, colocando-se em nosso caminho sempre que possível. Agora você tem toda a nossa atenção. Nós três para você. Diga-me que não era isso que você queria.

— Não é, — eu grito, pressionando meus joelhos trêmulos nas pedras frias e implacáveis. Eu queria entrar, mas não assim, despida de todas as minhas roupas e dignidade, completamente vulnerável e impotente diante desses três enormes e poderosos selvagens. Não assim, forçada a ficar de joelhos contra a minha vontade, sem escolha em nada disso.

— Você queria o tratamento Royal no outro dia, — diz Duke. — Agora você vai conseguir. Destrua ela, cara. Eu vou segurá-la quieta.

— Não, — eu deixo escapar, adrenalina correndo através de mim com tanta força que meu corpo inteiro treme incontrolavelmente. — Por favor. Você disse... você disse que talvez se importasse. Royal, você não tem que fazer isso. Este não é quem você é.

— Eu sei quem eu sou, — Royal diz triturando as palavras lentamente, seus olhos ainda vidrados como se ele estivesse em transe. — Eu sou um Dolce. E você... É uma prostituta. Você veio de uma prostituta e nunca será nada além de uma prostituta. E agora, eu vou fazer você pagar. Vou arruiná-la tão profundamente que você não pode nem me implorar para parar.

Ele pega suas calças, seu punho apertando meu cabelo, segurando minha cabeça no lugar.

— Você está certo, — eu digo com pressa, qualquer ideia chegando. — Eu sou uma prostituta. O que significa que *você* tem que pagar.

— Tudo bem, — diz ele, sua voz misturada com desgosto, sua boca cruel virada para baixo em uma carranca. Ele pega sua carteira, puxando-a e abrindo-a com uma mão.

— Eu não quero dinheiro, — eu digo.

— Eu não acho que você esteja realmente em posição de barganhar, — diz Duke. — Você está nua no chão do armário do zelador. Podemos fazer o que quisermos com você. — Como se para provar seu ponto de vista, ele se abaixa e belisca minha bunda com força suficiente para me fazer sufocar um soluço. Mas não há tempo para chorar.

— Você poderia, — eu concordo, piscando as lágrimas em meus olhos. — Mas isso realmente prova que eu sou uma prostituta se você tirar algo de mim? Ou diz algo sobre o que *you* é?

— O que você quer? — Baron pergunta.

— Eu quero que você apague a imagem, — eu digo.

— Não há foto, — diz Royal.

— Eu vi você tirar.

Duke se inclina para frente, seu hálito quente no meu ouvido. — É um vídeo, Cherry Pie.

Fecho os olhos, não querendo pensar nisso agora. — Apague isso, — eu digo. — E eu não vou lutar. Vou chupar seu pau em troca desse pagamento, assim como a puta que você diz que sou. Não vou morder você, nem revidar, nem nada. Eu vou te dar o melhor boquete que você já teve em sua vida.

Os gêmeos olham para Royal. Sua mandíbula está apertada, mas ele acena com a cabeça enquanto puxa para baixo a frente de suas calças, apenas o suficiente para liberar seu pau. — Mais tarde.

Eu engulo em seco, tentando não ficar boquiaberta. Ele é tão grande quanto eu pensava, grosso e longo e reto, sua pele lisa com veias grossas correndo por seu eixo. Minha boca fica seca, e pressiono meus joelhos com mais do que medo. Eu não deveria ser capaz de sentir nada remotamente perto de excitação agora, mas um pau é uma coisa sexual, e meu corpo responde. Meu pulso vibra na minha garganta, e meu coração bate forte contra o meu esterno. Molho meus lábios, e Royal empurra seu pau até meus lábios.

Eu corro minha língua sobre a ponta, e sinto Royal estremecer acima de mim. Uma onda de calor corre através de mim, e eu me esforço contra o aperto de Duke, inclinando minha cabeça para correr minha língua sobre cada centímetro da pele macia de Royal, lambendo-o como a cadela sedenta que ele disse que eu era. Eu me ajoelho o máximo que posso e afundo minha boca sobre

sua gloriosa circunferência, acariciando minha língua para frente e para trás sobre a veia na parte inferior de seu pênis.

— Olhe para ela, — diz Duke, rindo enquanto se inclina para assistir. — Dê a ela como uma vadia.

Os dedos de Royal apertam meu cabelo, e ele puxa minha cabeça para trás. Seus olhos estão terrivelmente vazios, como olhar para uma poça de tinta.

— Eu não confio em você, — diz ele, segurando meu queixo com a outra mão. Ele enganchou o polegar sobre meus dentes, puxando minha boca aberta. — Não se mova. Apenas sente-se lá e pegue.

Ele empurra de volta na minha boca, uma mão segurando meu cabelo com tanta força que as lágrimas borram minha visão, a outra mão segurando minha mandíbula no lugar. Ele começa a empurrar em minha boca, seu pau escorregando sobre minha língua e na minha garganta até eu engasgar. Ele bate mais forte, dirigindo na parte de trás da minha garganta com força contundente enquanto eu engasgo e tento não vomitar.

É apenas um boquete, digo a mim mesma. Eu dei dezenas deles. Dei-os a um velho nojento com quem nunca gostei para começar. E este não é um velho nojento. É um menino lindo e danificado por quem eu teria feito isso de bom grado, sem pagamento, apenas dois dias atrás. E se não for uma situação ideal, pelo menos estou conseguindo algo com isso.

Vale a pena ter aquele vídeo apagado, mesmo que eu não esteja mais chupando ele. Estou imobilizada enquanto ele fode minha boca com força e rápido, pelo que parecem horas. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e sinto cuspe escorrendo pelos cantos da minha boca enquanto tento engolir o gosto salgado de seu pré-sêmen na minha garganta.

Por fim, começo a engasgar com tanta força que ele tem que sair. Eu me inclino para frente, me dobrando enquanto cuspo e tusso incontrolavelmente.

— Ah, cara, que desperdício de uma boa tosse, — diz Duke. — Eu poderia estar gozando dentro dessa boceta doce agora.

— Não, — diz Royal no mesmo tom oco. Eu engulo o último dos espasmos na minha garganta dolorida e machucada e me endireito lentamente, meu rosto quente pelo ataque de tosse. Ele já se afastou, mesmo que ele não gozou, e eu afundo em meus calcanhares, tremendo de alívio que acabou. Ele se ocupa puxando mechas do meu cabelo entre os dedos e soltando-as no chão. — Deixe-a levantar.

Duke me solta enquanto Baron fica para trás, me observando como se estivesse com medo de que eu vá atacar. Mas toda a luta foi drenada de mim. Eu me sinto entorpecida quando pego minha saia e a coloco de volta.

Eu continuo dizendo a mim mesma que poderia ter sido pior. Poderia ter sido muito pior.

Nada de tão ruim aconteceu. Um boquete. É isso. Mais um cara cujo pau esteve na minha boca. Eles mal me tocaram. Estou bem. Estou com sorte.

Quando estou vestida, levanto e aliso minhas mãos sobre minha saia. Eu encaro Royal com os olhos mortos diretamente, não deixando aquele olhar assustador me enervar. — Apague o vídeo.

Ele tira o telefone do bolso, rola e depois o entrega para mim. Há a miniatura do vídeo, uma pequena seta no meio. Eu engulo em seco e clico em play. Eu não assisto a coisa toda, apenas cerca de dez segundos. É o bastante. A pessoa no chão poderia ser qualquer um — qualquer um com cabelo exatamente como o meu. Não é uma oferta inoperante, mas é facilmente identificável se alguém sugerir que fui eu. A pior parte é o Sr. Behr. Uma nojenta e peluda barriga branca balança contra minha cabeça com cada respiração pesada que ele dá.

Eu paro o vídeo, minhas mãos tremendo, meu rosto queimando de vergonha e humilhação. Está bem. Ele terá desaparecido para sempre, e ninguém mais terá que vê-lo. Isso só ficará gravado no meu cérebro para o resto da minha vida, a vergonha vai me atingir em uma nova onda toda vez que eu olhar para esses garotos e lembrar que está gravado em suas memórias também.

Mas não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu aperto delete, grata que Royal me deu a satisfação de apagar a evidência do meu pior momento. Eu verifico a foto em ambos os lados do vídeo para ter certeza de que ele não tem mais. Então eu entrego o telefone de volta.

— Transação concluída? — ele diz com um sorriso arrogante.

Concordo com a cabeça, de repente desesperada para passar por ele, sair desta sala assustadora. E se eles não me deixarem sair? E se eles estão apenas brincando comigo, fingindo que acabou?

— Posso ir agora? — Eu pergunto, minha voz tão dura quanto minhas pernas quando ele se move para o lado e varre o braço em direção às escadas.

Meu coração está batendo forte, meus joelhos tremendo a cada passo. Tenho certeza que eles vão me impedir. Olho ao redor, mas não há nada na sala



para relatar para o Sr. D. É completamente normal.

Quando chego ao topo da escada, olho para trás. Royal está de pé no fundo, me observando ir.

Eu me viro e bato meu ombro na porta o mais forte que posso, não ousando esperar que ela esteja aberta. Ela se abre e eu saio correndo, quase soluçando de alívio. Em vez disso, corro pela biblioteca, sabendo que não estou livre até sair desta sala. Eu irrompo no corredor e recuo, piscando com a visão da pequena multidão do lado de fora. Eles recuam, derretendo contra as paredes enquanto dou um passo à frente, meus joelhos ameaçando dobrar a cada passo.

Quando estou no corredor, forço meu olhar para ficar em linha reta, para não disparar para as pessoas ao meu lado ou cair no chão. Eu só dei uma dúzia de passos quando DeShaun, Dawson e Cotton se afastam da parede, em meu caminho. DeShaun começa a rolar os quadris, uma mão no ar como se estivesse montando um touro mecânico ou fodendo alguém por trás.

Cotton e Dawson também erguem os punhos no ar. — Choo-choo, — Cotton chama, sua voz ecoando pelo corredor como um trem. Na próxima vez, Dawson se junta a ele.

— Choo-choo, — ecoa DeShaun, ainda imitando movimentos sexuais.

Eu engulo a dor na minha garganta esmagada, minhas mãos indo para minha saia automaticamente, agarrando as bordas enquanto meu passo vacila. Todos no corredor pegam o canto até que ecoa pelo corredor, pela escola. Não sei como chego às portas da frente da escola, mas a próxima coisa que sei é que estou no bicicletário, tentando controlar minha respiração.

Olho para minha bicicleta — a bicicleta deles. Eles me deram aquela bicicleta. Está contaminada agora. Eu não quero tocá-la. Mas também não quero deixá-la.

Ainda estou lá cinco minutos depois, pega na indecisão, quando ouço passos. Eu sei que é melhor eu ir antes que alguém decida por mim. Mas como posso subir nessa bicicleta cara que acertou as contas? Não quero nada deles.

Mas como posso deixá-la? É pouco usada. Eu poderia vendê-la por alguns meses de dinheiro do aluguel em algum lugar longe daqui. Eu não ganhei?

— Eu não te considereei uma covarde, — diz uma voz atrás de mim. Eu me viro para ver Gloria Walton se aproximando, seus saltos de gatinho estalando na calçada. — Achei que você fosse mais forte que isso.

— É preciso muita força para correr quando você foi espancada no chão. — Estou surpresa com o quão normal eu pareço, mesmo um pouco sarcástica.

Gloria coloca a mão no quadril e balança para trás seu cabelo perfeito de Barbie. — Porra, eu te disse isso.

— Parabéns, — eu digo, me curvando para destravar minha bicicleta. — Você tem tudo planejado. Dê a si mesma uma estrela de ouro e um diploma em psicologia.

Eu preciso sair daqui, dela, e isso é mais rápido do que a pé. Acho que minha decisão está tomada.

— Onde você está indo? — ela pergunta.

— Isso realmente importa?

Ela suspira e prende o polegar na alça da bolsa. — Você está tomando contraceptivo?

Eu faço uma careta para ela. — Não.

— Então você está pirando por estar grávida agora, e você está se perguntando como você vai comprar uma pílula do dia seguinte. Então vamos lá. Deixe-me levá-la para a clínica.

— Eu não fodi eles, — eu digo, recuando.

Ela pisca para mim sem compreender algumas vezes. — Oh, — ela diz finalmente. — Está bem então. Tenho tudo o que você precisa aqui.

Ela começa a vasculhar a bolsa e pega um pacote de lenços umedecidos. — Isto é para Duke, — diz ela. — Ouvi dizer que ele adora um tratamento facial, e quem quer andar o dia todo sabendo que está no seu rosto, estou certa?

Sem esperar por uma resposta, ela me entrega um e volta para sua bolsa, tirando um pacote de chicletes e me passando um bastão. — Isto é para o Baron. Não sou nenhuma puritana, mas sou uma dama, e quem quer engolir todas essas coisas nojentas?

Ela estremece e faz uma careta antes de vasculhar sua bolsa novamente. — E Royal, bem, ouvi dizer que ele nunca goza, mas aposto que sua garganta está te matando agora. Estes irão ajudá-la durante o dia, mas você pode obter o seu próprio para amanhã.

Ela deposita um punhado de pastilhas para a garganta na palma da minha mão e sorri.

— Você apenas carrega todas essas coisas com você no caso de eles forçarem você a explodi-los no porão?

— Ah, não, — ela diz. — Como eu disse, sou uma dama. Eu não faço essas coisas. Mas você sabe. Demorei um pouco para chegar lá. Se você realmente quer algo ruim o suficiente, você vai aturar qualquer coisa, não vai? E se você for forte o suficiente, você sobreviverá a todos os outros e se encontrará no topo.

— Se é isso que é preciso para chegar ao topo, estou feliz por baixo.

Ela encolhe os ombros. — Vou acreditar nisso quando vir.

Eu estreito meus olhos, olhando para ela. Eu a subestimei a cada passo do caminho, mas ela é mais inteligente e mais forte do que eu imaginava. — Por que você está sendo legal comigo? Eu pergunto finalmente.

*Todo mundo quer alguma coisa.*

— Não seja tão desconfiada, — diz ela. — Eu sou uma pessoa legal. Além disso, as mulheres devem ficar juntas, você não acha?

— É por isso que você encheu meu armário com lixo?

— Não, — diz ela, desviando o olhar. — Mas talvez seja por isso que estou sendo legal. Lamento ter feito isso. Fui pega tentando impressionar alguém que não merece.

— Agora você está me dizendo que não se importa em ser uma garota Dolce? — Eu pergunto. — Não acredito.

— Ah, não, — ela diz. — Eu me importo com isso. Eu tenho uma reputação a zelar, e ter um garoto Dolce no meu braço no baile será uma conquista suprema — mais do que a coroa. Mas quando eu me formar, não manteremos contato.

— E daí? — Eu pergunto. — É tudo para mostrar?

— É um ato de equilíbrio, — diz ela. — Ainda bem que tenho ânimo para me ajudar com meu equilíbrio.

Eu dou a ela um sorriso meio sincero. — Claro.

— Eu me importo em ser uma garota Dolce, — diz ela. — Eu

simplesmente não me importo com os garotos Dolce. Não do jeito que você acha que eu faço. Quer dizer, eu sinto por eles. Ouvi dizer que a mãe deles os deixou sem uma palavra. Everleigh ouviu que eles nem falam mais com ela. Achei que era por isso que eles odiavam tanto as mulheres, mas não sei. Acho que é mais profundo do que isso.

— Muitos caras crescem sem mães e não são psicopatas, — eu digo, imaginando a casa escura de Zephyr que sempre fedia como um bar, aquele que ele não gostava que entrássemos porque seu pai poderia estar em casa. Ainda assim, ele conseguiu ser um tipo regular de fodido.

Gloria dá de ombros e muda seu peso de um pé para o outro. — Hoje você tem que fazer o que é melhor para o amanhã, — diz ela. — Às vezes, você esquece o amanhã e faz o que mais te beneficia hoje, e percebe que é uma traição à pessoa que mais importa.

Eu a encaro enquanto ela ecoa as palavras que penso para mim mesma todos os dias. As palavras que resumem hoje melhor do que qualquer outra que eu poderia encontrar. Eu fiz isso. Eu me liberei do vídeo. Eu deveria estar aliviada. Mas não tenho certeza se valeu a pena.

— Você é mais importante, — eu digo, meio que para mim mesma.

— A pessoa no espelho sempre é, — diz ela, alisando o cabelo loiro sedoso sobre o ombro. — É por isso que eu destruí meu armário, no entanto. Eu tinha esquecido isso. E sim, eu fiz outras coisas, e eu provavelmente deveria me desculpar. Eu realmente estava tentando ajudá-la, mas sem prejudicar minha reputação.

Eu reviro os olhos. — Então, todas aquelas vezes que você me disse que eu parecia uma vadia, era para o meu próprio bem?

— Bem, sim, — diz ela, arregalando os olhos para mim como se fosse óbvio. — Eu estava tentando ajudá-la a se encaixar.

— Besteira.

Ela me dá um pequeno sorriso. — Você me odeia?

— Nós estamos bem, — eu digo, enxugando meus olhos com o lenço umedecido caso haja sal ao redor deles. Ela é complicada, mas eu não a odeio.

— Sim, nós estamos, — ela diz, pegando sua bolsa e se endireitando. — Então, agora você vai colocar esse chiclete na boca, apertar seu pônei e voltar para a escola.

— Você tem razão. — Eu poderia usar um dia de folga - eu preciso de um. Mas nem sempre conseguimos o que precisamos. Eu não posso me dar ao luxo de tomar esse tempo. Se eu fizer isso, eles ganharam. Vai fazê-los pensar que me quebraram. Eles precisam saber que eu não quebro. Nunca.

— Claro que tenho, — diz Gloria. — E se você realmente quiser me retribuir, pode me dar o nome daquele cara gostoso com quem você estava conversando na corrida.

Eu começo a rir, para dizer a ela que ela não é o tipo de Maverick. Mas aí eu me lembro de uma Glória diferente, aquela que brigou comigo no corredor porque eu joguei uma barata na cara dela, aquela que corre de carro e parece o sonho molhado de todo cara enquanto ela faz isso, e eu dou a ela o número dele. E então eu entro na escola ao lado dessa garota que é tudo que eu não sabia que precisava até este momento. Ela está certa. Eu sou muito forte para correr. Correr não vai mostrar nada a eles, exceto que eu sou uma covarde. Voltar para a escola é a única maneira de provar que eles estão errados.

A melhor vingança é mostrar a eles que eles não decidem o que eu sou. Eu decido se sou minha mãe ou não. Eu decido se sou uma prostituta. Eu decido se pertencço ou não a Willow Heights.

E minha decisão é ficar. Eu não vou correr. Eu vou lutar.

Vou mostrar a eles o quanto eu importo.

\*\*\*

## O Baron

*O Baron abriu caminho pela cidade*

*Deixando destruição em seu rastro*

*Até que cada casa foi reduzida a escombros*

*E as ruas corriam com o sangue dos vencidos,*

*Mas ele nunca estava satisfeito*

*Até que ele invadiu o peito de sua mãe*

*E viu que sempre esteve vazio.*

*BadApple: Eu sei que não é sexta-feira, mas tenho boas notícias*

*BadApple: Eu consegui o que você queria. Desci para o porão que você estava falando, onde seu Midnight Swans se encontra*

*MrD: É o Midnight Swans.*

*BadApple: Dei uma olhada nisso. Então posso entregar o que você pediu. O que você quer ou não?*

*MrD: O que você estava fazendo lá embaixo?*

Eu sabia que isso ia acontecer, que ele iria querer saber. Já decidi contar a ele. Afinal, isso paga minhas dívidas, e estou pronta para acabar com essas pequenas conversas. Entrei no porão e peguei algo dos Dolces, algo ruim o suficiente para ele usar como chantagem ou o que quer que ele precise. Porque algumas das coisas que eles disseram, e Gloria disse, deixe-me saber que estou longe de ser a primeira garota que eles forçaram a se ajoelhar por eles.

E sim, talvez eu tenha encontrado uma maneira de controlar isso de alguma forma, pelo menos. Talvez eu tenha feito isso de forma consensual pedindo e aceitando o pagamento. Mas nem toda garota faz.

Começo a digitar, meus dedos lentos e dormentes nas teclas enquanto preencho cada detalhe sangrento.

Quando termino, meu coração está batendo forte, e eu tenho que pular e andar pela sala para não ficar doente. Mas eu fiz isso. Eu disse a ele. Paguei minha dívida com ele e apaguei o vídeo. Eu estou livre. Livre desses psicopatas, livre para deixá-los em paz e ficar longe como eles querem.

O aplicativo toca, e eu afundo de volta na cadeira.

*MrD: Bom trabalho.*

Encaro as palavras, o pequeno cursor verde piscando. Um arrepio passa por mim, e eu envolvo meus braços em volta de mim e os esfrego para me manter aquecida. Ele não é meu amigo, eu me lembro. Ele é um velho assustador, e eu já sei o quão frio ele pode ser. Ainda assim, acabei de compartilhar uma experiência humilhante e traumatizante com ele, e tudo o que ele pode dizer é que fiz um bom trabalho.

*BadApple: Prazer em conhecê-lo. Obrigada pela bolsa de estudos em tudo.*

*MrD: De nada.*

*MrD: Mas não aja como se isso tivesse acabado.*

*BadApple: Consegui o que você queria. Eu descii no porão, consegui informações sobre o que os caras que dirigem a escola estão fazendo lá. Minha dívida está paga.*

*MrD: Lol*

*MrD: Sua dívida é paga quando eu digo que é.*

Um calafrio percorre meus braços novamente, e eu amaldiçoo o clima mais frio, o frio úmido na casa que nunca vai embora até abril, quando Faulkner volta a ser uma sauna.

*BadApple: Esse não era o negócio.*

*MrD: Você ainda está na WHPA?*

*BadApple: ...Minha dívida nunca é paga até que eu saia da escola?*

*MrD: Eu digo quando sua missão terminar. Eu quero que você continue assistindo, continue reportando.*

*BadApple: Isso não tem nada a ver com sua sociedade secreta*

*MrD: Eu vou me preocupar com isso. Você continua fazendo o que está fazendo e mantém sua bolsa de estudos.*

*MrD: Entendido?*

*Bad Apple: sim*

*MrD: Bom. Me Informe na sexta-feira.*

*Bad Apple: Ok*

*MrD: Ab, e Harper?*

*MrD: Faça com que cada relatório seja tão bom quanto este.*

\*\*\*

É pior no dia seguinte. Quando entro na escola de manhã, as meninas riem

e se escondem atrás de seus telefones, olhares de desgosto piscando em seus rostos. Os caras fazem aquele gesto estúpido de mímica com as mãos se movendo em direção à boca e as línguas cutucando suas bochechas, denotando o boquete. Acho que é melhor do que eles pensarem que eu transei com todos eles.

Eu tento ignorá-los, mas o sangue corre em meus ouvidos e meu cérebro parece atordoado e vazio. Abro meu armário e uma cascata de camisinhas, lubrificantes e pequenas novidades de sexo caem em cascata. Para minha surpresa, me pego pensando no que Gloria faria. Ela deve ter passado por isso a caminho do topo. De alguma forma, isso me faz sentir melhor. Ela começou aqui, e agora ela é a rainha do baile. As pessoas vão esquecer. Os Dolces fodem todo mundo.

Pego meus livros, deixando cair um suporte de papelão com pequenos grampos de mamilo pendurados como brincos. Eu fecho meu armário e me viro para ver Dixie correndo em minha direção, sua testa franzida com preocupação.

— Você está bem? — ela pergunta quando começamos a descer o corredor, passando por um grupo de caras olhando para seus telefones.

— Indo bem, — eu digo.

— Sério?

— Claro, — eu digo. — Acho que agora sou uma verdadeira garota Dolce.

— Oh, — ela diz, sua expressão caindo. — Você não viu o blog esta manhã, não é?

Eu estreito meus olhos, estudando-a mais de perto. Há algo mais em sua expressão. Culpa.

— Não, — eu digo lentamente. — O que você postou?

— Não fui eu, eu juro, — diz ela com pressa. — O blog foi hackeado. Aconteceu uma vez antes. Apaguei assim que vi, mas... Já tinha muitos acessos.

Meu sangue gela quando noto todas as pessoas olhando para seus telefones, grupos deles se aglomerando, outros rindo histericamente, e todos eles olhando para mim quando eu passo. Porque é claro que alguns deles salvaram essa merda, e agora estão mandando pela escola.

— Oh, Harper, — Gloria diz, me dando um olhar de pena e balançando a cabeça enquanto ela passa com suas amigas. Ela pode ter sido legal comigo, mas



algumas coisas nem ela pode ignorar.

Por um segundo, baixe a guarda. Eu pensei que *talvez*...

Eu pensei que se eu desistisse do meu orgulho e me curvasse à vontade dos tiranos que dirigem esta escola, eles tirariam o alvo das minhas costas. Eu pensei que poderia superar, se eu estivesse disposta a permanecer forte, como Gloria disse. Achei que tinha a chance de subir do fundo da pilha, que se eu trabalhasse duro o suficiente, talvez o mundo não me jogasse de volta no chão desta vez.

Eu deveria saber melhor. Eu deveria ter ouvido o que minha mãe disse quando eu disse a ela que estava indo para Willow Heights para que eu pudesse deixar esta cidade.

*Garotas como você, elas não saem...*

— O que foi isso? — Eu pergunto a Dixie, meus dentes cerrados com tanta força que minha mandíbula dói. Eu já sei. Mas alguma parte masoquista de mim tem que ouvi-la dizer isso.

— É um vídeo, — Dixie sussurra, seus olhos cheios de simpatia, como se ela pensasse que eu vou desmoronar e chorar.

Mas não estou triste.

Eu estou chateada.

Eu corro pelo corredor, ignorando as risadinhas, os olhares, os gestos rudes. Não paro até ver Royal. Ele está inclinado casualmente contra seu armário, seus amigos ao seu redor. Estou louca demais para me importar, pensar, considerar as repercussões ou que estou apenas dando a eles algo mais para rir, mais forragem para a fofoca. Eu não me importo mais. Eu nem mesmo vejo seus rostos zombeteiros. Tudo o que vejo é vermelho.

Eu voou para Royal, passando por seus amigos e batendo minhas mãos em seu peito o mais forte que posso, tentando empurrá-lo para baixo. Ele mal se mexe. Um sorriso indulgente brinca em seus lábios quando ele agarra minha mão quando tento empurrá-lo novamente. — Qual é o problema, Cherry Pie? — ele pergunta, uma provocação em sua voz.

— Como você pode? — Eu rosno para ele, empurrando-o novamente. Por que o que eu deveria dizer? O que você pode dizer para algo assim? Não há palavras para a vergonha, a mágoa, a traição. Estou tremendo de raiva, porque não há nada que eu possa fazer sobre o que ele fez. Já está lá fora.

Ele ri em resposta. — Oh, eu deveria manter seu status de prostituta em segredo? Não se preocupe, querida. Todo mundo já sabia. Acabei de confirmar.

Não consigo pensar direito, não consigo pensar em uma resposta. Tudo o que quero fazer é machucá-lo, fazê-lo sentir uma fração do que estou sentindo. Mas ele não pode machucar porque ele não pode sentir nada. Ele é um monstro, e os monstros não têm coração.

— Isso não é um jogo, — eu rosno para ele finalmente. — Você está arruinando a vida das pessoas, Royal.

Eu tento puxar minha mão, mas seu aperto fica mais forte. A fúria explode dentro de mim, assim como aconteceu na aula naquele dia. Ele não se importa se quebrar minha mão, se eu não puder lutar, se não conseguir dinheiro para sair desta cidade. Ele não se importa de ter lançado um vídeo que as faculdades verão quando procurarem meu nome, que me impedirá de entrar em uma boa escola, de nunca deixar esta cidade. Mas eu me importo. Eu alcanço a outra mão e dou um tapa no rosto dele.

O crack soa por todo o corredor, e há uma respiração chocada da multidão reunida para assistir ao drama. A cabeça de Royal vira para o lado com a força do golpe. Minha palma arde, mas não sinto a dor. Meus punhos se fecham, ainda tremendo de fúria.

Em um movimento, Royal agarra minha garganta e gira, me jogando contra o armário. Seus dedos apertam, cortando o sangue para o meu cérebro, me deixando tonta enquanto sua palma pressiona minha traqueia até que eu não consigo respirar. Eu luto, mas ele é muito forte, muito grande. Ele se aproxima, me observando do jeito que fazia nas pistas na primeira vez que o encontrei, quando me disse que poderia me matar. Lembro-me disso mesmo quando meu cérebro começa a desligar, privado de oxigênio.

Royal se inclina para perto, seu nariz acariciando o meu com suavidade provocante enquanto ele me observa lutar para respirar. — Pense nisso da próxima vez que você achar que pode me bater, — ele murmura. — E então saiba que meu pau estará dentro de você enquanto eu te sufoco se acontecer de novo.

Eu luto para ficar consciente, para segurar seu olhar e alcançar algo mais profundo dentro dele, sob a superfície fria e de aço de seus olhos. Eu tento falar, implorar, mas sua mão sufoca minha voz. Então, eu luto em silêncio, tentando me comunicar com meus olhos, para alcançar o garotinho assustado escondido em uma escuridão tão profunda que ele esqueceu a necessidade da luz.

Eu sou a única que pode rastejar através daquela escuridão, tão familiar

quanto minha própria alma, para alcançá-lo. Mas preciso de tempo, preciso de oxigênio, preciso de força para continuar. Enquanto eu me esforço para respirar, minhas unhas mordendo sua pele até ele sangrar, eu acho que talvez seja tarde demais. Tarde demais para encontrar algo vivo dentro daqueles olhos frios e mortos que observam seu próprio sangue escorrer pelos meus dedos sem sequer piscar. Eu sei que ele está preso lá dentro, atrás do monstro. Que ele veja que estou sofrendo, que estou morrendo. Que ele se importa. Tenho certeza que sim.

Mas ele está longe demais.

Seus olhos travam nos meus, e ele aperta os dedos com mais força, me empurrando para a escuridão, o vazio. A escuridão começa a me engolir, sugando-me para o poço oco de sua alma. — A vida é um jogo, querida, — ele sussurra. — E Você acabou de ser vencida.

Continua...

# Notas

[←1]

Um termo grosseiramente mal utilizado atribuído a qualquer homem que presta muita atenção a uma mulher específica.

Abreviação de Porque

Território de propriedade e controlado por grandes gangues de rua.

[←4]

Quando alguém pensa que você vai fazer algo, mas você não quer ou não vai.

[←5]

Um acrônimo para " eu acho que não." usado ao enviar mensagens de texto para alguém



Aquele que se acha melhor que todo mundo

[←7]

Estar totalmente comprometido com algo.

Gíria de “foda-se”.

[←9]

Você é. Parte do movimento para reduzir letras desnecessárias em palavras provocadas principalmente por mensagens de texto. Pode ser usado em maiúsculas ou minúsculas.

[←10]

Quando vários parceiros, geralmente 3 ou mais, se envolvem em relações sexuais com um único parceiro disposto

[←11]

Frase dita no final de uma partida, seja online ou pessoalmente. Significa " Bom Jogo ", e indica uma de duas coisas: Ou foi realmente uma partida boa, justa e disputada, ou um time foi abatido.

[←12]

Quando os ex- alunos do ensino médio vêm ver um jogo de futebol em casa.

[←13]

Qualquer carro, normalmente um modelo mais antigo ou particularmente barato, que teve mais do que seu valor investido em modificações no mercado de reposição (e geralmente de aparência barata).



Quarterback

O Running Back é uma posição do futebol americano e futebol canadense que normalmente se alinha no backfield.

[←16]

No poker, um termo usado para dizer quanto dinheiro você trouxe para a mesa no início de sua sessão

[←17]

Um cara que geralmente é um pouco introvertido que observa e ouve o mundo ao seu redor mais do que fala.

Termo usado para descrever maconha de baixo grau

Uma em que os alunos começam o ano com grandes esperanças e eventualmente se transforma em uma aula cheia de choro por conquistas com GPAs danificados e cicatrizes emocionais

Um teste padronizado feito pela maioria dos juniores e seniores do ensino médio para se qualificar para admissão na faculdade e bolsas de estudo.

Um teste padronizado, administrado principalmente no meio-oeste dos Estados Unidos pela organização ACT. ACT significava American College Testing até 1996, quando, de maneira semelhante ao SAT, encurtou seu nome para ACT para "refletir melhor a ampla gama de serviços" que eles oferecem aos alunos do ensino médio.



Uma loja baseada na comunidade especializada em mercadorias com desconto destinadas aos 'menos afortunados' - mas recentemente se tornando muito popular entre a multidão de blogueiros emo que procuram fazer ofertas baratas em roupas vintage feias e discos de vinil.

Boquete.

Marca de carro

[←25]

Outra grafia da palavra "wat". Usado em resposta a uma afirmação pouco clara ou absurda ao tentar esclarecê-la ou expor tal absurdo.

Eu não sei/conheço.

[←27]

Alguém que se arruma nas férias de Natal e vai de casa em casa bebendo. Uma tradição de Terra Nova.

Alguém que consistentemente é condenado à prisão e não se importa.

Festa com alguns associados íntimos ocorrendo após a festa principal, geralmente em um local diferente, mas perifericamente relacionado à festa principal.